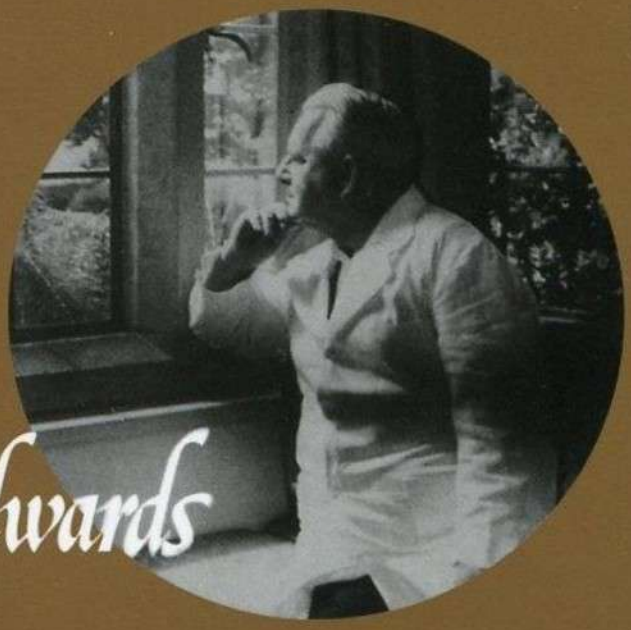
VIDA NO ESPÍRITO

Tradução: Amadeu António



Harry Edwards

VIDA NO ESPÍRITO

COM UM GUIA PARA O DESENVOLVIMENTO DA MEDIUNIDADE

Harry Edwards

Dedicado a Ray e Joan Branch, como sinal do meu mais profundo respeito e gratidão pela sua lealdade e dedicação à missão de cura deste Santuário, e a mim próprio.

Copyright 1976

ÍNDICE

Introdução
Secção I
Existe um reino espiritual?
O médium entre as dimensões física e espiritual
Habitat espiritual
John entra na sua vida espiritual
A casa de Mary
Como as coisas são feitas
O ritmo vivo
Receção no reino espiritual
A medida da idade e da mudança no espírito
Progressão e organização espirituais
O reino animal e as viagens
Visita a uma galeria de arte
Os berçários do céu
O caminho do serviço
Visita a um concerto e a uma biblioteca
Preparação para a comunicação
Os lugares de sintonização
O lugar da cura
O lugar dos guias
Observações gerais e resposta a uma ou duas perguntas
Secção II
Pensamentos sobre a mediunidade física
Um guia para o desenvolvimento da mediunidade

INTRODUÇÃO

É uma distância enorme entre um pedaço de protoplasma quase sem propósito, flutuando num mar primevo há milhões de anos, e um espermatozoide muito determinado (um entre vários milhões em cada relação sexual) que luta para percorrer um caminho perigoso e cumprir o seu destino de fertilizar o óvulo feminino. A história torna-se ainda mais espantosa quando recordamos que cada um dos milhões de espermatozoides contém cromossomas e genes — as sementes da herança — que determinarão a natureza e o caráter, até ao pormenor mais fino, como a cor do cabelo ou dos olhos; se a nova pessoa será alta ou baixa, bondosa, gentil, ou o oposto; e, por último, talvez se o Sr. Esperma vitorioso contém um cromossoma adicional que determinará se a criança será do sexo masculino ou feminino. Esta é uma história maravilhosa e, à medida que nos aprofundamos no estudo de tudo o que implica e no que dela se desenvolverá, temos uma maravilha da criação que reduz a quase nada a inteligência e a sabedoria humanas.

Mas não é tudo. À medida que este livro avança, será feito um esforço para estabelecer, de forma firme e além de qualquer dúvida, que o homem não é apenas um ser físico, mas também um ser espiritual. Assim, não é apenas um membro da dimensão física, mas igualmente parte da dimensão do Espírito.

Portanto, quando unimos estas duas dimensões, criam-se potenciais de estudo que se estendem muito, muito além da imaginação humana mais fértil. O objetivo deste livro é avançar um pouco — até onde pudermos — ao longo dessa jornada. Será estabelecido que os humanos são aparentados com o Espírito nesta vida atual e, uma vez que isto possa ser aceite na mente da família humana, veremos a resolução daqueles problemas ancestrais que causaram tanto sofrimento, angústia e pobreza.

SECÇÃO I

Capítulo 1

EXISTIRÁ ALGUM REINO ESPIRITUAL?

Não se pode dar prova física positiva daquilo que está além do domínio da vida física. O nosso maravilhoso cérebro computacional não pode receber nem registar informação que esteja além da sua medida de aceitação. Não se pode explicar a uma pessoa totalmente cega de nascença qualquer cor, pela simples razão de que o cérebro não tem conhecimento dela, nem pode apreciar uma descrição verbal daquilo que está completamente fora da sua capacidade de registo.

Só saberemos definitivamente se existe um reino espiritual quando chegar a nossa hora de deixar esta fase da vida e entrar na fase espiritual, caso ela exista.

Assim, não pode haver uma resposta positiva demonstrável a esta pergunta, exceto pela lógica e por experiências que são factuais, e afirmo que há uma grande abundância de ambas.

Sabemos que a nossa galáxia existe, e a sua imensidão confunde a nossa conceção do seu espaço e tempo. Outras galáxias podem ser discernidas e, portanto, aceitamos o facto de que elas existem também — todas pertencem à dimensão física. Nesta vida, se tentarmos dar um passo fora da nossa dimensão de vida, não podemos experienciar nada sobre ela, pois ela "não é deste mundo". (Um médico muito sábio apareceu uma vez com o autor num programa de televisão, quando foram exibidos filmes de cirurgia psíquica praticada nas Filipinas. Nestes, o curandeiro filipino era capaz de fazer uma incisão com o dedo no corpo do paciente e de colocar a mão dentro dele, retirando um tumor ou alguma outra substância carnosa. Quando a cirurgia terminava, o curandeiro afastava as mãos do corpo e via-se que a abertura estava curada, sem qualquer sinal de ter sido aberta. Não havia sinal algum e, no entanto, no filme via-se o corpo aberto, havia sangue, e o tumor real, ou seja lá o que fosse a substância ofensiva, era retirado. A substância carnosa estava disponível para inspeção. Depois disto, a ferida curava-se como por magia. Não havia nem sequer uma costura na pele onde tinha estado a abertura. O médico, ao observar isto, disse: "Eu vi isto, mas não posso acreditar, porque, se acreditasse, seria

contrário a todo o conhecimento e experiência que tenho em medicina e cirurgia ao longo da minha vida. Não ouso aceitar.”)

Deixem-me citar um caso no meu próprio campo de trabalho, o da cura espiritual. O paciente tem uma aflição, que pode variar de um tumor maligno a um membro totalmente paralisado; a perda total da visão ou da audição, e assim por diante, tudo o que se tornou completamente incurável para a ciência médica. Os melhores cérebros médicos já não podem fazer mais pelo paciente; a inteligência humana chegou ao fim. O paciente está condenado a morrer ou a viver com a sua aflição pelo resto da vida.

Devido à desesperança do diagnóstico médico, o paciente já não recebe qualquer tratamento médico, exceto talvez comprimidos ilimitados para aliviar a dor. Então, procura ajuda de um curandeiro espiritual, com o resultado de que a sua aflição lhe é completamente retirada e a sua saúde plena é restaurada.

Deve haver um processo racional por trás de cada estado de mudança e, para que se possa apreciar os meios pelos quais a mudança no paciente ocorre, é necessário considerar algumas verdades muito definitivas e inegáveis relacionadas com estados de mudança, quer da mente quer da matéria.

Toda a mudança que ocorre, todo o movimento no estado da matéria, resulta de forças regidas por leis aplicadas ao sujeito. Não há exceção. Testemunhamos isto na evolução da matéria, nos cursos das estrelas, na germinação, no nascimento, na morte, na formação atómica de um elemento, na operação das forças conhecidas da eletricidade, da gravidade, e assim por diante. A ciência física baseia-se na apreciação de certas leis; caso contrário, haveria caos ou anarquia científica.

Esta é uma verdade que não pode ser negada. A partir disto, estudaremos os postulados adicionais dos quais depende a cura do nosso paciente incurável.

Os Postulados Fundamentais

Deus criou as leis perfeitas que governam a vida.

Os postulados que se seguem dependem do cumprimento destas leis.

Toda a mudança no universo resulta da aplicação de forças regidas por leis. Nada acontece por acaso ou sem razão. É a operação de forças regidas por leis que induz a mudança.

Para que qualquer estado de mudança seja efetuado de forma intencional, é necessária direção inteligente para administrar as forças regidas por leis ao sujeito.

Exemplo: O homem deve direcionar a força da eletricidade para produzir um resultado dado dentro das leis que governam essa força.

A administração correta de qualquer força requer direção inteligente.

Na cura espiritual, a direção inteligente de uma força de cura ou outra origina-se do reino espiritual.

Uma diversidade de males humanos ditos "incuráveis", desde doenças mentais ao cancro, desde colapsos nervosos à catarata, desde bebés azuis à artrite, são tratados com sucesso pela cura espiritual. Isto denota que a inteligência diretiva é capaz de diagnosticar a causa da aflição e de determinar o caráter e a força corretos da força de cura necessária para remediar cada condição dada.

Na cura, a inteligência diretiva é capaz de averiguar a causa da doença e sabe como administrar a força corretiva para induzir um estado de mudança benéfica no paciente.

As Leis

Existem leis físicas que controlam o mundo material.

A ordem na vida espiritual implica que existem leis espirituais. A administração de uma força de cura espiritual deve conformar-se às suas leis, tal como as leis físicas governam as forças físicas e os tratamentos médicos.

As leis físicas e espirituais combinadas entram na definição da lei total.

Nenhum esforço para produzir qualquer estado de mudança é possível fora dos limites da lei total.

VIDA

NO ESPÍRITO

As forças inteligentemente direcionadas emanam de um reino não físico, mas, através da cooperação entre o transmissor e o recetor, tais forças não físicas são transformadas no seu equivalente físico.

Forças direcionadas são formas definitivas de energia caracterizada que podem produzir mudança noutra forma de energia caracterizada.

Podemos agora regressar ao paciente que é considerado pelas mentes humanas como totalmente incurável. Para que esse paciente tenha o seu problema removido, o processo deve resultar de energias intencionalmente direcionadas, na força e função corretas, para efetuar a mudança química no corpo da pessoa incurável e, assim, permitir que a causa e os sintomas da doença sejam removidos.

Fundamentalmente, a lição que aprendemos disto é que deve haver outra fonte de inteligência para produzir um efeito dado e, se essa inteligência não for humana, então de onde mais pode vir senão do que designamos por dimensão do Espírito?

Algumas pessoas não aceitam qualquer evidência de que existe um mundo espiritual e, com o passar do tempo, entrarão numa vida espiritual. As pessoas exigem prova pessoal, quando, através da mediunidade, é dada evidência definitiva da presença viva de um parente ou amigo que deixou a vida física. Outros procuram-na ao observar a materialização de um ente querido que passou para o Espírito.

Há, no entanto, uma tal abundância de evidência que estabelece a comunicação entre o reino espiritual e o nosso que não preciso de me deter muito mais no assunto. Se for provado apenas uma vez, isso estabelece a verdade.

Os Dons do Espírito

A ligação com aqueles que desfrutam da vida espiritual é observada com os vários dons do Espírito, tais como a clarividência, a clariaudiência, os fenómenos físicos (com um tipo especial de médium), a receção de informação como aquela que, por exemplo, foi dada com a descoberta de uma sinfonia desconhecida de Schubert. Não havia evidência prévia da existência desta sinfonia. Foi através do uso primitivo do copo, apontando uma mensagem através das letras do alfabeto, que Schubert revelou a existência da sua obra desconhecida.

Fez-se a busca e continuou-se durante um tempo considerável sem sucesso até que, novamente através do uso do copo e das letras em várias ocasiões, foi dada informação precisa de que estava depositada nos cofres de um museu de Berlim. Houve inicialmente dificuldade em encontrar o manuscrito porque a receção desta sinfonia não estava registada como entrada. Mais uma vez o copo foi usado, e foi revelado que a sinfonia estava numa caixa com outros itens que nunca foram registados.

Essa informação foi dada a partir da mente que operava o copo. Eventualmente, a caixa foi descoberta e lá estava a sinfonia, completamente desconhecida de qualquer pessoa viva. Foi subsequentemente transmitida pela famosa Orquestra da B.B.C. Este é apenas um exemplo de uma comunicação de uma fonte espiritual que revela conhecimento que era conhecido apenas pela pessoa espiritual em causa.

Existem também os dons da arte, da pintura, da escrita automática, e aqui refiro-me ao livro de David Duguid, que era um sapateiro analfabeto que escreveu a narrativa espantosa Hafed, Príncipe da Pérsia. Há também a evidência fornecida através da fotografia espiritual, quando aqueles que passaram para a vida espiritual aparecem em fotografias. Há os desenhos e pinturas maravilhosos que são inspirados através da intuição; e composições musicais que apresentam semelhanças inquestionáveis com a obra do compositor quando em vida física. Há muitos casos de profecias que se cumprem, talvez um dos mais notáveis seja o do afundamento do Titanic.

Posso registar duas ocasiões em que a minha vida foi salva por intervenção espiritual.

A mais impressionante foi quando eu atravessava à frente de um elétrico na Jamaica Road, em Bermondsey, e não conseguia ver o que vinha do lado mais próximo, entre o elétrico e o passeio. Fui literalmente levantado e transportado para o passeio num instante, para espanto dos transeuntes que esperavam na paragem do elétrico, enquanto um camião em alta velocidade vinha pelo lado mais próximo e certamente me teria matado se me tivesse atingido.

Talvez o último na série dos Dons do Espírito a que me referiria seja a capacidade de controlo espiritual sobre a matéria, transportando um objeto de um lugar para outro a uma velocidade espantosa num estado de matéria superior às leis físicas que normalmente o destruiriam por fricção e contacto. Fotografei a aparição real de tal objeto e isso é mostrado no meu livro A Mediunidade de Jack Webber.*

Assim, pode considerar-se provado que há comunicação entre inteligências no Espírito e inteligências humanas na vida atual. Há a crença da Igreja de Inglaterra na "Comunhão dos Santos" como base da sua teologia.

Pode haver alguns que não aceitem estes factos como os apresentei, quer por perversidade mental quer por preconceito religioso. Ninguém pode argumentar proveitosamente com a ignorância, por isso deixemo-los estar.

Do Santuário de Cura Espiritual Harry Edwards, Burrows Lea, Shere, Surrey. Preço £4,00, portes pagos.

Capítulo 2

O MÉDIUM ENTRE AS DIMENSÕES FÍSICA E ESPIRITUAL

Com a comunicação entre as duas dimensões, precisa de haver um médium que forneça os meios pelos quais a comunicação viaja e que é parte integrante do cosmos. Ao estudar este médium, é necessário começar com explicações elementares para que o leitor possa acompanhar as conclusões mais avançadas.

É verdade dizer que tudo o que existe no Universo é energia numa forma caracterizada. É a energia não organizada que fornece o médium entre as dimensões física e espiritual. É esta forma simples de energia que permite que a luz de uma estrela seja vista na Terra, tendo demorado mil ou mais anos-luz a chegar até nós, e assim o que vemos no céu estrelado esta noite é uma experiência de há muito, muito tempo. De facto, pode ser que a própria estrela de que vemos a luz atualmente já nem exista.

Precisa de haver um médium pelo qual o calor do sol nos chegue. Não poderíamos sentir o calor do sol se não houvesse uma forma de energia ao longo da qual a força do calor pudesse viajar os bons milhões de quilómetros que o sol dista da Terra. O calor também é uma energia.

Podemos prosseguir a partir da verdade de que tudo o que existe é energia. Toda a coisa material é energia caracterizada composta por átomos. O papel em que estas palavras estão impressas é uma massa de átomos ordenados e organizados; a tinta que forma as letras é uma amálgama diferente de átomos que constitui a tinta.

Cada átomo é energia ordenada. Todo o Universo é um estado de energia disciplinada que se conforma às leis que governam os seus propósitos. A energia é o material básico de toda a criação física e, pela razão de que há a faculdade de comunicação entre as dimensões do Espírito e física, é lógico assumir que a energia também é comum à vida espiritual. Isto implica que a energia é a argila e a pedra da vida espiritual tão certamente como o é da nossa.

Os cientistas são capazes de reunir moléculas para realizar propósitos específicos; substâncias formadas por moléculas elementares adotam

propriedades diferentes quando associadas a outra energia elementar para formar um composto, criando assim uma terceira substância. Usamos moléculas de uma ordem para efetuar uma mudança na estrutura e no estado de outros materiais.

A energia não caracterizada entra numa forma ordenada com o átomo. Cada átomo tem ordem, função e propósito precisos. O átomo mais simples é o do hidrogénio; tem um núcleo central e um único eletrão que gira à sua volta a uma velocidade espantosa.

Se um átomo de hidrogénio pudesse ser ampliado até ao tamanho da Catedral de São Paulo, o núcleo suspenso no centro seria não maior do que uma bola de futebol; e o único eletrão que corre à volta da circunferência não seria maior do que uma bola de golfe.

Cada elemento tem o seu número determinado de eletrões que giram à volta do núcleo, variando em número de um a centenas. Pode imaginar-se um átomo como um minúsculo sistema solar com eletrões (os planetas) a revolverem à volta de um núcleo (o sol) em órbitas determinadas.

Formação de moléculas

Dois ou mais átomos elementares diferentes, quando colocados juntos, formam uma molécula, formando por sua vez um composto. O exemplo mais simples é a amálgama de dois átomos de hidrogénio com um átomo de oxigénio para formar água, expressa quimicamente como H_2O.

A ciência baseia-se na associação de átomos com outros átomos, formando moléculas compostas, e no estudo do seu comportamento sob condições variáveis. Foi deste estudo que nasceu a medicina moderna, e todas as outras ciências — e a bomba atómica.

Estas observações são de especial importância para aqueles que desejam compreender a ciência do dom da cura, pois formam a base sobre a qual repousa a ciência da cura espiritual, da mesma forma que o fazem para o estudo da ciência física.

O MÉDIUM

ENTRE O FÍSICO E O ESPÍRITO

Tal como o homem é capaz de manipular energias para realizar um objetivo planeado, devemos igualmente permitir que mentes espirituais mais sábias sejam capazes de provocar mudanças químicas nos pacientes porque têm o conhecimento da manipulação de energias. Esta é a ciência que permite às pessoas espirituais estabelecerem comunicação entre si, bem como comunicação com mentes sensíveis na Terra. Deixem-me citar outro caso típico para ilustrar este ponto de vista.

Um paciente sofre de artrite crónica. As suas articulações perderam a liberdade; não podem mover-se pela razão de que químicos foram depositados nas articulações a partir do sangue, e estes cementaram as articulações de tal modo que o movimento só pode ocorrer com grande dor e dificuldade. Em alguns casos, as articulações não se movem de todo. Isto apresenta uma condição totalmente incurável para a mente médica mais sábia.

É afirmar o óbvio que, para remover as adesões artríticas, deve ser induzida uma mudança dentro delas para alterar o seu estado e permitir que a articulação fique livre. Isto significa que os átomos dentro das moléculas do carbonato de cálcio ($CaCO_3$ — um átomo de cálcio, um de carbono e três de oxigénio) são libertados uns dos outros e regressam a átomos simples, não ligados; ou a condição é alterada de tal modo que pode ser eliminada, digamos, no sangue, ou por outros meios para ser excretada do corpo.

Não há outra forma de realizar isto senão direcionando para ela quer uma força disruptiva quer um agrupamento ordenado de moléculas que possa mudar a substância para outra forma que possa ser dissociada da articulação e removida. Diz-se que, se aplicar a força do calor ao carbonato de cálcio, esta é uma das formas pelas quais a sua estrutura e formação podem ser alteradas, mas o calor necessário seria de uma intensidade demasiado grande para o aplicar fisicamente a uma articulação artrítica.

O facto é que, quando a Cura Espiritual é aplicada à condição, a liberdade total pode regressar à articulação em questão de segundos, sem causar qualquer dor. É factual que, quando isto acontece, apenas a substância ofensiva é removida, sem afetar de forma alguma as membranas ou tecidos

circundantes, vasos sanguíneos ou nervos ligados à articulação. Invariavelmente, o sofredor fica livre de dor e não tem mais stress. O autor viu este estado de mudança ocorrer muitas, muitas vezes, frequentemente numa grande reunião pública perante milhares de observadores, quando os pacientes foram capazes de mover os membros livremente, mais do que tinham sido capazes de fazer durante muitos anos.

Deve também dizer-se que isto não acontece com todos os sofredores de artrite. A remoção do problema pode ser um processo progressivo que necessita de tempo para remover a obstrução e restaurar a função à articulação e aos tecidos circundantes. Pode, no entanto, dizer-se que seria uma exceção um sofredor de artrite não sentir benefício numa medida apreciável. Estes são factos que têm de ser explicados.

Produzir a mudança química nas articulações é um processo planeado, e o curandeiro procura-o através da sua capacidade de sintonizar com as inteligências de cura espiritual que foram capazes de organizar a natureza, ordem, quantidade e números corretos de características atómicas que formam uma molécula que, quando colocada em associação próxima com o carbonato de cálcio, é capaz de efetuar uma mudança química no seu estado. Pode haver mais do que uma forma pela qual as inteligências espirituais conseguem realizar o feito de dispersar a substância. Se for usada uma força para fazer uma mudança, então pode muito bem ser que elas possam aplicar um calor de força e intensidade que não é clínico, para produzir um estado de mudança.

É uma experiência comum na cura espiritual tanto o curandeiro como o paciente estarem conscientes de uma medida muito forte de calor que emana das mãos do curandeiro para o corpo do paciente. Este calor é suficientemente forte para que tanto o curandeiro como o paciente o sintam intensamente, e ocorre geralmente quando a mão do curandeiro está próxima do local onde está o problema do paciente. Se o curandeiro move a mão quinze centímetros para longe, a experiência de calor desaparece, apenas para regressar no exato momento em que a mão volta à posição anterior. O significado disto é que, quando um termómetro é colocado entre a mão do curandeiro e o paciente, não há diferença registada na leitura do termómetro. Isto pode ser demonstrado com a maioria dos curandeiros e dos seus pacientes que sofrem de stresses físicos. Assim, o calor não é um

calor clínico e pode ser de tal caráter e natureza que, quando aplicado a uma articulação artrítica, ocorra uma mudança na substância.

Esta não é o fim da história. Talvez fosse difícil encontrar um exemplo melhor para ilustrar a interassociação das duas dimensões, Espírito e física. Quanto mais se tenta dar uma explicação simples, mais ela se expande em associações, e assim é com esta quando sugiro que a formação das propriedades atómicas corretivas é reunida para provocar o estado de mudança no carbonato de cálcio, e que isto começa no reino espiritual, usando energias espirituais que são o equivalente das nossas físicas.

Assim, é necessário introduzir o processo de Cura Ausente, mas talvez um termo melhor fosse Cura à Distância. Através dela, uma pessoa procurará cura por meio de uma carta ou de uma chamada telefónica a um curandeiro para o curar a ele ou a outra pessoa de, digamos, artrite. O paciente pode estar no Reino Unido, na Alemanha, nos E.U.A. ou mesmo na Austrália ou na Nova Zelândia. Mais uma vez recorro a factos: está estabelecido em centenas e milhares de casos que pacientes foram libertados das amarras da artrite por Cura Ausente, alguns completamente, alguns parcialmente, com uma percentagem menor que não responde de todo.

Na Cura Ausente, ou à Distância, o curandeiro pode nunca ver o paciente. O seu único contacto é por meio de uma carta ou de uma chamada telefónica. No entanto, está além de qualquer disputa que, quer seja um tempo curto ou mais longo, o sofredor será, com toda a probabilidade, aliviado do seu problema. Isto estabelece a verdade de que a formação das moléculas corretivas ocorre na dimensão espiritual e apoia a teoria de que os curandeiros no Espírito, através do seu maior conhecimento de química e das leis que governam a matéria, conhecem formas de formar estruturas moleculares corretivas. Esta energia é então direcionada quer diretamente para o paciente no caso de Cura à Distância, quer, na Cura por Contacto, para o curandeiro associado ao paciente.

É razoável assumir que as moléculas corretivas precisam de ser transformadas da sua estrutura espiritual para os seus equivalentes físicos.

Com a Cura Ausente, isto pode ser simplesmente compreendido através da associação direta do eu-espiritual do paciente com o seu eu-físico, e portanto a transformação ocorrerá nesse “estado intermédio” entre o seu eu-físico e o eu-espiritual; e assim que isto acontece, esta energia de cura é

direcionada para o local da condição doente onde realiza a sua função para trazer o alívio desejado ao paciente.

Na Cura por Contacto, a estrutura molecular formada no espírito chega ao curandeiro através da sua sintonização com a fonte de cura, e através do curandeiro sofre uma transformação no seu equivalente físico, e é então direcionada para a área particular da articulação do corpo onde a ajuda é necessária.

Quer esta teoria seja aceite ou não, o crítico não pode negar os factos de que a cura da artrite é uma ocorrência comum com a Cura Espiritual. Não pode negar que uma mudança química deve ocorrer para remover a substância cimentadora que impede o movimento das articulações. Estes são os factos, e se o crítico tiver conhecimento científico elementar, não pode deixar de concordar que nenhuma mudança no estado da matéria pode ocorrer a menos que seja em resposta a uma força atómica, ou de energia, aplicada.

Toda a cura deve ocorrer dentro das leis que nos governam, quer sejam físicas quer do Espírito. O crítico não pode evitar a conclusão de que deve precisar de algum material composto quimicamente caracterizado aliado, quer em forma sólida, líquida ou gasosa, que deve apagar e dispersar as estruturas ofensivas. Não há outra forma pela qual possamos conceber a remoção da matéria doente.

Não se pode excluir a crença muito comum, que é apenas crença, de que a cura de uma articulação artrítica é uma dispensa direta de Deus, que ouviu as orações do paciente, dos seus parentes ou do sacerdote, e sobrepôs as Suas leis de criação sob os poderes omnipotentes que possui para criar uma situação que é contrária à ciência decorrente das Suas leis.

Se houver alguma razão nas explicações oferecidas, confirma a conclusão de que deve haver comunicação entre as duas dimensões da vida; estas dimensões relacionam-se com a comunicação por pensamento, bem como com a aplicação da ciência da manipulação de energias que são comuns a ambas as dimensões; e que a substância comum de energia não organizada, frequentemente referida como energia etérica, fornece o “estado de ser” como médium entre as duas dimensões.

Com cada condição doente, há um estado perturbado de desequilíbrio químico para o qual há uma causa definitiva e que precisa de uma estrutura de energia corretiva definitiva para provocar a mudança planeada.

Não podemos fugir à lei de causa e efeito. Sempre que existe uma causa para a mudança, os sintomas ou efeitos surgem inevitavelmente. Uma cura realiza-se quando a causa é eliminada, permitindo que se recupere o controlo sobre os sintomas. Na maior parte das doenças físicas, é preciso provocar uma alteração química no local do problema — e é exatamente isso que os tratamentos médicos procuram alcançar.

Quanto mais compreendemos os pormenores e o propósito dos «dons do Espírito», mais nos aproximamos de uma visão clara da «vida no Espírito». Chegamos agora a uma conclusão sólida que une as duas dimensões, lembrando que toda a cura é um processo planeado, com direção e intenção; que qualquer mudança no Universo obedece a leis; e que todo o resultado planeado e conseguido decorre da aplicação inteligente de forças e energias regidas por essas leis. A conclusão é, portanto, a seguinte:

A inteligência espiritual — ou as inteligências — não só diagnostica com precisão a condição do paciente, como é capaz de (1) decompor as substâncias químicas responsáveis pela doença até ao nível das suas moléculas e (2) direcionar para essa zona afetada uma força molecular gerada no espírito, especificamente concebida para induzir a alteração química necessária na estrutura prejudicial, eliminando assim a causa da doença e promovendo a recuperação.

Capítulo 3

HABITAT ESPIRITUAL

COMO O HOMEM UTILIZA A ENERGIA

Nos dois capítulos anteriores, procurei demonstrar que as dimensões espiritual e física comunicam entre si e partilham um meio comum: a energia.

Tudo o que é material começa a existir quando a energia primordial é polarizada e ganha personalidade, dando origem ao átomo. Se nada existe sem propósito dentro das leis da criação, então cada átomo tem uma identidade própria e uma função a cumprir. Um átomo de oxigénio, por exemplo, não existe por si só: tem inúmeras finalidades. Juntamente com outros átomos, sustenta a vida nas formações que integra. A união simples de átomos de hidrogénio e oxigénio cria a água — essencial à nossa dimensão. Sem ela, o planeta secaria e a vida extinguir-se-ia. A água é apenas um dos incontáveis exemplos do papel do oxigénio no plano da existência.

Este raciocínio aplica-se a todos os átomos. O número de eletrões em cada elemento define o seu propósito, caráter e propriedades. Cada átomo elementar tem a capacidade de cooperar com outros para cumprir objetivos comuns. Nada interfere com a organização interna de um átomo.

É verdade que o homem conseguiu romper essa ordem interna — com a fissão nuclear, pondo em risco a própria dimensão física e dando origem à bomba atómica. Com o avanço do conhecimento, aprendeu a combinar diferentes formações atómicas para obter resultados específicos. Toda a ciência humana se baseia nisso.

Existem também forças não atómicas que reagem de forma predeterminada ao contactar com átomos. Por exemplo, certos materiais repelem o magnetismo. O calor pode elevar a água ao ponto de ebulição e, se insistir, transformá-la em vapor — separando os átomos de H_2O, que voltam ao estado individual e podem ser reutilizados noutras combinações químicas.

Reconhecemos igualmente forças cósmicas que atravessam energias primordiais para influenciar a matéria. Os raios solares são o exemplo mais simples: mantêm o calor e a saúde em todos os seres vivos, especialmente nas plantas, fornecendo a clorofila essencial a uma árvore ou a uma simples

folha de relva. Os seres humanos absorvem essas forças cósmicas para reforçar a resistência do organismo.

Quem sabe intencionalmente captar as correntes cósmicas que o rodeiam mantém mais facilmente a saúde e protege-se de doenças, infeções e fraquezas. Um exemplo prático é a instalação de sanatórios em zonas de pinheiros ou junto ao mar, onde todos, instintivamente, sabem absorver as propriedades curativas do ozono.

Foi assim — aproveitando estas possibilidades e usando a mente para descobrir as propriedades das forças regidas por leis — que a civilização se ergueu. Desde o momento em que o homem percebeu que podia flutuar num tronco ou juntar três paus para fazer um abrigo, avançou, passo a passo, por tentativa e erro, até erguer catedrais majestosas ou arranha-céus de betão armado. Este princípio aplica-se a todas as ciências e conquistas humanas baseadas no uso inteligente de forças e energias elementares.

Como a energia é usada na vida espiritual

Dada a evidente afinidade entre as dimensões física e espiritual — ambas dependentes do meio comum da energia —, é lógico supor que as qualidades da energia estão ao dispor das inteligências espirituais tal como das nossas. A enorme quantidade de evidências sobre a vida no Espírito, aliada ao facto já demonstrado de que as inteligências espirituais manipulam energias elementares em forma espiritual para, através da cura, eliminar matéria doente num paciente, permite aceitar a hipótese de que, na vida espiritual, a energia ordenada é usada de forma semelhante à que o homem emprega.

Na Cura à Distância, comprovou-se que uma inteligência espiritual de cura localiza um paciente em qualquer ponto do planeta. É, pois, razoável assumir que os familiares e amigos que já partiram sabem da iminente chegada de um ente querido e se preparam para o receber e fazer sentir em casa. Todos temos esta herança à nossa frente: a entrada numa nova dimensão de vida, onde teremos de aprender, como aprendizes, um código de valores, um modo de pensar e uma forma de existir completamente novos.

Ao chegar à vida espiritual, a pessoa desejará usar vestes — e essas vestes terão de ser construídas com uma técnica que manipula energia caracterizada, formando moléculas que, por sua vez, constituem o tecido.

Na Terra, usamos algodão da planta ou lã do animal como matéria-prima. Isso provavelmente não será necessário no Espírito. Com o seu conhecimento avançado das leis e propriedades da energia, os espíritos sabem a composição molecular de um fio de algodão ou de um pelo de ovelha. A partir daí, reúnem formações de energia ordenada para criar um metro de tecido — equivalente ao material terreno ou, mais provavelmente, uma versão superior, semelhante aos sintéticos que já usamos com tanto proveito, mas sem origem vegetal ou animal. O recém-chegado não domina esta técnica. Será levado a um local onde operam técnicos, designers e criadores cuja alegria consiste em usar as suas capacidades para produzir tecidos belos e simples, adaptados à mentalidade e ao caráter de quem os usará. Parece-me absurda a ideia de produção em massa de vestes padronizadas na vida espiritual, como acontece na Terra.

Capítulo 4

JOHN ENTRA NA SUA VIDA ESPIRITUAL

É inegável que, ao terminar a vida física, o indivíduo passa a outra forma de existência com a qual tem afinidade. Após a transição do físico para o espiritual, entra num modo de vida sem alterações bruscas em si mesmo: conserva a personalidade, as memórias, os afetos e emoções, e todo o conhecimento que adquiriu em ciência ou apreciação artística. Não se torna subitamente um arcanjo. A sabedoria que venha a ganhar não lhe é oferecida de bandeja; terá de a conquistar, passo a passo, com compreensão. Continuará a ter forma, olhos para ver, mãos para tocar. Precisará de vestes e de um lugar para habitar.

Lembremo-nos de que, pela clarividência, os entes queridos que partiram anseiam manifestar-se através da mediunidade. Pela Cura à Distância, prova-se que um doente em qualquer parte do planeta pode ser localizado, diagnosticado, tratado e provavelmente curado — possivelmente por meio de energias de pensamento prescritas, comuns tanto à vida espiritual como à terrena. Este tema será aprofundado mais adiante.

É, portanto, razoável supor que, em circunstâncias normais, os entes queridos no Espírito estão cientes da chegada iminente. Isso pode não

acontecer imediatamente em casos de transição súbita e violenta — como morte traumática, sofrimento extremo ou medo intenso —, pois é aceitável que quem passa por tais condições chegue ao Espírito ainda preso às impressões da dor ou do medo. Nestes casos, haverá estruturas de acolhimento: períodos de cuidado e convalescença, tempo para que o medo e o sofrimento se dissipem, abrindo gradualmente a mente do recém-chegado à nova realidade. Aqui, amigos e familiares espirituais poderão oferecer o conforto e o amor de que tanto necessita.

Imaginemos agora uma pessoa com faculdades normais — chamemo-la de *entrante*. Ao tomar consciência, notará a ausência de processos a que estava habituado. Se for correto que na dimensão espiritual não há processos físicos, deixará de precisar de respirar ar para nutrir o corpo. O oxigénio já não será necessário para sustentar a vida. Não haverá impurezas físicas como dióxido de carbono a eliminar. Os pulmões já não servirão de fole para falar. Perceberá que o coração deixou de bater — pois não há mais sangue a circular para levar oxigénio e nutrientes às bilhões de células que compunham o seu corpo físico, mantendo-o quente e saudável.

Ao constatar isto, concluirá que também não precisa de comida nem de bebida para manter a força ou a saúde.

Ao observar-se, confirmará que conserva a estrutura corporal principal: cabeça, pescoço, tronco e membros. Poderá mexer os dedos à vontade e deslocar-se caminhando — prova de que continua a ser uma entidade, com controlo sobre si mesmo. A mente mantém-se ordenada e capaz de dar instruções: às pernas para andar, às mãos para segurar ou sentir. Os olhos veem, os ouvidos escutam, e essas perceções chegam à mente, permitindo-lhe interpretar o que vê, ouve ou sente.

Se for recebido por entes queridos ou outros espíritos, verá que também eles têm forma, comunicam, movem-se e caminham num corpo. A sua mente concluirá: *continuo a ser eu mesmo, com as minhas faculdades mentais e sensoriais, mas habito agora um corpo diferente — o meu corpo espiritual*.

Ao sentir o toque das mãos dos amigos em saudação, percebe que esse contacto é muito mais vivo do que qualquer memória anterior. Comparado com o toque terreno aos entes queridos, parece que antes usava luvas; agora é vida com vida, a pureza e intensidade do amor deles a envolvê-lo. O

toque é magnético — não de pessoa para pessoa, mas expressão de um amor e afeto partilhados. Nota a diferença: as mãos da mãe transmitem uma «unidade» acolhedora, um calor de lar; já o aperto da esposa, que o precedera no Espírito há poucos anos, traz êxtase e luz, elevando-o acima de tudo.

John começa então a sentir uma leveza em todo o seu ser, corpo e mente. Está exultante por estar novamente com os seus. O corpo parece mais leve; ao caminhar com eles, mal sente o esforço muscular ou o contacto dos pés com o solo. Mãos e braços movem-se livremente; cabeça e tronco deslizam sem impedimentos — como se renascido, livre de qualquer necessidade física, emergindo de uma névoa pegajosa que o retinha, deixando para trás uma existência sombria e entrando numa nova, cheia de luz, alegria e liberdade.

Findas as saudações iniciais, o grupo avança, com John e Mary de mãos dadas.

Nota: Em quatro ocasiões, pediram-me para interceder em casos extremos. Horas depois, o paciente «morrera» e os médicos declararam-no clinicamente morto. Uma jovem parara de respirar e já estava preparada para o enterro. Na manhã seguinte, ao entrarem no quarto para acender as velas, encontraram-na acordada, olhos brilhantes, a pedir o pequeno-almoço.

A segunda foi uma sobrinha minha, esmagada por um trator. A mãe, minha irmã e curandeira, foi ter com ela; telefonaram-me para pedir ajuda espiritual. Não morreu, embora soubesse que tinha morrido — está viva hoje, mãe de família. Declara que sabe que foi morta.

Os outros dois eram homens, vítimas de acidentes de viação. Telefonaram-me mal chegaram ao hospital; não sobreviveriam às próximas 24 horas. Pedi ajuda espiritual para uma passagem serena. No dia seguinte, ambos estavam de pé. «Sabiam» que tinham morrido. O denominador comum: todos sabiam que tinham chegado ao Espírito, onde foram tão felizes que voltar à Terra foi uma desilusão. Duvido que três deles conhecessem o Espiritualismo.

Voltando a John. Espantava-se com a facilidade do caminhar. A mente, ocupada demais para absorver tudo, guardará impressões para depois. Perguntou a Mary: «Para onde me levas?» Ela respondeu naturalmente:

«Para o lugar onde te esperei, mas primeiro vamos arranjar-te roupas adequadas.» Só então John reparou que ainda usava uma sombra das roupas terrenas.

Entraram num espaço que, em termos terrenos, descreveria como uma exposição de tecidos. Foram recebidos por um ancião venerável, mestre na arte do design de materiais. Ao falar com John e Mary, parecia conhecê-lo por dentro. Levou-os a uma mostra de tecidos e explicou: à medida que John se habituasse à vida espiritual e compreendesse valores até então inacessíveis, apreciaria cada vez mais a beleza e o desenho. Por agora, sugeriu um tecido simples com motivo discreto — e John adorou.

Lembrava-se de como, na Terra, o tecido vinha do algodão ou da lã, e mais tarde da síntese química. Perguntou ao mestre como se criavam materiais tão belos, já livre da ideia de fábricas, máquinas ruidosas, operários ansiosos, cortes em série, tamanhos padronizados.

O mestre respondeu: «Demorarias a compreender cor e desenho com a tua experiência ainda limitada aos padrões primitivos da Terra. Primeiro mostramos-te como a energia se molda em caráter, refletindo a intenção do designer — a sua visão, o seu amor pelo que cria. Quanto mais avançada a afinidade, mais a qualidade do material espelha essa ambição. O tecido escolhido para ti, John, é simples porque a tua apreciação da beleza ainda é simples. À medida que evoluíres, verás maior profundidade noutros materiais — uma das medidas do teu progresso nos valores que regem a vida aqui.»

Acrescentou: «Quem aqui trabalha com materiais e design fá-lo enquanto tiver propósito na progressiva apreciação da beleza das leis da criação. Cientistas, designers, arquitetos, artistas, alfaiates — o único prémio é a felicidade interior de usar os dons para criar beleza e simplicidade, adaptadas ao caráter e avanço de quem as usará. Não há atalhos: só o amor pelo ofício. Verás, John, que tudo o que vale aqui nasce desse amor, até ao mais ínfimo pormenor. O tempo não se mede por relógios; o único tempo é o que cada um leva a satisfazer-se com o que faz.»

John ficou profundamente impressionado. Mil perguntas brotavam. Virou-se para Mary: «Não me sinto cansado. Ninguém parece cansado. E à noite? Dormem?»

Mary apertou-lhe a mão, sorrindo: «Pelo teu tempo terreno, já passaram horas desde que chegaste, mas não te cansas — nada em ti se cansa, exceto a consciência e o esforço. Não há noite. Dia e noite pertencem à Terra. Temos casas onde nos recolhemos, retiros para olhar para dentro e aprender mais do plano divino de que somos parte. Vamos agora para lá, para estarmos juntos — é tempo de reencontro, o lugar que o tempo consagrou pela separação do nosso amor.»

Mary levou-o a casa. À chegada, esperava-o a nova túnica espiritual.

Capítulo 5

A CASA DA MARY

John ficava encantado com a paisagem a caminho da casa de Mary, comparando-a com memórias rurais terrenas. Pastagens verdejantes, árvores frondosas, pássaros — mas sem estradas, caminhos, cercas ou sebes; nada separava as áreas.

Havia casas, estranhas aos seus olhos, como de outro mundo — e eram. Cada uma diferente em caráter, forma, altura, cor, com personalidade própria, ocupando o seu lugar como se «feita para ele», em harmonia com o jardim flamejante de cor e árvores esguias.

Aqui e ali, grupos de casas pareciam pertencer umas às outras, mas independentes, com sentido de companhia. John pensou: devem ser de famílias que amam estar juntas. Que diferença das fileiras monótonas de casas geminadas onde vivera! Ansioso, aguardava a casa de Mary, que ela «preparara para ele».

Mary apontou-a ao longe, num terreno ligeiramente elevado, com vista para o vale. Pequena, de cor que contrastava com os ciprestes altos que formavam semicírculo, protegendo o relvado ondulante e canteiros radiantes. Ao aproximarem-se, John sentiu que cada flor se voltava para ele, saudando-o com uma névoa sonora suave, como melodia.

Mary viu que ele sentia o acolhimento e ouvia a melodia. Estava radiante: era o culminar do seu plano para o regresso de John, a reunião que nunca mais seria interrompida.

A casa era em arco, em torno de um pátio com bancos e uma porta. John tocou a parede: lisa, sem juntas, não fria como vidro, mas convidativa — um ambiente de regresso a casa.

Mary levou-o por uma abertura (sem portas nem janelas), revelando a encosta do jardim, um panorama de felicidade. «Este é o teu quarto», disse. Nos olhos de John, adoração; para Mary, a recompensa de todo o amor e planeamento durante a separação.

O quarto não era grande. John sabia que levaria tempo a absorver a alegria, personalidade e significado de cada peça: vasos moldados com a alma do material, transmitindo a melodia da inspiração de quem os fez — a sua amada. Prateleiras com livros encadernados com simplicidade perfeita. Um divã ao longo da parede, cadeiras e uma mesa esculpida com discrição. Sem teto: aberto ao céu — mas John já aprendera que ali não havia névoa, neve ou chuva.

Não encontrou palavras para o material da casa. O mais próximo terreno seria alabastro ou ónix, com tons suaves que se fundiam impercetivelmente.

Mary sugeriu que trocasse de roupa: «Ficarás ainda mais feliz.» Levou-o a um recanto onde água cristalina, «cantante», caía num tanque esculpido. John despiu a sombra das roupas terrenas — que se dissiparam. A água lavou-o, libertando-o de qualquer resquício terreno, numa alegria extática de liberdade nova.

Vestiu a túnica e sandálias, saiu para Mary: indizivelmente livre, elevado, feliz além de qualquer medida.

Durante um tempo sem fim, sentaram-se juntos, bebendo a plenitude da «unidade» — uma comunhão nunca antes sentida, um contentamento sublime no reencontro.

John quebrou o silêncio: «Mary, valeu tudo... Quanto te senti falta quando partiste, a vida perdeu sentido. Nem sei dizer-to, mas agora valeu tudo.»

Mary tomou-lhe a mão: «Eu sei. Estive contigo, mas estavas tão triste que só sentias a dor. Não sabias quanto ansiava ajudar-te. Isso passou. Estamos juntos de novo, com tanto para te mostrar e contar. Este é o nosso novo começo, olhando para o futuro — ainda não muito longe, mas juntos.»

«Por vezes, vais querer estar sozinho, e para isso o teu quarto estará sempre à tua espera, pelo tempo que precisares. Tu tens o teu quarto, eu tenho o meu, pois vais descobrir que haverá momentos em que desejarás recolher-te em ti mesmo — é então que podes encontrar a paz interior. Haverá sempre este nosso lar para onde regressar, mas, no início, teremos de avançar devagar e aprender o caminho para viver de forma correta, observando as leis pelas quais todos progredimos. Temos regras a seguir, pois a vida aqui goza de um controlo que nos ajuda a prosseguir de maneira ordenada. Sendo um recém-chegado — pois eu também sou relativamente uma recém-chegada —, vamos descobrir que as regras são muito simples, mais como sinais de orientação do que diretivas.

«No lado positivo, destinamo-nos a progredir em sabedoria, compreendendo um código de valores completamente oposto àqueles que tínhamos de seguir antes de chegar aqui. Vamos aprender que há uma razão e um propósito para tudo o que vive e está presente nesta vida. É este propósito que nos mantém e nos ajuda no nosso progresso para alcançar a realização.

«Por exemplo», explicou Mary, «se ambos perdêssemos todo o amor e afeição por este nosso lar, se nenhum de nós o quisesse mais e se mais ninguém o quisesse também, ele deixaria de ter propósito e "dissolver-se-ia" de volta ao elemento primordial de que é feito.»

John pensou que compreendia, mas não totalmente, enquanto ouvia em silêncio tudo o que Mary lhe podia contar. Ela continuou: «Em breve, vamos ver desde o início, ver como as coisas são feitas, tal como eu fiz — a arte do oleiro, por exemplo — e vais gostar de ver como tudo, a luz, uma folha de erva, uma flor, uma pedra, a substância sobre a qual caminhamos e cultivamos flores, é beleza de ritmo e cor; de sons, de pensamento, desejo, ambição e realização, pois tudo faz parte um do outro — não há linha divisória que separe uma coisa da outra. Vamos aprender juntos a mensagem que a cor, o movimento e a radiação têm para nós. Quanto mais aprendermos a usar o nosso pensamento para nos harmonizarmos com estes propósitos, mais intensamente bela se tornará a vida no Espírito.

«Por exemplo, repara na cor daquele girassol.» Mary apontou para uma flor grande e plena de um amarelo dourado vivo. «O que vês agora é apenas um tom pálido e nebuloso da luminosidade viva que lá está para tu veres quando conseguires harmonizar os teus pensamentos e o teu amor com o

girassol; então, ele ganhará uma personalidade mais viva que te dará uma alegria indescritível que nunca mais vais querer perder.»

A essa altura, Mary percebeu que a mente de John começava a ficar sobrecarregada com tantas ideias e pensamentos novos, por isso disse-lhe: «Vamos para casa e fiquemos em silêncio, sem mais conversa por agora. Quando estivermos repousados, iremos ver como as coisas são feitas.»

Capítulo 6

COMO AS COISAS SÃO FEITAS

John e Mary encontravam-se entre um grande grupo no Templo da Compreensão Nuclear, todos desejosos de aprender como as coisas são feitas na vida espiritual. A maioria dos presentes eram recém-chegados à vida no Espírito, tal como John, mas havia outros que tinham feito a transição há muito tempo (em anos terrenos) e que antes não tinham mostrado interesse ativo num motivo de vida contínuo.

A assembleia estava disposta em redor de um anfiteatro, no centro do qual se encontrava a professora, uma senhora de porte sereno e digno. Ela estava junto a uma grande mesa circular sobre a qual repousava uma massa cintilante de minúsculas formas multicoloridas.

Após o acolhimento aos alunos, disse que prosseguiria com as explicações mais simples e selecionou um pequeno fragmento da massa na mesa. Descreveu-o como um «pequeno mundo» completo em si mesmo. «É um átomo, o exemplo mais pequeno e simples de matéria, mas presta um serviço vital na nossa vida, tal como na vida terrestre. Chama-se átomo de hidrogénio.» Ao segurá-lo, este aumentou de tamanho, suficientemente grande para todos verem o movimento no seu interior. (Isto já foi descrito na página 16.)

A professora informou a audiência de que os cientistas terrestres tinham descoberto mais de duzentos tipos diferentes de átomos, mas na vida espiritual há muitos mais. «Aqui estão alguns deles», disse, apontando para a massa cintilante na mesa.

«Cada átomo é uma estrutura energética altamente organizada, dotada de potenciais muito poderosos, como algumas mentes na Terra aprenderam a usar de forma muito imprudente» (referia-se à fissão nuclear e à produção

de bombas de hidrogénio e atómicas). «O átomo pode ser descrito como um motor poderoso com características e propósito fortes. É muito mais do que um motor, pois possui uma inteligência que o pode comandar para atuar de múltiplas formas. Pode estar feliz e satisfeito ou, quando associado a outros átomos cuja inteligência e propósito estão em oposição, profundamente frustrado.» A oradora salientou que foi o simples átomo de hidrogénio que os cientistas humanos consideraram o agente mais adequado para criar forças disruptivas.

Os átomos são, portanto, indivíduos; têm gostos e aversões. Misturam-se voluntariamente com outros átomos quando as suas propriedades harmonizam entre si. Gostam de receber e experimentar a influência de certas forças, mas não de outras.

Selecionando três fragmentos diferentes que sabia que a audiência reconheceria, mostrou os movimentos internos distintos em cada átomo. Um era o elemento ouro e os outros dois, ferro e estanho. Juntou os elementos de ferro e estanho e imediatamente observou-se uma interação dos eletrões em movimento dentro de ambos os átomos, acompanhada de uma união das suas inteligências e, consequentemente, dos seus propósitos.

Quando o átomo elementar de ouro foi colocado junto a qualquer um dos átomos de ferro ou estanho, não houve interação; continuaram a funcionar normalmente, independentes e ignorando-se mutuamente.

A professora desenvolveu ainda mais as explicações e demonstrou como uma força — energia — podia provocar uma mudança na condição do elemento. Para ilustrar, mostrou como um fluxo de força magnética podia atrair elementos amigos quando o fluxo ia numa direção, mas mas repeli-los quando o fluxo magnético era invertido. Espera-se que o tempo do leitor não seja ocupado com explicações adicionais sobre os efeitos de outras forças nos elementos — calor, coesão, gravidade, eletricidade, luz, etc. — e passemos ao momento em que a professora introduziu um fator novo e muito importante, desconhecido para John e os demais.

Os ouvintes foram informados de que a «energia» era a própria «criação» e que era dela que todas as coisas provinham, em ambas as dimensões da vida. A existência começou quando esta energia recebeu caráter e propósito, tornando-se sujeita a forças e outras associações elementares. Tornou-se sujeita à força inteligentemente dirigida do pensamento.

Primordialmente, as estruturas materiais obedecem primeiro às forças naturais, de acordo com a lei de «causa e efeito». Por exemplo, como o calor pode originar novas propriedades no funcionamento atómico ou como o vidro pode ser estilhaçado por certas radiações sonoras.

Interrompendo a narrativa, John disse a Mary que, à medida que a professora descrevia os diferentes processos que afetam as substâncias, parecia-lhe que visualizava os pensamentos dela como se estivesse a ouvir a sua mente e, por isso, conseguia compreender os significados e explicações sem dúvidas, embora tivesse perguntas que gostaria de fazer. Mary acenou com a cabeça e disse: «É assim que aprenderemos a compreender-nos mutuamente, e fizeste bem em deixar a tua mente fundir-se com a da instrutora tão cedo. A mim, demorou muito mais tempo.»

A oradora sublinhou como era importante saber que tudo tem «forma» e que a forma é uma caracterização precisa da energia. Isto aplica-se a todas as coisas: coisas materiais, forças, luz, cores, sons, visão e pensamentos. Todas as formas de energia estão associadas de uma maneira ou outra a outras formas e todas podem ser influenciadas umas pelas outras, particularmente pelo pensamento harmonizado.

Há a gama de vibrações sonoras, todas experiências registáveis, como mostrado na televisão — sons que podem mover materiais sensíveis, aumentando em número à medida que os sons sobem na escala até serem demasiado agudos para o ouvido humano os captar, mas que podem ser ouvidos por outros ouvidos, como o do cão. À medida que as vibrações ascendem em frequência, entram no domínio da luz. Estas também são graduadas em experiências registáveis, desde o infravermelho até ao ultravioleta e além. Se continuarmos o processo ainda mais alto, entra-se no reino mais elevado de força organizada que está ao nosso alcance — o do pensamento. Pode não parar aí; é lógico assumir que ascende ainda mais no esquema divino das coisas.

Foi demonstrado por Uri Geller como ele pode exercer uma mudança física no estado dos metais através do pensamento, e este ato foi repetível por outros, incluindo crianças. Sejam ou não factuais os poderes de Uri Geller, temos o exemplo de como uma força de pensamento pode exercer influência sobre o estado da matéria.

A instrutora continuou as explicações chamando a atenção para as diferentes funções que cada átomo possui. Quando aliados a um átomo diferente, forma-se uma molécula, resultando numa combinação de pensamento e propósito, levando à conclusão de que a matéria não é inerte, mas possui um grau de atividade e intelecto recetivo a outros intelectos atómicos que estejam em sintonia com ela.

Na vida espiritual, o intelecto-pensamento é todo-poderoso; é dominante; comunica-se com e controla as energias dentro de outros átomos elementares, dentro das leis que regem esse aspeto especial da inteligência energética.

Através do estudo dos químicos humanos, muitas destas propriedades atómicas são conhecidas e usadas na vida quotidiana. O químico espiritual também usa o seu conhecimento mais avançado na atividade da vida espiritual e, por meio da comunicação, pode influenciar a atividade terrestre também.

A instrutora prosseguiu demonstrando isto. Disse à audiência que iria extrair, pelo pensamento, da massa de átomos na mesa aqueles de que precisava para fazer a matéria-prima a partir da qual um oleiro poderia moldar um vaso. Lembrou aos presentes que tivessem memórias de atividades humanas recentes como o cientista terrestre tinha conseguido produzir quimicamente uma nova substância chamada plástico, dando origem a um novo tipo de material moldável. Disse que pretendia realizar, pelo pensamento, uma tarefa semelhante, através do seu conhecimento das propriedades das energias contidas nos átomos elementares.

Parou junto à mesa e a audiência viu erguer-se da massa um fluxo de partículas diferentes, em procissão ordenada, para as suas mãos — algumas em maior número do que outras. Ao assentarem ali, misturaram-se e uniram-se numa massa. A professora disse: «Agora vamos introduzir cor», e outro fluxo de átomos ergueu-se da mesma massa, entrando na substância e dando-lhe um brilho azul.

«Isto», disse ela, «é agora a matéria-prima, o barro de que o oleiro precisa, e à medida que ele o molda, os seus pensamentos criativos misturar-se-ão com o intelecto da substância, de modo que, quando estiver pronto, o vaso não só transportará as qualidades das energias de que é feito, mas qualquer mente observadora poderá perceber o tema de pensamento que expressa a

sua experiência de beleza e design, que atingiu um estado de progresso igual ao do oleiro.»

A partir deste exemplo, a oradora continuou: «Tendes aqui o quadro elementar dos meios pelos quais tudo o que vedes e usais é trazido à existência. Se desejardes construir uma casa, obtendes primeiro uma autorização; depois, ides ter com um arquiteto, que olhará dentro da vossa mente e assim compreenderá os vossos desejos, discutindo-os convosco. Quando estiverdes plenamente satisfeitos e vos sentirdes "em uníssono" com o plano, ides ter com o construtor, que é um químico capaz de extrair dos elementos o material que mais vos agrada, em massa, na forma e tamanho corretos.

Ele usa-os para construir efetivamente a casa, montando os componentes por ordem. Assim, tudo o que for necessário pode ser obtido à medida que o procurais e tendes razão para o seu propósito vos servir. Talvez vos beneficieis da vossa primeira lição sabendo que, nesta vida, não precisais de nada, e é apenas quando o vosso desejo de autoexpressão se torna ativo que ganhais o direito de entrar na comunidade; então, depois de o receberdes, construís a vossa casa ou usais outra e procurais todas as outras coisas de que precisais. Depois, escolhereis a direção em que podeis fazer a vossa contribuição para a vida, em agradecimento pelo vosso direito a uma vida sem fim, e entrareis no progresso que vos conduz a uma perfeição mais fina e mais próxima do Criador.»

Pode-se obter uma ideia mais clara da maneira como os que estão na vida espiritual conseguem manipular energias elementares pelo pensamento se tentarmos rastrear para trás o que acontece quando uma aflição orgânica, medicamente incurável, é curada através da Cura Espiritual.

Digamos que o paciente era alguém que sofrera de uma lesão na coluna durante muitos anos. No início, os médicos diagnosticaram o que se costuma designar por «disco deslizado», ou talvez devêssemos dizer um disco intervertebral descido. Recebeu tratamento hospitalar prolongado, com tração, manipulações forçadas sob anestesia, radiação, fisioterapia, massagem, fusão cirúrgica de várias vértebras por meio de uma tala óssea, banhos de água, etc., sem conseguir aliviar o stresse e a dor. Foi-lhe adaptado um espartilho reforçado com aço, concebido para impedir qualquer movimento da coluna. Por fim, disseram-lhe que a ciência médica nada mais podia fazer por ele e permitiram-lhe um fornecimento ilimitado

de comprimidos analgésicos. A coluna já não se dobrava e o movimento cessou à medida que as vértebras se tornaram anquilosadas e coladas, começando então a instalar-se a artrite. Estas aderências começaram a pressionar os nervos ciáticos, tornando-os dormentes e, por fim, induzindo paralisia das pernas. Para a ciência humana, tratava-se de uma condição desesperada e incurável.

Então, o paciente foi consultar um curador, perante o qual se sentou, usando o seu espartilho de aço. O curador passou a mão pela coluna (por cima do espartilho) e percebeu imediatamente que o paciente tinha uma coluna «em vara» — uma coluna fisicamente imóvel. Colocou uma mão na coluna, na região lombar, e com a outra no ombro do paciente, disse simplesmente: «Deixa a tua coluna dobrar-se lentamente para trás.» Ao fazê-lo, o curador sentiu a coluna curvada e bloqueada ceder e dobrar-se, sem causar ao paciente sequer uma pontada de dor. Em breve, este processo repetiu-se dos ossos do pescoço até ao cóccix. A coluna conseguiu dobrar-se para os lados esquerdo e direito num movimento suave de balanço e pôde depois rodar as vértebras enquanto o corpo se torcia em cada direção. Com isto, a pressão sobre os nervos que emergiam entre as vértebras desapareceu, e o paciente conseguiu mover as pernas livremente e sem dor. Todo o processo levou apenas alguns minutos — na verdade, o tempo gasto neste caso foi principalmente para demonstrar ao paciente que estava livre de dor, rigidez e stresse.

Para recapitular os factos essenciais: a coluna vertebral estava duplamente bloqueada por ossificação e adesões artríticas, desenvolvendo dor contínua e paralisia de ambas as pernas. Uma condição totalmente incurável de acordo com a ciência médica. Em poucos minutos de cura espiritual, a coluna vertebral torna-se totalmente flexível, os discos empobrecidos e desidratados, ou almofadas entre as vértebras, são restaurados para um estado de funcionamento saudável, toda a dor desaparece, as pressões sobre os nervos são removidas e os sintomas de paralisia cedem ao controlo e à coordenação. Tudo isto em frações de tempo.

Tais curas de lesões vertebrais não são raras — ocorrem todos os dias em santuários de cura. Existe um convite permanente à British Medical Association para fornecer, digamos, dez ou doze dos seus próprios pacientes que tenham estado sob tratamento hospitalar e cuidados especializados, e cujos problemas sejam resistentes ao tratamento médico, e

o autor, juntamente com outros curadores, esforçar-se-á por demonstrar a restauração de tais condições vertebrais à mobilidade e a superação dos consequentes efeitos negativos, semelhante ao caso típico acabadinho de mencionar. Esta oferta à British Medical Association é feita pelo editor do Psychic News e o autor emitiu um convite semelhante. Estes convites têm sido repetidos na imprensa várias vezes nos últimos anos, mas a British Medical Association recusou-se a participar. Não é difícil para qualquer observador perceber a razão porquê.

Para rastrear os meios pelos quais uma mudança física tão drástica para melhor é capaz de ocorrer, precisamos de rever as circunstâncias associadas no local da aflição e aplicar o nosso conhecimento de química física à situação.

Com a ossificação, as substâncias ósseas fundem-se e unem-se, de modo que onde havia uma articulação, o mecanismo de movimento é destruído. Os depósitos artríticos de carbonato de cálcio assentam entre as vértebras e cimentam as duas superfícies juntas, tornando todo o movimento impossível. Além disso, a artrite também se instala nos ligamentos, contraindo-os e formando nós, o que fornece outra razão pela qual os ossos em questão não conseguem mover-se e qualquer tentativa de movimento estica os ligamentos, causando grande dor.

Antes de as vértebras bloqueadas, ou de facto qualquer outra articulação, poderem mover-se, o “cimento” deve ser removido. Ninguém pode abrir uma porta que está aparafusada — os parafusos devem ser removidos antes de a porta poder abrir, e provavelmente as dobradiças precisarão de alguma lubrificação para um funcionamento suave.

O carbonato de cálcio é composto por moléculas de cálcio, carbono e oxigénio. Para mudar o seu estado, é necessário introduzir nelas algumas propriedades elementares adicionais para alterar a sua natureza, e assim libertar o seu domínio sobre a articulação. Outra possibilidade é que uma força seja direcionada à substância que possa alterar a sua forma ou quebrar a formação de um átomo elementar prescrito, permitindo assim que o resto da formação molecular se desfaça. Isto não é fantasia, pois acontece todos os dias. Ao aplicar calor ao carbonato de cálcio, ocorre uma mudança na sua formação. Aplique grande calor a um átomo de hidrogénio e ele quebrar-se-á, levando a uma explosão nuclear. Temos evidências na cura espiritual de tanto o curador como o paciente estarem conscientes de um

calor penetrante considerável quando as mãos do curador estão próximas do problema do paciente. Este calor não é um calor clínico, é uma força espiritual, porque quando um termómetro é interposto entre a mão do curador e o corpo do paciente, não há alteração no registo dos graus de calor.

Pode-se chegar a uma primeira conclusão, e esta é que um potencial molecular adicional é direcionado ao estado molecular físico particular, e a nenhum outro lugar; ou que uma força é direcionada à matéria doente que quebra a sua formação atómica. Seja por que meios for que a mudança é feita, não se pode escapar à verdade de que uma mudança química ocorreu nas substâncias impeditivas para permitir que uma articulação se mova sem ser danificada.

Em segundo lugar, a natureza, a força e a composição das energias remediais têm a sua origem na dimensão espiritual da vida.

Em terceiro lugar, deve chegar um momento em que as energias formadas no espírito são transformadas nos seus equivalentes físicos para provocar a mudança química planeada.

Em quarto lugar, deve haver uma diretiva de pensamento responsável por cada um destes processos.

Em quinto lugar, deve haver uma inteligência operativa responsável por todo o processo de cura, desde o pedido original de cura, o estabelecimento de um diagnóstico verdadeiro, a organização das forças remediais, a direção das forças de cura caracterizadas para a pessoa, e daí para a área da aflição. Assim, todo o processo é realizado de forma positiva por controlo de pensamento — isto é especialmente óbvio na Cura à Distância.

Se voltarmos à explicação da instrutora aos seus alunos, agora pode ser visualizada.

Não possuímos qualquer conhecimento positivo dos mecanismos pelos quais as inteligências espirituais são capazes de reunir as energias elementares remediais e contê-las numa condição para transferência ao paciente via o curador ou, no caso de Cura à Distância, ao eu espiritual do paciente, mas isto acontece. A partir das evidências que possuímos, podemos tirar conclusões que parecem lógicas. Se na dimensão do Espírito alguém é capaz de adquirir novo saber, então é lógico assumir que existem

lugares onde tais ensinamentos podem ser obtidos. Estes têm sido mencionados muitas vezes por guias espirituais através dos seus médiuns como “Salões de Aprendizagem”; é igualmente lógico supor que existem laboratórios espirituais onde o estudo das leis físicas e espirituais que governam o uso da energia é realizado. “Harwells” espirituais? Os nossos cientistas conseguiram quebrar a organização de um átomo de hidrogénio, e ao fazê-lo libertar um poder de energia tão tremendo que ameaça a continuação da existência deste planeta. Para quebrar um átomo de hidrogénio, é necessário um vasto espaço de laboratório cobrindo muitos hectares de terreno, mas na vida espiritual não seria necessário qualquer aparelho semelhante, tal como não há camiões, carros ou aerodeslizadores no Espírito.

Não devemos descartar a história da lição de John da instrutora demasiado depressa. Se o pensamento é uma força, então é a força mais poderosa que conhecemos — exceto talvez a da força vital que anima a matéria nesta e noutras dimensões.

A força do pensamento é uma vibração de ordem superior a qualquer outra forma de energia. Mesmo da forma humana rudimentar, pode influenciar a matéria. Pode influenciar para o bem a superação de doenças e aflições. É, portanto, razoável considerar num estado avançado de vida que este potencial pode ser desenvolvido para permitir, através do pensamento, a cooperação e o controlo de energias elementares e a sua manipulação como descrito pela instrutora.

Examinemos a posição mais a fundo. No Reino Unido, há mais de 5.000 curadores acreditados membros da National Federation of Spiritual Healers e estima-se que haja mais 5.000 curadores que são membros de outras organizações, igrejas, etc., e aqueles que não se declaram como pertencentes a qualquer organização. Não é possível avaliar verdadeiramente o número de curadores que praticam ativamente a cura no Commonwealth Britânico, onde vários países se afiliaram à nossa própria National Federation, mas deve somar um número muito grande.

Nos Estados Unidos da América, o número de curadores praticantes é bem superior a 20.000. A mesma história é contada na Europa e em África, onde associações estatais independentes também estão afiliadas, e a Cura Espiritual, tal como a entendemos, também é realizada na Índia e no Japão. Em setembro de 1975, foi formada uma “World Federation of Healing”.

Assim, o movimento de cura é mundial, e não pode haver dúvida de que curas de incurabilidades ocorrem com todos eles, caso contrário os esforços teriam diminuído e desaparecido. Em vez disso, há um sucesso cada vez maior com mais e mais pessoas doentes a procurarem ajuda de cura e tudo isto surgiu de sucessos na cura de doenças para as quais a ciência médica nada mais pode fazer.

Cada paciente é individual, cada doença e aflição varia de pessoa para pessoa. A qualidade da energia de cura necessária para superar a causa e os sintomas do problema com cada paciente deve também ser relativa ao sofredor: força, localização, órgãos afetados, perspetiva mental, e assim por diante. Cada cura é pessoal e requer um diagnóstico independente, o que implica uma avaliação individual tanto da causa do problema como da natureza do tratamento benéfico a ser direcionado para o doente.

Esta revisão leva-nos de volta ao problema do que se pensa ser os meios pelos quais as forças de cura são reunidas e direcionadas ao paciente.

Será que existe um grande Salão de Cura central ao qual os médicos e guias espirituais têm acesso, e onde as dezenas de milhares de sofredores terrestres são estudados e os seus problemas avaliados? E poderia ser que com a ajuda de um grande número de químicos espirituais de sabedoria avançada, as estruturas de energia molecular muito particulares sejam preparadas, e dadas ao guia de cura que as transfere ao seu paciente? Poderia ser que vários destes Salões de Cura estejam disponíveis, embora quando nos dizem que a distância tem pouca importância na vida espiritual, centros diferentes não deveriam ser necessários.

Nas nossas conjeturas, talvez o modus operandi mais simples seja favorecido. Para isso, precisaremos de imaginar que aqueles que agem por nós como guias ou médicos de cura adquiriram um conhecimento avançado das leis físicas e espirituais que governam a vida, as suas energias, e como elas podem ser feitas para cooperar umas com as outras. Se assim for, então deveríamos estar mais preparados para aceitar a capacidade do pensamento controlado pelo espírito de ter domínio sobre energias e forças, de forma semelhante àquela em que a instrutora usou o seu conhecimento para fazer argila e o “tecedor” para preparar o vestuário para o alfaiate e o construtor os seus materiais particulares. O médico espiritual, associado ao curador, faz o seu próprio diagnóstico e, a partir do seu conhecimento das propriedades e uso de energias, é capaz, pelo pensamento, de avaliar e

preparar as energias moleculares corretivas ou direcionar as forças paliativas de que o paciente precisa para ficar bem.

Capítulo 7

O RITMO VIVO

No tempo seguinte à reunião de John com Mary, ele por vezes deixava a sua mente viajar para trás na memória da sua vida terrena, revivendo e revivendo experiências do passado. Elas pareciam-lhe como "episódios num recetor de televisão" e ele podia ver-se a si mesmo a desempenhar o seu papel no evento particular. Eram expressivas de realidades passadas; pareciam ser monótonas e sem espírito em comparação com o seu novo estado de vida ativa, sendo muito mais alerta e consciente de estar "com isso" com todas as coisas.

Predominantemente na sua consciência de viver, parecia como se tudo, mesmo os objetos na casa, as paredes, o pátio, respirasse uma consciência expressando a alegria de ser visto, usado e apreciado, e disto emergia um som de harmonia e música. Até a terra dava a sua melodia e uma vez, quando John deixou a terra escorrer pelos seus dedos, ela emitiu sons minúsculos de tilintar que cascateavam para baixo e se empurravam suavemente uns aos outros. Um som diferente vinha da relva e ainda outro quando a água de fluxo suave era quebrada em variações mínimas da mesma harmonia ao fluir à volta de uma rocha e sobre as pedras.

John começou a reconhecer algumas das melodias com árvores, plantas, pedras e outras coisas à medida que emitiam a sua própria melodia individual. À medida que escutava mais atentamente, como se para encorajar ou desfrutar das notas musicais de qualquer coisa especial, assim se tornava mais dominante, sabendo que estava a ser escutada, e admirada, expressando o desejo de se tornar mais intimamente conhecida do ouvinte. Estes sons não eram insistentes ou perturbadores, e não seriam notados, nem procurariam intrometer-se, mas estavam lá como parte da consciência de viver.

Ao caminhar pelo jardim, cada flor tinha o seu próprio tom suave e com isso vinha uma melodia de cor de acordo com a sua natureza. Divertia John fechar os olhos e reconhecer flores não pelo seu cheiro, mas pela

combinação das melodias que fluíam para a sua consciência, e em breve foi capaz de nomear algumas delas. O perfume das flores misturava-se com as melodias, de modo que, em vez de as flores serem reconhecidas por um cheiro ou outro, tornava-se uma mistura subtil de perfume, visão, cor e melodia.

John conseguia reconhecer o perfume de algumas das flores que conhecia — como a rosa — mas havia uma diferença marcada no alcance e extensão do cheiro. Não terminava apenas com o perfume da rosa, mas ascendia a um refinamento da qualidade — tornava-se mais pessoal para a rosa nas suas qualidades rarefeitas, quase como se exibisse uma expressão espiritual da alma da flor. Foi desta forma que John soube que podia sentir uma maior gama de cheiros e sons do que alguma vez pudera antes.

Em breve, John tornou-se proficiente em nomear as flores com os olhos fechados enquanto caminhava pelo jardim. No entanto, havia uma planta especial que o intrigava grandemente até receber a explicação de Mary. Esta planta dominava o canto do jardim onde vivia. Era alta, forte e vibrante. O caule principal era tão robusto como o tronco de uma árvore venerável; as suas folhas brilhavam com saúde e vivacidade; onde cada folha emergia do caule, uma flor de pétalas em forma de diamante olhava ousadamente, as flores em si cintilando com cor... e John não conseguia deixar de se sentir impressionado pela força e majestade da sua glória.

Mary contou-lhe que, em certa ocasião, enquanto esperava pela chegada de John, ela viajara para longe, sem qualquer plano real na mente. Não sabia quão longe fora, mas num lugar convidativo junto a um fluxo de água azul em movimento, descansou. Ao fazê-lo, notou uma pequena planta com aspeto de erva daninha, vivendo sozinha; não havia outras plantas por perto, nem mesmo relva, e o chão estava nu. Mary sentiu tanta pena deste pedaço de planta que lutava para viver sem companheiros, que pensou em levá-la para casa para viver no seu jardim. Ao pensar nisso e olhar para a planta, Mary soube que ela estava ciente do seu amor e intenções, de modo que, quando foi colhê-la, descobriu que estava pronta para ser levantada do chão.

A planta foi levada para casa e colocada no jardim e, todos os dias, Mary falava com ela, dando-lhe o seu amor, um sentimento de amizade. Assim, a pequena coisa com aspeto de erva daninha cresceu, e cresceu, maior e mais forte do que os seus vizinhos — as suas flores tornaram-se maiores e

desenvolveram uma riqueza de cor; a sua melodia tornou-se mais forte e fundiu-se com as melodias de todas as outras plantas próximas. John aprendeu em breve que as flores são quase humanas no seu desejo de expressar o seu amor pela vida e como procuram o amor e o sentimento dos seus cuidadores. Descobriu por experiência pessoal que, quando uma flor amada se tornava negligenciada, murchava e empobrecia, e se isso continuasse e todo o propósito para a sua vida se perdesse, então a planta desapareceria ao desvanecer-se e deixar de existir.

À medida que estas coisas aconteciam, John sabia o quanto tinha de aprender e quão feliz se sentia por ter a oportunidade de o fazer. Percebeu que havia uma história diferente para cada planta viva, pássaro e coisa, e como cada uma tinha a sua própria personalidade e qualidade de vida.

Assim era também com as cores. Havia graus intermináveis de amarelos e rosas, bem como com todas as outras cores, que ele conhecia. Havia outras que nunca sonhara antes, cores que o elevavam espiritualmente, dando-lhe um sentimento de humildade impressionada e prazer interior por viver com elas. John sabia que a sua capacidade para compreender e apreciar verdadeiramente a riqueza e o significado ocultos das cores dependia do seu progresso na arte de conhecer e apreciar os potenciais profundamente escondidos que cada cor viva possuía. Mesmo nos primeiros dias, John estava ciente do desejo que as cores possuíam para o agradar, e elas esforçavam-se para o atrair, para encorajar a sua consciência da sua presença e beleza.

Na casa, as melodias persistiam, mas basicamente diferentes das emissões tonais das flores ou das águas. No seu quarto de descanso, os tons mudavam de acordo com o humor de John, expressando o desejo de conservar o seu modo de pensar. Quando desejava estar livre de pensamentos e repousante, a música tornava-se lenta e mais suave até se fundir, como um só, com a sua mente, e ele desvanecia-se no sono e no repouso.

Ao acordar, a mudança viria, as melodias parecendo refletir o seu desejo, tornando-se mais convincentes, mas não intrusivas, no tempo e fundindo-se com as suas inclinações.

Assim, John percebeu uma das diferenças fundamentais entre a vida terrena e a vida espiritual. No seu novo modo de viver, tudo expressava a força

vital e a faculdade de expressão com todos os pensamentos afins com os quais tinha uma associação. No seu quarto e em cada artigo dentro dele, havia “vida” e um sentimento de consciência, possuindo dentro de si os propósitos de pensamento daqueles que reuniram as energias para o criar. Uma amálgama de energias, com um propósito, e o artigo estava ciente desse propósito, e através da sua própria inteligência particular procurava cumprir o seu destino para o seu mestre. Na vida terrena, havia pouca ou nenhuma afinidade entre uma árvore, um poste e uma parede. Eram sem vida.

Eram apenas uma coleção de energias elementares existindo para si próprias, sujeitas à lei natural da existência e da decomposição. Pertenciam a si próprias e alguém teria pouca hesitação em serrar um pedaço de madeira ou arrancar couves-de-bruxelas do caule e cozê-las em água a ferver. Tais atos seriam totalmente revoltantes, se não impossíveis, de realizar na vida espiritual, pois seriam em desafio à verdade fundamental de que nenhuma forma de vida pode ter a sua vida tirada por um ato deliberado de assassinato.

Portanto, na vida espiritual, nenhuma pessoa pode matar outra, nem pode feri-la fisicamente, ou usar força contra alguém. Numa dimensão espiritual, não podem ser estabelecidos efeitos como os que se observam na dimensão física da vida terrena.

John ainda tinha de aprender que, quando não havia razão ou propósito para a existência continuada de algo — já não era necessário, o propósito para a sua existência cessaria e as energias compostas que eram o seu ser separavam-se e regressavam às suas formas primordiais. A decomposição na dimensão física seguia-se ao abrandamento das energias dentro do átomo. No Espírito, uma forma de inteligência e propósito tornava-se a lei de manutenção.

Capítulo 8

RECEÇÃO NO REINO ESPIRITUAL

Nenhum de nós sabe o que ocorre quando chega o momento da nossa transição para a vida espiritual, e de facto algumas pessoas dizem que a vida termina com o último suspiro. Um parente disse-me uma vez: “Se for como dizes, então a tua crença dar-te-á muita felicidade na contemplação de uma vida futura após esta, e, se não for, que importa?”

Pode ser que este livro possa ser uma contribuição para o ponto de vista da sobrevivência. Quando tive a ideia de escrever um livro sobre a Vida no Espírito, não tinha ideia do que escrever, além de algumas ideias gerais, e estas eram escassas. Não tinha qualquer plano em mente quando pus uma folha de papel na minha máquina de escrever, datilografei o título, depois a palavra “Prefácio”, e este é o que está impresso neste livro. Em seguida, foi o capítulo um, e à medida que os pensamentos fluíam, assim os datilografava com a ponta do meu dedo indicador direito... A primeira vez que datilografei foi numa tenda ao lado do Tigre em Bagdade, há sessenta anos, e não avancei mais desde esses dias — a minha datilografia ainda está cheia de erros, e quando revisto e verifico esta página antes de pedir à minha secretária para o fazer corretamente, parecerá um campo de batalha com rasuras e correções.

Não preparei uma lista de capítulos ou temas. Quando um capítulo terminava, perguntava a mim mesmo, qual é o próximo? e, indo para a máquina de escrever, a resposta viria. Assim, se o conteúdo deste livro é puramente da minha imaginação, surgindo de um cérebro ativo como um computador, ou se estou a receber na minha mente subconsciente um fluxo de pensamento intuitivo de outra fonte, que é transmitido à minha mente e cérebro para colocar os pensamentos em letras e palavras, ou se é uma mistura de ambos, não sei.

Sei que, quando curo, e a minha consciência está sintonizada com a fonte de cura, recebo intuitivamente pensamento diretivo relacionado com o diagnóstico da queixa do paciente — muitas vezes afastado do local do problema. Também recebo conselhos e diretivas para passar aos pacientes, especialmente àquelas pessoas infelizes com mentes perturbadas. De facto, o trabalho da minha vida não poderia ter ocorrido se não fosse pela faculdade de sintonização, na qual os meus pensamentos são recebidos

pelas inteligências em sintonia comigo, e segue-se que a minha mente é igualmente capaz de receber diretivas de pensamento.

Assim, se os pensamentos que já expressei e aqueles ainda por vir são literalmente verdadeiros no espírito ou os produtos da minha imaginação, ou ambos — quem pode dizer? — basta que a possibilidade exista de que possam, em algum grau, dar uma imagem da vida na dimensão espiritual, ou pelo menos um vislumbre parcial do que o nosso futuro património há de ser. Pelo menos, espero que o livro forneça alimento para alguma discussão e leitura, mesmo que seja derisório e divertido para a profunda sagacidade de uma mente experiente, cética e superior.

Como os membros da família humana são todos tão diferentes (em alguns aspetos fundamentalmente), é irracional esperar que cheguemos como uma companhia num grande caravançarai para abrigar todas as almas, ou que um aborígene encontre o seu lugar entre um assentamento de físicos nucleares ou esquimós.

É uma experiência natural esperar que, digamos, com o leitor médio deste livro, a sua entrada na vida espiritual siga mais ou menos as mesmas linhas que aconteceram com John. À chegada, o recém-chegado seria recebido pelos seus entes queridos, que teriam tido conhecimento antecipado da transição do amigo ou parente.

Uma experiência comum vale a pena recordar, que ocorre quando uma pessoa está perto do ponto de morte física. É quando o doente se torna consciente da presença de membros da família que já fizeram a mudança. O doente conversa com eles, para quem parecem mais reais do que os vivos ao redor do paciente. É provável que, em casos como estes, o corpo físico ainda retenha um grau de vida, mas o eu espiritual do paciente esteja a partir ou já tenha partido.

Assim, de forma mais geral e comum, um recém-chegado é recebido por aqueles que se importam com ele, e eles têm a responsabilidade de cuidar e dar a feliz introdução a uma existência mais real e duradoura.

É lógico concluir que, quando chega o momento da mudança, a pessoa que parte vai tal como é. Não se torna subitamente um anjo, cheio de graça e possuindo sabedoria infinita. Não saberá mais do que sabia anteriormente. Possuirá a sua personalidade, gostos e desgostos, a memória das suas experiências passadas, amores e ambições — será apenas ele próprio,

exceto que deixou para trás os seus entes queridos, a sua casa, a sua conta bancária e o seu carro. Os seus maiores tesouros serão aqueles atos de bondade e gentileza que a sua consciência lhe pediu para prestar. Do lado inverso, estará o seu conhecimento do mal e do dano que cometeu deliberadamente, pelo qual precisará de limpar a sua consciência através da retribuição.

Se for verdade que a luta eterna do bem contra o mal continua indefinidamente, segue-se que, como a cura está do lado de Deus e da bondade, é razoável antecipar que se fazem preparações para enfrentar todas as eventualidades e lidar com quaisquer problemas que apresentemos às pessoas espirituais.

É fácil ver que, quando uma pessoa idosa, que sofreu muito de uma doença prolongada e cujo perspetiva se tornou embotada e fraca, precisará de ser recebida em braços de bondade amorosa, colocada na quietude do repouso, ajudando a mente a aceitar lentamente a nova ordem das coisas, para o ajudar a tornar-se consciente de nova força, a levantar-se e mover-se, a comunicar com aqueles que cuidam dele, provavelmente um ente querido que conhece, e assim ser restaurado suavemente na força do "corpo" e na perspetiva, permitindo-lhe apreciar, mesmo que lentamente, as virtudes da vida espiritual. No nosso tempo, isto pode demorar um pouco, mas na vida espiritual pode demorar todo o tempo, ou nenhum tempo, onde não existem relógios, nem luz e escuridão, nem estações do ano.

Há aqueles na nossa vida que possuem saúde abundante e que, por um acidente, um desastre aéreo, uma colisão de automóvel, ou qualquer outra forma de morte violenta, se encontram subitamente transportados desta vida para a próxima. Pode-se ter a imagem mental das complicações subsequentes, mas algumas conclusões gerais podem ser estabelecidas.

Pode bem ser que, embora a natureza da passagem tenha sido violenta, isso não precise de ser uma memória dolorosa, pois a mente teve pouco tempo para a compreender; mas haveria o choque de deixar tanto para trás, particularmente quando um marido é separado da sua mulher e filhos, ou, de forma mais materialista, associações de negócios com responsabilidades para com outras pessoas; uma senhora dos seus animais de estimação que tanto significavam para ela; um homem cuja vida estava ligada ao cumprimento de uma ambição ou ao trabalho por uma causa.

Cada entrante precisaria de tratamento compassivo, paciente e compreensivo de acordo com as suas necessidades especiais. Alguns poderiam estar em choque pela sua infelicidade e dor em deixar para trás tudo o que lhes é querido; precisariam de ser levados e repousados, dados sono e assim levados a uma realização gentil do que acontecera. Seriam dadas notícias sobre os seus entes queridos e, à medida que um sentido de perspetiva viesse, poderiam bem envolver-se em alguma forma de serviço e preparação para o momento da reunião.

Mais trágicos poderiam ser aqueles que foram levados ao suicídio. Não seriam condenados à eternidade como algumas religiões nos querem fazer acreditar. Seriam tratados com um cuidado amoroso especial, sabendo quão mentalmente doentes as suas mentes torturadas sofreram de problemas que eram tão reais para eles, tão temíveis, que em pânico acabaram com as suas vidas terrenas pelas próprias mãos. Tal como uma pessoa normal possui o seu caráter e memória na passagem, assim pode ser que o infeliz ao entrar na nova vida ainda tenha os medos e razões para a perturbação, possivelmente uma dor profunda.

Uma mente sensível será capaz de criar uma imagem do tratamento que os médicos e enfermeiros espirituais lhes dariam; a voz suave e reconfortante, o dar de amor para apagar os efeitos de crueldades e indignidades, o dar de flores, conceder sono, restaurar a força da personalidade e confiança, reconstruir a sua perspetiva, e proporcionar-lhes uma nova via de serviço, possivelmente enfermagem ou alguma outra forma de prestar ajuda.

Há, claro, muitos mais tipos de necessidades especiais, por exemplo aqueles que são loucos, e tendo em conta as diferentes formas de loucura, obsessão, remorso, fervor religioso, o alcoólico, a vítima de drogas, a mente essencialmente dura e materialista, o avarento, o hipocondríaco, até à pessoa cujo caráter é mau, o sádico, o destruidor, o impiedoso. Na vida espiritual, todos têm o direito ao livre-arbítrio, para ir pelo caminho que desejam e, sem dúvida, aqueles com mentes más não ficarão contentes em permanecer onde reina o amor e a divindade e assim seguirão o seu próprio caminho.

Há, no entanto, outros fatores que têm um impacto direto em como as entradas são feitas no reino espiritual.

Se acreditamos que a vida no reino espiritual é ordenada, então deve haver regras que a controlam e aqueles que formam as regras. Vale a pena tentar formar uma imagem mental da escala de serviço e organização que deve ser aplicada ao único serviço de ajudar os recém-chegados da família humana à vida espiritual. Talvez devamos evitar a tendência para comparar o potencial espiritual às limitações humanas.

O número de humanos que passam para o Espírito a cada minuto deve ser muito grande, e, assumindo que todos são recebidos à chegada e que nenhum é deixado sozinho a vaguear no medo ou na admiração, o número de atendentes dedicados a este propósito deve ser muitos mais. Assumindo que um atendente só pode lidar com um entrante de cada vez, o número de atendentes deve ser multiplicado pelo número de entrantes e pelo tempo levado a lidar com cada um.

Acrescentado a esse número estarão os médicos e enfermeiros que precisam de lidar com casos especiais, alguns dos quais delineei, e todas as instalações para repousar e tratar os pacientes e a sua reabilitação à medida que lhes é mostrado o caminho para a normalidade da vida espiritual.

Neste vislumbre, podemos entrever como aqueles que desejam podem prestar serviço aos outros e ter a oportunidade de o fazer. É provável que existam outras vias de serviço a Deus, ao Espírito, que não é fácil para uma mente limitada fisicamente perceber. Há legiões daqueles que prestam orientação e serviço de cura aos doentes terrestres na mente, precisando de boa influência para trazer contentamento à perspetiva.

Há os médicos espirituais, e os números nos bastidores que frequentam os Templos de Cura, para os equipar com conhecimento que lhes permita tornarem-se um “médico espiritual” e assim por diante. O número de pessoas que escolhem servir Deus e o homem deve ser realmente muito grande. Por trás de todas estas boas almas, deve haver direção de uma fonte ainda mais elevada ou mais conhecedora, mas disto possivelmente podemos oferecer alguns pensamentos um pouco mais adiante.

Com base na premissa de que, ao entrar na vida espiritual, alguém é mental, emocional e moralmente o mesmo que era anteriormente, surge a conjetura de prováveis dificuldades enfrentadas por aqueles que se encontram e administram as leis que governam a vida espiritual. Onde existe inimizade e ódio por uma secção da comunidade em relação a outra,

implica que, quando um católico romano militante e um protestante igualmente militante chegam ao Espírito, continuarão por algum tempo a expressar hostilidade um ao outro. À medida que os números de chegadas contestantes entram no Espírito, é lógico que se unam. Embora se deva recordar que entraram numa dimensão não física, não são capazes de se magoar mutuamente num sentido físico.

Pode bem ser que pudessem ser direcionados para áreas diferentes (e não pode haver limitação destas), de modo que, quando ocupados com outros assuntos, os preconceitos do passado se desvaneçam. É viável acreditar que permanecem divisões de opiniões, especialmente religiosas, sem ódio e sendo tolerantes umas com as outras. É natural que desejem continuar a praticar as suas respetivas religiões. Este aspeto será tratado mais detalhadamente mais adiante.

Há outras divisões que podem ser importantes nas fases iniciais da vida espiritual. Estas são unidades e lealdades tradicionais entre povos da sua própria raça, por isso não seria de admirar se procurassem uma vida comunitária na vida espiritual.

Pode-se assumir razoavelmente que, à medida que a vida espiritual prossegue e os potenciais de desenvolvimento superior nas artes, sabedoria, e a apreciação da vida livre de limitações físicas, muitas das antigas filosofias do mundo velho, amor pelo poder e posses, relíquias de uma forma de vida baseada num código de valores materialista, diminuirão progressivamente; os preconceitos religiosos desaparecerão, o patriotismo nacionalista mudará para um amor saudável por toda a vida, e, claro, as restrições raciais desaparecerão.

Verdade, pode demorar mais tempo a induzir mudanças onde as diferenças são mais fortes, como entre preto, amarelo e branco; mas mudarão à medida que os valores espirituais substituem os antigos.

As pessoas brancas preferem um médico branco, embora nos últimos tempos médicos e enfermeiros de cor estejam a tornar-se “aceites” de uma forma geral. Na África do Sul, há curadores espirituais brancos e de cor, e descobriu-se que uma pessoa doente de cor prefere invariavelmente um curador de cor a um branco, mesmo quando o curador branco tem mais experiência e conhecimento da ciência espiritual.

É, portanto, natural que, quando um negro, por exemplo, passa para o espírito, prefira fortemente encontrar-se entre outras pessoas negras. Se for recebido pelos seus entes queridos, então sentir-se-á tão em casa como John se sentiu.

Capítulo 9

A MEDIDA DA IDADE E DA MUDANÇA NO ESPÍRITO

John e Mary estavam sentados calmamente juntos, contemplando o seu jardim, quando John surpreendeu Mary ao perguntar-lhe: "Há quanto tempo estamos juntos novamente?" Mary ficou intrigada por um momento ou dois, mas, lendo a mente de John, respondeu: "Vejo que estás a tentar calcular este tempo na escala terrena. Não há semanas nem anos aqui; reconhecemos a passagem do tempo quando uma mudança em qualquer coisa pode ser notada." John olhou para Mary enquanto ela explicava isto, e após um pouco olhou para ela novamente e disse: "Sabes, Mary, também vi a mudança em ti, pois estás a parecer muito mais jovem e mais bela à medida que cada dia passa."

Mary sorriu e os seus olhos brilharam de alegria ao receber os elogios de John. Depois olhou para John e perguntou-lhe: "Olhaste para ti próprio ultimamente?"

John abanou a cabeça, e interiormente pensou que não me lembro de olhar para um espelho desde que cheguei aqui, e, após um momento de pensamento adicional, disse: "Sabes, não temos um espelho em lado nenhum da casa."

"Não," respondeu ela. "Porquê precisamos de um? Vemo-nos um ao outro todos os dias. Não há necessidade de qualquer tipo de meio externo para registar a atração física que temos um pelo outro, nem precisamos de fazer qualquer preparação para eu tentar realçar-me aos teus olhos, pois isso seria vazio e irreal. Esta é uma das diferenças entre nós e a vida terrena; onde um homem tem de proteger uma querida contra ser possuída por outro ou para a senhora manter o amor do marido tentando tornar-se mais atraente do que naturalmente é.

"Conhecemo-nos mutuamente de forma mais íntima do que quando vivíamos juntos antes, pois agora estamos tão unidos que podemos olhar

para a alma um do outro e estamos felizes com o que vemos." Mary continuou a dizer: "Quando pegas na minha mão, o nosso sentido de toque é tão forte que se torna como uma união das nossas forças 'vitais', e não pode haver maior intimidade do que esta. Vou buscar algo para ti."

Mary entrou em casa para regressar com um pequeno objeto, não maior do que a palma de uma mão. Era prata brunida e coberta com um revestimento transparente que permitia que o reflexo fosse puro, profundo e "penetrante".

"Olha para ti próprio nisto," pediu Mary a John.

Ele pegou nele e olhou para o seu reflexo, mostrando espanto marcado. "Sou eu?" Mary acenou com a cabeça. "Mas estou mudado, não sou mais velho do que quando tinha vinte e poucos anos! O meu rosto está limpo, os meus olhos olham para mim como se estivessem a olhar mas não a acreditar no que veem. Tinha cabelo comprido, mas este é mais curto, parece vivo, já não riscado e baço." John continuou: "Não vi um cabeleireiro desde que cheguei, porque parece tão novo? O que nos aconteceu? Somos tão jovens novamente."

Demorou um pouco a Mary explicar que, como não estavam agora a viver na dimensão física, não podiam possuir quaisquer características que fossem o produto de um modo de vida físico, e a idade e a decomposição eram duas delas. No Espírito, perde-se todos os sintomas de idade e transforma-se no eu perfeito e imaculado.

Embora isto se aplicasse no Espírito, não significava que todos os rostos mostrassem paz e felicidade. O rosto podia ser como um barómetro mostrando o tipo de pessoa que o possuía. Continuou a dizer que há todos os tipos de pessoas no Espírito, contentes e descontentes, pessoas boas e más. Felizmente não se misturam, pois o semelhante gosta de estar com o semelhante. Há aqueles que sofrem o remorso da retribuição por atos de dano consciente pelos quais foram responsáveis na sua vida terrena.

John disse que gostaria de falar sobre isto mais tarde, pois a sua mente estava tão ocupada com o pensamento maravilhoso de que não se podia envelhecer mais. Virando-se para Mary, perguntou: "Queres dizer que podemos ficar aqui, só tu e eu, na nossa casa e jardim para sempre?"

Mary fez uma pausa por um momento antes de responder, pois queria que John encontrasse a resposta à sua pergunta por si mesmo e ele encontrou, pois antes de Mary falar, John acrescentou: “Mas claro que devemos encontrar algo que valha a pena fazer para merecer a felicidade que agora desfrutamos.” Mary ficou contente por ter esperado que John encontrasse a resposta, mas havia uma série de outras perguntas a que ele queria uma resposta.

Uma delas era no sentido de que John tinha visto crianças e até bebés nas suas saídas, e queria saber se ficavam exatamente como estavam ou se cresciam.

Assim, Mary teve de explicar que, uma vez formada uma nova vida, e isto ocorria na conceção na vida terrena assim que os cromossomas de um espermatozoide se uniam aos dentro do óvulo, mesmo que o seu período de vida física fosse apenas um momento, uma nova vida nasceria e seria recebida no Espírito onde seria cuidada com amor até crescer para atingir o auge da vida agora desfrutado por John e Mary.

Mary disse a John que esta lei governava toda a vida, e também o reino animal. Com o homem, no entanto, enquanto o seu eu retratava o seu progresso espiritual, sabedoria e felicidade, podia apresentar-se como desejasse. Se desejasse aparecer venerável com cabelo branco e barba, então podia. Se amasse o seu corpo e desejasse que transmitisse força e agilidade, então podia ser assim e tornar-se musculoso como Sansão. Isto respondia a outro enigma de John.

Numa visita ao Templo da Compreensão Nuclear (ver a história já contada no Capítulo 6), achou difícil compreender porque é que os professores de disciplinas avançadas pareciam ter uma aparência tão juvenil e perguntou-se como poderiam ter adquirido tal grande sabedoria enquanto tão jovens. Também se lembrou, no mesmo Templo, de passar por uma sala aberta onde um número de homens obviamente eruditos escutavam um homem de aparência muito venerável com barba branca, que carregava consigo uma “atmosfera” de sabedoria e autoridade excedentes. Ele obviamente preferia esta forma de aparência para apresentar a sua dignidade e qualificações àqueles que ensinava.

John começou a estudar rostos, para ver se conseguia descobrir por si mesmo que tipo de pessoas eram estas, por trás da personalidade que

expressavam. Numa ocasião, uma pessoa caminhava na sua direção e John ficou impressionado pela luminância que irradiava de todo o seu ser. Havia um olhar de êxtase no rosto e uma virilidade vigorosa no seu movimento. Este era alguém que havia alcançado progresso espiritual e com ele sabedoria. John esperava que um dia fosse assim. Quando o homem passou, os seus olhares cruzaram-se e John ganhou coragem do encontro, como era suposto.

Discutindo isto e outros assuntos, John comentou com Mary que não tinha visto unhas pintadas de cor, ou sinais de batom e sombra para olhos. Mary explicou que só veria estes sinais com chegadas recentes da terra, que por um tempo continuavam a usar cosméticos, pois era o seu hábito e não sabiam melhor. Era quando se acostumavam à nova ordem das coisas, e sabiam que não podiam adicionar à sua própria beleza natural colocando outras cores e linhas nos seus rostos, que veriam a futilidade de tentar tornarem-se melhores do que eram. À medida que as linhas de cansaço físico e idade os abandonavam, e se transformavam no estado de realização contente, tornava-se aparente que não havia necessidade de todos os auxiliares que outrora usavam.

John foi informado das transformações rápidas que aconteciam quando pessoas atrasadas e violentas de uma raça primitiva e selvagem chegavam ao Espírito. Eram guiadas para a sua própria comunidade, onde encontravam outros da tribo que os haviam precedido. Chegavam adornados com a sua habitual “pintura de guerra” assustadora e caretas. A única ideia era matar, e ficavam atónitos com incredulidade quando descobriam que não podiam magoar ninguém. Podiam reconhecer os traços dos seus amigos que os haviam precedido recentemente e com mais espanto já não usavam a pintura de guerra tribal, não havia caretas ferozes e, o mais estranho de tudo, eram recebidos com sorrisos.

Talvez fosse que as regras de vida na dimensão espiritual eram tão totalmente opostas à selvageria primitiva que a maior diferença era notada na rapidez da mudança de um padrão para outro. Se John tivesse sido capaz de testemunhar isto, não poderia deixar de observar a mudança rápida de traços de um extremo para o oposto.

Disto, John perguntou-se se seria uma história semelhante quando bestas selvagens como o tigre chegavam à vida espiritual — ou chegavam? perguntou. Se o tigre não tivesse necessidade de comer carne, não haveria

necessidade de caçar, e talvez pudesse ser um caso do tigre com o proverbial leão deitando-se com o cordeiro? John tinha muito mais a aprender sobre isto um pouco mais adiante.

Capítulo 10

PROGRESSÃO ESPIRITUAL E ORGANIZAÇÃO

Quando se considera que todo o tipo de pessoas, os gentis, turbulentos, frívolos e eruditos, ordenados e loucos, entram na sua vida espiritual num fluxo interminável, cada um precisando de uma receção especial e orientação de acordo com a sua necessidade especial, então é necessário um alto grau de organização e experiência para lidar com qualquer necessidade que surja. Pode-se tentar imaginar a situação volátil quando ocorre um desastre terrestre, enviando centenas de pessoas subitamente e sem qualquer preparação para uma nova vida; mas onde há organização, há liderança.

Do nosso vislumbre muito limitado na vida espiritual, com a sua economia ordenada, as artes, ciências, as profissões e o uso de energias, deve haver uma grande necessidade de professores e mestres das artes para dar instrução àqueles que procuram adquirir conhecimento e avanço. Sobre estes, mentes superiores são necessárias para correlacionar qualquer secção de empreendimento com as outras para chegar a conclusões, pois sem dúvida é desta forma, por tentativa e erro, passo a passo, que o progresso total é feito. É através de tais estudos que os preceitos governantes se baseiam em verdades capazes de serem demonstradas. Assim, quando uma nova verdade emerge, torna-se uma parte integral da vida.

John perguntou a Mary como era que lhe fora permitido escolher um local tão maravilhoso para a sua casa e o que havia para impedir outra pessoa de construir outra em frente, obscurecendo assim a vista do campo?

Mary disse a John que havia uma “mente supervisora” em cada localidade, ou com um grupo de pessoas, grande ou pequeno, uma espécie de “provedor de justiça” que servia os interesses comunais e a quem qualquer problema podia ser levado ou receber uma “permissão”. A sua decisão era invariavelmente aceite, pois o provedor seria alguém grandemente

experiente na operação das leis espirituais e na sua interpretação. No improvável evento de a sua decisão ser contestada, o problema podia ser revisto por um dos Mestres cuja decisão seria final. Assim foi com a permissão dada a Mary que ela pôde ter a sua casa construída num cenário tão encantador. Continuou a dizer que, embora todos tivessem o pleno direito de expressar a sua livre vontade e ninguém estivesse sob o controlo ou jurisdição de qualquer outra pessoa, não ofendiam contra a liberdade e ação livre de ninguém mais. Para alguém desafiar a decisão do administrador local e tentar construir uma nova casa que ofendesse Mary seria contrariar esta lei.

"Mas," disse John, "não vi polícias, então como poderia alguém ser impedido de construir uma casa onde quisesse?" Mary foi capaz de responder a esta questão também. "Não temos polícias nem prisões. Vivemos em harmonia uns com os outros sob orientação de mentes sábias. Se houver uma pessoa que queira agir independentemente em desafio às regras e desejos da comunidade, encontrar-se-ia isolada, pois nenhum outro cooperaria com ela. Não poderia construir uma casa sem a cooperação dos construtores e de todas as outras ciências e serviços que estariam envolvidos nisso. Então, John querido, porquê deixar que a tua mente se preocupe com tais coisas que não acontecem?"

Noutra ocasião, foram atraídos por uma igreja de design simples. Era pequena, mas possuía um apelo pessoal de si mesma, como se os estivesse a acolher de braços abertos. Entraram. O interior tinha a beleza da simplicidade; não havia símbolos ou arte no design; não havia altar ou peça de cabeceira como tal, mas do centro da igreja irradiava um brilho de calor dourado e cores que John não conseguia nomear, não as tendo visto antes. Em frente ao brilho, sentava-se um homem vestido de branco; acenou-lhes para se aproximarem e se sentarem com ele. Fizeram-no e, ao olharem para o seu rosto, transmitia uma impressão de santidade interior e sabedoria excedente, o que os fez baixar os olhos como se fossem demasiado humildes para o poderem olhar.

Com uma voz suave, o homem disse: "Sou um professor, o meu nome é Beulah. Não tenhais medo, pois tenho estado à vossa espera. Nenhum de vós está aqui há muito tempo, mas como agora estais juntos novamente, fui enviado para vos ajudar. Os vossos esforços para buscar os valores

espirituais na vida foram notados e estais a progredir. Como posso ajudar-vos? O que desejais saber?”

Tanto John como Mary sentiram-se um pouco tímidos para falar durante algum tempo. Foi a voz de John que se ouviu primeiro, e perguntou:

“Já estamos em dívida convosco por nos permitirdes estar aqui convosco. Possuís grande conhecimento e deveis ter viajado longe, recebendo sabedoria dos santos celestiais. Acabei de deixar a minha vida terrena e sou muito novo em tudo aqui. Como posso ser como vós? O que devo fazer para compreender o que sabeis e como posso ajudar os outros como nos estais a ajudar?”

Beulah respondeu: “Para responder à vossa pergunta plenamente, precisareis de percorrer os caminhos da vida, como eu fiz. Não há resposta curta. Deveríamos precisar de viajar para trás até ao tempo em que Deus deu as leis da criação... mas isso demoraria demasiado tempo. Talvez, no entanto, possamos voltar ao tempo do despertar da consciência espiritual do homem nos vossos tempos mais recentes. Isso seria quando os povos foram libertados da escravatura, ou de estar sob a ditadura de um homem; à mudança das perspetivas religiosas da perseguição e tortura; ao cuidado dos idosos e dos enfermos; à proteção das crianças da exploração; ao reconhecimento de que o homem tem responsabilidade para com o seu irmão homem e, a partir daí, para com todos os homens, quer sejam de uma cor ou de outra; e depois, talvez, à consciência de uma responsabilidade crescente para com os irmãos menores, o reino animal.

“Devemos guiar as pessoas e dar direção aos líderes de pensamento na terra para mudar o código de valores em que a civilização tem assentado. Estes são construídos sobre a ganância pelo poder, o amor pelas posses materiais e o lucro independentemente do sofrimento que possa causar aos outros. Há muitas boas almas na vida terrena que advogam estas verdades de amor, responsabilidade e serenidade com o conhecimento de que nada pode ser destruído e particularmente a vida — que uma herança espiritual está diante de todos. À medida que estas verdades se tornam conhecidas e aceites, a ideologia física aproximar-se-á da do Espírito, de modo que a mudança no código de valores terreno superará progressivamente os modos ignóbeis da humanidade durante a sua vida mundana.

“Talvez, então, uma das formas em que ambos podeis servir Deus e o homem se encontre na vossa direção de boas influências àqueles com quem podeis estabelecer algum grau de comunicação.”

“É uma ideia maravilhosa,” disse John: “mas não deveríamos ter necessidade de treino em como aconselhar as pessoas e aprender o modo de comunicar, e isso não ocuparia uma grande quantidade de tempo?”

“O tempo aqui é relativo ao que diz respeito,” respondeu Beulah. “Na terra, tudo é medido pelo tempo. Aqui não há tal medição. Os períodos de atividade são notados pela mudança que ocorreu como resultado da atividade. O progresso aqui pode ser desproporcional se se tentar equiparar a mudança com o tempo físico. Quando há um propósito definido a cumprir, como o vosso ganho de conhecimento tanto das leis físicas como das nossas aqui, a quantidade de tempo usada pode ser comparativamente muito breve. Muito depende do professor e do aluno. Deixai-me contar-vos uma história para ilustrar isto:

“Um recém-chegado, como tu, John, não se contentava em estudar com os outros principiantes, por isso foi ao Mestre do Salão de Aprendizagem e pediu para ser tomado sob a sua tutoria a fim de aprender tudo o que havia para saber muito mais depressa. O Mestre levou este jovem ao seu laboratório, colocou um banquinho em frente a uma taça contendo um único peixe-dourado, deu-lhe um lápis e papel, e instruiu-o a ‘subir para o banquinho e olhar para o peixe. Escreve tudo o que vês.’

“O jovem intrigado fez notas obedientemente, observando o tamanho, a forma, a cor e o movimento do peixe-dourado. Finalmente levou as notas ao Mestre, com o comentário seco: ‘Terminei.’

“‘Ah, sim,’ disse o Mestre, ‘és o jovem a quem dei a tarefa de olhar para o peixe. Há quanto tempo estás a fazê-lo?’

“‘Uma hora,’ respondeu o jovem, pois conseguia compreender as medições físicas.

“‘Uma hora inteira. Bem, volta e senta-te em frente àquela taça de peixe durante seis meses. No final desse tempo, deves saber algo sobre um peixe, e posso usar-te no meu trabalho.’

“O aluno ficou horrorizado. ‘Seis meses!’ exclamou. ‘O que há na vida deste peixe que eu já não tenha visto?’

“‘O peixe em si,’ foi a resposta. ‘Só olhaste para ele; não o viste.’

“Após quatro meses de se sentar no banquinho, observando o peixe-dourado dez horas por dia, seis dias por semana durante treze semanas, subitamente sentou-se direito e reparou pela primeira vez realmente no peixe. Subitamente descobrira que era como nenhuma outra criatura viva que havia visto antes. Pensou: ‘O que é um peixe, afinal?’ e ‘Posso possivelmente aprender algo com o comportamento que este peixe particular exibe?’ Isto despertou o seu interesse e, quando, ao completar os seus seis meses de estágio, o Mestre finalmente disse que podia ser dispensado da sua tarefa de observar o pequeno peixe único, o rapaz respondeu: ‘Não quero deixar de olhar para este peixe. Estou apenas a começar a aprender tanto sobre ele.’

“‘Bem,’ respondeu o Mestre, ‘estás a progredir, meu filho. Senta-te aí mesmo durante seis anos, e provavelmente saberás mais sobre um peixe do que qualquer um dos meus professores.’ Era uma declaração da maior sabedoria, e pode bem ser aplicada a todos os que buscam saber qual é a sabedoria adicional a conhecer. O desenvolvimento de dons espirituais nunca acaba, pois não podemos alcançar a perfeição, pois isso é Deus; mas devemos sempre tentar.”

John agradeceu a Beulah pela sua história, e disse-lhe que ficariam felizes e contentes em começar pelo princípio e ser pacientes, mas havia outra pergunta sobre a qual valorizaria orientação.

“Pergunta, meu filho!” disse Beulah.

“Sei que há muitas religiões, das quais o Cristianismo é apenas uma, e mesmo esta está desunida com crenças diferentes dentro dela. Podeis dizer-me, por favor, qual de todas as religiões é a que melhor nos ajudará no nosso progresso espiritual?”

“Os vossos professores têm andado numa corda bamba a tentar manter o equilíbrio com a Bíblia numa mão e a ciência na outra,” disse Beulah. “Fizeram pouco progresso, pois enquanto conseguiam manter um grau de equidade, perdiam de vista onde desejavam chegar. Disseram-vos que Deus criara o homem, mas foi um homem chamado Darwin que descobriu como ele o fizera. Ensinaram-vos que o mundo com todas as suas espécies vivas foram criados por Deus em seis dias, e para justificar isto os vossos

cientistas dizem que para Deus, um dia era mil anos, e mil anos um dia — que o tempo era relativo.

“Os vossos cientistas chegaram à mesma conclusão que a do Génesis: a vida começou no oceano e os mares salgados pululavam de vida, o ar encheu-se de espécies aladas, e chegou o dia em que coisas rastejantes e todas as bestas da terra começaram a mover-se em terra seca. O Génesis concorda na medida em que o homem foi o último de todos a vir à existência num mundo pronto de plantas e bestas. Tudo rodava e tiquetaqueava, tudo funcionava antes do homem, mas não através de qualquer esforço seu.

“Não foram cometidos erros no design complexo do Criador. De acordo com o Génesis, Deus ficou satisfeito com o mundo como o criara, de modo que no sétimo dia parou de criar e foi descansar. O homem foi deixado algo nu, mas bem provido, como qualquer pássaro ou besta antes dele. Deus era misericordioso e não deixaria a espécie humana que criara passar fome. O vosso cientista concorda com isto também, pois o homem não poderia ter evoluído de qualquer besta se a natureza não o tivesse favorecido e provido amplamente para a sua sobrevivência.

“Foi aqui que o homem perdeu o contacto com os seus professores. Foi quando o conflito começou. Conflito entre o Criador e o criado e conflito entre a mão direita e esquerda dos professores malabaristas. Pois enquanto Deus estava satisfeito com o seu trabalho, o homem não estava. Deus tinha a certeza de que dera ao homem um ambiente perfeito, mas o homem não concordava. Enquanto Deus descansava, o homem assumiu o controlo. O homem queria progresso. Progresso do Paraíso.

“O homem também trabalhava sete dias e pensava que agradava a Deus se também descansasse no sétimo. O homem discutia entre os seus semelhantes sobre se deviam descansar aos domingos, aos sábados ou às sextas-feiras. Mas quer fossem cristãos, judeus ou muçulmanos, apressavam-se a voltar ao trabalho no oitavo dia e continuavam a sua luta para fazer um mundo melhor.

Durante séculos, Deus descansou, enquanto o homem inventava rodas e carros. Deus não pensou em criar dinamite ou a necessidade de fissão nuclear. Reconheceu as Suas próprias deficiências quando viu o que o homem podia fazer? Os adultos religiosos pareciam acreditar que Deus

guiara os cérebros do homem para garantir que cada passo que dávamos significasse progresso. Aprovava a remodelação do homem de tudo o que Ele fizera? O homem foi ensinado que Deus o deixara responsável com capacidade e liberdade para construir e destruir, para avançar e recuar, para rejubilar e sofrer, guiado pela inteligência, intuição e consciência que lhe fora dada. Seguramente isto tinha de ser correto se fosse verdade que o Criador recompensaria ou puniria na vida após a morte de acordo com o comportamento do homem."

Beulah fez uma pausa por um momento ou dois, e depois disse: "Tende paciência comigo e contar-vos-ei outra história. Esta é uma história contada nos nossos infantários para crianças pequenas, mas terá dentro dela a resposta à vossa pergunta.

"Com a doação à terra das Suas leis de criação, Deus estabeleceu o homem primitivo sobre ela, e construiu para todos a Igreja de Todas as Almas. Esta Igreja era de beleza excedente. O material espiritual das suas paredes irradiava calor e amor. As superfícies eram suaves como alabastro. Dentro da Igreja havia riqueza incomparável, retratando a arte do escultor, gravador, pintor e todos estes com os símbolos das suas artes, e as buscas espirituais do homem. Havia ouro e prata e gemas ricas de todos os tipos. A Igreja era a personificação da reverência, amor, sacrifício e devoção.

Era a Igreja de Deus para Todas as Almas.

Aqueles que conseguiam assistir representavam todas as secções da família humana, as pessoas amarelas do Oriente, os povos de pele escura das terras quentes, e os seus irmãos mais brancos também. Todos adoravam juntos e todos eram como irmãos.

"Chegou o tempo em que Deus deu ao homem o seu livre-arbítrio, tornando-o responsável pelo seu modo de vida de acordo com a sua consciência e com isso cresceu o prazer do poder e o amor pela posse... ser mais forte e abastado do que o seu vizinho. Era apenas natural que cada secção de pessoas reclamasse a Igreja de Todas as Almas como sua. Em breve, desenvolveram-se brigas, à medida que cada um levava aquilo a que pensava ter direito. Os ornamentos de ouro e prata e joias desapareceram, assim como os livros maravilhosos e obras de arte, até que toda a Igreja foi despedaçada e distribuída pelos povos do mundo.

“Por estas porções da Igreja, todos os tipos de crimes foram cometidos em seu nome. Países foram devastados pela guerra, ódios gerados, pessoas torturadas e mortas em nome de Deus e da religião.

“Que parte, então,” perguntou Beulah, “é a parte certa para vos dar uma entrada mais favorável no Reino dos Céus?

“Chegará o tempo em que, através do conhecimento e compreensão espiritual, os povos trarão a sua parte do amor de Deus e juntá-la-ão à dos outros. Desta forma, a Igreja de Todas as Almas será reconstruída, e o homem através do seu livre-arbítrio e amor descobrirá a verdade de que Deus é Amor, e todos viverão juntos em comunhão feliz à vista de Deus.

“Essa é a nossa tarefa, a do ‘bem’ contra o ‘mal’, trazer toda a humanidade a aceitar as verdades simples e assim emancipar as nações da inimizade e do medo, demonstrando que o homem não é um animal terreno, mas é afim ao Espírito nesta vida agora. Ambos vós, John e Mary, estais destinados a este propósito, e à medida que reunis sabedoria e vos tornais clarividentes, encontrareis o vosso caminho para apressar o dia em que mais uma vez a luz brilhará da Igreja de Todas as Almas até ao canto mais distante do universo e então, com a união dos propósitos Divinos em ambos os modos de vida, começaremos a viver como Deus nos destinou no princípio.

“Assim seja,” disse o sacerdote. “Se alguma vez sentirdes que vos posso ajudar mais adiante na via que escolheis, então estarei aqui. Por favor, lembrai-vos, não há forma de medir o vosso próprio avanço espiritual — não há linhas a cruzar, nenhum estado separado um do outro, não há planos diferentes de espiritualidade para os quais tendes direito de ascender. O plano de progresso espiritual não é uma escadaria, mas sim como uma espiral ascendente, dando-vos maior força para dar a todas as almas a felicidade e o direito de buscar novos valores e ganhar progresso espiritual através do serviço, compreensão e experiência.

“A luta intensa entre o bem e o mal está nessas condições mais próximas da vida terrena. É aí que a luta é mais feroz para trazer os recém-chegados a ver a luz da bondade e felicidade. Juntar-se aos esforços constantemente feitos por médicos, cientistas, psicólogos, e muitos, muitos outros de bom coração que cumprem a intenção de Deus, para que cada alma possa descobrir o seu próprio caminho de progressão sobre o pecado, a doença, o mal e toda a outra baixeza.

“Então, quando tiverdes ganho pela vossa labuta a paz interior, para vos dar o direito à sabedoria espiritual, para estudar as belezas maiores da arte, cor, vida, literatura e todos os ofícios afins que encontrareis no caminho, assim tereis o futuro de um horizonte ilimitado para o qual ambos podeis viajar, juntos, um avanço para a felicidade infinda e o cumprimento do propósito de Deus em vós. Assim, Glória Seja.”

Foi com estas palavras finais que Beulah se fundiu com o brilho e deixou de ser visto.

John e Mary foram para casa, com os seus corações e mentes demasiado cheios para conversa.

Capítulo 11

O REINO ANIMAL E VIAJAR

Ao ouvir algumas histórias bastante radiantes dos lugares onde outras criaturas vivas além do homem eram cuidadas, John e Mary decidiram que gostariam de os visitar, mas a mente inquisitiva de John fê-lo perguntar: “Como sabemos para onde ir e como chegamos lá?” Continuou: “É bastante estranho, mas não me lembro de ter visto uma roda desde que cheguei aqui; não há veículos — nem mesmo uma bicicleta.” Enquanto a sua mente ponderava sobre isto, percebeu novamente que não devia tomar as condições na terra como padrão na vida espiritual, e assim, onde o uso de rodas era um auxílio físico necessário para lidar com viagens de lugar para lugar na terra, isso não se aplicava na vida espiritual.

Discutindo isto com Mary, ela lembrou-lhe que num plano material de vida o corpo físico era pouco mais do que o veículo para o eu. Permitia que a vida física fosse mantida, absorver oxigénio na respiração, ingerir nutrição para fornecer o combustível para o corpo ser sustentado e um bom tom de saúde mantido através da circulação. Até agora, tinham visitado lugares usando as pernas como meio de viajar de lugar para lugar, sem esforço ou cansaço; não tinham razão para medir quantos passos levava ou o que mais pudesse acontecer enquanto o faziam.

“Agora,” disse Mary, “aqui estamos, sentados no pórtico da nossa casa. Olha para o extremo do jardim, não te concentres, apenas deseja estar lá e eu irei contigo.” Um momento depois, estavam juntos no extremo do

jardim. John ficou atónito. Mary disse então: “Eu volto, e tu ficas aqui. Espera até me veres lá e depois volta e junta-te a mim.”

Quase ao dizer isto, John viu-a desaparecer do seu lado e, olhando para a casa, lá estava Mary sentada no pórtico. Foi apenas uma sequência natural de pensamento para John “desejar” estar de volta com Mary, e ao desejar isto, encontrou-se com ela.

“Deves lembrar-te,” comentou Mary, “que o teu corpo não é o verdadeiro tu — é apenas o veículo para a tua mente usar. Se tivesses viajado sozinho, e eu não soubesse por que caminho tinhas ido, só precisaria de deixar a minha mente deter-se em ti, desejar estar contigo, e estaria ao teu lado. Se tu, John querido, tivesses feito uma viagem e perdido o teu conhecimento de direção e não soubesses o caminho para casa, só precisarias de virar os teus pensamentos para esta casa, recordá-la na tua mente e desejar estar de volta aqui e isso aconteceria — estarias de volta a casa.”

É por isso que não precisamos de carruagens ou bicicletas. Quando tens o desejo de estar com um amigo, o teu amigo saberá disso simultaneamente, e podeis trocar pensamentos e notícias ou discutir perspetivas, sem a necessidade de estardes juntos, mas claro que, se for o desejo de qualquer um de vós de se encontrarem pessoalmente, isso seguirá e assim será.

John resumiu isto rapidamente e disse: “Então é impossível perder-se desde que se consiga lembrar o que passou antes?”

Assim, foi que John e Mary, desejando visitar os animais, se encontraram num terreno diferente. Era uma paisagem com árvores, colinas e água. Enquanto olhavam ao redor, apareceu um jovem viril e deu-lhes uma saudação e boas-vindas.

“Fui enviado para vos dar as boas-vindas. Sou um daqueles que cuidam dos animais e encorajam os outros a compreendê-los e amá-los também. Sou conhecido como Zimba, e os leões são os meus amigos especiais. Vinde comigo e não tenhais medo. Deveis lembrar-vos de que, tal como já não sois terrenos, mas de espírito, assim são todos os animais também. Na terra, um leão tem de matar para poder comer.

Quando comeu, o desejo de matar desaparece e ele descansará, e quando forneceu comida à sua companheira e aos seus filhos, fica contente por um tempo. Como sabeis, aqui não há necessidade de comer para manter a

força, não há fome e, portanto, não há desejo de matar aqui. Isto é assim com todos os animais. Não há necessidade de uma lontra comer um peixe, ou de um pássaro engolir uma mosca, ou de um animal com garras procurar a sua presa. Encontrareis que os animais aqui não têm medo uns dos outros, o impala não precisa de estar sempre alerta para um inimigo para poder usar a sua velocidade para escapar ao perigo. Nesta vida espiritual, quando vedes o veado correr e saltar, é uma expressão de liberdade e felicidade."

Virando uma esquina de arbustos, John e Mary viram o seu primeiro grupo de leões espirituais, as fêmeas distintas dos machos. Estavam deitados, dando patadas uns aos outros e esticando-se luxuriosamente. Quando viram os seus visitantes, levantaram-se e caminharam na direção deles. Zimba avançou um passo ou dois e os leões aproximaram-se dele e roçaram-se nele enquanto ele lhes afagava as cabeças. Zimba chamou: "Vinde aqui," e um tanto tremulamente John e Mary aproximaram-se dele; ao fazê-lo, os leões viraram-se para John e Mary e deixaram suavemente as suas cabeças e corpos tocarem-nos, e em breve eles por sua vez fizeram festa aos seus novos amigos.

Parecia como se uma grande paz estivesse com todos eles. Sentaram-se e os leões deitaram-se também, contentes por terem os seus amigos humanos com eles. As notícias pareciam espalhar-se ao redor, e mais leões, tigres e outros animais entraram na cena, ansiosos por se juntarem a todos os outros.

Eram todos criaturas magníficas, as suas peles esticadas sobre corpos e membros musculados brilhavam suavemente à luz. "Por favor, falai-nos, Zimba, sobre os vossos amigos e a vida aqui. Podeis falar com os leões? Eles compreendem-vos? Quantos leões tendes? Precisais de outros ajudantes? Fazei...?"

Zimba riu-se. "Claro que vos direi, e o que direi ajudar-vos-á a compreender outros tipos de animais também, pois as leis que nos governam aplicam-se igualmente a todas as outras espécies do mundo animal. Cada secção, os felinos e caninos, os equinos e porcinos, aqueles que eram carnívoros e os outros omnívoros, cada um tem os seus curadores e atendentes. Há tantos humanos de grande coração que desejam dedicar a missão da sua vida ao amor e cuidado dos animais que têm de ser limitados, caso contrário haveria mais ajudantes do que animais. Há um

curador-chefe, que é escolhido pelos Mestres e tem de ser responsável pela felicidade de todos os seus encargos.

“Como vos disse, tenho o cuidado, posso dizer o cuidado espiritual, dos leões. Em números, o total não é vasto, e dir-vos-ei porquê. São fáceis de falar, como de facto são todos aqueles que habitam as terras de verão dos animais. À medida que fazeis um amigo pessoal próximo com um cavalo, cão ou gato, e o tomais no vosso cuidado e amor mais íntimos, assim sabeis que ele compreenderá os vossos humores e as vossas intenções. Aprendem o significado dos sons, a intenção da vossa voz.

“Sabem quando estais desagradados com eles e vede-los esperar para voltar ao favor. ‘Vamos dar um passeio’ dizeis ao vosso cão; ele sabe e salta, esperando que o leveis para fora. O cavalo que conhece o seu cavaleiro sabe o que o seu cavaleiro quer, e, se for saltar obstáculos, o cavalo sabe exatamente o que fazer e coopera com o seu cavaleiro, colocando todo o esforço no salto para agradar ao seu mestre. Da mesma forma, falo com os leões; para os chamar para mim, ou apenas um pelo nome. Se quiserem ir dar um passeio, eu sei, e vamos juntos.

“Perguntastes-me quantos leões tenho aqui. Devo divagar um pouco e falar das leis reguladoras que governam a vida, e, como podeis aprender mais tarde, aplicam-se também aos humanos. Na vida espiritual, há propósito em tudo o que existe, animado ou inanimado. Na vida terrena, e quase na mesma medida na vida espiritual, se fornecerdes a um leão ou a qualquer outro animal comida, abrigo e uma companheira, ele fica contente, não busca mais. Dai o mesmo ao homem e ele não fica contente, quer mais; viajar; bisbilhotar nas coisas; melhorar aquilo que tem. Esta é a divisão que separa a humanidade do mundo animal. Ambos são semelhantes em tantos outros aspetos; o processo de nascimento e declínio até à morte do corpo; ambos possuem emoções semelhantes, no amor uns pelos outros, para lutar e proteger os seus filhos, nas funções corporais e nos seus processos orgânicos; mas o animal não tem ideais a que aspirar, nenhum outro objetivo a atingir, por isso quando a mudança ocorre na vida de um leão, a menos que haja algum outro fator, não tem outro propósito para viver.

“Deveis saber também que é a lei que nada do que existe pode alguma vez ser destruído. Pode mudar, mas tudo continua a existir. Podíeis queimar uma floresta com fogo, e todos os seus elementos e forças continuariam a existir nalguma outra forma, possivelmente apenas como cinza que, na

plenitude do tempo, forneceria os meios para ajudar outras formas de vegetação a crescer.

“Quando a vida de um animal termina, o seu corpo permanece na dimensão física nalguma outra forma, mas não a força vital, pois essa é do Espírito. Até agora, nenhum cientista conseguiu criar vida original, pois isso pertence à dimensão do Espírito. Quando qualquer criatura morre, é muito claro que alguma qualidade deixou a carcaça — a força vital.

“Os animais, como o homem, possuem um corpo espiritual e, na passagem, o corpo espiritual chega à vida espiritual. No entanto, quando não há propósito para um animal continuar a existir, não tendo nenhuma função especial a desempenhar, então vai para a fonte de vida da qual faz parte e a sua identidade funde-se no reservatório de força vital que representa a espécie a que o animal pertencia.

“Com os meus leões,” continuou Zimba, “há propósito e há amor. Aprendemos a conhecer-nos e compreender-nos melhor, eles cuidam de mim como eu cuido deles. Somos companheiros. Encontrareis que há um bom número de pessoas que se dedicam ao cuidado e amor de todos os animais e pássaros. Não sou o único companheiro de leões, e à medida que viajais, encontrareis outros como me encontrastes.”

“Podíamos ter um leão na nossa casa?” perguntou John.

“Sim, podíeis,” veio a resposta, “mas precisaríeis de o amar tanto que não o pudésseis deixar. Saberíeis que se tornaria o vosso lugar servir o leão, e a vossa consciência dir-vos-ia que uma casa não é lugar para um leão, pois precisa do seu habitat natural próprio.”

“Mas vi cães e gatos nas casas, e alguns pássaros também,” disse John.

“Esses são os afortunados — os amados. Estão felizes por estar com os seus amigos. Onde quer que tenha havido uma ligação de amor continuada entre um animal de estimação durante a sua vida terrena, e isso continua com o dono durante a sua vida terrena, mantendo fresco na sua memória o seu amor pelo seu amigo animal, o animal estará consciente disto também. É mantido e cuidado por alguém aqui até que o amigo chegue à vida espiritual. Muitas vezes, o cão ou o gato é o primeiro a saudar o recém-chegado. Acontece que esta é a forma de dizer ao recém-chegado que ele ou ela entrou no Espírito, através da perceção de que o animal de estimação

que tanto prezavam há tanto tempo ainda vive e os ama ainda. Há sempre pessoas aqui que alegremente prestam este serviço de cuidar do animal de estimação de uma pessoa terrena, embora isso geralmente se torne o cuidado de um amigo ou parente do dono do animal de estimação."

"É tempo de prosseguirdes," disse Zimba. "Gostaria que conhecêsseis o meu irmão, que tem uma bela tropa de cavalos. O seu nome é Jahad, e se vos juntardes a mim no desejo de estar com Jahad, em breve estareis lá."

Enquanto John e Mary faziam isto, encontraram-se numa planície relvada expansiva, interrompida por pequenas colinas; mas não havia ninguém à vista.

"Viemos ao lugar errado?" perguntou John.

"Olha," disse Mary, e lá ao longe na distância podiam ser vistos vários cavalos, muito pequenos, galopando na direção deles, com um cavaleiro montado à frente. Chegaram em breve e rodearam os seus dois visitantes, os cavalos amigáveis roçando-se em John e Mary.

Jahad mostrou quão satisfeito estava por trazer os seus cavalos para serem admirados, e era claro também que os cavalos partilhavam o seu prazer. Pareciam compreender-se uns aos outros e isto levou Mary a perguntar se os cavalos estavam a falar com ele.

"Sim," respondeu Jahad, "o cavalo tem um alto grau de intelecto, e embora não possa falar comigo em palavras, posso falar-lhe por pensamento desde que seja um assunto que esteja dentro da sua compreensão. Por exemplo, disse-lhes há pouco que dois amigos tinham chegado para os ver e que devíamos ir dar-lhes as boas-vindas. Como vedes, fizeram-no. Números de amantes de cavalos e outros interessados no cuidado, criação e competições entre cavalos vêm ver esta tropa, pois alguns deles são bem conhecidos na história terrena dos cavalos. Por exemplo, aquele."

Chamou um belo animal com um porte nobre, e o cavalo aproximou-se deles. "O seu nome é Eclipse, e viveu no vosso país há cerca de cem anos, e raças de bons cavalos de corrida podem ser rastreadas até ele. Estes outros cavalos todos têm histórias terrenas e é a minha felicidade amá-los e cuidar deles, e assim manter a sua associação humana com as histórias de cavalos que serviram bem a sua geração mundana."

John e Mary deram os seus agradecimentos a Jahad e aos seus encargos, e depois desejaram ver reservas onde outros tipos de animais eram cuidados. Era maravilhoso ver quão dóceis e afetuosos eram os animais muito grandes, e especialmente aqueles cuja natureza na vida terrena os tornava presas e viver de outra carne viva.

Por vezes, havia áreas onde diferentes espécies de animais viviam comunalmente juntos, desfrutando da companhia humana. Havia animais da selva e da quinta, animais domésticos com os pássaros e aves. Alguns seriam sonolentos, outros brincalhões, com a curiosidade do macaco, e símios muitas vezes atormentando um sonolento.

John descobriu que cada uma das comunidades precisava da companhia de homens e mulheres, para atuar como guias com mentes diretivas e não havia escassez deles, pois muitas pessoas, especialmente aquelas que não estavam ligadas por companheirismo humano muito próximo, encontravam a sua felicidade e propósito em prestar serviço nas terras de verão dos animais.

Antes de regressarem a casa, foi feita uma visita às clareiras onde os pássaros são cuidados. Aqui o caráter do país mudava, com as suas árvores altas, arbustos de flores de cores vivas e riachos tilintantes. Neste paraíso de terra de pássaros, os nossos viajantes encontraram pessoas que estavam especialmente interessadas em diferentes espécies de pássaros. Embora os pássaros voassem juntos, cantando alegremente, encontraram pessoas cujo interesse especial residia em estudar uma espécie particular, como papagaios, tecelões ou pintarroxos. Aqui haveria um lugar onde o tipo particular de pássaro se centraria — haveria o jardim de água para o guarda-rios, ou os arbustos para o tentilhão, e assim por diante.

Num tal lugar, viram o que parecia ser uma visão incomum, a de um homem idoso de barba branca sentado numa pedra. Ao redor dele havia dezenas de pardais, e ele estava a falar com eles. Parecia aos visitantes como se ele apontasse para um individual e o chamasse pelo nome, e o pardal voava para ele e pousava no seu dedo. O homem deixava suavemente os seus dedos sentirem ao longo das asas do pássaro enquanto falava com ele. Depois, enquanto o pardal descolava, voava num padrão intricado, rodopiando e virando perante o seu amigo humano, como se para lhe mostrar quão esperto era e para o agradar.

O homem acenou aos seus visitantes e acenou-lhes para virem sentar-se com ele. Fizeram-no, e foram-lhes dito para estenderem as mãos para os pardais. Ao fazerem isto, os pássaros aproximaram-se e pousaram nas suas mãos, ficando alegremente contentes em ficar ali como se desfrutassem da companhia humana dos seus visitantes.

"Eles também vos amam," disse o homem. "Sabeis como estes pássaros ganharam as suas asas, e porque é que os pardais estão em todo o lado?"

John e Mary disseram que gostariam de saber, e esta é a história que ouviram.

Foi nos primórdios do mundo quando Deus criara todos os animais, dando-lhes vida e a capacidade de apreciar o calor do sol, a alegria de beber, o amor pelas suas companheiras e o sentido para procurar abrigo do frio e da tempestade.

Nesta altura, havia uma tarefa que precisava de ser feita, transportar alguns detritos de um lugar para outro, e o Criador, pensando que os animais ficariam contentes em fazer isto por Ele, aproximou-se deles e pediu voluntários.

Para Sua grande deceção, um por um ofereceram as suas desculpas e expressaram a sua relutância em prestar serviço desta forma.

Primeiro aproximou-se do elefante, dizendo: "Dei-te grande força e uma tromba com a qual transportar coisas. Não Me ajudarás nesta tarefa?"

Mas o elefante respondeu: "Porque deveria gastar a minha força de tal forma, a menos que tenha alguma recompensa?"

Em seguida, o Criador falou com o leão, dizendo: "Dei-te o reinado sobre todos os animais. Não Me ajudarás em troca?"

O leão foi desdenhoso e disse: "Deveria um rei trabalhar numa tarefa tão servil? Deixai que os outros o façam e eu governá-los-ei."

A ovelha também tinha a mesma resposta: "Não dou eu da minha lã? Não se pode esperar que faça mais."

E assim o Criador descobriu que cada um lhe virava as costas e sentiu-se muito triste com a sua ingratidão e egoísmo.

Agora os pequenos pássaros, que nessa altura não tinham asas e só podiam saltitar e cantar, viram a tristeza do seu Criador, e foram ter com Ele, dizendo: “Por favor, podemos fazer esta tarefa por Ti? Demorará muito tempo, pois só podemos transportar um pequeno pedaço de cada vez e não viajamos muito depressa, mas ficaremos tão contentes se pudermos fazer isto por Ti para Te fazer feliz novamente.”

Assim, começaram a trabalhar para mover uma grande massa de material de um lugar para outro, e enquanto os pequenos pássaros trabalhavam, os seus corações estavam leves pela alegria de prestar serviço.

Saltitavam numa pequena procissão, cantando com deleite, e enquanto cantavam parecia que as cargas se tornavam mais leves e a jornada menos cansativa. Isto encorajou-os a continuar, nunca parando exceto por uma gota de água ou um pedaço de comida.

A sua felicidade era expressa na sua canção, e quanto mais felizes estavam, mais leve era o seu fardo e mais flutuantes se tornavam.

Eles não tinham pedido qualquer recompensa e não esperavam uma. O Criador observava-os e sentia-se feliz com a devoção desinteressada das pequenas criaturas, e por isso ajudou a sua leveza, dando-lhes gradualmente asas para que pudessem concluir a tarefa com maior facilidade. Os pássaros, com a sua nova liberdade e facilidade de movimento, iam e vinham buscar mais cargas, e enquanto voavam à luz do sol contorciam-se e giravam de alegria, pois, embora não tivessem procurado recompensas, sentiam-se felizes por lhes terem sido dadas asas e felizes, também, por terem sido úteis a Deus e à Sua criação.

Perguntaram a John e Mary se conseguiam lembrar-se de como os pássaros voavam na Terra e da diferença na forma como voavam na vida espiritual. O amigo dos pardais, ao ver a sua perplexidade, deu a resposta. «Na vida terrena, verificais que os pássaros não voam por prazer ou felicidade, fazem-no apenas com um propósito definido. Voam de um lugar para outro, possivelmente à procura de comida pelo caminho, e estão sempre atentos ao perigo, cheios de medo. O único momento em que possivelmente estão em repouso é quando se encontram no ninho.» Continuou dizendo: «Os pardais, como sabeis, têm possivelmente a plumagem mais cinzenta de todas as aves, e nos primeiros dias da sua vida

na Terra estas pequenas aves reuniram-se para discutir isso e decidir o que poderiam fazer para compensar.

«Disseram: ‘Sabemos que não parecemos tão atraentes como a maioria das outras aves, mas isso não precisa de importar se tivermos outros bons atributos. O que temos de fazer é estar sempre alegres, amigáveis e não ter medo dos outros habitantes da Terra; assim, eles terão sempre prazer em ver-nos e não se importarão, nem sequer notarão, a nossa aparência cinzenta.’ O Criador, ao observar as pequenas criaturas, ficou satisfeito com o que viu e decidiu que, como recompensa pela sua grande coragem, permitiria que estas pequenas aves vivessem em todas as partes da Terra, independentemente do clima, para ali trazerem alegria às pessoas que as acolheriam, até mesmo nas suas casas.

«Portanto», acrescentou, «todos podem ver, a partir desta história dos pardais, que não há necessidade de sentir inferioridade se alguém tende a ser humilde por natureza ou posição na vida. Se alguém tem uma amizade calorosa para oferecer e um sorriso feliz, as portas estarão sempre abertas para o acolher.»

Capítulo 12

VISITA A UMA GALERIA DE ARTE

Ao visitar uma das escolas de pintura, John iria observar uma nova apreciação dos valores espirituais. A primeira exposição que ele e Mary viram foi uma coleção de tons de cor e desenhos muito simples. Um professor, ao notar o interesse deles, juntou-se-lhes enquanto olhavam para ilustrações da cor amarela.

O professor levou-os até ao primeiro quadro da cor amarela. Era um tom pesado, mas muito baço e plano em comparação com os vizinhos. O professor explicou: «Aqui tentámos retratar o amarelo mais brilhante que conseguíamos; está desprovido de sentimento, mas mesmo assim é uma melhoria em relação ao uso desta cor na Terra, que não pode ser mais do que um pigmento com uma estrutura molecular física; não possui vida ou personalidade própria. As pinturas terrenas dão aos olhos formas e abstrações indefinidas, dentro das limitações do espetro, e embora muitas sejam belos exemplos de representação de eventos históricos, não podem

possuir qualquer sentimento próprio ou consciência do evento que retratam. Por exemplo, se a pintura for de flores, estas são vistas apenas como flores, com cores planas, de acordo com a arte do pintor — não transmitem uma sensação de vida, de perfume, de radiância e de parentesco com aqueles cujo progresso na vida atingiu um estágio em que a apreciação do amor do artista pelo seu tema está incorporada na apresentação.»

O professor continuou: «Venham e vejamos algumas outras amostras do tema 'amarelo'.» Avançando de um tom de amarelo para outro, o professor mandou parar depois de terem chegado ao sexto tom. Deixou Mary continuar até ao oitavo tom e depois disse: «Não notaram, ao passar de tom para tom, uma maior beleza e atração?»

John disse que sim e Mary concordou. John comentou: «Ao passar de um para o seguinte, parecia que gostava mais deles e que eles gostavam mais de mim. Brilhavam com maior clareza e sentia que queria ficar com eles.»

Isto agradou ao professor, pois disse: «Isso é bom, porque mostra que, no curto espaço de tempo que têm nesta vida, fizeram bom progresso para atingir este estágio de apreciação, e Mary também. Estavam a tornar-se conscientes do propósito do artista ao colocar a sua personalidade dentro da cor, para que esta vos 'falasse'. Isto é apenas o início. Têm ainda de viajar muito mais, mas deve ser um caminho longo e feliz, antes de poderem realizar a plenitude do pensamento que um dos nossos Mestres pintores pode trazer à mente de um observador como ele pretendia — na verdade, nessa altura teriam atingido uma sabedoria que igualaria a consciência espiritual do Mestre. Vamos ver alguns exemplos simples.»

Um pouco mais adiante, chegaram a uma secção que retratava quadros de objetos. O primeiro era o de uma bola colorida repousando sobre uma superfície. As cores eram indefinidas, mas, ao olhar mais de perto, podiam ver-se compostas por muitos tons de diferentes cores entrelaçados uns nos outros. Ao olhar para a bola, Mary disse: «Olhem, está a ganhar vida, agora consigo ver todos os tons de cor dentro dela, mudam uns para os outros. Agora está a mudar do mais pálido para a bela plenitude do rosa e, à medida que este se esvai, surge o azul...»

John interveio: «Também consigo ver isso, mas a bola parece que vai rolar, embora não o faça.»

«Isto explicar-vos-á de forma muito mais clara o que já vos disse», afirmou o Professor. «Antes de o pintor começar a pintar a bola, teve primeiro de ver dentro da sua mente os pensamentos que desejava transmitir, o movimento da bola e as cores vivas em constante mudança que apresentaria. Assim, a conceção da bola teve primeiro de ser criada dentro da sua mente. Como sabeis, os materiais que usamos são sensíveis ao propósito da sua utilização, e o mesmo acontece com as tintas. Tu, Mary, tornaste-te mais fortemente consciente do desejo do artista de transmitir uma mistura de muitas cores dentro da esfera, enquanto John, ao ver isso também, mas não tão fortemente, ficou muito mais impressionado com o desejo de movimento.»

O professor continuou dizendo: «Grandes pintores terrenos, ao chegarem a esta nova dimensão, descobriram que não podiam expressar-se em pinturas, pois a sua arte de retratar tons e objetos físicos que não tinham realidade na vida espiritual. Um exemplo simples disto era o esforço para enfatizar uma coisa tridimensional através da utilização de sombra, luz e escuridão, mediante a aplicação de tons sombreados, mas estes tornavam-se interferências, pois só podiam dar uma invasão plana de pigmento irreal, porque sem um centro de luz não pode haver sombras. Não repararam que não há sombras em lado nenhum? No entanto, depressa apreciariam a simplicidade da pintura espiritual assim que atingissem uma compreensão das leis que regem os propósitos da energia, tal como agora podiam ser expressos na sua pintura. Então as mãos do artista, sendo o instrumento da mente, podem retratar a sua consciência mental de sintonia com os valores espirituais no seu quadro, substituindo assim os tons e materiais terrenos baços por pensamentos e intenções vivos.»

O quadro seguinte mostrava uma única flor de ranúnculo. À primeira vista, parecia apenas isso, mas à medida que a mente se sintonizava com ela através dos olhos, a mente consciente tornava-se atenta às suas qualidades reveladoras. O ranúnculo ganhava vida, já não era apenas uma pintura, mas uma flor viva, da qual emanava a sua radiância e beleza de brilho. Parecia que saía da tela, convidando o observador a pegá-la com os dedos.

O professor deixou John e Mary encantados durante algum tempo, satisfeito por notar como conseguiam estar em afinidade com a flor e com quem a pintara.

Depois falou: «Fizeram bem, tão cedo aprenderam a vossa primeira lição sobre como abordar a arte da pintura caso algum dia desejem pintar. O valor da pintura do ranúnculo é ilustrar quão intimamente próximo o artista deve ter estado da flor, para conhecer a sua alma e a sua perfeição espiritual antes de poder pintar um quadro tão perfeito. O artista provavelmente passou muito tempo, se é que isso pode ser medido, deixando o seu eu interior fundir-se com a essência da vida do ranúnculo. Voltem e vejam este ranúnculo depois de um período adicional de permanência, e ele aparecer-vos-á muito mais belo e vivo, pois nessa altura o vosso sentido de apreciação e consciência dos pensamentos e intenções dos outros será ainda mais sensível e absorvente, e este ranúnculo será individualmente mais brilhante, apresentando uma radiância e personalidade viva do que podeis apreciar agora.» Com um leve sorriso, continuou: «Tenho apenas mais um quadro para vos mostrar.» A pouca distância, havia um quadro emoldurado ocupando uma posição solitária numa parede. Ao aproximarem-se, viram a moldura do quadro, mas sobre ela estava drapejado um pano a esconder o que estava por baixo.

«Observem-no atentamente», incentivou o professor.

John e Mary fizeram-no, perguntando-se que tipo de quadro o pano escondia.

Passado um bocado, o professor perguntou: «O que veem?»

«O que posso dizer?», respondeu John. «Não consigo ver o quadro. Está coberto. Não podemos tirar o pano?»

Depois perguntaram a Mary o que via, e um sorriso pleno iluminou-lhe o rosto ao dizer: «Antes de ver o que estava debaixo do pano, tentei obter uma impressão do tema olhando para a mente do artista para ver qual era o assunto, um objeto, uma flor, um animal ou o quê? E não pude deixar de sentir uma sensação de alegria, como se partilhasse uma piada. Então olhei mais de perto e vi a resposta — o que o pintor pretendera. Depois consegui vê-lo pelo que era.»

«Bem», disse John, «o que é?» Ainda a sorrir, Mary disse a John para ir ver debaixo do pano. Então John aproximou-se do quadro e estendeu os dedos para pegar no pano quando também começou a captar o espírito do quadro e riu. Virando-se para o professor, disse a rir: «Enganou-me — o pano é a pintura.»

O professor juntou-se à gargalhada, felicitando Mary por não se contentar em aceitar o óbvio exterior, mas por sentir o valor espiritual das coisas que lhes despertavam o interesse.

O professor disse então: «Vou deixar-vos, pois levei-vos até onde podem ir por agora. Fizeram bom progresso. Voltem e olhem para as cores, e depois para os quadros que viram, e para mais alguns. Absorvendo mais do seu significado e fazendo uma amizade mais plena com todas as cores que os quadros vos podem ensinar, e depois, mais tarde, viajaremos um pouco mais adiante. À medida que isto acontecer, descobrireis que as cores terão uma energia e exultação que ainda não podeis sentir. Há cores novas que os vossos olhos ainda não viram; estas vereis à medida que as vossas apreciações mentais se tornarem mais fortes — na verdade, diz-se que não há limite para a expressão dos valores superiores dos propósitos da vida e não há limite para os horizontes do empreendimento espiritual.

«As pinturas falar-vos-ão, as vossas emoções serão ofuscadas por outras maiores. Os quadros retratarão não só a beleza, mas também o mal, mais intensamente do que qualquer mente maligna pode criar, pois é a forma como a bondade, no conflito entre o bem e o mal, vê o mal pelo que é, e isto é ainda mais terrível do que o mal que vê em si mesmo.

«Nos quadros vereis retratada a glória da alma compreensiva, estendendo-se para se fundir com a perfeição divina que é Deus. Isto só é visto por aqueles que progrediram para aceitar um código espiritual de valores ao nível atingido pelo pintor.»

Capítulo 13

OS BERÇÁRIOS DO CÉU

John e Mary estavam sentados no pórtico da casa, revivendo as suas excursões pelo modo de vida no Espírito, quando Mary, pensando em voz alta, disse a John: «Pergunto-me se já pensaste por que razão não temos de fazer nada em relação a todas as coisas que vimos ou que nos ensinaram?»

Após uma pausa, John respondeu: «Sim! Acho que é assim. A minha mente está clara, mas parece que quis saber o que é necessário para explicar as coisas que aprendi aqui. Não se trata de armazenar conhecimento de forma mecânica, como quem se propõe aprender tanto quanto uma tarefa e por repetição. Parece que compreendo por que razão as flores no nosso jardim são muito mais belas aqui do que nos outros jardins que vemos, e isso só pode ser porque amamos mais as nossas próprias flores do que as outras, pois elas apresentam à nossa mente uma beleza incomparável.»

Pouco depois, Mary disse que gostaria de visitar os berçários onde as crianças são recebidas ao entrarem nas suas vidas espirituais e assim se viram a atravessar um campo muito belo; as árvores eram verdejantes e graciosas, a relva de um verde rico e entremeada de riachos e regatos.

Entraram em vista grupos de pequenas habitações, nem muito grandes nem altas. Não havia aglomeração destas casinhas, pois estavam espalhadas pela terra até onde a vista alcançava. Aqui e ali erguia-se um edifício gracioso, mas majestoso, que os nossos dois visitantes souberam serem Colégios ou Salas de Aprendizagem para os jovens.

Podiam ver-se crianças a brincar em torno das pequenas colónias de casas de crianças. Ao entrarem numa destas pequenas comunidades, observaram as crianças ocupadas nas suas lições e trabalhos manuais.

O estilo das casinhas das crianças pequenas variava, como se as crianças as tivessem escolhido. Algumas lembravam as imagens dos contos de fadas que as crianças recordavam dos seus livros de histórias; algumas tinham telhados de colmo, frontões torcidos e janelas de treliça. Algumas das casas eram mais no estilo espiritual, com paredes sombreadas semelhantes a mármore de diferentes cores. O tamanho das casas parecia adequado à idade das crianças que nelas viviam.

Ao discutirem a vida nos berçários com uma senhora ajudante, souberam que nas casas as crianças eram cuidadas por uma criança mais velha, um irmão ou irmã mais velhos. Ficavam nas casinhas até chegar o momento de entrarem num dos colégios ou nalguma nova direção de vida.

Respondendo a uma pergunta sobre quão rapidamente as crianças aprendiam o que tinham de fazer e como cresciam, disseram-lhes que, porque as mentes jovens não estavam preocupadas com todos os detalhes da vida como na vida terrena, não havia questão de se conformarem ao tempo, ao vestuário, à roupa impermeável e às botas, nem à necessidade de comer, ou de se conformarem ao tempo e à disciplina. As suas mentes eram livres para serem muito mais felizes e para absorverem novas ideias e aprenderem a expressar-se em movimentos rítmicos, dançando e expressando a alegria de ganhar conhecimento dentro da liberdade da vida. Naturalmente, as mentes das crianças eram livres para aceitarem as lições dos propósitos essenciais da vida, o estudo da vida das flores, a natureza da vida nos reinos animais, aos quais iam frequentemente, e também para visitarem os lares dos pássaros e, na verdade, todas as formas de criação viva.

Uma criança podia ter um animal de estimação em quem o amor da criança pudesse ser retribuído. Via-se que os amigos animais naturais das crianças seguiam principalmente as espécies daqueles que foram animais de estimação antes de as crianças deixarem a Terra, pequenos animais em regra — o coelho, o gato e o cão sendo os seus favoritos. Talvez fosse a natureza diferente dos rapazes gostarem de cães grandes, póneis, até serpentes e roedores como seus favoritos. Algumas das crianças tinham os seus animais de estimação especiais para viverem com elas.

Havia outros animais favoritos, do tipo que John e Mary nunca tinham visto antes. Estes tinham a sua génese no Espírito, com mentes semelhantes às das crianças com quem podiam conversar. Compreendiam os pensamentos das crianças e podiam conversar ou entender-se uns com os outros. Parecia que os animais podiam responder às perguntas das crianças.

Nas terras dos animais, as crianças tinham o seu animal favorito para amar, e aqui três favoritos principais eram leões, cavalos e corços. Estes estariam à espera dos momentos em que os seus jovens amigos chegariam, e para saudarem com afeto inconfundível o rapaz ou rapariga particular entre quem um sentimento de amor tinha sido despertado.

Estas atrações de amor entre crianças e animais duravam muito depois de a criança ter crescido até à maturidade.

Cada colónia era cuidada por uma «mãe de berçário», um «pai de berçário» ou ambos, e aqueles que John e Mary conheceram irradiavam encanto e atrativo, confiança e sabedoria. Seriam capazes de apreciar como uma mente infantil reagiria a algo novo, e de trazer a sua cooperação mental ao nível da criança que estavam a ajudar.

Quando as crianças chegavam a um estágio em que já não eram crianças, algumas eram encorajadas a ficar nos berçários, talvez com uma casa mais sofisticada para viverem, mas ao mesmo tempo para atuarem como ajudantes e professores para os mais novos.

A transição de criança para a idade adulta era feita gradualmente. A primeira mudança real era quando o rapaz ou a rapariga ia para o colégio. A parte inicial da sua nova experiência era dedicada a explicações dos propósitos da vida e de como o serviço poderia ser melhor dado a Deus e aos Seus filhos. Uma rapariga que mostrasse aptidão para a arte e padrões teria um período de prova no colégio de arte e design. Havia a secção que introduzia vidas jovens nos mistérios da cerâmica e porcelana. A mente de natureza inquisitiva e ansiosa por saber a origem das coisas ia para um dos muitos departamentos dos colégios relacionados com a ciência. Seria aqui, sob tutela paciente e bondosa, que serviriam o seu aprendizado antes de entrarem mais plenamente no modo de vida escolhido.

Disseram a John e Mary de outra forma como as crianças eram servidas, particularmente aquelas que retinham memórias dos seus pais, familiares, amigos e lares na vida terrena. O professor seria capaz de manter estas memórias acesas, contando às crianças o que estava a acontecer em casa e o amor que fluía para elas das suas famílias, e mostrando-lhes imagens daqueles que amavam e ainda amam. Explicou-se que as memórias tanto de jovens como de pessoas maduras tendem a desvanecer-se, até que as recordações da vida anterior se tornem cada vez mais ténues e já não interessem à mente, que é a memória.

Na verdade, um professor contou-lhes de vários filósofos e cientistas que defendiam a visão de que uma vida anterior nunca existiu de todo, e que toda a conversa sobre isso era fantasia romântica, tal como na vida terrena há aqueles que pensam que a vida acaba com o túmulo ou a cremação.

Alguns pensam que as pessoas são mantidas numa espécie de «conservante» apenas para voltarem à vida num dia de julgamento, quando serão divididas em «os salvos» e «os condenados», estes últimos para entrarem nas agonias de tormento indefeso, enquanto os primeiros serão marchados para um paraíso de cânticos de louvor.

Enquanto o elo de amor existir da parte daqueles que ainda estão na vida terrena pelos seus entes queridos que os precederam, então é propósito do Espírito manter esse amor em preparação para o tempo da reunião, como foi com Mary à espera da chegada de John.

Num momento, Mary disse: «Todas as crianças que vimos são capazes de andar, correr e brincar. Pode dizer-nos sobre os bebés?»

O professor respondeu: «Deixem-me mostrar-vos onde os bebés são recebidos e cuidados, mas há mais uma coisa geral que devem compreender. Na vida terrena, o crescimento tem de se conformar aos padrões de tempo que regulam o crescimento; não seria correto crescer demasiado depressa, ou as leis físicas seriam frustradas e a pessoa cresceria fraca. Nesta vida, não há tal travão físico no crescimento. Este procede naturalmente e comparativamente com o crescimento mental da criança.

Assim, quando chega um bebé sem consciência, o seu progresso é muito mais lento do que no momento em que pode 'ver' e dizer 'eu quero'. Depois disto, à medida que aceita o 'permitido' e reconhece o que é 'não permitido', e assim que sabe a diferença entre 'certo' e 'errado', então o seu crescimento mental desenvolve-se mais rapidamente e com ele o corpo, que é, claro, simplesmente o veículo do eu-espírito.»

Chegaram a um edifício belíssimo, semelhante a alabastro brilhante, ricamente ornamentado, erguendo-se até uma cúpula reluzente de onde milhares e milhares de raios de luz prateada se projetavam em todas as direções. Estes raios penetravam por todo o reino espiritual, ligando-se à força vital na Terra e é por estes que a força vital do bebé, por mais jovem que seja, é trazida à vida espiritual.

«Quão jovem pode isso ser?», perguntou Mary.

«Assim que a força vital do pai se junta à da mãe, por outras palavras, na conceção, nasce uma nova vida pronta para tomar o seu lugar no cumprimento do seu destino. Mesmo se, por razões de saúde da mãe ou por

meios artificiais não naturais, a vida do bebé for terminada, é apenas a existência física que acaba, a vida jovem e imatura não acaba, mas é recebida aqui e colocada sob cuidados calorosos e amorosos. O feto cresce e desenvolve-se bem, levando muito, muito menos tempo do que precisaria na vida terrena. Precisará de nutrição, pois ainda é parcialmente físico, não atingiu esse estágio de avanço para aceitar a consciência espiritual. Assim que os olhos se abrem e os ouvidos podem ouvir, assim que pode usar a voz e as mãos seguram um dedo; assim que a sua mente, através do cérebro, se torna consciente destas coisas, e é capaz de receber força para aceitar o crescimento e desenvolvimento espiritual, então a necessidade do equivalente à nutrição física é dispensada.»

Ao entrarem neste maravilhoso hospital de bebés, viram um amplo salão central, de tal beleza que ficaram como que enfeitiçados. Deste salão central partiam avenidas em várias direções e eram tão longas que os visitantes não conseguiam ver o fim delas.

Uma senhora vestida como uma irmã de enfermagem aproximou-se dos três visitantes e fez-lhes sinal para a seguirem. Foram levados para uma sala espaçosa cujas dimensões não era fácil calcular — pareciam expansíveis. O tema de cor dominante era um tom quente de rosa, possuindo uma radiação viva vibrante que parecia estar em todo o lado. Sentadas na sala, sem qualquer ordem disciplinada ou regimentada, estavam dezenas e dezenas de enfermeiras, sentadas calmamente, e muitas delas podiam ver-se a segurar algo muito pequeno.

«Acho que estão a segurar bebés», sussurrou Mary. «Sim, estão», comentou imediatamente a Irmã. «Agora venham aqui e observem, estamos à espera de uma nova chegada.» Reuniram-se ao lado de uma das enfermeiras, que estava sentada tão imóvel e silenciosa como se fosse uma estátua, com as mãos estendidas à sua frente. Todos permaneceram imóveis.

Então, uma iluminação veio à enfermeira e um feixe de branco prateado reluzente veio diretamente para as suas mãos. Parecia vir do teto e tornava-se mais claro e mais forte. Ao olharem para as mãos, viram formar-se dentro delas uma substância muito pequena mais escura. As mãos fecharam-se sobre ela, e a guardiã imóvel de uma nova vida levou as mãos para si. Os olhos estavam fechados, mas no seu rosto santo havia um leve sorriso de contentamento.

A Irmã disse aos seus acompanhantes: «Ela está feliz e uma pequena vida crescerá dentro das suas mãos. Vamos visitar algumas das outras Irmãs, e poderão ver as novas pequenas vidas a crescerem os membros, os corpos, e a entrarem na vida consciente.»

Era uma cena diferente noutra sala sem fim. Aqui eram recebidos bebés abortados e prematuros e outros que não sobreviveram à sua entrada na vida terrena. Os bebés não estavam em berços como nos hospitais terrenos, mas deitados numa espécie de material mais suave que forrava uma cesta. Pareceu muito estranho a Mary não conseguir ouvir nenhum bebé a chorar, e mencionou isso à Irmã.

«Por que razão chorariam?», respondeu a Irmã. «Não sentem qualquer dor, pois já não estão sujeitos a sensações físicas que fazem os bebés chorar. Não podem ter dores de barriga. Não precisam de leite terreno para sustentar uma vida material. À medida que os ajudamos a descobrirem-se, a verem e compreenderem o que veem, à medida que se tornam conscientes do amor que lhes damos, assim estão contentes e felizes.

«Leva um pouco de tempo até se tornarem conscientes de que estão vivos. Os bebés precisam de aprender apenas uma coisa de cada vez. Reconhecer o que veem, compreender o que ouvem; agarrar algo e passá-lo de mão para mão. Os corpos crescem o tempo todo e, à medida que isso acontece, encontram a forma de usar os membros. Os corpos crescem à medida que a mente se torna mais conhecedora.

Assim que são capazes de andar, falar e cantar um pouco, então a sua enfermeira especial leva-os para os berçários dos muito pequenos e fica com eles durante algum tempo até começarem a sentir que são pessoas, e aprendem a amar as suas novas professoras-enfermeiras e a gostar de brincar com outros pequeninos da sua idade. São então colocados no caminho da vida. Não são apressados a crescer, pois deve ser dado tempo para estabelecer bem a base para o seu futuro, e para lhes dar todo o tempo possível para apreciarem as muitas coisas que podem deleitar uma mente jovem. Não há necessidade de pressa nesta vida, pois não temos medida de tempo.»

A última pergunta que Mary pediu à Irmã para explicar foi por que razão havia tanta diferença nas características entre as crianças. Com os cuidados que cada uma recebia, por que não evoluíam todas para o mesmo padrão?

«Essa é uma boa pergunta, que precisa de uma resposta estudada», disse a Irmã, «e precisamos de voltar ao início das coisas. A vida aqui vem da sua conceção terrena. Novas vidas não nascem aqui. O nascimento tem de se conformar às leis de criação de Deus tal como concernem a vida física. As leis são imutáveis. As leis não dividem a vida espiritual da física, interligam-nas. Existe comunicação entre elas. Uma procede da outra, mas o nascimento é uma função da vida física.

«À parte da vida promovida pela divisão de uma única célula, é lei que deve haver uma fusão de células masculinas e femininas para produzir uma nova vida. No momento em que tal fusão ocorre, uma nova vida vem à existência. Uma fusão bem-sucedida depende dos cromossomas masculino e feminino se juntarem para formar o todo perfeito, para que o Espírito entre nele. Dentro dos cromossomas estão os muitos genes que dão caráter à nova vida recém-formada.

Os genes são os herdeiros das qualidades da vida, boas e más, que passaram antes, de modo que no momento da conceção as qualidades genéticas se juntaram, dando caráter, personalidade e todos os outros detalhes para formar a nova vida. Quando ocorre uma passagem imatura de um feto, o Espírito deixa a parte material para trás e o que vem até nós é o embrião de uma vida completa, com genes para moldar o que será. A partir disto, vereis por que razão algumas crianças são loiras e outras morenas; por que a pele de uma é branca e com outras amarela ou escura.»

Assim foi que John e Mary deixaram os berçários do céu, pensando profundamente.

Capítulo 14

O CAMINHO DO SERVIÇO

John e Mary estavam a desfrutar de uma conversa, pois agora podiam trocar pensamentos e estar conscientes das intenções mentais um do outro, mas achavam mais agradável deixar que os seus pensamentos fossem enquadrados em palavras faladas. O processo era mais lento, mas tinha a vantagem de ouvirmo-nos falar e a voz de um ente querido.

John estava a falar e perguntou-se, admirado: «Quanto tempo, segundo os padrões terrenos, estive na vida espiritual? Parece que fiz tanto e que sei muito mais sobre a vida, apreciando cada vez mais profundamente a afinidade entre nós e outras formas de vida e substâncias também.

«Estou à procura de uma saída... de algo para fazer, uma contribuição em que possa juntar-me a outros, para dar alguma forma de serviço e fazer uma contribuição para o avanço do conhecimento; mas como pode isso ser com tantos outros mais eruditos do que nós dois?»

Mary consolou o seu companheiro, dizendo-lhe: «John, estamos muito próximos um do outro e vi a inquietação e as perguntas na tua mente. Eu também partilho as tuas ambições. Somos tão compatíveis que sou uma força para ti como tu és para mim. Não sei quanto tempo em tempo terreno temos estado juntos novamente — mas, se soubéssemos, ficaríamos surpreendidos com a extensão do tempo terreno que passou — mas que importa isso?

«Viajámos bastante, vimos tanto em diferentes direções; as formas como as pessoas vivem; os cuidados com as crianças; as artes e as ciências; as vidas de serviço que outros dão — e que serviço pode transcender o amor e a devoção daqueles que cuidam das novas chegadas a esta vida, quer seja da criança não nascida ou da alma mentalmente torturada que só conhece o medo? Com tudo isto, parece que só agora começámos a viver novamente, há tanto que não sabemos, e não devemos esperar saber tudo de uma vez.»

John interrompeu para dizer: «Lembras-te da história que nos contaram do estudo do estudante sobre um peixe-dourado?» Mary acenou com a cabeça. «Sinto-me como esse estudante, mas nem sequer tenho um peixe-dourado.»

Eventualmente, concordaram em pedir o conselho do Mestre da sua área de vida. Quando surgiu a oportunidade, viajaram perto de uma cidade onde Salas de Aprendizagem se erguiam altas acima do resto dos edifícios.

Foram atraídos para uma casa um pouco fora dos limites da cidade, como se um íman os atraísse para ela.

Em redor da casa havia um jardim verdadeiramente maravilhoso com uma exuberância de flores em flor, algumas das quais nunca tinham visto antes. Enquanto caminhavam pelo jardim, enfeitiçados com o sentimento de afinidade com o perfume e os sentimentos que as flores exalavam, foram recebidos pelo Mestre, que os levou para um pequeno recinto circular, com um banco redondo virado para dentro. John e Mary foram convidados a sentar-se com o Mestre.

«Observei-vos a desfrutar do meu jardim», disse o Mestre, «e fico contente por verem que encontraram o caminho do companheirismo com as flores. Estudai-as bem e vivei com elas perto do vosso coração, e descobrireis que o vosso jardim pode ser ainda mais feliz do que este é para mim. Conheço o vosso problema e por que vieram ver-me, na esperança de que vos possa dar uma orientação quanto à melhor direção a tomar na vida que vos convenha.

«São jovens nesta vida aqui, mas avançaram bem na compreensão do princípio de que a vida aqui é uma de pensamento e propósito. Há uma afinidade entre todas as coisas que usamos e temos razão para possuir. A vida é uma evolução para o progresso espiritual e a perfeição divina, que é atingível mas raramente plenamente alcançada. Descobriram que a vida aqui não é de ociosidade e facilidade egoísta. Aqui há oportunidades infinitas, não há limite para a realização, mas o que quer que realizeis, só pode seguir uma peça de conhecimento adicionada a outra — não há atalho para o avanço.

«Terão notado que não há necessidade de compulsão para ninguém trabalhar, mas se ninguém o fizesse, não poderia haver razão para um mundo espiritual. Realizamos as coisas que fazemos como contribuições para o serviço de Deus no esforço para dominar o mal. Ninguém recebe salários ou qualquer outra forma de recompensa exceto o amor do serviço ao bem comum no espírito de serviço uns aos outros pela devoção que temos uns pelos outros.

«Deixem-me expor-vos as principais avenidas de serviço. O amor pelos jardins e pela horticultura proporciona uma das formas de serviço mais fáceis e muito satisfatórias. Quando falo de ‘facilidade’, isto não a desvaloriza, pois todo o serviço é igual. Amam as flores profundamente e falam com elas, mas isso não vos satisfaria, caso contrário não desejariam esta entrevista. Precisarão de mudanças à medida que avançam, pois a mudança é o caminho do progresso espiritual.

«Há as diferentes formas como podem cultivar o conhecimento do belo e das artes. Estiveram em algumas das Salas de Aprendizagem e das artes. Só conseguiram olhar para a porta, não viram mais do que aquilo que um visitante veria.

«Estiveram na Sala de Tecidos e Design, e numa Sala de Ciência, e, embora o vosso desejo por um maior conhecimento de todas estas coisas tenha sido apreciativo, nenhum assunto vos tomou de assalto dando-vos um desejo irresistível de ir mais longe. Estiveram nas terras dos animais e viram como as novas chegadas da vida terrena são acolhidas aqui, sem esquecer a vinda das novas vidas. Viram um pouco da vida espiritual, mas há outro aspeto que gostaria que vissem.

«Sei que desejam dar serviço juntos, e da mensagem que recebi de Beulah, podem muito bem encontrar felicidade e satisfação num serviço que vos dará uma grande necessidade de paciência, compaixão, preocupação mental e busca da alma.»

O Mestre fez uma pausa por alguns momentos para dar a ambos, John e Mary, um pouco de tempo para que as suas palavras fossem plenamente apreciadas, e então quase simultaneamente os seus dois visitantes disseram juntos: «Por favor, conte-nos sobre isso.»

Assim, o Mestre continuou: «O empreendimento que sugiro que empreendam é um que ocupa as atenções de alguns dos nossos médicos e psicólogos mais eruditos e qualificados, que são na verdade sacerdotes de Deus, trabalhando em condições estreitamente relacionadas com a infelicidade, a degradação e o mal.»

«Até terem adquirido conhecimento e experiência, serão observadores e, a partir daí, encontrar-se-ão associados aos casos menos difíceis de desequilíbrio mental. Desta forma, começarão a vossa experiência para

participarem num dos movimentos mais progressivos e bons em que os Mestres Superiores estão envolvidos.

«Antes de falar mais, devo dizer-vos que, em qualquer período da vossa observação e cooperação, poderão sempre, a vosso pedido, regressar ao vosso retiro em casa até sentirem o impulso de voltar, e, se não houver desejo de regressar, que assim seja, e poderão então olhar em redor de novo.

«A vida terrena é, como agora sabeis, apenas um aprendizado para esta vida e, devido às leis que regem a dimensão física, estas geram todo o tipo de humanidade. Além da maioria das almas que entram possuindo um amor pela justiça e um serviço de compaixão e simpatia, que não magoariam voluntariamente um vizinho ou um animal, há aqueles que nascem com fraquezas genéticas e tendências indesejáveis... há aqueles que só servem a si mesmos e predam uma comunidade mais gentil. Há outros que são mesquinhos e de mente pequena; os sádicos, os implacáveis, os buscadores de poder independentemente de quem magoam, os viciosos e os amantes do mal. Todas as pessoas chegam aqui com a mesma perspetiva que tinham no momento da sua transição. Ninguém se torna santo ao entrar, vêm como realmente são. Aqueles que são bons juntam-se às forças do bem, e aqueles que carecem de toda a espiritualidade adicionam-se aos que são maus.

«Claro que não há uma divisão rígida entre os dois. Há uma secção ampla onde os recém-chegados não são realmente bons nem maus, e grande parte dos nossos esforços é gasta em ajudar aqueles em 'terra de ninguém' a virem para nós. Pode ser que alguns tenham de cumprir penitência retributiva por magoarem conscientemente alguém ou por um ato premeditado de malevolência.

«No outro extremo estão aqueles que são tão depravados que gostam de ser perversos, encontrando o seu próprio tipo de felicidade maligna em atos dolorosos e vilania. Estes tentam induzir outros, não tão maus como eles, a juntarem-se a eles, tal como nós usamos todas as nossas influências para trazer para o lado dos justos o maior número possível.

«Recomendo-vos que vão ver o que está a acontecer. Serão bem recebidos e guiados, tudo vos será explicado. O vosso trabalho começará com os problemas mais simples. Muito poucos humanos chegam aqui com qualquer conhecimento da vida espiritual. Alguns acham-na tão estranha

que pensam que ainda estão na vida terrena, mas de alguma forma foram enviados para outra parte da Terra. Todos têm de ser tomados sob cuidados, e ambos, John e Mary, poderiam muito bem encontrar nisto o vosso início de como ajudar. Há um grande número de pessoas espirituais que outrora foram trabalhadores sociais terrenos, médicos, sacerdotes e outros que agora trabalham juntos como um só, mostrando aos recém-chegados o caminho para saírem da sua estranheza, dificuldades e perplexidades. Mostrar-lhes por demonstração que já não estão doentes ou aleijados, para afastar os seus medos de que sofrem de cancro, fraquezas cardíacas e assim por diante, para lhes mostrar que os seus medos já não podem ser verdade. Não é fácil convencer alguns chegados de que já não precisam de comida, mas se se tornarem demasiado persistentes, descobrem que não conseguem comer comida quando esta é colocada à sua frente.

«Noutra direção, podem viajar em experiência e sabedoria até à tarefa muito difícil de libertar um recém-chegado do cativeiro do que se chamam 'pessoas espirituais presas à Terra'. Estas são geralmente almas muito infelizes, viciosas, atraídas pela Terra que não se conseguem libertar das condições da vida terrena.

«Deixem-me, como uma pequena recompensa pela vossa paciência, contar-vos um acontecimento comparativamente recente. Uma jovem enfermeira de hospital estava a ajudar uma vítima que sofria de 'possessão', quando uma entidade infeliz viu uma oportunidade de se transferir de 'possuir' um dos pacientes da enfermeira para a mente e o corpo da enfermeira.

«Durante dez anos, sofreu as indignidades de ouvir pensamentos maus, tanto sexuais como blasfemos. A sua saúde sofreu, e esteve à beira de um grave colapso nervoso. O marido, um homem bondoso e paciente, levou-a a um dos nossos amigos e servos terrenos chamado curandeiro espiritual. Este curandeiro pediu a nossa ajuda para a sua paciente e esta foi dada, mas nada conseguia desalojar a entidade maligna da sua vítima. Foi arranjado que a paciente e o marido ficassem alguns dias numa caravana no jardim do curandeiro, com o propósito de dar à paciente nova força, e de desfrutar de paz e liberdade de stress.

«A meio de uma tarde, o marido veio urgentemente ao curandeiro e pediu-lhe que viesse ajudar a esposa, que estava histérica, a agir de forma selvagem e em perigo de se magoar. O curandeiro, com o marido,

apressou-se para a caravana onde encontrou a senhora fora de si, a falar de forma descontrolada. O curandeiro sentou-se na cama ao lado dela e tentou pegar-lhe na mão, uma ação que ela ressentiu. Então o curandeiro sentou-se e ouviu e não disse nada. Não corrigiu nem discutiu com ela, apenas ouviu, e enquanto ouvia, um dos seus guias de cura aproximou-se muito dele.

«Os lamentos agonizantes da mulher continuaram e depois pararam por um momento. Este foi o momento que o guia estava à espera. Inspirou o seu curandeiro a dizer à mulher numa voz firme: 'Levanta-te', e pegou-lhe na mão e ela levantou-se. O curandeiro levou-a então à pequena janela e mandou-a olhar para os campos até às árvores. Continuou a falar-lhe sobre o campo e ela respondeu a falar de forma calma e normal. O curandeiro soube, intuitivamente, que a entidade tinha ido embora. E assim foi, no exato momento em que o curandeiro ordenou à sua paciente que 'se levantasse', o guia de cura tomou conta, o curandeiro libertou a mente dela pelo momento essencial em que os guias de cura foram capazes de levar a entidade embora.

«Agora vem a parte mais interessante desta história. Os guias levaram o homem e colocaram-no sozinho numa clareira. Formou-se um campo de força à sua volta que o homem não tinha o conhecimento para quebrar. Assim, ficou confinado à clareira e não podia afastar-se dela. Nesta clareira havia árvores, frutos, flores, cortada por um pequeno riacho que corria através dela. O homem estava cansado, a sua mente tinha estado tão atarefada que queria dormir e assim o fez.

«Ao acordar, o homem desfrutou de tudo o que tinha na clareira e gostava de dar as boas-vindas aos pássaros que voavam por ali, mas depois de um bocado a sua mente virou-se para trás em direção ao mal. Já não desfrutava das flores, arrancava-as e tentava destruir os arbustos e as árvores. Novamente a sua mente adormeceu, e quando acordou descobriu que os pássaros tinham ido embora, as árvores estavam nuas, não havia relva e até o riacho tinha secado.

«Começou a desejar a clareira como tinha sido, mas estava completamente nua, tudo exceto uma pequena planta com duas folhas, e estas estavam a morrer por falta de água. De repente, o homem quis que as folhas vivessem e foi ao riacho seco em desespero. Febrilmente, as suas mãos cavaram nas pedras do leito do riacho, para baixo e mais para baixo, quando por fim sentiu humidade nas pedras. Cavou mais fundo e, colocando as mãos no

buraco profundo com as palmas viradas para cima, aproximou-se o mais possível de rezar... e lentamente viu algumas gotas de água reunirem-se na palma da sua mão. Cuidadosamente, dirigiu-se à pequena planta moribunda e deixou que as gotas de água humedecessem o solo perto das raízes. Apressando-se de volta ao riacho, colocou novamente a mão para a água se acumular nela — sentiu como se trocasse a si mesmo pelas gotas de água, o que era o mais próximo de uma oração que algo poderia ser. A sua mão recolheu mais algumas gotas de água e assim conseguiu humedecer o solo um pouco mais. Isto continuou por muito tempo, e as folhas começaram a ganhar força da raiz e ergueram-se direitas.

Novamente o homem adormeceu. Acordou com nova força e propósito, enquanto continuava a sua tarefa autoimposta de recolher laboriosamente um pouco de água para a planta. À medida que continuava, descobriu que a água vinha mais livremente para as suas mãos, e conseguiu deixar cair alguma água no que pareciam fios secos de plantas que tinham vivido antes. Estas também começaram a mostrar sinais de vida, e à medida que o homem viajava incessantemente de um lado para o outro do riacho com um pouco de água nas mãos, as plantas começaram a possuir nova vida e retribuíram-lhe os cuidados e atenção crescendo e depois trazendo flores. O riacho começou a fluir mais plenamente, as árvores cresceram novas folhas e os pássaros voltaram. O homem tornou-se feliz consigo mesmo, algo que nunca tinha sentido antes, e estava contente e feliz.

«Os guias que estavam a ajudar o homem a recuperar-se estavam satisfeitos com o seu progresso e o seu amor e apreciação pelo seu pequeno reino. Então arranjaram outra fase na busca do homem pelo seu próprio espírito.

«Depois de cuidar da vida vegetal, voltou ao seu lugar de dormir para descansar, quando ficou espantado por encontrar um rapazinho que o olhava com olhos saudosos como se pedisse algo. O homem sentou-se e puxou o rapaz para si. Este rapaz tinha acabado de chegar de uma vida terrena muito infeliz. Não tinha pais e ninguém cuidava dele. Tinha sido empurrado de um lado para o outro, e a sua vida tinha sido de sofrimento e miséria.

«O homem e o rapaz tornaram-se mais do que amigos, amavam-se e cada um serviria o outro de todas as formas que pudessem. Quando os guias viram isto e que tudo estava agora bem com ambos o rapaz e o homem, arranjaram para que uma pequena casa fosse construída na clareira para

proporcionar um lugar de que pudessem ter orgulho e que se tornasse um lar para eles. Então o campo de energia que tinha encerrado a clareira foi removido, e os dois inseparáveis puderam viajar, ver pessoas e partilhar a vida daqueles que visitavam — mas voltavam sempre à sua pequena casa na clareira, pois esse era o seu lar.»

O Mestre acrescentou estas palavras: «Esse é o tipo de serviço que penso que poderão fazer em última análise, mas antes que isso possa ser assim, há tanto que têm de aprender e experimentar à medida que encontram tanto responsabilidade como felicidade em dar a vossa ajuda a muitos necessitados. Terão também de descobrir os meios pelos quais a comunicação é mantida com a vida terrena e as pessoas lá, algumas das quais provavelmente virão sob os vossos cuidados quando chegarem aqui. É um trabalho que atrai os interesses de muitas pessoas. É substituir a desordem pela ordem, a infelicidade pela felicidade, mostrando o caminho para os vossos pacientes saberem um pouco mais sobre o maravilhar que é Deus.»

Com estas palavras, o Mestre terminou a sua conversa com os seus visitantes. Passaram mais tempo com ele enquanto os levava pelo seu jardim, apontando os seus amigos flores especiais.

John e Mary regressaram a casa elevados e felizes. Tinham agora um quadro para o seu futuro para o qual trabalhar, percebendo que ainda tinham muito para ver e aprender para os qualificar para o serviço que tinham de fazer.

Capítulo 15

VISITA A UM CONCERTO E A UMA BIBLIOTECA

Os nossos dois amigos ficaram profundamente impressionados com o quadro que o Mestre lhes pintara. Estavam a discutir as diferentes formas como poderiam prestar serviço e sentiam-se felizes com a perspetiva de haver tanto para contemplarem e fazerem.

Mary interrompeu a conversa, dizendo: «Espera um momento. Acabo de ouvir que vai haver um concerto. Deixemos de pensar em nós próprios e vamos ao concerto.»

E assim se viram parte de uma grande multidão de pessoas a dirigir-se para uma formação circular de colinas.

Parecia que tudo o que era necessário para reunir uma audiência era o Mestre transmitir uma mensagem informativa por «rádio pensamento», que podia ser «ouvida» como Mary a ouvira.

John confessou que não tinha um amor especial pela música, mas não era assim com Mary, o que possivelmente explicava Mary ter recebido a informação transmitida e não John, pelo que concluíram que as mensagens eram afinadas para atingir apenas as pessoas possuidoras de uma medida de apreciação musical.

Ao chegarem ao local do concerto, viram no centro um grande anfiteatro. No centro havia um espaço aberto livre de pessoas.

Não havia assentos, pois para quê? As pessoas no Espírito não se cansam fisicamente, pelo que a audiência se contentava em ficar de pé.

As pessoas chegavam de diferentes direções, milhares e milhares a tomarem as suas posições no terreno ascendente a partir do piso do concerto até às colinas circundantes.

John perguntou-se se aqueles que estavam tão longe conseguiriam ouvir. Mary assegurou-lhe que sim, pois já ouvira concertos neste lugar antes, quando estava colocada a distância. Pensava que algumas pessoas preferiam ouvir de longe para não estarem conscientes dos preparativos para o concerto e da presença de tão grande concurso de pessoas ouvintes.

Enquanto observavam, viram a entrada dos músicos e das outras pessoas que os iriam entreter. Havia cerca de quinhentos músicos a transportarem

instrumentos de vários tipos e um número igual de outros vestindo trajos de muitas cores.

John chamou também a atenção de Mary para alguns outros equipamentos que foram colocados em redor da orquestra.

Vários instrumentos eram semelhantes aos usados na vida terrena, instrumentos da família das cordas, violinos, violas, violoncelos e outros de tamanho muito maior semelhantes ao contrabaixo. Havia harpas e uma combinação de harpa com um corpo de violoncelo ressonante. Outros instrumentos de vários tamanhos pareciam modelos avançados, grandes e pequenos, do simples triângulo e feitos de diferentes tipos de metais, alguns possuindo um acessório semelhante a uma trompa. Havia uma secção de xilofones de vários comprimentos, alguns com acessórios de trompa, sinos e outros objetos de que John não fazia ideia para que serviam.

«Olha!», disse John. «Por que razão não há trompetes, cornetas, flautas, flautins e todos os outros instrumentos de sopro, trombones e semelhantes?»

Mary sorriu, pois sabia que John teria a resposta após um momento de reflexão. Depois disse: «Todos esses instrumentos que estás a pensar precisam de uma aplicação inteligente de um fluxo físico de força, como gás ou ar, que é um estado químico que não temos aqui, mas», continuou, «se olhares para o centro da orquestra, verás um instrumento que nunca viste antes. Pode ser que não vejas quem o toca, pois ele está dentro dele.»

John notou então a estrutura estranha. Era mais alta do que um homem e novamente tão larga em largura. A coisa mais próxima a que John a podia comparar era uma torre com uma base larga e estreitando para o topo, onde dois tentáculos semelhantes a braços emergiam dos lados. No fim dos tentáculos havia uma massa prateada de caules delgados semelhantes a estames que, por sua vez, tinham dezenas e dezenas de pelos finos semelhantes a gaze. John pensou para si que pareciam flores de dente-de-leão crescidas à espera que alguém viesse e as «soprasse».

John soube por Mary que só podia haver um destes músicos numa orquestra e que o sucesso do concerto dependia largamente da sua progressão superior na compreensão, composição e apresentação da música, para que outros em todos os graus da arte da apreciação musical

pudessem ouvir e sentir dentro de si a beleza e o significado da cultura das melodias, e os membros da orquestra deviam, claro, saber tudo sobre isso.

John estava pronto para fazer mais perguntas quando Mary lhe tocou no braço e sussurrou: «Ouve.»

Da peça central veio uma cadência de som como John nunca ouvira antes. Não há palavras nos dicionários para descrever um novo conceito de som, tal como não há palavras para descrever uma cor inteiramente nova. A natureza da música mudaria como se passasse de um órgão de igreja para as notas leves e borbulhantes de uma cascata, dos sons mais subtis para os de grandeza e magnificência.

Tornou-se claro que o resto da orquestra criaria um fundo de música para apoiar o músico mestre responsável pelos temas centrais.

John e Mary, como todos os outros na grande assembleia, ficaram cativados pelas melodias. Ele disse mais tarde que parecia que o músico tocava para ele e apenas para ele, como se uma forte afinidade pessoal os mantivesse próximos, muito próximos, um do outro. Mary disse que também sentira isso, pelo que se pode muito bem assumir que cada um daquela vasta multidão de pessoas também sentira a mesma unidade pessoal com a música.

John soube, mais tarde, que não havia programa definido e não houvera ensaio com o músico principal e a orquestra.

Este «mestre da música» era na verdade um Mestre, e era através da sua capacidade de pensamento duplo não só conceber e compor a alta qualidade da música que seria prontamente apreciada por amantes e não amantes da música (como John se considerava), como também o seu conhecimento de como transferir a sua música para o ponto onde podia ser traduzida em estruturas de energia e assim irradiar para atingir todas as pessoas que tinham vindo ouvir.

A estrutura semelhante a torre era simplesmente um veículo para receber os conceitos de pensamento melódico do Mestre e traduzi-los em energias caracterizadas que podiam ser irradiadas numa forma qualitativa que as pessoas na vida espiritual podiam receber e registar como uma experiência mental.

Todos os instrumentistas na orquestra eram músicos de nota, que não só possuíam o dom da sintonia com o Mestre, mas tinham algum pré-conhecimento das suas intenções, pois, como foi dito, não houvera ensaios e a música do Mestre era a criação espontânea da sua mente no momento da sua emissão e os membros da orquestra conheciam o caráter da melodia para que uma mistura pura pudesse seguir sem qualquer discórdia.

Seria apenas uma coincidência que, quando John sentiu como se a sua cabeça estivesse a rebentar com sons gloriosos, ao ponto de sentir que não conseguia aceitar mais música, visse que uma mudança no anfiteatro estava prestes a acontecer?

Várias centenas de pessoas vestidas com trajos de muitas cores estavam a tomar posições no espaço aberto em frente da orquestra. À medida que se moviam, podia ver-se que os seus vestuários eram de textura extremamente fina, quase como gaze, e com diferentes tons de cores por baixo.

A orquestra, liderada pelo músico mestre, começou a tocar uma melodia leve e os dançarinos moveram-se em perfeita sincronização rítmica. No início, estes movimentos eram suaves, ondulantes dos corpos e membros.

À medida que o tempo da música aumentava, os dançarinos mudavam as suas formações e os seus movimentos tornavam-se mais rápidos, parecendo ser um movimento contínuo apresentando um espetáculo de cor que nenhuma palavra é adequada para descrever. À medida que os dançarinos rodopiavam e o material finíssimo semelhante a gaze dos seus trajos se movia em perfeito uníssono com as melodias, o espetáculo apresentava música em movimento e cor.

Os movimentos dos dançarinos aceleravam e depois fundiam-se suavemente noutro tema rítmico mais lento e repousante, retratando facilidade e lazer pacífico, apenas para gradualmente, impercetivelmente, se tornarem mais rápidos e ainda mais rápidos. Parecia então a John como se todos os dançarinos se tornassem um só e, do centro indescritível de cor, emergiam formas voadoras, os dançarinos eram levitados da massa central de movimento, tecendo para dentro e para fora uns dos outros, traçando padrões no espaço acima da multidão colorida num padrão de linhas em movimento, subindo, descendo, para fora e para dentro, tudo em uníssuno mantendo a perfeição do padrão geral.

À medida que isto aumentava, atraindo, por assim dizer, mais e mais dançarinos do solo, a assembleia total de dança era elevada para o espaço acima. Talvez fosse que, como os dançarinos já não estavam limitados pela necessidade de manter os pés no solo, entravam numa nova dimensão de movimento, e isto era plenamente explorado à medida que a bela massa de cor em movimento interpretava a mensagem da música em liberdade rítmica e movimento irrestrito, unindo a orquestra e a dança no «espírito da vida».

Com a desaceleração suave da melodia, assim a dança, com os dançarinos a descerem ao solo e, à medida que a última nota se esvaía nas colinas distantes, balançavam até uma paragem na sua formação original.

A música e a dança continuaram, sem parar. Num momento, tão contagiosa era a música e os movimentos dos dançarinos que toda a vasta audiência foi movida a juntar-se, com movimentos corporais, palmas em uníssono e canto do tema musical, pois não só os instrumentistas e os dançarinos eram exaltados pela vida e espírito da música subindo do anfiteatro até aos cumes das colinas circundantes, mas as milhares de pessoas da audiência eram levadas com ela também.

Intensamente felizes e elevados, John e Mary interromperam a sua viagem de regresso a casa para visitar alguns jardins onde os jardineiros estavam dedicados ao desenvolvimento de uma nova espécie de flores espirituais, cuja beleza, cor e perfume não podem ser escritos em palavras, tão etéreas eram.

Nas proximidades havia um edifício opalino de grandeza, cujas formas arquitetónicas e materiais apresentavam uma radiância quente de tons pastel refinados do verde mais pálido. O material de que as paredes eram feitas parecia transparente, e o olho podia olhar para dentro dele mas não através dele.

Descobriram que era uma biblioteca, e entraram. As paredes e o teto alto abobadado emitiam a mesma radiância opalina, criando uma atmosfera de paz e isolamento de interesses externos, mantendo, por assim dizer, os pensamentos e a sabedoria expressos em todos os livros dentro.

Até onde a vista alcançava no grande salão central e ao longo das avenidas que partiam do centro havia filas e filas de livros, reluzindo com as suas

encadernações de qualidade, alegres e brilhantes, mas havia também os tons mais suaves.

Foram recebidos por uma das bibliotecárias, e sentaram-se num pequeno banco semicircular de modo que cada um ficava de frente para o outro. Esta bibliotecária era uma senhora de personalidade agradável, mas ao olharem para ela, os nossos amigos não podiam deixar de notar que possuía dentro de si um grande tesouro de conhecimento.

Não tinham estado a falar juntos por muito tempo quando ela foi informada dos serviços futuros que esperavam prestar, tal como delineados na sua entrevista com o Mestre.

A bibliotecária pediu-lhes que esperassem por ela, e levantou-se e deixou John e Mary com as memórias da magia celestial do concerto e o atual encantamento da biblioteca.

A bibliotecária regressou com dois livros, um delgado e o outro substancial em volume. Disse: «Trouxe-vos estes para levarem e lerem quando quiserem. O volume delgado dar-vos-á, em não muitas palavras, a mensagem que foi dada aos Mestres por um mensageiro do Senhor Criador no tempo inicial em que começou a evolução da consciência da alma humana; e é a partir destas diretivas que os valores nesta vida espiritual tiveram a sua origem e se desenvolveram à medida que ganhámos conhecimento e experiência na promoção de um código de valores adequado de acordo com o propósito Divino.

«Este livro expõe o caminho através do qual o homem progrediu, tanto na sua consciência intelectual como espiritual do propósito da sua criação.» Acrescentou: «Não vos direi mais, pois este será o vosso livro de referência e para o vosso encorajamento em tempos em que possam sentir-se demasiado pequenos para continuar.

«Este segundo livro, maior, dar-vos-á orientação e informação nos vossos próximos empreendimentos para estabelecer uma relação pessoal com pessoas que estão na sua vida terrena. Há as pessoas boas e aquelas que não o são tanto; os curandeiros e os médiuns; aqueles que desejam desenvolver os dons do Espírito; outros que estão mentalmente doentes e precisam de orientação; os temerosos e os obcecados; os solitários e os enlutados; e muitos outros, até aos governantes, que por vezes estão em necessidade

urgente, pois têm as maiores responsabilidades para com a família humana, e assim a boa vontade de cada um para todos.

«A informação na primeira parte deste livro ajudar-vos-á na compreensão dos processos que vos serão mostrados na arte de estabelecer comunicação com pessoas terrenas. Ambos os livros estão escritos de forma simples, e com as vossas mentes desejosas de saber como tomar parte, depressa compreendereis o que os capítulos têm para vós.

«Podereis ler as experiências de outros que entram no mesmo campo de serviço que vós. Podereis aprender com os seus mal-entendidos. Há as narrativas que descrevem os procedimentos e os resultados do cuidado e atenção contínuos dedicados a trazer mesmo uma alma confusa ou atormentada para o refúgio da boa vida espiritual.

«Guardai estes livros como desejardes e, quando já não tiverdes utilidade para eles, recebê-los-ei de volta. Todos os meus bons desejos vão convosco.»

Quando John e Mary chegaram a casa, deram uma olhadela mais atenta aos livros, o belo toque do papel; a substância das capas, de que não tinham conhecimento e nunca tinham visto antes; o artesanato no trabalho e encadernação, que os fazia sentir que não era apenas um livro que seguravam nas mãos, mas parte da vida que entrara na sua produção.

John, que sempre amara livros, ficou ali, segurando primeiro um e depois o outro, absorvido pela sua excelência — e interrompeu a concentração com o comentário apropriado a Mary: «Que pensamento glorioso é que não pode haver ‘livros de bolso’ nesta nossa nova vida!»

Capítulo 16

PREPARAÇÃO PARA A COMUNICAÇÃO

John estava a ler e Mary ocupava-se no jardim quando descobriram que tinham um visitante. Disse que o seu nome era Ibrahim e que fora enviado para os visitar pelo Mestre responsável pela «Reclamação» depois de ter ouvido falar do seu desejo de servir pelo Mestre da sua própria área.

A personalidade de Ibrahim apelava muito fortemente a John e Mary. Era essencialmente viril e cintilante. A sua presença dava-lhes a impressão de movimento e afeto. Os seus olhos escuros estavam vivos e o seu sorriso contagioso. Parecia tão jovem em idade, mas velho em sabedoria. John recebeu o pensamento de que fora egípcio, e isso não estava longe da verdade, pois Ibrahim, ao receber o pensamento de John, disse-lhes que na sua vida terrena fora árabe.

Foram informados de que a razão da sua vinda era falar com eles para fornecer algumas explicações dos principais processos que encontrariam inicialmente no seu novo trabalho. Disse que queria que discutissem estes com ele para que, quando começassem o trabalho, já tivessem recebido alguma informação que ajudasse a evitar sentirem-se estranhos e terem alguma ideia do que lhes estava à frente, e ao mesmo tempo dar-lhes a oportunidade de procurarem outra forma de serviço, se assim o desejassem.

No início, John e Mary seriam solicitados a ajudar casos muito simples, como recém-chegados que chegariam muito cansados na mente de longas doenças debilitantes, ou assédio, os confusos, bem como o tipo autoritário e bully que exigiria em voz alta ser enviado de volta ao seu local de negócios. Principalmente, tudo o que John e Mary seriam obrigados a fazer seria procurar acalmar mentes perturbadas e assustadas e levá-las para os «hospitais de repouso» onde enfermeiras, qualificadas nas suas apreciações psicológicas, os tomariam sob os seus cuidados.

Não seriam, inicialmente, necessários para estudar profundamente os meios pelos quais tais recém-chegados recebiam uma perspetiva mais feliz, contente e pacífica; nem seriam obrigados a juntar-se ao serviço mais leve e feliz de guiar os pacientes através das Casas de Convalescença, até poderem ser colocados com parentes ou amigos amorosos, ou encontrar um canto na sociedade espiritual onde se contentassem em seguir algum serviço leve levando a um interesse mais pleno nas pessoas e na vida. A

razão para isto era que se deviam envolver com recém-chegados necessitados como um aprendizado para o seu trabalho mais importante.

Este trabalho começaria realmente no estado intermédio de consciência humana e espiritual. Depois viria a análise dos estados mentais na vida humana para os ajudar nos tempos futuros a tornarem-se eventualmente curandeiros e preventivos de doenças. Ao mesmo tempo que isto acontecia, John e Mary receberiam conhecimento das leis físicas e espirituais que regem o equilíbrio mental e a doença.

Ibrahim fez uma pausa por um bocado, para que os seus pensamentos fossem aceites nos computadores mentais de memória e registo de conhecimento, antes de continuar dizendo: «Tornar-vos-eis mais próximos das condições terrenas e não se poderia dizer agora em termos de anos terrenos que período de tempo passaria, tanto dependeria da vossa capacidade de progredir.»

O objetivo a que visavam era o resgate e reclamação das almas daqueles cujas mentes se tinham distorcido; aqueles que possuíam pouca consciência ou preocupação com os outros, indiferentes ao sofrimento humano ou animal, até possuindo um prazer sádico selvagem em ver outra criatura viva em dor e angústia. Com isto, mais tarde, viria a qualificação eventual para atuarem como guias espirituais para humanos que pudessem alcançar.

O orador deu-lhes encorajamento, dizendo-lhes que tinham sido observados de perto pelos superiores que se deliciavam em ver quão próximas as suas mentes estavam na sua felicidade de se juntarem em qualquer peça de trabalho que se propusessem fazer. Por esta razão, seriam capazes de dividir qualquer tarefa onerosa de adquirir conhecimento, de partilhar qualquer empreendimento, sem procurarem que um deles tivesse mais crédito do que o outro. Poderiam ir juntos como gémeos em missão.

Desde o início, seria bom se procurassem a arte da sintonia com aqueles que estavam a ajudar à chegada, de modo a aprenderem a arte de ler não só os pensamentos dos doentes, mas os desejos, ambições e intenções mais ocultos. Tal faculdade seria inestimável quando entrassem no seu trabalho maior.

Foi explicado como John e Mary faziam isto naturalmente entre si sempre que havia necessidade. Só realmente cessava quando um deles se retirava

para si mesmo para o prazer da meditação pessoal e apreciação de algum aspeto de pensamento ou a busca de um desejo.

«Sabeis que o ato de promover um pensamento emprega uma força ordenada que pode levar as vibrações do pensamento ao recetor, isto é, desde que o emissor e o recetor se conheçam. Quando Mary recebeu a mensagem de pensamento sobre o concerto, esta era uma transmissão geral de pensamento disponível para todas as pessoas a quem o propósito da mensagem interessaria. Na vida espiritual, a transmissão de mensagens ou conversas de pensamento positivo é um assunto ordenado. Se a mente de um amigo se perturbasse, isto seria imediatamente notado e aqueles mais capazes de acalmar e serenar a mente perturbada tomariam ação imediata.

«O emprego de forças que transmitem pensamento aplica-se a ambas as dimensões, mas na dimensão física há muito pouca ordem. É um caos confuso — um mar de desordem inconsequente, mas em tempos terrenos mais recentes foi estabelecido um número crescente de comunicações diretas entre pessoas de boa vontade, como os vossos médiuns e curandeiros, que estabeleceram uma afinidade entre si e os guias que têm interesse direto no progresso de uma humanidade espiritual e na missão de Deus para a emancipação de todas as almas.

«Nem todos os pensamentos são registados. Impressões casuais ou coisas inconsequentes não são registadas. Por exemplo, quando vos sentais, estais conscientes de o fazer: o sentido dos nervos táteis leva ao cérebro-computador a informação, e deixa de ser uma necessidade registável. Pelo contrário, se uma mosca-verde comum caminha ao longo de um único cabelo da cabeça, então isto, sendo invulgar, torna-se uma experiência positiva da mente. Pensamentos sem importância desta natureza e outros que lidam com os desejos do corpo físico e o seu conforto podem talvez ser descritos como pensamentos ‘domésticos’ e estes não seriam registados mais além.

«Os pensamentos não são palavras, apenas vestem o pensamento para reconhecimento por aquele cujo conhecimento das palavras apropriadas pode dar uma forma de reconhecimento à mente e consciência. Se for o propósito enviar o pensamento para o ‘calor do sol’ ou ‘água’, a forma-energia é precisamente a mesma independentemente de quem seja o originador do pensamento — um pigmeu ou um professor. O recetor da

forma-energia reconheceria imediatamente a radiação e vesti-la-ia numa palavra para que a sua mente soubesse o que se pretende.

«Isto implica que o cérebro-computador deve armazenar nos seus bancos de memória um reconhecimento das formas de energias-pensamento relacionadas com objetos, etc., e não há necessidade de palavras — na verdade, uma biblioteca da interpretação de energias-pensamento. Isto é ilustrado pela vibração de energia sonora de, digamos, a nota musical de um 'dó agudo' sendo reconhecida pelo computador e informando a mente que é o 'dó agudo'.

«Há mais dois exemplos. Na vida terrena, pode-se falar com outro do outro lado do globo por meio de vibrações formadas eletricamente que viajam por fio, que serão então convertidas em radiações sonoras, propositadamente distorcidas para privacidade; e ao chegarem ao destino, a distorção será removida, a radiação mudada de volta para impulsos elétricos, e a mensagem escrita e transmitida por telegrama ou telefone.

«Uma variação disto é a capacidade do homem de enviar um fluxo de radiações de energia na forma de palavras e imagens em movimento para um satélite em órbita a várias centenas de milhas de distância na estratosfera, não só para encontrar infalivelmente o satélite, mas para fazer ricochete nas radiações num ângulo tão preciso que possam ser recebidas do outro lado do planeta, dentro de um segundo de tempo.»

«O objetivo destas referências é ilustrar como, dentro das limitações da dimensão física, tanto foi alcançado nas manipulações de energias. Atos que superam de longe os sonhos mais ousados de um sábio que vivesse há menos de uma geração. Portanto, quando aprenderem a capacidade dos nossos médicos na vida espiritual de usarem forças de pensamento em muito maior extensão, isto não é irrazoável. Isto aplica-se à estrutura, propósito e manipulação da força de pensamento, pelo que não considerarão isto fora de contexto em relação ao trabalho que se pretende que façam. Isto é, trazer às mentes desordenadas das almas perdidas as boas influências daqueles de nós que acreditamos estar a servir o Criador ao fazê-lo.»

Com isto, Ibrahim fez uma pausa por um bocado e disse: «Acho que é suficiente para se lembrarem da minha primeira conversa convosco. Voltarei novamente.»

Algum tempo depois, Mary viu um sorriso largo no rosto de John, mas não conseguia ver a razão para isso, pelo que lhe perguntou o que era que o divertia tanto.

Ainda a sorrir, John disse: «Lembro-me de uma história que ouvi antes de vir para aqui. Foi a descrição de Ibrahim da massa de súplicas de pensamento implorantes que se estendem das vidas terrenas com um pedido para que algo lhes seja dado.

«Dois homens estavam sentados lado a lado numa igreja. Um era pobre, o outro rico. O pobre repetia em voz alta: 'Senhor, mostra-me o caminho para conseguir cinco libras para o aluguer desta semana.' O rico tinha um problema maior, queria que Deus lhe emprestasse 100 000 libras para o salvar da falência.

«O pobre continuou a entoar a sua necessidade de cinco libras. O rico meteu a mão no bolso, tirou cinco libras e deu-as ao pobre:

'Aqui tens, Deus ouviu a tua oração, tens as tuas cinco libras, agora vai-te embora e deixa Deus concentrar-se em mim.' Quando o pobre se foi embora, o rico olhou então para o céu e disse: 'Agora, Pai, gostaria da tua atenção indivisa...'»

Não demorou muito até Ibrahim se apresentar novamente aos seus ouvintes. Ficou satisfeito por ver que tanto John como Mary tinham compreendido o significado do que lhes dissera.

Disse: «Uma vez que o cérebro-computador aceita e aprecia uma imagem de pensamento, esta permanece e não pode ser perdida na vida espiritual porque não pode haver cansaço ou esquecimento.

«Ambos precisarão de adquirir a arte da sintonia com mentes humanas, pois este é o fator essencial para ajudar humanos. Todos precisam disto, especialmente aqueles que atingiram um alto estado de importância material, pois invariavelmente têm muito a desaprender quando chegam aqui.

«Quando um humano de boa intenção deseja estabelecer uma afinidade connosco, precisa de permitir que o lado físico da sua mente entre no descendente, enquanto encoraja a sua mente espiritual a tornar-se ascendente por meio de meditar nas coisas superiores da vida. Os seus pensamentos deter-se-ão na bondade, perfeição, beleza, liberdade de stress,

procurando conforto e cura para atingir aqueles que conhece que estão em dor e doença ou aqueles que estão gravemente angustiados na mente, os preocupados e os temerosos, bem como aqueles que precisam de força interior e conforto. Desta forma, a consciência eleva a mente, tanto que a mente espiritual domina o seu cérebro e a sua consciência, abrindo assim o caminho para que a comunicação seja possível entre ele e o 'ouvinte' na vida espiritual que é alguém que tem a faculdade de sintonizar a sua associação mental para receber ideias e pedidos humanos, mesmo que sejam abstratos.

«Quando começarem a procurar sintonia com humanos, precisarão de permitir que a vossa mente viaje na direção oposta. Em vez de olharem para cima para a beleza e perfeição, deixarão que a vossa mente olhe para baixo para o passado, para encontrar o que passou antes, para vir ao vosso encontro à medida que permitem que a qualidade da vossa mente desça a um nível inferior. Talvez uma explicação mais simples seja a de um adulto conhecedor permitir que a sua atitude mental desça para se colocar num nível compreensível com o de uma criança.

«Ser-vos-á mais fácil discernir inicialmente a força de pensamento de humanos mais iluminados que procuram sintonia com o Espírito. Na verdade, não os 'vedes' numa forma tangível, é mais um estado de consciência, de receber um fluxo de impressão de pensamento intuitivamente.

«Como descobristes os meios pelos quais podem falar com outros sem necessidade de palavras, assim descobristes a arte de permitir que o vosso pensamento tome forma, com todos os detalhes necessários para que o vosso comunicante aceite o tema ou imagem de pensamento que desejais transmitir. Ele não interromperá, ou não deveria, até tomar consciência de que estais à espera da sua resposta. Desta forma, recebereis a mensagem do vosso comunicante e dareis a vossa resposta de maneira semelhante.

Estais conscientes de que a comunicação não é apenas uma mensagem fria de palavras, mas mais uma imagem em cores que a vossa mente vê e deseja transmitir. Não tentaríeis, por exemplo, descrever a cor de um artigo como 'rosa', a representação energética do tom correto de rosa seria incorporada na vossa mensagem. À medida que vísseis a imagem de uma rosa na vossa consciência, assim esta poderia ser recebida pela consciência do vosso

amigo numa forma imagética verdadeira, através da vossa sintonia com ele ou ela.

«Assim será quando receberdes a vossa primeira mensagem de um humano. Inicialmente, é provável que seja fraca, borrada, faltando clareza, falhando em força ou mesmo desaparecendo, e depois regressando debilmente. Como em todas as outras coisas, precisareis de experiência de uso. Encontrareis bons comunicantes e maus.

«Quando entrardes neste campo de trabalho, não estareis sozinhos. Tal como aprendestes o caminho para apreciar a cor, pobremente no início e depois aprendestes a descobrir a maior riqueza e sentimento contidos nessa cor, assim melhorareis a vossa capacidade de perceção. Aquele que vos está a ajudar atuará como uma mente gémea, de modo que o que parece indecifrável se torne mais claro e brilhante à medida que a vossa mente se foca mais precisamente.

«É considerado pelos Mestres que sereis alunos aptos e é por isso que me pediram para vir preparar-vos dando-vos um pouco de pré-conhecimento de situações e problemas que encontrareis.

«Quando, no tempo vindouro, vos tornardes os guias de uma alma humana digna, a arte da sintonia tornar-se-á como 'segunda natureza' para vós e para o vosso chela-estudante. Ele pode mesmo tornar-se um pouco mais de vós do que de si mesmo.

«Antes de atingirdes esse estado de mudança, o vosso trabalho preliminar ocupará ambos, trabalhando juntos, de uma maneira mais difícil. Precisareis de vos permitir aproximar-vos mais das condições terrenas. Gritos mentais por ajuda virão distorcidos, faltando continuidade e sem fluxo de pensamento ordenado. Será uma emissão bastante confusa, torturada, espasmódica. Isto aplica-se mais aos que procuram ajuda por medo e remorso. Um pedido de pensamento mais diretivo pode vir de uma pessoa que procura cura para si ou para um ente querido.»

Ibrahim continuou: «Sereis levados a um Retiro de Sintonia, onde sereis encorajados a permitir-vos receber a faculdade de 'sintonia interior'. Isto vos será muito útil, permitindo-vos perceber mais claramente do que antes, a perceção das artes e ofícios, até as flores tornar-se-ão mais 'vivas' para vós.

«A sintonia procede em ambas as direções. Primeiro, para o que é puro e bom, um estado de maior unidade com a essência da bondade, que é divina e o oposto, os estados mais profanos e terrenos de fealdade e mal. Desta forma, recebereis força espiritual que será a vossa armadura contra os emissários do mal que trabalharão contra vós.

«A apoiar-vos estarão as forças da bondade e a intensidade destas é mais forte do que as que são malignas. Quando houver um concurso entre o bem e o mal pela alma de um infeliz, vós, representando a força pelo 'bem', sereis os mais fortes, mas a fraqueza repousará no doente, pois não nos é permitido usar força ou deturpação astuta, e se o doente for persuadido pelo lado mais sombrio a viajar por esse caminho, então as nossas leis não nos permitirão usar qualquer força para o reter.

«É aqui que, à medida que ganhais experiência e poder de pensamento, virão os vossos verdadeiros labores. Na maioria das ocasiões, devíeis suceder, mas mesmo os mais fortes dos nossos professores nem sempre sucedem no cabo de guerra por uma alma.

«É a lei que Deus deu aos Seus filhos para o 'bem' e o 'não tão bom' terem livre arbítrio, e, embora possais dar vida e cor, poder e vitalidade aos vossos esforços para influenciar uma alma a ir convosco, ele tem de ir livremente e não como vosso prisioneiro. Há um equilíbrio nestas coisas. Se, num concurso, o lado mais sombrio, vendo-vos trabalhar possivelmente sobre ou com uma mente doente, fortalecer as forças malignas contra vós, então virá até vós um apoio equilibrado igual ao outro para vos ajudar nos vossos esforços para ganhar a alma ameaçada para o Espírito — e há regozijo aqui quando mesmo uma é assim resgatada.»

Ibrahim disse que os veria novamente à medida que fizessem progresso no trabalho da sua vida, mas sugeriu nestes dias de preparação, à espera até chegar o momento em que ambos sentissem que seriam capazes de tomar alguma responsabilidade sobre si mesmos, que visitassem ocasionalmente o Retiro de Sintonia como observadores, e também o local de Receção para aqueles que precisam de ajuda, amor e orientação na sua chegada à vida espiritual.

Capítulo 17

OS LOCAIS DE SINTONIA

Chegou o tempo para John e Mary visitarem os locais onde a sintonia com a Terra é praticada. Esta viagem não foi premeditada; nem sequer tinham discutido o momento em que deveria ser, mas partiram mutuamente, sem uma palavra ser dita, como se fosse um plano acordado.

Nenhum deles sabia o que procurar ou em que direção deveriam ir. Era suficiente que ambos tivessem o mesmo desejo de visitar o local que Ibrahim mencionara, para serem levados para lá.

Quando pararam de «viajar», olharam em redor. Estavam numa paisagem arborizada de beleza excessiva onde a relva e toda a verdura eram do verde vivo mais brilhante. A glória disto via-se em todos os lados. Numa direção distante, havia o que parecia à primeira vista uma névoa azul de nuvem.

Caminharam em direção a esta e, à medida que se aproximavam, podiam ver que era uma cidade planeada com muitas casas entre árvores e jardins. Todas as casas de habitação pareciam feitas de um material azul etéreo e era este tom de azul que apresentava a névoa semelhante a nuvem que viram primeiro.

Estranhamente, ao contrário das cidades habituais, havia apenas um ou dois edifícios altos finos. As glórias arquitetónicas habituais que a maioria das Salas de Aprendizagem dava distinção à sua arte ou ciência não se viam.

Enquanto estavam parados a contemplar a cena diante deles, perguntando-se o que possuiria para eles, descobriram que não estavam sozinhos.

Um jovem, vestindo um manto azul sobre uma túnica azul mais clara, e uma jovem vestindo um robe branco cintilante, caminhavam em direção a eles com sorrisos calorosos de boas-vindas. O aperto de mãos falou eloquentemente da seriedade da sua saudação aos recém-chegados. Já John e Mary sentiam como se fossem «um só» com os seus dois novos amigos.

O homem disse: «O meu nome é Manto Azul e esta é Ruth. Viemos do nosso Líder para transmitir o seu amor e bons pensamentos e para vos dar as boas-vindas. Por favor, venham connosco.»

John e Mary sentiam-se demasiado eufóricos para palavras. Não conseguiam encontrar palavras para responder ou inicialmente até para

conversar. Os seus dois novos amigos compreendiam quão emocionalmente afetados estavam e assim falaram-lhes suavemente enquanto caminhavam.

Manto Azul explicava que era uma das suas missões encontrar visitantes deste Retiro. Viajava também por todo o reino espiritual visitando Mestres de área, professores e sacerdotes de Deus que serviam nos diferentes campos da religião, os colégios e assim por diante, à procura daqueles que mostravam uma profundidade de amor por Deus e pela Sua criação; aqueles que eram generosos em dar e possuindo sentimentos profundos de compaixão, bem como o anseio interior de servir o Pai a fazer trabalho pioneiro de missionário para trazer felicidade a vidas obscurecidas.

Ruth disse a Mary que era a serva do Líder, tal como o eram todos aqueles que habitavam na Cidade Azul. O Líder apreciava a sua companhia e a sua devoção para com ele.

John foi o primeiro a recuperar a voz. «Todos os que vivem na Cidade Azul servem o Líder?» «É assim», foi a resposta.

«Vamos viver aqui?», foi a pergunta seguinte.

«Sim, será assim, se o desejarem, embora pareça que já tomaram a decisão de que gostariam de se juntar a nós na nossa missão aqui.»

«De facto, gostaria», disse John, e, ao olhar para Mary, viu que ela estava «como um só» com ele nisso.

Ruth juntou-se à conversa. «Vocês têm a vossa própria casa muito bonita, e no início das coisas pode ser bom que possam regressar a casa, às coisas simples e às flores que tanto amam; para descansarem em retiro e reverem nas vossas mentes o progresso que estão a fazer. É bom para todos fazerem isso. Até o Líder valoriza esses momentos em que pode regressar ao seu Colégio de Música para expressar o seu amor e devoção a Deus à sua maneira.

«Depois, mais tarde, à medida que ganham experiência e entram no esquema das coisas associadas à mediunidade, à cura e às tarefas devocionais de ensinar os outros, e à recuperação de almas errantes, assim poderão, se o desejarem, construir a vossa própria casa aqui, ou mandar transportar a vossa casa atual para aqui. Ter uma, ou ambas, de acordo com o que for o desejo do vosso coração.»

Foram levados a um jardim de paz, um daqueles em que um visitante se sentiria em paz com a vida e com todas as coisas. Antes de Manto Azul os deixar, disse: «Terão o vosso próprio guia e professor. Ele levar-vos-á na primeira parte da vossa jornada. Descansem um pouco, estejam em paz, sintam-se contentes até que ele venha buscar-vos»... e com isso Manto Azul e Ruth deixaram-nos.

Eles ansiavam por conhecer aquele que seria o seu professor, e quando ele se apresentou diante deles, abriram simultaneamente os seus corações para ele, tal como ele o fez para eles. Sabiam que ali estava uma amizade que nunca poderia ser quebrada. Ele sentou-se com eles no jardim e falaram uns com os outros sobre aquelas intimidades pessoais que são os ingredientes de uma compreensão perfeita e de uma verdadeira companhia.

O guia sugeriu que, como John e Mary já tinham visitado o local de Receção onde os recém-chegados eram cuidados, deviam visitar a etapa seguinte, onde chegavam aqueles com perspetivas perturbadas.

Depois disso, visitariam o Lugar de Sintonia e Comunicação, o centro de cura com o seu Salão de Diagnóstico e Tratamento, e finalmente o Lugar de Encontro dos Guias e o encontro com os Mestres.

O professor explicou que não era possível dividir uma secção de atividade de outra, pois estavam todas envolvidas, mesmo com o problema mais simples. Por exemplo, para lidar com um sofredor com uma perspetiva perturbada, era necessário envolver a arte da sintonia, e com a sintonia vem a comunicação, e assim por diante.

Assim, foram primeiro ao lugar de receção de mentes atormentadas e perturbadas.

Era uma varanda semicircular aberta de considerável extensão. Era construída de um material semelhante a mármore branco, com degraus semelhantes a mármore que se estendiam para baixo por uma longa distância, quase até onde a vista alcançava.

O guia dirigiu a atenção deles ao longo da vista paisagística do terraço e pediu-lhes que observassem que as atividades que estavam a decorrer se dividiam em secções, e o propósito destas ele explicaria à medida que chegassem a elas.

O guia convidou John e Mary a acompanhá-lo à primeira secção. «É aqui que virão muitas vezes depois de passarem pelas fases iniciais, o lugar onde são recebidos os recém-chegados que não estão gravemente afetados. É aqui que terão lugar os vossos primeiros trabalhos de importância.»

Ao prosseguirem para a primeira secção, viram uma cena de imensa atividade. Os degraus estavam cheios de figuras, muitas das quais vestiam robes espirituais de branco e creme. «Aqueles que vestem os robes são ajudantes, médicos, estudantes e trabalhadores reconhecidos entre esta classe especial de sofredores.

«Ao olharem para baixo pelos degraus até onde podem — talvez ainda não consigam ver até onde se estendem, pois vão muito longe — está o lugar de encontro entre a vida humana e a vida espiritual.»

Ali, a multidão de ajudantes e pacientes era mais densa.

«Aqueles que chegam aqui», disse o professor, «sofrem de desajustamentos mentais de muitas formas diferentes, mas principalmente do tipo não violento. Encontrarão sofredores de obsessões, agorafobia, mentes dominadas por fervor religioso, o desejo de estar limpo, aqueles que se recusam a aceitar que agiram corretamente. Outros que têm medo de doenças. Há as personalidades duplas, os esquizofrénicos. Os doentes cujas mentes estão fixadas na vingança, e todas as muitas outras causas de tortura mental.

«A vinda destes infelizes foi antecipada, eles foram observados, e quando as oportunidades são adequadas, enviam-lhes influências positivas para estabelecer contentamento nas suas perspetivas e assim poderem direcionar a sua chegada para onde não precisam da ajuda especial desta secção.

«Quando as circunstâncias não permitiram que ocorresse uma mudança benéfica normal, são direcionados para aqui. Ao deixarem o seu corpo humano para trás e ao regressar um grau de consciência, encontram-se lá em baixo, na fusão dos degraus com a vida humana.»

O guia disse que não era necessário descer e ver as chegadas ou observar qualquer chegada em particular. O trabalho mais particular deles viria a seguir. Explicou que a ascensão dos degraus proporcionava, para alguns tipos de mentes perturbadas, um método de penitência para os ajudar a superar progressivamente os sentimentos de remorso após um ato

prejudicial premeditado na vida terrena. A realização da liberdade da retribuição é essencialmente um problema pessoal, que pode necessitar de um longo período de tribulação para satisfazer o sofredor de que a expiação foi plenamente feita. Havia, no entanto, muitos entrantes cujas necessidades de perdão não eram uma questão de profunda preocupação e a ascensão gradual dos degraus proporcionava um meio simbólico de expiação.

Pedindo a John e Mary que olhassem com atenção para a cena, veriam como alguns chegados, ao encontrarem o seu amigo espiritual, conseguiam subir os degraus livremente, rapidamente e sem impedimentos, enquanto outros faziam um grande esforço para subir sequer um degrau mais alto e outros pareciam demasiado exaustos para tentar mais e permaneciam por um tempo contentes em ficar inertes.

O guia acrescentou: «No final, os ajudantes conseguem dar àquele que está aos seus cuidados a coragem, a vontade para superar a escuridão na sua vida e conseguem levá-lo para cima, para a luz, onde receberão mais ajuda para os estabelecer num assentamento ou comunidade ou para se envolverem num trabalho, ajudando-os assim no caminho da emancipação espiritual.»

Após descansarem um pouco, o suficiente para permitir que a experiência das escadas se assentasse nas suas mentes, e respondendo a um bom número de perguntas de John e Mary, chegou o momento em que o guia disse que podiam agora prosseguir para o Lugar de Sintonia.

«Não há fim para este lugar», disse o guia. «Ele continua e continua para aqueles que procuram servir Deus mais plenamente na tarefa para a qual as vossas próprias mãos estão voltadas. É daqui que se encontra, encoraja e fortalece a comunicação com as vidas terrenas. Todos aqueles pobres almas que deixámos para trás foram primeiro vistas aqui e, à medida que entraram no seu estado de transição, foram direcionadas para a área especial onde podem ser melhor assistidas para se tornarem mestres de si próprias.

«É aqui que aqueles de nós que desejam servir como professores e guias, levando o ministério de Deus à vida terrena, encontram o caminho para desenvolver a capacidade de influenciar e guiar.»

À medida que se aproximavam, não podiam deixar de sentir uma profundidade de silêncio e uma quietude intensa, embora as intenções

daqueles presentes fossem vibrantes e alertas. A primeira sensação que tiveram de algo tangível foi uma estrutura semicircular sólida de pedra castanha rica, que proporcionava um assento do mesmo material, com facetas cintilantes de brilhos cristalinos, uma substância concebida para atuar em simpatia com forças de energia de pensamento.

Sentados nos assentos de pedra estavam homens e mulheres imóveis, que davam a aparência de serem esculpidos em formas semelhantes a estátuas, contendo-se dentro de si próprios.

Ao passarem adiante, o guia pediu-lhes que olhassem mais longe, e, à medida que os seus olhos se habituavam a penetrar através de uma névoa azul diáfana, como uma atmosfera que se aprofundava quanto mais longe se olhava, John e Mary viram uma visão impressionante de dezenas e dezenas de estruturas semelhantes de pedra castanha estendendo-se pela terra em direção ao horizonte.

Aqui e ali havia grupos maiores de instalações de assentos que compreendiam um círculo, em alguns dos quais um número de pessoas estava reunido. O guia explicou que estes eram lugares para ensinar e receber conhecimento dos meios pelos quais a comunicação de pensamento poderia ser focada em pontos de receção e como manter contacto direto com esses pontos.

«As dificuldades de manter isto são imensas», comentou o guia, «exigindo grande habilidade para penetrar, manter e receber, bem como direcionar fluxos de pensamento inteligentes e compreensíveis em retorno. É aqui que os professores e guias servem os seus aprendizados. É aqui que tantos contactos são feitos com as mentes inquietas, infelizes e enlutadas dos recém-chegados. O propósito é começar a ajudá-los antes de chegarem, como na Cura à Distância, e o que é feito é ajudá-los através de influências calmantes e apaziguadoras de pensamento para que possam aceitar mais facilmente as suas circunstâncias alteradas e direcionando-os para aquelas áreas de receção onde podem ser melhor ajustados para entrar num modo normal de vida espiritual.

«Na vida terrena, a maioria das pessoas está embrulhada em si própria. As suas vidas são plácidas ou assoladas por dificuldades locais e domésticas. Raramente há algum fluxo de pensamento propositado para o exterior de uma natureza que olhe para além do seu conforto pessoal e atividades. Não

é habitual podermos estabelecer comunicação com elas, pois não estão abertas para receber ou transmitir.

«Diferentes são aquelas pessoas que possuem visão, e que não se contentam com a ordem existente das coisas. Há aquelas pessoas que têm ambição e procuram para si próprias e para os seus semelhantes uma ordem superior de vida. Não se contentam em aceitar como correto o modo cruel e mau em que a vida está a ser conduzida com os seus povos famintos a morrer de subnutrição, os governos que são sem alma na busca de poder sobre nações menos fortes, a guerra, a pobreza, a exploração da vida animal. Por outro lado, há aqueles que desejam servir Deus e, assim, a humanidade. Os visionários inspirados a trabalhar pela verdadeira irmandade do homem e a viver como Deus pretendia que o fizessem.

«Estas são as pessoas que olham para além dos confins limitadores de um estado de mente físico; que procuram os meios para um modo de vida mais divino. É um desejo natural do seu interior que os seus pensamentos fluam para o exterior para Deus e o Espírito para receber inspiração e respostas aos seus problemas.

«É novamente natural para toda a humanidade virar os seus pensamentos para pedir ajuda aos deuses. É esta emissão de força de pensamento que cria as energias caracterizadas numa forma definida. Não para dentro da mente; irradia para o exterior e é conhecida na Terra como telepatia. É a base e o propósito de todas as religiões enviar pensamentos de adoração, e para a concessão de orientação e assistência com perdão.

«O fluxo de pensamento para o exterior pode ser para conhecimento. Por exemplo, se alguém tem um problema, matemático, de engenharia ou alguma outra situação, e um apelo por orientação é enviado, então é possível que esse pedido seja recebido por uma mente espiritual mais sábia e a solução possa ser transmitida de volta à mente inquiridora. Isto é chamado intuição, e quão inumeráveis são as vezes em que a resposta vem para lançar luz sobre um problema quando a mente do inquiridor está em paz e, por um tempo, já não está a pensar no assunto em questão.

«Pode-se até ir ao ponto de perguntar de onde vieram os primeiros pensamentos que levaram a um desenvolvimento notável na ciência humana. Não havia nada na mente do homem primitivo para conceber uma roda. O cérebro só lida com a experiência de conhecimento que armazenou.

O cérebro é um computador e pode relacionar uma experiência com outra e apresentar isso à mente. Não havia nada na mente do homem primitivo para visualizar uma roda, isto era uma conceção inteiramente nova, e a imagem de pensamento dela deve ter tido a sua origem em algum lugar. Não é verdade que, quando se procura orientação, se retira para dentro de si próprio, deixando a mente aberta para receber inspiração? Quando tal inspiração vem, não surge de um pedido direto ao cérebro, pois isso só seria uma preocupação típica com o detalhe do problema e a mente é assim impedida de receber influências de pensamento.»

Tendo explicado isto a John e Mary, o guia informou-os de que aqueles que estavam sentados nos assentos feitos de uma substância condutora especial permitiam que as suas mentes se sintonizassem com um fluxo de pensamento emergente de uma mente humana, e quando a estrutura da força de pensamento é reconhecida pelo ouvinte, então ele procuraria manter a afinidade e dar uma resposta ordenada.

Era quando o ouvinte se apercebia de um pensamento febril, distorcido ou torturado que tentaria passar o atormentado para um «psicólogo» experiente, que então tentaria procurar uma entrada na mente perturbada para lhe dar diretivas de pensamento contrárias para acalmar o estado de mente desordenado, conduzindo-o a canais mais pacíficos.

«É quando uma mente humana está tão obcecada com problemas», continuou o guia, «que tolda completamente a mente, de tal modo que não pode haver entrada na consciência, que o sucesso é retido. O ouvinte espiritual manteria uma vigilância próxima sobre o atormentado até surgir uma oportunidade em que pudesse estabelecer uma entrada, da qual poderia vir o contentamento se a mente perturbada aceitasse a nova ajuda que chegava, embora muitas vezes fosse desconsiderada. Era esta busca paciente para dar alívio a uma mente perturbada que se tornava a alegria do ouvinte.

«Ocasionalmente, chegaria uma diretiva de pensamento clara. Poderia chegar da mente de uma criança ou de uma pessoa de idade mais avançada, de um homem ou de uma mulher. Poderia ser um fluxo de pensamento simples, mas forte. Ele ou ela seria denominado um sensitivo psíquico. Muitos destes estão preocupados em procurar uma abordagem orante a Deus. Outros pela capacidade de curar ou tratar aqueles com dor; poderia haver o anseio pela música ou por outras artes ou culturas. À medida que

estes pedidos de pensamento de pessoas especiais eram recebidos e os seus desejos conhecidos, assim seriam colocados aos cuidados de um professor especialista ou talvez ligados a alguém que era aceite na vida terrena como uma pessoa altamente dotada. Desta forma, um pintor, músico ou matemático bem lembrado na Terra, etc., poderia inspirar um contemporâneo humano a uma excelência maior.

«Isto explica que um jovem prodígio seja capaz de se destacar em matemática muito além dos seus anos; um pintor que não teve experiência em pintura, produzir uma imagem ou um desenho subconscientemente, incorporando características do mestre falecido; ou uma pessoa que não teve formação musical tocar melodias reconhecíveis como tendo as mesmas características e estilo que as mostradas nas obras de músicos dotados que tinham chegado à vida espiritual há um tempo considerável pela medição do tempo terrestre.

«Nesta categoria entram aqueles que desejam servir o Espírito antes do seu tempo, curadores, médiuns, filósofos, professores. Mas», disse o guia, «precisaremos de descansar um pouco e depois prosseguir um pouco para aprender mais sobre eles.»

Capítulo 18

O LUGAR DA CURA

Com o guia, John e Mary chegaram ao Lugar da Cura. Não cobria uma área tão grande como o Lugar de Sintonia e não se estendia tão longe. Em outros aspetos, havia algumas semelhanças. Havia os assentos circulares de pedra castanha, mas maiores, o médio acomodando vinte pessoas ou mais. A mudança mais notada era a quantidade de atividade que decorria. Não havia ruído, mas uma intensidade de esforço e sentimento.

Os assentos estavam ocupados por seis a dez pessoas. A julgar pelas suas feições e vestuário, eram de diferentes nacionalidades e alguns vestiam roupas semelhantes às que usavam na Terra. John conseguia distinguir alguns povos de pele muito escura, árabes, índios vermelhos e certos tipos orientais. Em pé ao redor de cada círculo estavam várias outras pessoas, parecendo estar a escutar atentamente.

A uma curta distância ficava um edifício simples, mas belo, espaçoso pela observação exterior, mas não tão grande como alguns dos colégios. Era construído da mesma substância azul, que parecia ser uma cor comum para aqueles envolvidos em atividades espirituais mais avançadas.

O guia disse: «É de facto um lugar maravilhoso, como verão quando vos levar lá, mas primeiro gostaria que viessem ao lugar central da cura, onde espero que possam conhecer o Líder.»

Avançaram para onde várias pessoas estavam de pé, ocultando da vista uma varanda maior na qual estava sentado uma figura central dominante e várias outras pessoas de ambos os sexos, duas das quais reconheceram como Manto Azul e Ruth. O Líder era uma pessoa alta de aparência leonina, uma testa alta e cabelo preto. Precisamente quando John e Mary estavam a olhar para ele, parecia que o Líder sabia que eles estavam ali e olhou para eles por um momento, com um sinal de reconhecimento. O momento foi suficiente para os impressionar profundamente com um sentido de compaixão e ternura absolutas e, ao mesmo tempo, com um poder de intelecto tão penetrante que não conseguiam encontrar palavras adequadas para o descrever.

O guia disse aos seus protegidos que este era o grupo capaz de receber e sustentar comunicação com os seus instrumentos curadores na Terra de

forma mais perfeita do que qualquer outro. Receber e transmitir era tão natural como manter uma conversa.

O Líder tinha treinado um grupo de assistentes e eles, também, podiam estabelecer uma «linha de pensamento» direta com os seus ajudantes terrestres — uma comunicação bidirecional perfeita. Além dos assistentes do Líder, havia outros a serem treinados com a vocação especial de rastrear terminais de pensamento na Terra de pessoas doentes ou dos seus amigos pedindo cura.

Embora o período no tempo terrestre necessário para receber uma formação de pensamento ou para transmitir uma para o curador receber intuitivamente fosse momentâneo, nenhuma mente espiritual podia receber mais do que uma mensagem de cada vez. Além disso, porque a emissão de uma força de pensamento não podia ser retida, era necessário que o Líder tivesse os seus ajudantes para auxiliar na receção de comunicação e que estavam qualificados para tomar qualquer ação necessária.

O guia continuou: «Quando um curador está a dar contacto ou tratamento pessoal a um sofredor, pela imposição de mãos, ele está num estado de sintonia com o guia espiritual ou médico, e claro com o paciente. Assim, a comunicação é estabelecida.

«Quando é feita uma solicitação ao curador para Cura à Distância, um terminal de pensamento positivo é estabelecido pelo pedido. O curador recebe o pedido, e em virtude da sua capacidade de comunicar com o médico espiritual, a linha de comunicação é estabelecida do paciente para o curador e do curador para o médico espiritual. É então a tarefa das pessoas espirituais rastrear o terminal de pensamento original para permitir que o médico espiritual tenha comunicação direta com o paciente. Pode-se especular sobre os meios pelos quais isto é realizado, mas temos a verdade inegável de que os médicos espirituais são capazes de estabelecer comunicação com relativa facilidade. Se assim não fosse, então não poderia haver qualquer cura por este método. A massa de evidência corroborativa para provar a realidade da cura à distância é colossal e só uma mente muito tola negaria aquilo que é facto demonstrável.

«Tem de ser aceite que as pessoas espirituais são capazes de encontrar o ‘terminal do paciente’ não importa em que parte do planeta esteja situado. Num capítulo anterior, a história é contada de como uma mensagem de

pensamento pode ser convertida em diferentes formações de energia, enviada para um satélite feito pelo homem e rebatida de volta para uma estação de receção em, digamos, Cornwall ou algum continente distante, e aí convertida de volta em letras do alfabeto. Se o homem pode fazer isto, como pode alguém com razão negar à sabedoria superior na ciência espiritual a capacidade de completar o triângulo de comunicação?

«Tentemos rastrear a operação das mudanças que têm de ser feitas para a superação de uma incapacidade. Ao julgar a efetividade da cura, é essencial estudar casos de incurabilidade, isto é, quando a ciência médica terrestre não pode fazer mais para remover a causa e os sintomas da doença. Caso contrário, poderia ser justamente alegado que a 'natureza' tinha superado o problema, sem necessidade de cura espiritual. Como regra, problemas menos graves são rapidamente superados.

«Toda a cura tem um propósito e o tratamento deve ser um ato planeado. Para realizar um tratamento planeado requer direção inteligente. Com a cura bem-sucedida de uma doença medicamente incurável, a inteligência deve possuir maior sabedoria e habilidade do que os médicos terrestres. Se esta inteligência não for humana, só pode ser de Espírito.

«Antes de o tratamento correto poder começar, deve primeiro haver um diagnóstico eficiente, para observar a causa da doença, as mudanças adversas que trouxe e onde reside o perigo. O espaço impede uma visão geral das doenças, mas consideremos duas: leucemia e osteoartrite.

«Quando ocorre uma cura de leucemia, temos de dar todo o crédito à inteligência operante. Tem de estar ciente das complicações variáveis e dos diferentes sintomas associados ao desequilíbrio do conteúdo sanguíneo. O médico espiritual observa quaisquer irregularidades e procede ao uso do seu conhecimento para corrigir quaisquer células leucócitas imperfeitas, para estimular o crescimento de hemoglobina, plaquetas ou outras imperfeições na contagem sanguínea. Na cura, verifica-se invariavelmente que, datado do início da cura espiritual, o número de células vermelhas sobe para a normalidade, e permanece assim.

«É bom notar», observou o guia, «o progresso que a ciência médica está a fazer no tratamento bem-sucedido de algumas formas de leucemia, e se os médicos se ligassem aos curadores espirituais, não há dúvida de que se veria um progresso ainda maior. As recuperações pela cura espiritual são

ditas nada mais do que ‘um período de remissão’, mesmo que os pacientes estejam completamente bem por anos além dos ‘dois anos de vida’ que os médicos dão aos pacientes.

«Os médicos deviam deixar de ser Jeremias sombrios, preparados para contar ao paciente, e aos familiares, todas as coisas que poderiam correr mal, todas as possibilidades de desenvolvimentos que poderiam acontecer, construindo um quadro de presságio, destruindo toda a esperança nas mentes do paciente e familiares... é pouco mais do que encomendar o caixão! Esta conduta é destrutiva, prepara o paciente para morrer, e com isso toda a tristeza, dor e infelicidade. O modo da cura espiritual é precisamente o oposto, pois embora não dê qualquer promessa de cura, o tratamento prossegue como se o paciente fosse viver, e todo o esforço é feito para superar a causa e os sintomas da doença.

«Uma explicação simples e positiva é a de como a artrite é superada. O princípio do tratamento é provavelmente o mesmo para a cura de qualquer dos outros tipos diferentes de artrite e queixas afins, como reumatismo, fibrosite, etc.

«O efeito da artrite é o alojamento de partículas de matéria nas articulações e tecidos e é, portanto, uma doença puramente física. À medida que ganha controlo, o paciente descobre que as suas articulações se tornam menos livres e sofre dor contínua nas articulações, músculos e tecidos afetados.

«Porque é uma doença física, tem de ser tratada por meios físicos, pois tem de ocorrer uma mudança química para remover as substâncias ofensivas que compõem a matéria estranha.

«O médico espiritual fará o seu próprio diagnóstico, observando onde a artrite está situada e a natureza da sua formação molecular atómica. O modo de instituir qualquer mudança química na substância da matéria é aplicar-lhe diretamente outra forma de energia molecular ou uma força que mudará a estrutura da molécula de artrite (carbonato de cálcio, $CaCO_3$, i.e. um átomo de cálcio, um de carbono e três átomos de oxigénio).

«Chegámos agora à situação em que o médico espiritual estabeleceu comunicação com o paciente e tem o seu diagnóstico, que é uma formação de moléculas de carbonato de cálcio nos ombros, pulsos, articulações dos dedos e ligamentos, ou qualquer outra parte do corpo.

«O médico espiritual irá então para o laboratório que John e Mary estão prestes a visitar, e então por meio do seu conhecimento juntar outras energias atómicas elementares para formar uma combinação de energia que, quando trazida em associação com as moléculas de carbonato de cálcio, muda o seu estado de ser, permitindo assim que se tornem dispersíveis.

«Uma alternativa pode ser pela direção de uma força, como o calor, à substância ofensiva. A força de calor usada pode não ser um calor clínico, mas uma força possuindo o caráter de dissolver alguns dos átomos elementares dentro da matéria indesejada, mudando assim a estrutura das moléculas de carbonato de cálcio, permitindo que sejam quebradas e dispersas.

«Deve ser lembrado», disse o guia, «que as energias corretivas vêm da dimensão espiritual, e precisarão de ser transformadas nos seus equivalentes físicos à medida que entram em contacto com a substância artrítica. Esta transformação ocorre muitas vezes através da afinidade do curador humano com o Espírito e o seu paciente, ou através do corpo espiritual do paciente, em casos de Cura à Distância.

«As energias de cura são formadas para efetuar mudanças nas substâncias artríticas às quais são diretamente aplicadas e não a qualquer outro tecido ou estrutura corporal. Por outras palavras, são reunidas na refinamento, força e poder corretos para mudar a formação das substâncias artríticas e nada mais.»

O guia disse então: «Falei o suficiente. Vamos entrar no laboratório para que possam ver alguns dos processos de que tenho falado a decorrer.»

À medida que se aproximavam do edifício azul, parecia que a atmosfera estava carregada de vibração. De facto, ficaram parados por um momento para se acostumarem a ela. Sentindo-se sintonizados, entraram por uma arcada aberta para uma sala quadrada espaçosa, com corredores que partiam dela em várias direções. Ao longo de um destes, o guia parou, dizendo: «Isto vai interessar-vos.» Entraram numa sala estranha que parecia uma série de paredes, com a espessura de um palmo, ascendendo alto até ao teto, que não podia ser facilmente definido.

«Esta é uma sala de memória ou bancos de pensamento. Olhem com atenção e verão que cada parede é uma massa de pequenos pedaços

cilíndricos redondos semelhantes a tubos. Estes contêm a história, o tratamento e as reações ao tratamento dos vossos doentes inválidos, que foram contactados a partir desta estação de cura. Cada um dos assistentes do laboratório e todos os curadores associados a este laboratório têm acesso direto a toda a informação que foi recolhida durante os ministérios de cura passados e presentes.» John interrompeu e disse: «Nós tínhamos computadores; chamar-lhe-iam um computador?»

O guia acenou com a cabeça. «Podiam chamar-lhe isso. A nossa própria palavra para isso não posso dar às vossas mentes, pois ainda não teria reconhecimento no vosso computador de memória de banco de pensamento. Todas estas histórias são altamente sensíveis ao pensamento. Um curador pode permanecer em contacto constante de pensamento. Registará o pertinente e ignorará o que não é importante; tem a capacidade de coligir experiências de todas as células na sua secção, e pode oferecer uma conclusão baseada nelas. Além disso, está ligado a todos os restantes bancos de pensamento neste lugar.

«Tudo o que um curador ou cientista precisa de fazer é projetar o seu próprio código de pensamento para ser reconhecido e ligado. Pode então receber qualquer conhecimento de cura que exista do passado para a sua orientação. Isto explicará o maior grau de sucesso que agora está a ser registado com a cura espiritual na vida humana, e também a maior facilidade de realizações de cura do que se via no tempo passado.»

O lugar seguinte para onde foram parecia um laboratório de ciência futurista fora deste mundo. A sua área parecia interminável e as suas mobílias eram totalmente diferentes de qualquer coisa que John ou Mary tivessem previamente concebido.

Numa secção, cada cientista tinha diante de si quantidades de partículas cintilantes de cem ou mais formas e tons de cristal diferentes. Alguns cientistas estavam preocupados apenas com alguns grupos de vida cintilante. Um só tinha uma substância colorida de uma intensidade de vida vívida. «Aquilo», sussurrou o guia, «é o elemento oxigénio.»

Os cientistas que tinham apenas um pequeno número de grupos cintilantes pareciam estar a falar com eles para realizarem movimentos juntos, e à medida que o faziam, os grupos separavam-se em grupos menores de dois, três ou quatro, etc.; outros moviam-se em fila única até chegarem a um

ponto central onde se encontravam. Então, os individuais juntavam-se a um grupo de três, que a seguir se juntava a um individual e depois, por ordem, juntava-se a outro grupo. Era claro que estes movimentos eram disciplinados para que cada elemento ou coleção de elementos se juntasse de forma precisa e, uma vez assim formada, permanecia nessa ordem e finalmente a coleção combinada afastava-se para outros grupos do seu próprio tipo, onde ficava.

«Isto é lindo de ver», comentou Mary, «mas para que serve?» O guia sorriu ao responder: «Isto é mais próximo dos métodos humanos do que qualquer coisa que já viram. É um método de produção em massa de uma molécula de cura muito particularizada para lidar com um sintoma comum prevalente na vida terrena, como um tipo individual de gripe ou, digamos, um anestésico para acalmar a dor. Estes estão então prontos à mão para o médico espiritual direcionar ao seu paciente humano a nova força de que precisa para auxiliar os processos de limpeza a superar o germe invasor da gripe ou para acalmar a dor.

«Um processo mais especializado é adotado quando o diagnóstico é mais intimamente pessoal para o paciente, requerendo um estudo da causa física e dos seus sintomas. Por exemplo, se a fraqueza for uma forma de anemia ou icterícia, pode ser necessário um estudo em profundidade para descobrir os nutrientes em falta de que as células do corpo precisam.

«O metabolismo é observado para ver qualquer interferência com a conversão de valores alimentares em proteína de ácido nucleico, que fornece a substância para os cromossomas ou para o nutriente de que as células precisam para o seu sustento. Estas moléculas de ácido nucleico, RNA e DNA, são extremamente complexas, não só no arranjo elemental dos átomos, mas na ordem da sua relação uns com os outros. Isto torna-se o estudo dos nossos físicos químicos que podem ter de desembaraçar a molécula para descobrir que nutrientes estão em falta ou para reajustar a ordem de formação.

As moléculas revistas têm então de ser transportadas como moléculas formadas espiritualmente para o paciente, onde, com a cooperação da inteligência corporal, substituem a proteína molecular incorreta e ajustam o caminho metabólico para produzir as moléculas de RNA e DNA corretamente formadas para a melhor saúde futura do paciente.

«Isto pode ser alcançado rapidamente, de tal modo que a experiência mostrará que um paciente perto da entrada na vida espiritual pode receber tanta energia de cura em pouco tempo que acordará de manhã com um pedido de um pequeno-almoço substancial!»

Prosseguindo para outra parte deste laboratório de cura, foram apresentados a um cientista mental que assumiu as explicações sobre como estavam a ajudar a restaurar a sanidade e a felicidade a mentes humanas angustiadas.

Quando era feita uma solicitação a um curador para pedir ajuda para alguma pessoa com uma mente angustiada, o guia do curador provavelmente passaria o pedido para um especialista mental espiritual, que, sempre que a comunicação pudesse ser estabelecida, estudaria muito de perto o paciente e a sua perspetiva mental.

O cientista mental contou-lhes quão amplas e variadas eram as causas de perturbação mental, desde uma condição mais simples de ansiedade a estados de «obsessão» e ainda mais graves aqueles de uma mente humana sendo «possuída» por uma entidade ligada à terra.

Continuou dizendo que era com casos de «possessão» e «obsessão» que se podia encontrar dificuldade em estabelecer comunicação, pois, se a consciência do paciente estivesse tão profundamente ocupada com a natureza do seu problema, não era fácil ganhar entrada na mente do paciente para a tratar com influências de pensamento corretivas.

A maioria das perturbações mentais seguia-se a algum sentimento de frustração, medo de insegurança ou preocupação excessiva com um familiar ou amigo. Estes ressentimentos e medos psicossomáticos tantas vezes provam ser a causa primária de doenças físicas, como acontece com o cancro.

Ao comunicar através da mente para o cérebro computador, diretivas de pensamento podiam ser registadas dentro do cérebro mais poderosas do que as anteriores impressões mentais prejudiciais, de modo que, quando a mente do paciente se tornasse perturbada, o cérebro apresentaria à mente uma visão diferente, e, à medida que esta influência positiva continuasse, «submergiria» os medos, traria uma perspetiva mais feliz para o ascendente, permitindo assim que se fizesse uma recuperação completa.

Quando um paciente estava profundamente frustrado pela não realização de um desejo, como «querer um bebé», «expressar uma emoção na música de forma mais completa», ou «desejar entrar no trabalho da Igreja» ou alguma outra missão espiritual, havia a necessidade de suavizar o desejo e de trazer para a frente um tema substituto para envolver a atenção da mente.

«Embora não seja possível citar percentagens», disse o guia, «é muito claro que muita doença foi prevenida de se desenvolver por esta substituição de diretivas mentais, obviando assim a fonte psicossomática da doença.

«Outro aspeto de perturbação mental é visto com crianças retardadas, onde a necessidade de instilar nelas um sentido de consciência, reconhecendo o 'certo' do 'errado', mostrando como a mente deve coordenar-se com a ação. Há a necessidade de acalmar a causa de alergias; de dar conforto aos enlutados; de encorajar novas esperanças para uma boa empreitada, e por vezes de fornecer as respostas a um problema quando isso levaria a uma vantagem geral.»

A John e Mary foi mostrada a importância e a imensidão da missão de cura... e o especialista mental concluiu enfatizando quão bem-vindos John e Mary seriam quando viessem juntar-se a este trabalho, pois «à medida que o nosso trabalho tem sucesso, assim está a realizar o Plano Divino para mostrar à humanidade o caminho para tomar parte na progressão espiritual de todas as almas».

Após um tempo de descanso e retiro, o seu amigo guia visitou-os pela última vez. «Antes de vos levar ao último lugar onde se pode ganhar o direito de ganhar a mais alta ordem de um Sacerdote de Deus tornando-se um 'Guia', gostaria de explicar um pouco mais os meios pelos quais tanta cura é capaz de alcançar aqueles na terra. Isto explicará a minha referência anterior à maneira pela qual a produção de células sanguíneas como na leucemia ocorre, e responderá a muitas outras perguntas que surgem da pertinente questão 'Como são os médicos espirituais capazes de induzir as mudanças benéficas em males orgânicos?'»

NOTA: O guia falou da importância da inter-relação da cura espiritual com a «inteligência corporal», e as suas palavras foram adaptadas como se fosse uma palestra dada a pessoas no tempo presente. Isto deve simplificar as explicações sem a necessidade de referir constantemente a diferença entre a

vida terrena e espiritual. Aqueles que não estão intensamente interessados em explicações adicionais podem passar para o capítulo seguinte.

É um facto que nada ocorre por acaso. Há um processo razoado por trás de cada estado de mudança no universo. É o mesmo com os nossos corpos; há uma razão para cada mudança, até para o piscar de um olho. O que induz um piscar? Pode ser a ação subconsciente para limpar a lubrificação fluida; pode ser a ação espontânea para proteger os olhos de uma luz forte; pode vir de medo instintivo quando somos ameaçados, ou do ruído de uma explosão; pode ser um piscar propositado anunciando um sentido de humor; é usado para transmitir um convite galanteador, «o olhar alegre»; ou pode ajudar a fornecer um sentido de satisfação benevolente; pessoas recatadas baixarão as cabeças e as pálpebras, enquanto aquelas que são arrogantes manterão as pálpebras abertas num olhar ameaçador. Por trás de todas estas várias formas de piscar há um propósito inteligente, mesmo instintivo em momentos de medo ou contratempo.

No sistema nervoso humano há nervos que funcionam subconscientemente como aqueles que controlam a digestão, registam o toque, e assim por diante. Não precisam de instrução direta para cumprir o seu propósito, e não são governados pelo cérebro computador. Além daqueles nervos que funcionam automaticamente, há aqueles nervos que não trabalham até receberem uma instrução do cérebro para realizar uma dada tarefa.

O propósito é tentar estabelecer que há outras formas de inteligência além do cérebro, e que estas outras inteligências têm um impacto direto na cura e podem ser usadas pelo Espírito assim como pela mente consciente, quando sabe como fazê-lo.

Cada célula nos nossos corpos tem a sua própria vida separada; possui um propósito e tem a sua própria inteligência que é influenciada pelo sistema glandular pituitário. O coração tem o seu próprio sistema nervoso e é responsivo a frustrações mentais. A principal inteligência além da mente consciente e do cérebro é a «inteligência corporal».

A cura de uma ferida ilustrará como a inteligência corporal funciona. Assim que a ferida é infligida, uma instrução vai para o coração para baixar a pressão sanguínea para minimizar o sangramento. A capacidade do sangue para coagular é acelerada. Ordens prosseguem para o baço para esvaziar os seus reservatórios de sangue na circulação e para acelerar os

leucócitos. No local da ferida, os tecidos estão danificados, as células, nervos e capilares estão rasgados. A ferida está aberta à invasão por uma hoste de germes de doença. A inteligência está ciente do perigo e um suprimento constante de leucócitos, fagócitos e macrófagos é direcionado para a ferida para devorar as bactérias, consumir as células mortas e eliminar outros detritos. Linfa e plasma são libertados para manter a ferida húmida. Assim vemos a primeira fase de limpeza da ferida e proteção do corpo contra infeção.

Normalmente o sangue resiste à coagulação, mas dentro da ferida é-lhe dada a capacidade de coagular muito rapidamente. Outro constituinte do sangue são as plaquetas, que preenchem a superfície da ferida e são direcionadas num suprimento contínuo até que a necessidade seja satisfeita. À medida que as plaquetas se assentam, criam uma substância chamada trombina e desta vem uma substância cotonosa chamada fibrina que sela os capilares e tapa as extremidades abertas dos ductos linfáticos e capilares para prevenir a incursão no corpo de bactérias prejudiciais.

Dos capilares, os leucócitos saem para limpar a ferida de germes, resíduos e contaminantes. Estes leucócitos são reunidos aos milhões, e se a ferida for muito grave, ordens prosseguem para a medula óssea para acelerar a sua produção para fornecer um fluxo constante de reforços. Há outras mudanças intricadas que ocorrem nas ações preliminares antes de o processo de cura real começar.

A cura de uma ferida é como uma campanha, requerendo uma inteligência de comando para a organizar e administrar. Não há contacto direto entre a ferida em si e a medula óssea ou com o suprimento de plaquetas. A regulação e o controlo são essenciais e esta é uma função da inteligência corporal. O mecanismo do cérebro não possui a iniciativa para dar as ordens específicas relativas às necessidades detalhadas da ferida, nem a mente. As inteligências diretoras, portanto, devem ser uma faculdade separada do cérebro e da mente.

Todos os processos preliminares para limpar a ferida e proteger o corpo da infeção prosseguem de forma ordenada. Quando a necessidade de um suprimento excessivo de leucócitos termina, então a produção deles é ajustada, caso contrário o conteúdo sanguíneo ficaria desequilibrado.

Para continuar a história.

Um novo componente é criado a partir do sangue no local da ferida, chamado fibroblasto. Este atua como uma espécie de andaime e reforço. O fibroblasto é uma substância viva, que preenche a superfície da ferida criando um remendo. Muito em breve o remendo fortalece-se e a treliça de fibrina já não é necessário, e porque não há circulação sanguínea na ferida, é convertido em alimento para nutrir as células.

É necessário um suprimento constante de material para prosseguir o processo de cura. Estes materiais são obtidos de outras partes do corpo onde podem ser melhor poupados e a demanda torna-se uma questão de prioridades. Os tecidos são decompostos e transformados em aminoácidos, e estes materiais são transportados para o local da ferida, sendo retirados de lugares onde podem ser melhor poupados.

De onde vem esta direção? Obviamente não da mente do sofredor. Deve vir de uma faculdade inerente que é conhecedora dos potenciais do corpo para selecionar aqueles lugares de onde o tecido muscular pode ser melhor retirado sem enfraquecer os recursos do corpo. Dizer que esta operação é apenas «natureza» ou «instinto» é uma evasão! Deve haver uma faculdade conhecedora para fazer uma avaliação correta, para determinar a qualidade e a quantidade de materiais necessários, e para arranjar o seu transporte para o local da ferida. Portanto, deve existir uma inteligência corporal para funcionar desta forma.

Finalmente, há a criação de tecido granular, com o agrupamento de capilares e terminais nervosos, até serem direcionados para se encontrarem com os outros terminais e se juntarem. As fibras musculares crescem, encontram-se e são unidas. Nova pele tem de ser formada sob a crosta pelas células da pele alongando-se e estendendo-se até se formar uma cobertura fina, seguida do reforço final das células da pele exterior até se formar uma cobertura suficientemente forte. Assim, a campanha prossegue de uma forma muito ordenada e inteligente até a ferida estar completamente curada.

Tudo isto representa seguramente um quadro de habilidade construtiva e de engenharia que diminui por comparação o planeamento e a habilidade necessários para construir uma ponte suspensa ou um bloco de apartamentos de vinte andares. Tais realizações precisam de uma mente superior para projetar e de um «encarregado de obras» para interpretar e

executar o plano. Com o corpo humano, só pode ser seguramente a «inteligência corporal».

Esta proposta de que possuímos uma inteligência corporal separada do cérebro e do controlo glandular é significativa, pois terá um impacto importante na maneira pela qual os médicos espirituais são capazes de cooperar com a intenção de cura no futuro.

A Cura de Doenças Infeciosas

Aqui está outra ilustração. Quando se contrai gripe, ou qualquer outra doença decorrente de infeção, descobrimos outra instância de uma campanha altamente organizada para derrotar as bactérias invasoras, que pode ser comparada aos preparativos necessários para vencer uma grande batalha na guerra, mas com uma diferença. O conflito no campo de batalha é um de habilidade e atrito e geralmente termina aí; mas com o conflito dentro do corpo humano uma «paz» é assegurada ao estabelecer salvaguardas para o futuro pela construção de anticorpos para atuarem como uma linha de defesa futura contra qualquer incursão similar das bactérias invasoras.

Os perigos que ameaçam o nosso bem-estar são contínuos. Com cada respiração que levamos para os nossos pulmões, incontáveis números de germes procuram estabelecer-se e propagar-se nos nossos corpos, e se deixados sem impedimento trariam doença e até morte. Assim é com a comida e a bebida; também estão sujeitas a infeção. Assim que um animal é morto, a putrefação começa. Uma das causas da tuberculose nos humanos foi descoberta como devida a leite infetado, mas este perigo foi largamente superado através da pasteurização.

Tais invasões bacterianas estão connosco o tempo todo e, no entanto, a vasta maioria de nós não sucumbe à doença como poderia ser esperado. Vale a pena algum pensamento para apreciar porquê.

Para combater a invasão de bactérias prejudiciais há linhas de defesa em profundidade. Por trás de cada linha há controlo inteligente. Os leucócitos são os nossos defensores, atacam os invasores e consomem-nos. São então, por sua vez, levados pelos fagócitos e ainda pelos macrófagos, que mantêm o campo de batalha limpo e arrumado. À medida que uma onda de leucócitos é totalmente empregada, outra onda entra no confronto. Mensageiros foram para as fábricas da medula óssea para produzir mais e

mais leucócitos para construir o exército de reserva de defensores e progressivamente eles avançam para a batalha. A cena de batalha completa é inspecionada pela «inteligência chefe» e esta dirige onde as reservas são mais necessárias e resolve o plano de batalha. É quando os leucócitos defensores podem ser agrupados em profundidade que um ataque forte pode ser feito para isolar grupos das bactérias inimigas. Então, uma vez que isto tenha sido alcançado, e a bactéria esteja cercada e atacada por todos os lados, o fim da infeção surge à vista.

Por esta altura os leucócitos tornaram-se especialistas na arte de atacar aquela bactéria particular e esta experiência não se perde, pois é mantido em reserva um suprimento de «combatentes especialistas» para atacar a mesma espécie de bactéria, caso voltem, e é por isso que com tantas doenças infeciosas, uma vez conquistadas, nunca se restabelecem novamente.

Um exemplo comum é o propósito por trás da vacinação contra a varíola.

Embora o cérebro seja o centro de um sistema de comunicação fantástico e seja capaz de dar diretivas, pode ser razoavelmente assumido que não está ciente quando ocorre uma invasão infeciosa até que esta se tenha estabelecido e começado a criar os sintomas de doença. O sistema de defesa entra em operação imediatamente ao chegar o invasor e durante a nossa vida isto ocorre dezenas e dezenas de vezes sem estarmos cientes de quaisquer sintomas porque os leucócitos fizeram o seu bom trabalho antes de o cérebro saber qualquer coisa do perigo.

Assim, se a existência de uma inteligência corporal for aceite, então podemos prosseguir para ver como pode ser propositadamente usada na cura; mas primeiro vejamos a forma como o cérebro nos serve.

A mente consciente pode ser comparada a um espelho no qual imagens de pensamento são recebidas. Com uma ferida o estado ferido é reportado ao cérebro, a dor é sentida, e esta sensação de dor torna-se uma experiência registada na mente consciente. Quando um som musical chega ao ouvido as suas qualidades tonais são transmitidas ao longo dos nervos auditivos para o cérebro de onde é interpretado numa experiência da mente consciente. Assim é que todas as experiências físicas associadas aos sentidos, memória, informação registada, conhecimento e motivação são reconhecidas como

apresentações no «espelho» e a partir destas a mente pode estabelecer conclusões, apreciações e subsequentemente motivar ação.

Quando uma ferida é recebida, as reações gerais sentidas no local da ferida são apreciadas como uma experiência pela mente consciente e esta será muito mais vívida se o olho for capaz de ver a ferida, completando assim a imagem mental. Da mente irá a instrução para a inteligência corporal se ativar. A mente será então informada das mudanças que ocorrem, quando o sangramento para, e assim por diante; mas estas serão apenas mudanças observáveis. A mente não estará consciente do processo real dos leucócitos lutando e limpando contra a infeção. Não determinará o fluxo de leucócitos reforçadores convocados para a ferida; nem controlará o ato de preencher a ferida com plaquetas e todos os outros estados organizados precisos de mudança que ocorrem na cura.

A mente e a inteligência corporal estão em estreita cooperação uma com a outra — há o trabalho de equipa mais maravilhoso. Se a mente tiver conhecimento dos meios pelos quais a inteligência corporal pode ser direcionada para tomar ação específica, então fará isso. Esta é uma das formas pelas quais as inteligências de cura espiritual podem passar instruções através da mente do paciente para a inteligência corporal dizendo-lhe como agir.

O cérebro é um computador maravilhoso. Informação é alimentada nele a partir de incontáveis números de nervos. Registam cada toque, cada som, e se vier qualquer experiência que interfira com o funcionamento suave da nossa economia interna então o cérebro é informado disto e a ação contrária é iniciada. O cérebro recebe itens do nosso conhecimento e experiência e é capaz de relacionar um item de informação com outro.

Mesmo quando tudo está normal e todos os processos corporais estão a realizar as suas funções suavemente, o computador cerebral é mantido informado disto. Através dos nossos sentidos o cérebro é bombardeado com impressões de tudo o que vemos, tocamos, ouvimos, provamos ou cheiramos. Através dos nossos olhos uma vista em constante mudança está a ser registada, a cada momento. Ao mesmo tempo, se se estiver a ouvir música, dezenas de milhares de nervos são ativados dentro do ouvido interno, recebendo claramente cada tom da orquestração e transmitindo-os ao cérebro, e daí à mente, como «experiências». Ao mesmo tempo, o sentido do toque está ativo e um fluxo incessante de impressões físicas é

transmitido ao cérebro. O aperto dos sapatos, o toque da roupa na pele, a pressão daquelas partes do corpo pressionando na cadeira, e assim por diante são todos registados.

Coexistente com o acima, um número incalculável de mensagens está a ser continuamente alimentado no cérebro, reportando a condição de cada um dos sistemas corporais e de cada parte do corpo. Se houver qualquer perturbação dentro, digamos, da digestão ou circulação, isto é reportado. O cérebro está consciente de todos os movimentos corporais, do batimento cardíaco, da respiração, e assim por diante, e mantém uma supervisão estrita sobre eles. Lida com a eliminação de resíduos e a ingestão de energias saudáveis. Supervisiona o funcionamento dos rins e de cada outro órgão, processo funcional e a manutenção das temperaturas corporais corretas. Tudo isto dá alguma ideia do fantástico sistema de comunicação que possuímos do qual o cérebro é o computador.

O cérebro é o servo da mente, e além do controlo subconsciente sobre o funcionamento interno, o cérebro não possui capacidade executiva. Todas as experiências que o cérebro regista estão disponíveis para a mente e a inteligência corporal que, quando necessário, toma ação independente. Por exemplo: se os depósitos de gordura armazenados em várias partes do corpo forem necessários para suplementar o combustível que o corpo precisa de consumir, é a inteligência corporal e não o cérebro que toma a decisão de onde a gordura deve ser retirada e arranja o seu transporte para o sistema digestivo. Tal ação positiva requer direção e decisão que nem o cérebro nem a mente possuem. Se ingerirmos demasiado de qualquer vitamina ou se o nosso nível de açúcar for demasiado alto, é necessária supervisão inteligente para determinar a quantidade de excesso.

Onde há uma inteligência diretora há necessidade de um centro a partir do qual opera. Ao considerar a localização da sede para a inteligência corporal não há evidência comprovada de onde existe, mas há conclusões dignas de consideração.

É aparente que há uma ligação estreita entre a inteligência corporal com a mente física, mente espiritual e o cérebro. Se assim não fosse, então a cura espiritual não poderia ocorrer. Deve haver um centro onde a direção de pensamento é recebida do Espírito para que possa ser transformada numa experiência física. Este centro pensa-se ser a glândula pineal.

Não muito foi cientificamente determinado sobre o seu propósito ou função. É uma pequena estrutura avermelhada situada na parte superior do mesencéfalo e foi dito ser a sede do «terceiro olho». No passado esta glândula foi associada a poderes ocultos. Exerce uma influência sobre o baço que é reativo a stresses emocionais. Tem um contacto íntimo com o sistema endócrino, o cérebro e a inteligência corporal e, talvez o mais importante, com a mente espiritual também.

A sugestão é apresentada de que esta glândula atua como o centro de receção para a comunicação do Espírito (como com a clarividência) e é o centro para receber e transmitir impressões e diretivas espirituais à consciência e à inteligência corporal sobre como cooperar com o tratamento de cura.

Sabemos que a maioria das doenças físicas tem a sua causação em distúrbios psicossomáticos e segue-se que, se a glândula pineal está intimamente associada ao eu espiritual, então tais desarmonias são da sua preocupação e estas podem ser o modo pelo qual a saúde mental e corporal pode ser perturbada. Inversamente, a glândula pineal pode proporcionar uma entrada para a cura espiritual superar a doença, restaurando a saúde física e o equilíbrio mental.

Com a compreensão de que a inteligência corporal existe, veremos agora como podemos colocar a teoria em prática e as sugestões que se seguem mostram algumas das formas pelas quais isso pode ser feito. Nesta fase da sabedoria humana, esta abordagem terá de ser superficial em vez de detalhada, pois as nossas mentes ainda não possuem o conhecimento de como, ou quando, instruir a inteligência corporal a atuar de formas especializadas; mas podemos aplicar a nossa teoria de forma geral.

Segue-se que, se desejarmos «falar» com a inteligência corporal, precisamos de entrar num estado de sintonia com ela. Não podemos esperar que isto seja alcançado de forma casual. Precisaremos de um pouco de tempo para estabelecer dentro de nós próprios um estado de sintonia com o propósito de cura. Devemos imaginar na nossa mente o que queremos que a inteligência corporal faça. A nossa mente consciente deve possuir uma intenção específica para transferir os nossos pensamentos através do cérebro para a inteligência corporal.

Suponhamos que você, o leitor, tem uma dor. Tente avaliá-la (sintonizar-se com ela) analisando-a mentalmente, medindo a sua intensidade, a área afetada por ela e assim por diante. Desta forma, a mente recebe uma verdadeira apreciação dela e é capaz de relegar o seu efeito em relação à condição corporal total. Um dos resultados disto é que a dor perderá muito da sua intensidade e importância. Torna-se aceite com conhecimento.

Agora procure determinar a causa da dor. Se ela vier de uma condição séptica ou inflamada, pode pedir interiormente à inteligência corporal para se ativar — para energizar os leucócitos para limpar a condição e aliviar a dor o mais rapidamente possível.

Se houver uma sensação muscular dolorosa como com a fibrosite, reumatismo, etc., siga o mesmo processo, mas com a diretiva de pensamento à inteligência corporal para superar a causa da dor acelerando a circulação na área afetada com o objetivo de levar embora as partículas que se depositaram nos tecidos; e se houver aliado a este esforço uma massagem suave ou a aplicação de calor, assim com o esforço combinado, uma redução rápida do stress pode geralmente ser efetuada.

Durante a cura de um paciente, o curador está sintonizado tanto com o médico espiritual como com o eu espiritual do paciente; além disso, a mente espiritual do curador está ligada à mente espiritual do paciente e, como esta última está intimamente associada à inteligência corporal do paciente, então é fácil compreender como, através da fusão do Espírito com o Espírito, a diretiva de cura pode influenciar a inteligência corporal do paciente.

Desta forma, o corpo, a mente e o espírito do curador unem-se ao propósito de cura, criando um estado de afinidade entre eles, através da diretiva da mente consciente. Isto traz o desequilíbrio mental ou físico do paciente para o foco com a intenção de cura e permite que a inteligência corporal do paciente seja usada ao máximo para receber e pôr em ação qualquer instrução propositada dos médicos espirituais e assim acelerar a recuperação do paciente.

A mente do curador não possui a sabedoria para fazer isto, mas pode ajudar a tornar as condições mais fáceis pelas quais a instrução espiritual pode ser dada e assim, em vez de permanecer um instrumento puramente passivo

dos médicos espirituais, tende a tornar-se um instrumento mais cooperativo e sintonizado, para ser melhor usado pelo Espírito.

Uma medida apreciável de sucesso é agora comumente observada no tratamento da maioria dos tipos de paralisia, como a resultante de pólio, esclerose disseminada, derrames, etc. Se for um derrame, a diretiva é restaurar o equilíbrio funcional do cérebro; com a esclerose, a origem do problema está muitas vezes situada nas pressões sobre os nervos onde emanam da coluna vertebral. Geralmente a coluna está muito rígida ou bloqueada, é imóvel e engrossou com depósitos, e a fibrosite entrou nos tecidos adjacentes. A restauração da mobilidade espinal é geralmente alcançada em pouco tempo e de forma bastante indolor. Ao remover a pressão sobre os nervos, eles têm a oportunidade de funcionar novamente. Na paralisia, os nervos tornaram-se inertes e assim precisam de ser reestimulados e encorajados a transportar as mensagens do cérebro para induzir o movimento muscular.

A estimulação dos nervos é da responsabilidade do guia de cura, mas a construção da restauração da coordenação pode ser tão ajudada pelo paciente falando aos membros, ou, por outras palavras, à inteligência que controla o movimento. Por exemplo: se a perna estiver pesada, inerte, incapaz de ser levantada ou tiver apenas uma resposta limitada, «falamos» à perna para que, através da mente, a mensagem seja transportada pelos nervos para lhe dizer que movimento deve realizar. Pode ser necessário um pouco de tempo para permitir que a mensagem, fraca como pode ser no início, viaje para baixo e sustente a intenção para o movimento vir. O paciente é gentilmente encorajado a mover o membro como dirigido, assistido com o mínimo de ajuda.

Desta forma, o progresso percetível leva muitas vezes a um grau razoável de restauração, por vezes completamente. O curador precisa de mudar a perspetiva do paciente de uma de desesperança, de «não posso fazer isto ou aquilo» para uma de expectativa, pois enquanto uma atitude desesperada for mantida, pouco pode ser feito. Precisamos de tornar a inteligência mental e corporal do paciente uma aliada da intenção de cura.

Muitas vezes, com condições de longa data, a mente e o corpo aceitaram a situação de que os membros não podem funcionar e portanto nenhum esforço é feito para o procurar. A inteligência corporal também veio a aceitar a situação, o cérebro já não sendo instruído a procurar movimento, e

assim um estado de inércia surgiu. Se, através da cura espiritual, uma condição mais feliz puder ser restaurada, então o primeiro esforço deve seguramente ser despertar a inteligência corporal para começar a trabalhar novamente, e a mente para enviar mensagens pelos nervos para restaurar o movimento. Isto é o que chamamos «falar aos membros do paciente», mas na verdade é à mente e à inteligência corporal que apelamos.

Há outros fatores também a ser incluídos na cura, mas o acima bastará para indicar a ligação entre, por um lado, o eu sintonizado do curador, e por outro, as mentes física e espiritual do paciente, o seu cérebro, nervos e músculos, e a inteligência corporal que está tão intimamente associada ao processo todo.

Não é incomum ouvir de uma recuperação de uma condição «incurável» ou grave ser devida à fé do paciente ou à autodeterminação e força de vontade. É muito verdade que quando uma pessoa doente tem uma fé indomável e uma perspetiva forte e positiva, não «cedendo» e lutando contra as fraquezas, vemos recuperações ocorrer que não podem ser explicadas medicamente.

Que tais curas ocorrem está além de questão, e como sabemos que nenhuma mudança alguma vez ocorre por acaso e sem uma razão para isso, deve haver um processo planeado por trás da recuperação. No passado, estas curas foram atribuídas à «força de vontade» e deixadas por aí. É razoável perguntar como a força de vontade pode ser responsável por curar as causas e sintomas da doença, quando a ciência médica não pode fazer mais. É fugir à questão sugerir que é «instinto» ou «apenas natureza», ou que o cérebro computador o planeou.

Na recuperação de uma condição de natureza puramente física, vimos como alguma forma de ajustamento químico foi induzida para trazer a mudança e além disso que isto deve ter sido realizado através de direção e controlo inteligentes. Nem a mente nem o cérebro do paciente souberam como alcançar tal resultado, mas é lógico assumir que através da atitude mental de «não rendição» um forte estímulo foi dado à inteligência corporal para atuar.

Recordemos que na cura de uma ferida há direção para um aumento na produção tanto de células sanguíneas vermelhas como brancas, que há estimulação dada ao sangue para fazer certas mudanças químicas nas

estruturas dentro da ferida, e assim por diante. Portanto, segue-se que, com um pedido persistente da mente consciente ao cérebro, e do cérebro às inteligências corporal e glandular, assim é dada direção constante às inteligências corporais para manter um esforço de cura contínuo das formas que são necessárias. Outras implicações surgem desta suposição.

Deve ser admitido que a inteligência corporal tem um alto grau de conhecimento que pode chamar em tempos de necessidade, como combater uma infeção. É este conhecimento que pode ser efetivamente utilizado através de uma demanda sustentada da mente do paciente para organizar, por exemplo, a estimulação da ação cardíaca, melhorar a circulação, regular a temperatura, aumentar a atividade do sangue em certas áreas para ajudar os centros nervosos a aumentar a função, e assim por diante.

No entanto, há ampla evidência de que existe uma inteligência superior por trás de qualquer ato de cura que é muito mais avançada do que mesmo a capacidade da inteligência corporal. Quando esta inteligência superior está sintonizada com a mente consciente do paciente, segue-se que pode comunicar instruções à inteligência corporal diretamente.

Isto pode ser compreendido pelos curadores de forma mais simples quando recordamos que com a clarividência, impressões pictóricas são transmitidas do Espírito à mente consciente do médium. Da mesma forma, pensamentos intuitivos são igualmente dados, por isso é razoável assumir que um fluxo de pensamento do Espírito pode alcançar a inteligência corporal do paciente através da sua mente consciente.

Outra forma pela qual a instrução pode alcançar o paciente é via o curador, que está sintonizado tanto com o paciente como com o médico espiritual. Por meio desta sintonia, o eu espiritual e a mente do curador estão muito próximos dos do paciente e portanto a mente consciente do paciente pode ser contactada pela mente do curador. Isto tem duas implicações importantes.

A primeira é que o médico espiritual pode dar instrução à inteligência corporal do paciente sobre como prosseguir e lidar com um problema de doença, usando o curador como o meio de comunicação.

A segunda implicação é importante em relação à cura de condições mentais, pois com estas a mente consciente do paciente é dada influências de pensamento corretivas via a mente espiritual do curador que está

intimamente sintonizada com a mente espiritual do paciente. Assim, temos uma situação em que o próprio repositório de conhecimento e experiência do curador pode ser usado para se tornar uma agência influenciadora para acalmar e tranquilizar frustrações, dar orientação para induzir um melhor sentido de perspetiva, e assim ajudar o paciente a recuperar uma perspetiva mais contente sobre a vida.

Estas observações não estariam completas sem alguma referência ao coração. O coração tem um sistema nervoso muito intricadamente ajustado e uma inteligência própria, que está intimamente associada a todas as outras inteligências. É responsivo a estados emocionais e pode ser acalmado por influências dadas por pensamento. O batimento do coração acelera com medo e apreensão, e à medida que os medos e tensões são subjugados, a ação cardíaca retorna ao normal.

A superação destas condições pode muitas vezes ser alcançada à medida que o curador fala ao paciente de forma simpática e segura. O acalmar da mente e do Espírito das frustrações é o modo primário de superar tensões nervosas que induzem palpitações. Assim como as palavras reconfortantes do curador tranquilizarão a mente e subjugarão o batimento cardíaco rápido, assim falando à mente por pensamento de um nível espiritual, é trazida para um estado mais feliz e mais sereno.

O coração é muito obediente à direção, como testemunha a melhoria vinda através do acalmar da tensão nervosa. Através da afinidade que é estabelecida entre o eu do curador e o do paciente, a diretiva remedial alcança a inteligência corporal para regular a ação muscular controlando a função do coração.

Nenhuma palavra precisa de ser dita — uns poucos momentos de direção propositada é tudo o que é necessário para trazer uma mudança no funcionamento rítmico das válvulas cardíacas e invariavelmente há uma mudança percetível para melhor.

Há outras formas de melhorar o ritmo do coração através de respiração caracterizada. Aqui novamente, o pensamento é o agente para encorajar o corpo a receber recargas de energia cósmica, para a força interior e o bem-estar do paciente. Segue-se que, onde o pensamento é recebido, deve haver uma forma de inteligência para atuar sobre ele.

Quando um curador se sintoniza com o paciente, pode colocar a mão sobre a região do coração e, através da sua mente, pedir ao médico espiritual para corrigir as irregularidades e estabelecer a função normal. O ato de colocar as mãos sobre a área do coração não é, em si mesmo, o meio de trazer a mudança benéfica de função. As mãos são usadas para expressar a intenção da cura dentro da mente do curador; isto pode ser melhor explicado pelo curador «sentindo que a sua mente está nas suas mãos e dedos».

Conclusões semelhantes podem ser alcançadas com outros problemas cardíacos e particularmente com tromboses, onde a coagulação se quebra e dispersa e, ao mesmo tempo, há melhoria na consistência do próprio sangue. Os efeitos da flebite também cedem facilmente da mesma forma.

Até agora, este capítulo tem tentado estabelecer que possuímos vários sistemas de inteligência, cada um capaz de ação independente, mas ao mesmo tempo combinando-se como um todo. Além destes, há aquela inteligência espiritual superior que pode influenciar e instruir a mente e as inteligências corporais; pode direcionar energias dispersivas, construtivas, fortalecedoras e nutritivas para o nosso bem-estar; e finalmente pode induzir influências positivas e orientação.

A cura de doenças orgânicas ocorre com a plena cooperação da inteligência corporal. A exceção pode ser quando as energias de cura são capazes de trazer uma dispersão muito rápida, como com um crescimento ou outra matéria indesejada; mas em geral, há cooperação, e se aceitarmos isto como um facto, então segue-se que a inteligência corporal está a trabalhar em harmonia com o processo de cura e pode ser dada direção para cooperar ainda mais e implementar os seus próprios potenciais de cura inerentes.

Curadores que possuem conhecimento da inteligência corporal tornam-se colaboradores conscientes com os propósitos de cura. No presente momento, a maioria dos curadores tende a ser instrumentos passivos através dos quais as energias de cura fluem, mas à medida que o dom da cura melhora, através de uma sintonia mais perfeita e daquela receção consciente de diretivas de pensamento intuitivas, assim cumprirão um propósito mais cooperativo no ato de cura.

Para curadores que conseguiram ganhar considerável experiência no campo da cura, a arte da sintonia vem facilmente como «segunda natureza». Com isto, a capacidade de receber e transmitir direção de pensamento intuitiva

do Espírito trá-los para o caminho de se tornarem colaboradores mais conscientes e assim capazes de influenciar a inteligência corporal do paciente para desempenhar um papel mais ativo na diretiva de cura do que de outra forma faria.

Para explicar este processo, tomemos, como exemplo, um paciente que tem um crescimento sério, que pode ser uma forma de cancro. Embora o curador saiba que medicamente há pouca ou nenhuma esperança para sofredores destas doenças, procura que a cura chegue ao doente de todas as formas possíveis. Em nenhum momento desiste da esperança, mas enquanto reconhece que uma cura pode não ser possível dentro do esquema das coisas, mantém confiança no poder do Espírito para curar ao máximo. Isto aplica-se tanto à Cura por Contacto como à Cura à Distância.

Na Cura por Contacto, o curador colocará as mãos sobre a área onde o crescimento está localizado e a sua diretiva mental estará sintonizada com o ato de «dispersão». O curador está consciente disto e o paciente está ciente do objetivo de cura e assim torna-se recetivo. Há unidade de propósito, e se a dispersão estiver a ocorrer através do processo gradual de mudar as energias atómicas na estrutura do crescimento, então através da mente consciente do paciente a inteligência corporal cooperará direcionando leucócitos e fagócitos adicionais para a área para levar embora a matéria prejudicial, que agora foi mudada para uma nova forma.

Sabemos que sob a direção da inteligência corporal, mudanças químicas podem ser induzidas nos sistemas do corpo, por isso não pode ser excluído que sob a direção da inteligência espiritual, a inteligência corporal seja mostrada o caminho para ajudar a mudar a natureza da substância do crescimento para que possa ser assimilada e subsequentemente excretada.

É por causa da devoção incansável dos curadores espirituais que foram registados muitos casos de curas de cancro, que os médicos chamam «curas espontâneas». Que os cancros podem ser curados desta forma é um facto médico aceite, embora os médicos não saibam porquê ou como as recuperações ocorrem.

Há agora padrões estabelecidos vistos na cura tanto do cancro como da leucemia. Por exemplo, com a leucemia, pode agora ser esperado com o início da cura espiritual que uma melhoria marcada seja observada na

contagem sanguínea. Estas melhorias foram datadas do dia exato em que a intercessão de cura começou.

Estes períodos melhores são chamados remissões, mas que os médicos invariavelmente esperam que cedam a regressões dentro de dois anos. É muito importante que a cura seja mantida continuamente para prevenir a regressão para que, se ocorrer, possa ser rapidamente superada.

Há casos registados de crianças sofrendo de leucemia e esperando morrer dentro de poucas semanas; mas com a ajuda diretiva da cura espiritual não o fizeram, algumas tendo vivido por anos. Em muitos casos, com a saúde contínua boa da criança, os pais deixaram de trazer a criança ao curador, ou manter relatórios para a continuidade da Cura à Distância, e mais tarde ouvimos que uma criança que estava a ir muito bem sucumbiu a um novo início da doença que poderia ter sido evitado se os pais tivessem mantido o contacto com o curador.

No tratamento da leucemia em particular, a prática médica e a cura espiritual são complementares uma à outra. O curador não pode dar transfusões de sangue como os médicos podem, ou outros tratamentos projetados para serem úteis; e os médicos não podem dar aquela ajuda fortalecedora especial, as energias estimulantes ou instrução às inteligências corporais, direcionando-as como aumentar a produção de hemoglobina, entregar leucócitos saudáveis e manter a vitalidade do paciente.

Os curadores acharão útil encorajar respiração caracterizada propositada para pacientes de cancro e leucemia em particular, bem como, claro, para sofredores de queixas bronquiais, anemia e de facto para todas as outras condições doentias; mas especialmente para casos de cancro em todas as suas formas. O paciente deve ser mostrado como respirar devagar pelas narinas, expandindo o peito, e ao mesmo tempo ser fortemente impressionado pelo curador para estar consciente de respirar e receber com o ar, oxigénio extra, força cósmica, nova força e energia de cura; e ao expelir o ar, estar igualmente consciente de expirar resíduos e doença.

As vantagens desta respiração caracterizada são óbvias. Sustenta o moral do paciente para que ele esteja conscientemente a ajudar o processo de cura, tornando-se um aliado cooperativo com a intenção de cura. Dá propósito e estimulação a todas as inteligências corporais para se tornarem

ativas em dar ao paciente nova força, e para limpar o corpo de matéria indesejada; também para construir o estado de saúde e a resistência do corpo. Os familiares do paciente podem ser pedidos para se juntarem a esta respiração especial para lhe fazer companhia e assim ajudar a manter o benefício que resulta.

Ao risco de repetição, deve ser recordado que forças podem ser direcionadas para efetuar uma mudança química numa condição orgânica doentia. Isto é demonstrado com a experiência quase universal dos curadores ao tratar condições orgânicas de estarem cientes de uma sensação de um forte calor emanando da mão do curador, com o paciente também ciente de tal calor profundo penetrando o seu corpo. Se um termómetro for colocado entre a mão do curador e o corpo do paciente, nenhuma subida na temperatura será vista, embora tanto o curador como o paciente estejam cientes do calor excecional.

Embora este calor não possa ser registado num termómetro clínico, é no entanto factual. O calor representa obviamente uma força. O curador não pode criá-lo à vontade, e de facto, se mover a mão para longe da área afetada, então a sensação de calor desaparece, apenas para regressar quando a mão volta à parte afetada.

Isto é significativo, pois implica que a força supernormal sendo direcionada através do curador só opera quando há uma razão para o fazer. Ninguém é capaz de criar um aumento de temperatura numa pequena parte do corpo, i.e. a mão, por força de vontade e em questão de segundos; ou induzir flutuação dela, como descrito.

Através da cura. É algo adicional, experimentado apenas

Esta força de calor é caracterizada para realizar uma intenção planeada. É propositada e num caso de, digamos, artrite, tem a diretiva de estimular a ação sanguínea, induzir uma mudança química na parte afetada e dispersar adesões dentro dos tecidos ou trazer alguma outra mudança desejada.

Que o paciente sinta fisicamente este calor é notável, pois isto indica que a energia de cura foi transformada numa expressão física. O resultado invariável é a remoção ou diminuição considerável dos sintomas dolorosos. Assim, mais uma vez, vem a indicação de cooperação entre a cura e a inteligência corporal.

Vale a pena ter em mente que na artrite o depósito principal é carbonato de cálcio. É uma molécula simples, um átomo de cálcio, um de carbono e três de oxigénio. Quando a força de calor é aplicada a ela, sofre um estado de mudança. O calor experimentado através de um curador é um calor supernormal, não pode ser registado fisicamente, e pode bem ser que esta qualidade espiritual de calor seja capaz de transformar os depósitos de carbonato de cálcio de um estado para outro, o que explica a mudança notável por vezes observada na remoção instantânea de «cimento» com uma articulação artrítica bloqueada.

Se este ponto for estabelecido, não devemos limitar mentalmente a extensão à qual a inteligência corporal pode ser tornada uma parceira na prática de cura; nem devemos limitar os métodos pelos quais pode ser usada e como pode lucrar de qualquer nova instrução que lhe possa ser dada. Com a evolução futura do corpo humano físico, devemos esperar ver a sua inteligência corporal evoluir progressivamente também.

O curador está justificado em perguntar como este conhecimento vai ajudá-lo no seu uso pelos guias de cura, pois, lembrem-se, um curador é um instrumento de cura. Ele é usado pelo guia para transmitir energias de cura para superar a aflição. Na carpintaria, por exemplo, quanto mais afiado o cinzel usado pelo carpinteiro, mais fino e mais intricado o trabalho que pode produzir. Assim é com o instrumento de cura sendo usado pelo guia de cura.

É importante lembrar que a função primária do curador é estar numa condição sintonizada com o guia e o paciente. Se não estiver, não está a servir qualquer propósito. Com o curador sintonizado com o paciente, o guia é capaz de usá-lo de várias formas: conversão de energias espirituais nos seus equivalentes físicos; o transmitir de estimulação; ser capaz de fundir-se mais de perto com um paciente e assim avaliar a sua perspetiva; usar a ocasião para transmitir direção, instrução e propósito às várias inteligências do paciente, e assim por diante.

Não pode ser negado que, via o Espírito, direção pode ser dada ao coração e à corrente sanguínea; e não é comum dentro da experiência de cura para uma trombose afetando gravemente a vida do paciente, ser dispersada rapidamente, por vezes, da noite para o dia? É esticar a credulidade demasiado longe acreditar que as células sanguíneas, por razão da sua inteligência individual, podem cooperar ativamente com a diretiva de cura

quando a oportunidade e as condições certas foram estabelecidas através da sintonia?

Assim, em toda a cura aprendemos a evitar processos mecânicos ou técnicas e em vez disso aproveitar as inteligências totais à intenção de cura. À medida que esta forma mais avançada de cooperação com os guias de cura é empregada e as faculdades intelectuais do paciente usadas, assim mais facilmente serão superadas as desarmonias e a doença.

O guia impressionou John e Mary com a grande importância da sua visita iminente ao Lugar dos Guias. A sua solenidade e reverência pela ocasião impressionaram-nos profundamente. Parecia adquirir uma nova estatura, dignidade e importância.

Num dos seus momentos anteriores de tranquilidade, disse-lhes que, em anos terrestres, estava na vida espiritual há dois séculos e meio e que levar os seus dois protegidos através das várias etapas das experiências espirituais e explicar a sua missão particular seria a sua tarefa final antes de ser admitido na companhia dos Guias que agora iam visitar.

Quando chegaram após uma «viagem de pensamento», acomodaram-se por um curto período para olhar à sua volta. Ficaram fascinados pela grandiosidade estupenda de toda a cena que se estendia de um «horizonte» ao outro. O fundo não era apenas montanhoso quando visto pela sua altura, mas maravilhoso na totalidade da sua apresentação como um grande projeto, dando uma imagem completa do idealismo da vida com a glória do Pai no seu centro.

A sua perfeita apresentação de valores de luz celestial, olímpica no design, apresentando uma vista de um conceito espiritual indescritível, fluindo do centro de Deus para os lados curvos estendendo-se até onde se conseguia ver. Os dois visitantes sentiram-se muito pequenos, quase insignificantes, enquanto tentavam, sem sucesso, absorver os detalhes arrebatadores de toda a cena e o papel que cada faceta desempenhava em contribuir para a majestade dela.

John disse ao guia: «Se pudesse ficar aqui para todo o sempre, nunca seria capaz de reter a totalidade completa na minha mente.»

«Nenhuma mente pode fazer isso», respondeu o guia. «É concebido de forma divina e pensa-se ser a entrada do Céu, para a Casa do Pai, e esta é a

Sua forma de transmitir a Sua boas-vindas a todos os que passam pelo portal ou que O servem neste lugar.»

O guia continuou: «Lá em cima», apontando para o centro, «está o lugar dos 'Mestres do Destino'. São os mais próximos de Deus que conhecemos. Têm poder em considerável extensão, permitindo-lhes fazer ajustes dentro das Leis da Criação. Sempre que há perigo das forças das trevas ameaçando a progressão espiritual humana, são os poderosos que sabem todas as coisas e podem preparar e arranjar sequências de acontecimentos para vir em socorro daquilo que está do lado da progressão espiritual.

«Um exemplo disto foi o meio pelo qual os israelitas foram ajudados a evitar ser destruídos. A vossa história bíblica inicial conta esta história de como o Mar Vermelho foi dividido em duas muralhas de água, permitindo ao povo escolhido escapar à ira dos soldados do Faraó. Em tempos terrestres mais recentes, outro exemplo foi visto no conflito entre o maligno Demogorgon, cujo outro nome era Hitler: Isto ocorreu no tempo em que as forças do bem estavam em perigo de derrota total nas praias de Dunquerque. O Primeiro-Ministro chamou a nação à oração e reinstituiu os amados sinos de Big Ben na rádio. Assim, o apelo ao povo saiu às 21 horas cada noite para orar pela paz.

«Os mares nesta altura estavam muito altos e agitados, os ventos eram de força de furacão, no entanto, apesar disto, o apelo saiu para os donos de todas as pequenas embarcações para enfrentarem os ventos fortes e os mares tumultuosos para viajar para as praias de Dunquerque e trazer de volta o exército sitiado. Foi então que os Mestres do Destino intervieram e arranjaram para que os ventos fortes diminuíssem e os mares se acalmassem, e esta calmaria continuou por três dias e noites para trazer de volta todos aqueles que esperavam nas praias. Quando a operação terminou, os elementos governaram como antes.

«Novamente, nessa guerra, quando todo o Ocidente, exceto a Grã-Bretanha, estava sob o calcanhar de Hitler, que só precisava de derrubar uma Grã-Bretanha diminuída e desarmada para estabelecer a sua supremacia total sobre toda a Europa a oeste da Rússia, porque virou a sua campanha para o leste?

«Hitler era guiado pelos seus astrólogos, e assim foi influenciado a atacar a Rússia, dando tempo ao Ocidente para preparar e construir a sua força para

assegurar que as nações ficassem livres de uma dominação militar maligna.»

(Vinte e quatro horas antes de a intenção de Hitler de ir para o leste ser conhecida, o autor estava numa sessão com um médium em transe, Arnold Clare, e o guia previu o evento como um «triunfo para o Espírito e assim assegurando que Hitler perderia a guerra».)

«Houve outros planos premeditados para ajudar a família humana em tempos de perigo», continuou o guia. «Jesus foi enviado num tempo em que a civilização romana estava em perigo de dominação maligna. Havia apenas duas classes de pessoas — os escravos e aqueles que os possuíam. Os escravos eram impotentes e temerosos, os governantes eram corruptos e viciosamente cruéis no seu viver e tratamento dos escravos. O amor por qualquer Deus espiritual estava morto, a corrupção da carne por viver grosseiro dominava o modo de vida nessa altura.

«Assim foi que Jesus foi enviado à vida terrena neste centro de corrupção maligna. Uma pessoa humilde, dotada de fogo espiritual, que deu uma diretiva espiritual inteiramente nova. Apoiada pelos seus Dons do Espírito, de cura (por métodos de Contacto e Cura à Distância) e por profecia, pregou uma filosofia tão nova, tão estrangeira ao conceito de vida nesses tempos, que foi a partir desses ensinamentos que emergiu uma nova consciência mundial.

«Aqui estava um jovem que nasceu numa aldeia obscura, filho de uma mulher camponesa. Cresceu noutra aldeia. Trabalhou numa oficina de carpinteiro até aos trinta anos, e depois por três anos foi um pregador itinerante. Nunca escreveu um livro. Nunca ocupou um cargo. Nunca possuiu uma casa. Nunca teve uma família. Nunca foi à universidade. Nunca pôs o pé dentro de uma grande cidade. Nunca viajou 200 milhas do lugar onde nasceu. Nunca fez uma das coisas que geralmente acompanham a grandeza. Não tinha credenciais senão ele próprio.

«Enquanto ainda era um jovem, a maré da opinião pública virou-se contra ele. Os seus amigos fugiram. Foi entregue aos seus inimigos. Passou pela zombaria de um julgamento. Foi pregado a uma cruz entre dois ladrões. Enquanto morria, os seus carrascos jogaram pela única peça de propriedade que tinha na terra, e isso era o seu casaco. Quando morreu, foi colocado num túmulo emprestado pela piedade de um amigo.

«Dezanove séculos passaram, e hoje ele é a figura central da raça humana e líder da coluna do progresso.

«Estou longe da marca quando digo que todos os exércitos que alguma vez marcharam, e todas as marinhas que alguma vez foram construídas, e todos os parlamentos que alguma vez se reuniram, e todos os reis que alguma vez reinaram, juntos, não afetaram a vida do homem na terra como esse Uma Vida Solitária.

«Estudem as vossas histórias passadas e verão porque outros grandes reformadores foram enviados para guiar o povo para um modo de vida novo e iluminado. Homens como Abraham Lincoln, Fox, Bunyan, Wesley, Booth, no Ocidente; Maomé, Buda, Confúcio e outros Príncipes da Luz, no Oriente. Deu-nos coragem espiritual com conhecimento, reconhecendo que o poder divino para o bem será sempre mais poderoso do que aquilo que é maligno.»

Os visitantes olharam à sua volta e viram mais abaixo nas encostas pequenas comunidades. «São Guias com os seus seguidores de ajudantes», disse o guia. «Estabeleceram um forte rapport, associação ou comunicação de pensamento com mentes humanas na terra, que são chamadas médiuns. Alguns são professores, curadores, inspiradores, filósofos; outros têm a faculdade de usar a linha de pensamento de comunicação para transmitir visões e imagens a uma mente terrena sintonizada. Outros podem direcionar os sons de vozes para dar conforto aos enlutados, para conceder alívio mental e felicidades por meio de música, desenho, pintura e outras das artes e ciências.

«Há os Guias que trabalham sob consideráveis dificuldades, empregando um conhecimento superior tanto da química física como espiritual, para apresentar à humanidade fenómenos de natureza invulgar.

«Estudaremos cada um destes por sua vez, mas primeiro desejo levar-vos a ver o Líder dos Guias de Cura. Estes ocupam uma área mais próxima dos Portões do Céu.»

Caminharam para o centro onde a maior reunião estava reunida. Havia um semicírculo do tipo de varanda de assentos de pedra castanha, no qual vários sábios se sentavam em meditação profunda. No centro estava o Líder. Além daqueles em meditação, ele prendia a atenção de todos à sua volta.

O guia levou-os um pouco para longe onde podiam sentar-se e observar, e então disse:

«Não estarei convosco por muito mais tempo. Regressarão à vossa casa, e juntos pensarão e discutirão tudo o que viram. Tiveram uma antevisão do que pode ser o vosso avanço espiritual. Já reconheceram nas vossas mentes que não é um caminho fácil. Há tanto para fazer em cada setor. Precisará de muita paciência e da aquisição de conhecimento. Precisarão de procurar o modo de olhar para as almas daqueles que será a vossa felicidade servir.

De um setor poderão progredir para o próximo e assim por diante, até que nos vossos futuros distantes, viajando juntos, encontrareis o vosso lugar de serviço aqui neste lugar.

«Por outro lado, pode ser o vosso desejo servir de alguma outra forma menos árdua. Há muita honra em tornar-se professor, um professor em qualquer das artes e ciências. Ensinar os outros a procurar as maiores glórias que são as oportunidades para todos na vida espiritual. Alguns aproveitam estas coisas, outros não. A escolha é vossa.

«Fui feliz e enriquecido em mostrar-vos um caminho de propósito divino na vida. Podeis chamar-me, como quiserdes, de facto estarei a vigiar o vosso progresso em todos os momentos.

«Antes de regressardes à vossa casa, há algumas outras explicações que gostaria que recebêsseis para vos dar uma imagem mais completa daquelas coisas que podem entrar na vossa compreensão. Por exemplo, ainda não fostes capazes de ver a estrutura que rodeia o Líder e o seu povo. Tem a forma de uma cúpula ou disco curvo. Estas também estão com outros Guias e as suas bandas de colaboradores. Encontrar-me-ia impossibilitado de vos dar qualquer detalhe da sua composição, pois não há na vossa compreensão, ainda, a base conhecedora para fundar uma explicação.

Obtereis isso à medida que prosseguirdes na vossa jornada de vida. Deixai-me dizer simplesmente que é capaz de receber, registar e manter os meios para o fluxo de força de pensamento entre nós e as pessoas da terra que se tornou o nosso propósito usar e ajudar — isto é, os médiuns, curadores, recetores de pensamento inspiracional e intuitivo, bem como para todos aqueles doentes e sofredores que estão a receber tratamentos, quer por contacto ou pelo método de cura à distância. Por favor, lembrai-vos, toda a sequência positiva de pensamento estabelece uma radiação positiva de

caráter individual. Estas radiações quando direcionadas podem viajar para um destino específico quando têm propósito.

«Quando se estabelece um estado de afinidade, como na mediunidade, a radiação é direcionada para cada recetor individualmente.

«A cúpula é constituída de uma massa de terminais de receção de força de pensamento sintonizados para o transmissor ou recetor humano individual. É esta comunicação que fornece o meio para a transmissão de tratamentos de energia de cura, influências de pensamento corretivas, imagens clarividentes, experiências clariaudientes e assim por diante. Assim, observareis que o processo de comunicação não é casual ou uma questão de acaso, mas um procedimento bem desenvolvido, altamente organizado, usando as forças governadas por leis de ambas as dimensões de forma precisa.

«Quando há um curador que está em intercessão por, digamos, dez mil ou mais pacientes recebendo cura à distância, isto explicará os meios pelos quais diagnósticos podem ser feitos e o modo pelo qual tratamentos de energia de cura e pensamento são transmitidos aos pacientes, não importa quantos sofredores haja. É um procedimento científico altamente organizado.

«O número de linhas de força de pensamento conetoras que cada cúpula contém é inexaurível. Tem a capacidade de armazenar e registar experiências. Está aberta para dar aos laboratórios de cura qualquer informação que possua. Registará as mudanças progressivas, ou não, dos efeitos de prescrições de energia no paciente. É um cérebro-computador-de-cura.»

Enquanto falava, afastaram-se do centro em direção ao «horizonte», onde toda a forma visível diminuía de tamanho até ao ponto de desaparecimento. O guia disse: «Agora seguiremos caminhos separados. Voltareis os vossos pensamentos para a vossa casa e chegareis lá, e na plenitude da mudança, sereis perguntados qual o caminho que desejais viajar, e se escolherdes ir pelo caminho que vos mostrei, nunca estareis sozinhos.»

Pegou nas mãos de ambos, os seus olhos encontraram-se e então já não estava lá.

Capítulo 20

OBSERVAÇÕES GERAIS E

UMA RESPOSTA A UMA OU DUAS QUESTÕES

Abordo o capítulo final da primeira secção deste livro com alguma apreensão. Antecipando que alguns críticos, se alguma vez chegarem até aqui, o atirem para longe como um disparate de disparates. Posso imaginar que possa haver um teólogo muito devoto a aspergir água benta sobre ele como obra de um «espiritista» e, assim, um advogado do diabo. Talvez, no entanto, eu seja o meu crítico mais severo, pois reconheço prontamente que não precisa de haver qualquer verdade na história de John e Mary — pode ser tudo nada mais do que o produto da minha imaginação.

Ninguém nesta vida é capaz de julgar como podem ser as condições numa dimensão espiritual. Só podemos estar conscientes de experiências físicas pertencentes a esta vida. Nenhuma mente humana pode criar mentalmente ou explicar uma cor adicional ao espectro. Sabemos que existem sons que o ouvido humano não consegue reconhecer, e quem poderia ser tão ousado para declarar que não poderia haver outras cores também?

Pode alguma mente criar uma flor inteiramente diferente? Que razão tenho eu para assumir que nas dimensões espirituais há flores, ou mesmo árvores e relva; ou para levar a hipótese um passo mais longe, sugerir que as flores no Espírito podem falar umas com as outras, ou conversar em certa medida com pessoas espirituais? Não fui tão longe assim, mas se houver alguma realidade na vida dimensional espiritual, porque não haveria de ser assim?

Há respostas para a possibilidade de que as experiências de John e Mary não fossem nada mais do que o resultado da minha mente desordenada. Ao risco de alguma repetição, será concordado pela maioria dos pensadores que há comunicação entre as dimensões espiritual e física da vida. Aqueles que pensam o contrário são bem-vindos a fazê-lo, até entrarem na sua vida espiritual. A massa de evidência comprovada que estabelece a verdade de que tal comunicação é factual fornece a base razoável para explorar mais profundamente o que está dentro da capacidade de «comunicação».

Este estudo fornece diretivas para o esforço humano; os meios para induzir mudanças físicas benéficas na saúde; a demonstração de poderes superiores às leis físicas aceites, como a gravidade; o dar de novas diretivas de

pensamento que permitiu que civilizações, passadas e presentes, evoluíssem; tudo isto e muito mais surge quando se estuda cada faceta mais profundamente, e fornece uma base lógica para a possibilidade de semelhança com o que ocorre na vida espiritual como retratado neste livro.

O ectoplasma foi fotografado, visto e manuseado por investigadores, e há acordo comum quanto aos processos da sua emergência e usos. Materializações foram vistas, reconhecidas, sentidas, conversadas com, e novamente há a narrativa comumente acordada dos processos de construção e dissolução.

Há as descrições de atividade na vida espiritual, dadas através de descrição em transe (nas quais flores, árvores e relva são faladas), mais uma vez com uma generalidade de acordo através de cem ou mais médiuns diferentes.

Temos os factos muito positivos comprovados da cura espiritual tornando as pessoas bem quando todo o conhecimento e sabedoria associados à ciência médica são impotentes para prestar qualquer serviço de cura adicional a elas.

Qualquer pessoa que se recuse a aceitar os factos está intelectualmente morta.

Estes são princípios que espero possam levar o leitor para a opinião de que as suposições que dei podem ter uma base para a realidade.

Se houver uma vida espiritual, não é irracional supor que haja carros e autocarros gigantescos, engarrafamentos de trânsito e autoestradas? Tal imagem está além da credulidade. Se o corpo e os membros de alguém não estão limitados por limitações físicas, e o pensamento é a essência da vida e do movimento, é tão selvagemente impossível para as pessoas espirituais viajarem por direção de pensamento? Afinal, nesta vida física limitada podemos receber uma imagem televisiva do Presidente dos Estados Unidos da América e ouvir a sua voz na grande maioria das casas das pessoas neste país no preciso momento em que o evento está a ocorrer. Para um sábio de há cem anos, isto teria sido ainda mais impossível do que pessoas espirituais viajarem distâncias como desejam propositadamente.

Há o outro fator que mencionei em páginas anteriores. Para escrever este livro, sentei-me à máquina de escrever sem um pensamento na mente do que estaria a datilografar. Posso ser dado o tema central ou o cabeçalho do

capítulo, isso é tudo. O meu único dedo indicador da mão direita então bate nas teclas à medida que os pensamentos se formam na minha mente. Não tenho de os pensar conscientemente. Os pensamentos fluem, o dedo datilografa (muitas vezes muito mal) e as palavras estão lá. Recordo o meu próprio espanto quando John e Mary foram a um concerto, à medida que veio a história dos dançarinos tecendo padrões num estado de levitação.

Pensando nisso depois, disse: «Porque não? Os seus corpos não são fisicamente pesados e sólidos como os nossos. É apenas natural que, sendo sem peso, e não havendo força de gravidade, sejam facilmente capazes de fazer isso.» Lembro-me na escrita deste capítulo, quando a minha mente tinha o direito de concluir que este é outro capítulo terminado, o fluxo de pensamento mudou e John e Mary foram levados para uma biblioteca. Toda a história veio espontaneamente desta forma; não houve preparação da minha parte, nada foi planeado adiante.

Disto, a minha conclusão é que no momento da datilografia, a minha mente criativa estava muito anormalmente ativa (desejo que assim fosse ao lidar com os assuntos mundanos da vida), ou que num estado de sintonia mental estava a receber pensamentos, para serem formulados pela minha mente, do autor espiritual. Esta é a conclusão lógica. Se assim for, então não sou o autor de todo — ainda assim, penso que reclamarei o crédito por isso.

Referiria a mente inquiridora e questionadora a outros livros que foram recebidos desta forma. Há aquele volume maravilhoso Hafed, Prince of Persia, quinhentas e oitenta páginas, com detalhe histórico a um grau inquestionado. Este foi recebido através da mediunidade em transe de David Duguid. Levou seis anos para as notas desse livro serem tomadas pelo Sr. H. Nisbet (período 1870). Foi publicado em 1875. O médium era um reparador de sapatos iletrado. Teria levado a um estudante de história muitos anos de estudo intensivo para ganhar o conhecimento dado. Mais ao meu ponto, é que este livro fornece conhecimento desconhecido da vida de Jesus entre os doze e os trinta anos, das suas viagens, por exemplo para a Índia, em estilo documental.

Procurei respostas para duas questões que são comumente perguntadas.

Primeiro, onde está o mundo espiritual em relação a este planeta? E, em segundo lugar, referência é feita no texto a «horizontes». Se têm horizontes no reino do Espírito, isso significa que é um globo como a terra?

A resposta a ambas as questões está contida na explicação seguinte.

Não há limites para o reino espiritual, não há fronteiras, é contínuo através desta galáxia.

Levará mais de mil anos-luz para os raios de luz da estrela mais próxima alcançarem o planeta terra. O reino espiritual estende-se tão longe e além disso. Vai além do nosso conhecimento. A vida no Espírito encontrou propósito em ocupar e desenvolver aquela parte do reino em que expressão pode ser dada ao avanço divino, evolutivo e progressivo.

A relação da área ocupada pela vida espiritual em distância a este planeta é nula. Estamos numa dimensão diferente. Ambas as dimensões poderiam interligar-se e, sendo tão diferentes, não estar conscientes da existência da outra. Comparativamente, a terra é um seixo muito, muito pequeno e no entanto é o útero da vida espiritual. A vida espiritual é a vida real, a vida terrena é uma experiência preparatória temporária.

Somos todos iguais aos olhos do Pai e por esta razão temos uma responsabilidade para com todos os outros seres vivos. Somos aparentados ao Espírito e outras formas de vida são igualmente assim.

Nesta vida há tantas diferenças na constituição física (nenhum dois conjuntos de impressões digitais são os mesmos): nas nossas naturezas diferimos tanto nas qualidades de caráter, bondade e divindade. Levamos connosco todas estas qualidades herdadas (genéticas) e visões de como a nossa conduta pode ser melhor servida na vida espiritual. Disto é razoável supor que há centros para todas as religiões terrestres onde os devotos de uma teosofia religiosa se congregam juntos continuando a evoluir como um centro sob cada liderança particular. Isto poderia aplicar-se a algumas raças também. Alguns viverão mais separadamente do que outros, mas as diferenças são puramente psicológicas e teosóficas. Isto é como deve ser. Ninguém quer tornar-se um robô mental ao entrar na vida espiritual. Retemos o nosso livre arbítrio.

É bom haver diferenças, como entre o muçulmano, brâmane, xintoísta, judeu, católico, cristão e outras fés — não esquecendo o espiritista — todos se fundem numa sociedade. Há motivos para se juntarem em desejos comuns, festivais, etc., mas sem dúvida à medida que a vida evolui com a mudança incessante de aspirações e valores reais, ideias mandatórias fixas

tornam-se mais suaves, e todos os credos eventualmente se juntarão dentro da Igreja de TODAS as Almas (mencionada no Capítulo 10).

Estes comentários podem ter respondido às questões. A segunda questão é respondida pela primeira. Também responderá a outra questão comumente perguntada: «Como é possível para todos os que morreram desde tempos passados encontrar espaço na vida espiritual?» A resposta é óbvia, «há espaço para todos», mas disto surge outra questão. «As pessoas vivem para sempre e sempre, de formas descritas neste livro?» A resposta é «Não». Estas experiências só se relacionam com os períodos iniciais na vida espiritual. Há o plano adiante de progressão espiritual e divina, mas isso é outra história.

SECÇÃO II

Capítulo 21

PENSAMENTOS SOBRE MEDIUNIDADE FÍSICA

A mediunidade física é rara, mas no curso da sua carreira, o autor teve o privilégio de conhecer e sentar-se em círculo com alguns dos principais médiuns físicos deste país. Patrocinou a mediunidade de um deles, Jack Webber, através do qual vieram algumas manifestações notáveis, muitas das quais foram documentadas e fotografadas no livro A Mediunidade de Jack Webber por Harry Edwards.* Os comentários que se seguem formaram parte de um artigo escrito pelo autor aos membros do Comité Consultivo da The Spiritual Trust Foundation muito antes de este livro ser iniciado, mas pode-se pensar que algumas das observações formaram o tema para o livro.

Comunicação

A comunicação mental com o Espírito é recebida através da mente espiritual do médium para a sua consciência. Na clarividência, o médium recebe visão como se estivesse a ver: e na clariaudiência, audição como se os seus ouvidos estivessem a receber. O médium está a receber estas experiências através dos seus sentidos espirituais reportando através da sua mente espiritual para a sua consciência.

Com a comunicação de pensamento intuitivo, quer por «transe» ou «normal», há um fluxo de pensamento do comunicador através da mente

espiritual do médium para a sua consciência, que é então passada para o cérebro e traduzida na linguagem do médium.

A comunicação mental é um processo de «mente» sem ligação direta com o sistema nervoso, plexo, digestão, os conteúdos do estômago ou as membranas mucosas.

Ectoplasma

Origem. Ainda não foi estabelecido que o ectoplasma surge de qualquer parte particular do corpo do médium. Pode surgir de «energias» geradas através da fusão das faculdades espirituais e físicas do médium sob controlo e direção em transe.

Emergência. O ectoplasma pode emergir de qualquer dos orifícios do corpo. Pode aparecer num estado semi-sólido nebuloso ou numa formação mais substancial.

Notas:

(a) Quando há um fluxo contínuo copioso de ectoplasma da boca e garganta, não há sinal de stress físico ou asfixia com o médium decorrente de interferência com a sua respiração, embora o fluxo continue ininterruptamente por um tempo apreciável.

(b) Tenho várias fotografias do médium Jack Webber produzindo ectoplasma.

Características. Embora um pedaço de tecido materializado espiritual tenha sido obtido, nenhum pedaço de substância ectoplásmica alguma vez foi capturado ou retido. Manchas ectoplásmicas na roupa mostraram uma composição semelhante à albumina.

Nota:

O ectoplasma pode desprender e distribuir moléculas como com a transmissão de moléculas de odor. Isto pode indicar a capacidade do ectoplasma de absorver outras moléculas sob as leis físicas e levá-las de volta para o corpo do médium; i.e., quando o ectoplasma é exposto a organizações virais, poderia levá-las de volta para o médium e produzir doença. (Sem qualquer sinal preliminar de doença, Jack Webber faleceu sem stress em três dias de meningite espinal virulenta. Tinha conduzido uma sessão física dois dias antes.)

O ectoplasma pode ser visto em vários tons de cor, variando do branco ao preto. Ao toque, tem peso, densidade, pode ser seco ou ter aquela sensação de «molhado» como manusear um peixe vivo. Pode ser tão leve como uma teia de aranha ou denso como uma «gabardina» molhada. É a substância básica para instrumentos como varas psíquicas, materializações ou outras formas de matéria viva.

Ligação nervosa. Há uma forte penetração nervosa física ligando o ectoplasma ao sistema nervoso do médium. Qualquer interferência não autorizada com o médium em transe ou com o ectoplasma resultará numa retirada descontrolada de todo o ectoplasma de volta para o médium instantaneamente, causando invariavelmente lesão.

O ectoplasma é amorfo; não tem forma definida. É convertível de uma forma ou estado para outro num momento de tempo.

Se a sua estrutura molecular for a mesma — como quando, por exemplo, é mudado de uma substância maleável para uma vara rígida de grande força — segue-se que recebeu uma instrução para se consolidar, concentrando a coesão, e assim fazer uma «mudança de energia» na estrutura, implicando comunicação nervosa de algum tipo.

Reabsorção. O ectoplasma é reabsorvido de volta para o médium de forma ordenada, não muito rapidamente e sob controlo; ou é devolvido instantaneamente em tempo de emergência.

Embora o ectoplasma seja observado a recuar, geralmente através do mesmo orifício de onde emergiu, isto não implica que retorne num estado físico, mas no processo de ser transformado de volta ao seu estado primário de energia não física.

Formações moleculares. A matéria consiste em energia essencial (etérica) caracterizada numa formação ordenada, criando assim átomos elementais. A amalgamação de átomos numa ordem definida constrói uma molécula, possuindo propriedades particulares. Uma molécula pode ser de estrutura simples como a da água (H_2O) ou extremamente complexa — como com a molécula de ADN.

Segue-se que, como a matéria física produzida com uma materialização não retorna ao médium, ocorre um tipo diferente de mudança molecular,

possivelmente dispersando os átomos componentes das moléculas em liberdade atómica.

Direção inteligente. Uma conclusão adicional é que, desde a sua incepção, o ectoplasma está sujeito a um controlo inteligente preciso. A consideração da fonte, caráter e meios desta direção leva a teorias que se tornam mais envolvidas à medida que o estudo prossegue.

Há uma associação nervosa física ligando o ectoplasma ao sistema nervoso e cérebro do médium — como foi mostrado. Esta ligação com o cérebro poderia ser uma ligação direta através dos centros nervosos sensoriais, o cérebro atuando de forma protetora como uma função natural num caso de retirada de emergência. Mais do que isto está implicado na manipulação ectoplásmica.

O ectoplasma, sendo uma substância espiritual/física, não pode ser deixado num estado físico; portanto, deve retornar à sua «origem espiritual». A inteligência responsável por isto não é a da mente ou cérebro físico do médium, pois não possuem o conhecimento de como transformar os estados de energia. Pode bem ser a inteligência do «Guia» ou do «Controlo»; mas implica que há uma forma de comunicação da inteligência prosseguindo através do ectoplasma, que pode ser semelhante aos nervos nos nossos sistemas corporais.

Tal sistema é necessário para ordenar qualquer estado de mudança ou propósito dentro do ectoplasma. É uma expectativa natural que uma inteligência ainda mais experiente seja necessária para supervisionar a criação de uma forma materializada ou, de facto, uma «caixa de voz». Arriscando repetição, o cérebro só pode ser usado na medida da sua programação pela experiência da vida. Por exemplo, uma mente leiga não poderia funcionar para corrigir um aparelho eletrónico a menos que compreenda todos os detalhes que contribuem para a sua função.

Materializações

Origem e dispersão. Está estabelecido que geralmente uma forma materializada é desenvolvida a partir de ectoplasma. A forma tem uma forma diferente de dispersão da do ectoplasma — não retorna ao médium. Quando isto ocorre, invariavelmente subsidia lentamente como um boneco de neve a derreter, diminuindo à medida que se dispersa, tornando-se

menor e parecendo passar para baixo no chão. O tempo que leva para isto é uma questão de segundos, mas lento o suficiente para ser visto.

Características. Pode não ser necessário construir uma forma completa, i.e., pode ser suficiente produzir as feições para reconhecimento.

Ao toque, uma forma tem densidade e temperatura. Quando uma mão espiritual é segura, é quente e tem uma sensação sólida. Se for a mão de uma criança, é pequena e os dedos podem mover-se para segurar a mão ou os dedos do participante. Isto indica que a mão materializada contém ossos, articulações, tendões para mover os dedos e um controlo nervoso para dar instruções aos dedos. Não se sente diferente de uma mão humana, grande ou pequena. Como as articulações se movem sem ranger, há cartilagem dentro das articulações, e vasos sanguíneos, e uma circulação cardíaca para fornecer o calor. Talvez possamos deduzir mais considerando as implicações que surgem quando uma forma materializada fala.

Anatomia de uma forma materializada.

Quando uma forma fala, pode:

(a) falar claramente sem distorção

(b) falar no dialeto correto

(c) responder a uma pergunta.

Isto indica que a forma tem um cérebro e memória, e recebe comunicação dos sentidos. Nas nossas vidas diárias, vibrações sonoras chegam aos ouvidos e são transmitidas através dos nervos auditivos para o cérebro que então interpreta as vibrações em palavras reconhecíveis pela mente. A mente então transmite a sua resposta em forma de pensamento para o cérebro, instruindo os nervos a usar as cordas vocais para produzir sons na forma de palavras para a resposta clara ser dada. Quando uma forma espiritual fala, implica a existência de uma réplica formada espiritualmente do cérebro e sistemas de comunicação.

A conclusão seguinte é que a pessoa materializada precisa de possuir pulmões, cordas vocais, língua, céu da boca, lábios, dentes, etc., todos essenciais para produzir fala dialetal. Além disso, deve haver os órgãos e sistemas de suporte, ritmo cardíaco correto com respiração, nervos sensoriais e motores, lubrificação para manter as passagens húmidas e limpas; caso contrário, a forma não seria capaz de conversar com nariz,

boca e tubos bronquiais secos. Toda esta organização é necessária para permitir que uma forma materializada fale.

Conclusões mais abrangentes tornam-se aparentes se procurarmos estudar as substâncias que compõem os órgãos de uma forma materializada. Tomemos, por exemplo, uma simples, a língua. A língua é composta por músculos, vasos sanguíneos e nervos. Tem uma ponta, uma parte principal e uma raiz. Fibras musculares correm em todas as direções para fazer mudanças na forma de uma língua. Precisa de ser muito sensível à direção subconsciente para manipular a sua forma e posição para ajudar a fazer a grande variedade de formações sonoras. Precisa de ser celular em formação, e cada célula deve manter a sua vitalidade, temperatura, propósito e função, enquanto existir.

É de interesse considerar se uma forma materializada é construída com células para funcionar com um propósito, como as da língua; se não, então de que outra substância comparável pode ser composta, lembrando que deve ser molecular e ter propósito? Isto dá uma imagem muito mais avançada do que aquela anteriormente sustentada por algumas pessoas, quando se dizia que uma forma era produzida por «ectoplasma sendo vertido num molde etérico».

Para prosseguir mais, se as células na língua (ou em qualquer outra parte da forma) forem o equivalente das humanas — como parece mais provável porque produz um efeito físico preciso — então a sua estrutura deve ser idêntica também. Isto indica que o equivalente espiritual de uma molécula de ADN ou ARN existe num estado físico enquanto a língua, etc., existir. Não é necessário aqui entrar numa narrativa das vias metabólicas que eventualmente produzem as compilações de energia fantásticas que compõem uma molécula de ADN que é a substância da célula.

Se for verdade que a vida de uma célula espiritual tem cromossomas e é dependente de nutrição proteica, estamos justificados em perguntar se possui cromossomas e as «sementes genéticas de herança». Está sob controlo pituitário espiritual ou pode reproduzir-se à vontade?

Se a teoria de que uma forma materializada não é a réplica de uma forma humana e a sua substância não é celular, que alternativas há — «ectoplasma» por exemplo — como um par de «balões de borracha» ectoplásmicos para os pulmões que são deprimidos o suficiente para

fornecer a explosão de ar com os sons de «p», «b», «t», «d»? Poderia ser argumentado que as cordas tensas de ectoplasma poderiam ser esticadas (como cordas de violino) para produzir som, se fossem corretamente esticadas; então a inteligência controladora poderia produzir os sons dados da fala.

Mais cedo, mencionei que tal premissa poderia ser considerada rebuscada. Sugiro que qualquer alternativa à substância da forma materializada ser outra que não celular — uma réplica exata dos órgãos da pessoa espiritual na sua vida terrena — seria ainda mais assim. Seria mais sustentável sugerir que a forma não fala de todo, mas é o mecanismo de produção de voz do médium que é usado, e os sons são transportados de modo a parecer vir da boca do médium. Basta que todos os que ouviram fala de uma forma espiritual saibam que emanou da boca da forma espiritual.

É ainda sugerido que a substância da forma é celular pelas seguintes razões: um órgão só pode ser operado pelo caráter particular das células de que é composto. A natureza, temperatura, nutrição e propósito das células de um órgão são diferentes das de outro; e é apenas através do cumprimento do propósito das células que um órgão pode funcionar.

O propósito e o desempenho mecânico das células do pulmão são muito diferentes das células musculares da língua e totalmente diferentes das células das cordas vocais. Assim, parece que a substância dos órgãos de um ser materializado deve ser particularizada para o serviço que tem de desempenhar.

Temos de lembrar que uma célula é uma unidade viva e completa. Precisa de respirar; receber nutrição; exsudar resíduos; tem um propósito a desempenhar; está sujeita a inteligência e controlo. Possui comunicação com a glândula pituitária, e a mente de uma célula pode tornar-se «insana» como com uma célula cancerígena; é capaz de se reproduzir, duplicando todas as suas propriedades e personalidade e precisa de uma proteína especialmente preparada para a sua nutrição.

É questionável se todas as necessidades de uma célula humana existem numa materializada, pois não deve precisar da proteína e de todos os desempenhos metabólicos que foram necessários para programar as moléculas de ARN proteico.

A principal questão que vale a pena perguntar é: a substância da pessoa materializada é semelhante ao corpo espiritual — ou semelhante tanto ao eu espiritual como ao humano? Como a substância materializada vem do Espírito e retorna à sua origem espiritual, não surge a probabilidade de que a substância materializada seja a mesma que, ou semelhante à substância das pessoas espirituais? Alguns pensamentos adicionais sobre isto estão no Adendo.

Tudo isto pode parecer hipotético, mas quanto mais de perto se estuda este assunto, mais espantosa se torna a imagem, e adiciona ao nosso espanto o conhecimento possuído pelos guias espirituais e os potenciais dentro da ciência espiritual.

Todos concordarão que toda a matéria é uma forma de energia caracterizada. Isto deve aplicar-se à substância de uma materialização. A manipulação de energias é química. Toda a ciência é baseada no conhecimento da manipulação de energia. Fenómenos espirituais, quer em forma física ou espiritual, são energia caracterizada. Toda a cura de natureza orgânica resulta de uma mudança química, provocada por uma formação de energia remedial sendo direcionada ao estado molecular causando a aflição. Isto é exatamente o que a medicina realiza ao induzir uma mudança química ordenada introduzindo um novo fator de energia molecular (medicina ou terapias de raios) para trazer uma mudança previsível.

Finalmente, duas observações podem ser pertinentes:

(a) À medida que a sabedoria humana avançou para o alto nível de analisar e apreciar a análise de energias moleculares e potenciais atómicos, assim podemos creditar às inteligências espirituais o conhecimento disto e muito mais. Devem ser manipuladores supremos de energia. Isto é compreensível se a energia etérica ou essencial for o «barro» e a «pedra» do reino espiritual.

(b) Quanto mais a ciência humana avança, assim somos capazes de vislumbrar mais livremente os potenciais da ciência espiritual — e disto ganhar um maior conhecimento de cura, potenciais espirituais e comunicação.

Cosmografia Espiritual e Física

Energia Etérica. A comunicação entre os reinos físico e espiritual estabelece que há um meio através do qual viaja. A energia (por vezes chamada «primária» ou «energia etérica») é a substância e o meio. Não há linha divisória entre qualquer estado de matéria, força ou vida.

Energia e Matéria. A energia essencial quando polarizada numa ordem dada cria matéria, i.e. os átomos elementais.

Forças. As forças são energias polarizadas possuindo propriedades que podem ser transmitidas por matéria ou energia essencial (a luz e o calor do sol chegam-nos por este meio). As forças são capazes de influenciar-se mutuamente; i.e. eletricidade e magnetismo; calor e coesão.

Energias de Pensamento. Cada pensamento positivo, objeto ou imagem de pensamento tem uma formação de energia definida. Como cada variação de som, ou variação minuta de refração de luz, tem a sua vibração registável individual, assim igualmente são as «imagens de pensamento» individuais, registáveis e reconhecíveis; por exemplo, a imagem de pensamento de uma gota de água seria semelhante na mente de um esquimó ou de um professor erudito.

Som, luz e outras vibrações estão intimamente relacionadas com radiações de força, assim segue-se que vibrações de estrutura de pensamento podem igualmente ser relacionadas.

Nota:

Na cura, energias caracterizadas são direcionadas do Espírito para produzir uma mudança química predeterminada no corpo do paciente, ou uma vibração de «imagem de pensamento» para influenciar a mente. Estas energias químicas devem ser o equivalente espiritual das estruturas moleculares necessárias para trazer a mudança química. São transformadas no seu estado físico ao alcançarem o paciente.

Controlo Espiritual de Energias. As mentes espirituais são mestres na arte de manipular energias. No aporte, a estrutura de energia física de um objeto é transformada num estado diferente, tornando-o superior às leis físicas mas retendo a sua identidade. Pode viajar uma grande distância num momento de tempo, sem ser afetado por fricção ou calor, e pode penetrar

substâncias como paredes. É reproduzido na presença de um médium na sua condição original precisa.

Observamos manipulação de energias de forma diferente com ectoplasma e a construção da substância tangível de uma pessoa materializada.

Estados de Mudança. Com uma vara psíquica ou uma materialização, uma substância é produzida que não existia fisicamente antes. Quando a vara psíquica ou materialização é dispersada, é lógico assumir que é transformada de volta numa existência não física ou de volta à energia essencial. Como há um processo razoado por trás de cada estado de mudança, é irrealista pensar que com a dispersão de uma vara psíquica, etc., as moléculas ou os átomos que compõem as moléculas continuem a existir sem propósito — portanto, as substâncias são devolvidas à energia básica não formada.

Matéria-Prima Espiritual. Isto leva-nos a pensar que as mentes espirituais são capazes de criar a partir de energia essencial os materiais usados na vida espiritual para «coisas». Pode não ser que objetos espirituais, habitações, vestuário e assim por diante sejam criados por pensamento a partir de energia essencial, as substâncias continuem a existir enquanto houver um motivo de pensamento para as sustentar? Isto implica que a matéria espiritual não decai como a matéria física faz através da perda de volição, mas pode fazê-lo à medida que o «propósito de pensamento» que a criou cessa — já não é amada ou requerida.

Como o reino físico é um produto de energia essencial, então porque não haveria o reino espiritual de ser criado da mesma fonte mas de forma diferente?

Conclusões Gerais. Assim talvez possamos começar a ver vagamente a maneira pela qual a substância de uma entidade materializada e os seus «órgãos» são criados por um momento por uma mente espiritual controlando os processos — uma substância semelhante em estrutura a um corpo humano, mas sem necessidade de sustento, no entanto capaz de funcionar através de direção de pensamento. Isto implica que o corpo espiritual obedece a direções para o seu funcionamento sem aqueles requisitos que as estruturas humanas precisam para manter boa saúde, renovação e reprodução celular.

Como todas as nossas experiências corporais, conforto, exaltação, depressão, satisfações, bem como dores e sofrimentos, são experiências mentais, segue-se que experiências espirituais podem ser mais vívidas porque não há limitação física, e na vida espiritual energias de pensamento registam sentimentos e funções, etc.

Se houver alguma credibilidade nestes comentários, pode ajudar-nos a compreender como podem ser os nossos corpos espirituais após a transição.

Capítulo 22

UM GUIA PARA O DESENVOLVIMENTO DA MEDIUNIDADE

Introdução

Qualquer conselho que possa ser dado para permitir aos aspirantes à mediunidade mostrar a maneira pela qual podem desenvolver os dons do Espírito deve ser preciso e simplesmente expresso.

Não é necessário que uma pessoa seja um homem ou mulher de letras ou versado em ciência psíquica para se tornar um médium. No passado, houve muitas instâncias de pessoas simples sendo médiuns e curadores notáveis.

Muitas pessoas desejam tornar-se médiuns, ver as pessoas espirituais, ouvi-las falar, obter conselho, curar os doentes, ajudar os enlutados, dar conselhos e assistir aqueles que estão em necessidade. Este desejo é por vezes simplesmente o de satisfazer o ego pessoal, ser diferente das outras pessoas, o desejo de ser olhado de cima e vestir o manto do misticismo. Esta é uma abordagem inteiramente errada para a mediunidade.

A mediunidade tem um propósito, e esse é demonstrar ao homem que ele não é apenas um ser físico, mas que é parte Espírito, que esta vida é apenas um aprendizado para a vida maior e mais plena que começa com a morte física. Que através deste conhecimento a humanidade receberá o ímpeto para adotar um código iluminado de valores que na sua evolução banirá a guerra, a pobreza e as outras tendências ignóbeis no nosso modo de vida atual.

Assim, o verdadeiro motivo que inspira a mediunidade é espiritual. Se assim não for, então não se pode encontrar razão para os grandes esforços

que as personalidades evoluídas na vida espiritual, os professores, filósofos, médicos e outros, fazem para usar instrumentos humanos para a progressão de todas as almas.

Portanto, os aspirantes à mediunidade devem possuir aquele anseio interior de serem usados para o propósito superior, e ver a sua busca pela mediunidade como um meio para ajudar os outros. Deve ser a negação do egoísmo e a doação do eu a um propósito espiritual. Um verdadeiro médium torna-se assim um participante no plano divino para o avanço do bem. A mediunidade é superior a raça, religião ou cor, e não há razão para que qualquer médium não possa continuar a observar qualquer observância religiosa que escolha, e incorporar a mediunidade dentro disto.

No passado, a mediunidade existiu em muitas fases; ela também progrediu com o conhecimento e compreensão da diretiva espiritual. Sobreviveu a ataques, ridículo e oposição, até hoje ser respeitável e reconhecida por cientistas, líderes religiosos, a imprensa e a lei do Reino Unido.

Qualquer forma de mediunidade é uma ciência espiritual exata, mas não pode ser avaliada por análise ou valores materiais; não pode ser posta sob o microscópio. Através da nossa incapacidade de compreender plenamente a ciência da mediunidade, um ar de misticismo a rodeou, e isto, por vezes, deu origem a práticas e opiniões questionáveis.

Hoje, há um grande número de classes de desenvolvimento sendo realizadas nas igrejas espiritistas e em círculos caseiros. Os médiuns que as conduzem são pessoas sinceras e boas, mas é compreensível que, devido a uma falta de verdadeira apreciação do que a mediunidade realmente é, todo o tipo de práticas tradicionais tenha surgido. Estas práticas foram transmitidas de médium para médium através de repetição e tornaram-se aceites como verdadeiras, quando na realidade podem não ser. Mais adiante, estas práticas serão referidas e razão dada porque não devem ser adotadas mais.

Ninguém deve tentar o desenvolvimento se for neurótico ou temeroso. A mediunidade precisa de uma mente forte, propositada e capaz de autodisciplina. Uma deformidade ou aflição física não precisa interferir com o desenvolvimento da mediunidade, mas é novamente enfatizado que qualquer aspirante à mediunidade deve ser de mente sã e capaz de formar

juízos equilibrados e impor autodisciplina (esta última qualidade é a mais essencial).

Neste livro, o aspirante à mediunidade será mostrado a base lógica na qual a comunicação com as pessoas espirituais ocorre, para que o desenvolvimento dos dons do Espírito possa prosseguir como um processo razoado.

O Potencial Espiritual

No início, é necessário que o aspirante a médium tenha uma apreciação correta do que a mediunidade implica e da necessidade de uma compreensão elementar do potencial espiritual que o homem possui.

Exceto em alguns casos muito raros de mediunidade, como aqueles associados a fenómenos "físicos", etc., são as faculdades espirituais do médium que são usadas e expressas através da sua consciência e do seu equipamento mental pelo guia espiritual.

É a consciência que recebe o pensamento, que é a consciência das coisas e a associação delas tal como registadas através dos sentidos. O pensamento também pode surgir do reservatório do conhecimento e da experiência pessoais; é capaz de relacionar um pedaço de conhecimento com outro e chegar a uma conclusão.

De modo semelhante, a consciência pode ser recetiva ao pensamento e às impressões de uma fonte espiritual.

O Espelho da Mente

Nesta fase inicial, é essencial que o principiante compreenda a forma como a consciência opera. Isso pode ser explicado de forma simples, considerando a consciência como um espelho. Sobre este espelho são projetados todos os pensamentos físicos, sensações, dores e as experiências que surgem dos sentidos. Na vida, o espelho nunca está livre de alguma impressão, imagens-pensamento, recordações da memória, etc., de uma forma ou de outra. Quando alguém "vê" ou "ouve", não são os olhos ou os ouvidos que veem e ouvem. Estes órgãos recebem radiações ou impulsos, e estes são transmitidos ao longo dos sistemas nervosos para o cérebro, onde são traduzidos em experiências reconhecíveis que são projetadas sobre o espelho da consciência.

Na audição, os impulsos sonoros são convertidos numa apreciação inteligente do seu significado em virtude do nosso conhecimento de como interpretar o resultado em palavras, cujos significados compreendemos.

O uso do termo “espelho da mente” será constantemente referido ao longo desta secção, e por isso é importante que o leitor compreenda claramente como isso funciona.

Possuímos, além da perceção física através da mente comum, uma mente espiritual. Esta está relacionada com a receção de impressões, experiências e imagens-pensamento de uma fonte espiritual. O espelho da mente é capaz de receber estas experiências espirituais quando o espelho está desocupado por experiências físicas.

A consciência é incapaz de manter dois conjuntos distintos de impressões de pensamento ao mesmo tempo. Daí que o médium em desenvolvimento tenha a necessidade de aprender a forma de limpar o espelho do pensamento físico e assim permitir que ele receba o pensamento e as impressões espirituais.

Os pensamentos de objetos são apresentados no espelho como imagens. Por exemplo, se fechar os olhos e pensar num objeto comum, como um lápis, uma apresentação deste será projetada no espelho na forma de uma imagem assumindo o caráter que a pessoa o concebe. Se o pensamento de um lápis for qualificado pela sugestão de um lápis “Eversharp”, a imagem alterará de um comum de madeira para um lápis automático prateado. Se a pessoa não tiver ideia do que é um lápis “Eversharp”, não será capaz de receber qualquer tipo de imagem no espelho. Assim, se um guia espiritual desejasse transmitir o pensamento de um lápis, o espelho receberia uma picturização de acordo com o caráter do lápis apresentado.

Outro exemplo poderia ser que o guia transmitisse o pensamento de “mãe”. O espelho receberia então uma representação da mãe da pessoa tal como viria naturalmente da recordação geral da mãe como lembrada ou descrita. Este aspeto será tratado em detalhe quando chegarmos a considerar a clarividência. O propósito atual é dar uma explicação simples global do método pelo qual “vemos” e “ouvimos” do comunicador espiritual.

Assim, observamos que a mente física trabalha na mais estreita harmonia com a mente espiritual e ambas têm o ponto de encontro comum no espelho da consciência.

O mesmo processo aplica-se à fala inspiracional ou em transe. Nisto, o guia transmitirá um fluxo de sequências de pensamento através da mente espiritual para o espelho da consciência, onde será convertido na forma de palavras para vestir os pensamentos de acordo com o conhecimento de linguagem do médium. Se ele possuir um vocabulário extenso, os pensamentos do Espírito serão melhor expressos do que com alguém cujo conhecimento de palavras é mais limitado. Quanto melhor equipado mentalmente estiver o médium, melhor será a apresentação da mediunidade.

Assim, uma diretiva inicial para o principiante é desenvolver a arte de receber impressões de pensamento do guia espiritual, incentivando a faculdade de sintonização ou afinidade com ele, e a forma de fazer isso é mostrada na secção que se segue.

Entrar no Silêncio

Quando o escritor começou o seu desenvolvimento, juntou-se a um círculo de desenvolvimento típico, onde uma dúzia de aspirantes se sentava sob a liderança de um médium experiente. Foi-lhe dito para "entrar no silêncio", para "concentrar-se". Para fazer isso, foi-lhe dito para focar os pensamentos na Cruz, ou numa flor, ou para imaginar que estava a olhar através de um longo túnel, com ênfase na necessidade de uma concentração prolongada. Foi informado de que, se fizesse isso, a sua mente ficaria em branco e o guia assumiria o controlo.

Pelo que o escritor ouviu, este processo, com variações, é a rotina habitual em muitos círculos de desenvolvimento para principiantes.

À luz da experiência, vejo agora o quanto melhor poderia ter sido este treino inicial. Por atos de concentração em qualquer direção, o espelho da minha mente era fortemente e possessivamente ocupado pelos meus próprios pensamentos, obstruindo assim qualquer influxo de comunicação espiritual.

Esta palavra "concentração" é muito comumente usada durante o desenvolvimento. É uma palavra errada, que dá uma ideia errada. Uma diretiva muito melhor poderia ser encontrada em permitir que o "abandono" do pensamento tivesse lugar.

É verdade que a contemplação de um belo símbolo é uma forma de ajudar a meditação, que, embora não seja desenvolvimento real, é útil na obtenção de relaxamento mental como prelúdio à vinda do abandono da consciência física ativa, de modo a deixar o espelho aberto, e além disso, auxiliar no período introdutório para a vinda do guia.

Naqueles dias agora longínquos, o escritor procurou conselho. Como entrar exatamente no silêncio? Como tornar a mente em branco? Mas não o consegui encontrar em nenhum livro ou em nenhuma resposta às minhas perguntas. É duvidoso que haja qualquer linha definida de conselho que possa ser dada sobre isso para mostrar como pode ser especificamente atingido, pois é uma questão tão pessoal, necessitando de ajuste individual para se adequar a temperamentos e personalidades variados. É uma condição subtil que surge da capacidade de meditar com relaxamento. Na secção "Desenvolvimento Inicial", daremos algumas indicações de como isso pode ser atingido.

A Mente em Branco

Tantos principiantes são informados para procurarem que as suas mentes se tornem "em branco" (uma condição de inconsciência) e a maioria dos participantes espera que este estado venha. Alguns recusam-se a deixar-se ir mais longe até que esta brancura os roube da consciência. Por isso, que isto seja muito claro. É bastante impossível para uma mente tornar-se "em branco". Ninguém pode induzir isto conscientemente ou propositadamente. Enquanto estivermos conscientes, o espelho da mente deve estar ocupado de alguma forma. Mesmo quando dormimos, a mente não está 100 por cento dormente, está ciente do som e do ser físico.

O espelho nunca está em branco — mesmo sob anestesia, a mente está a trabalhar. Os sonhos são um resultado da atividade mental. Neles, são projetadas no espelho imagens-pensamento, por vezes de forma desordenada, ou seja, os pensamentos correm livres sem qualquer controlo diretivo pelo eu. É quando estas impressões de pensamento são fortes que a consciência as recorda ao acordar.

Alguns médiuns podem dizer, para o propósito de romantizar o seu dom, para buscar prestígio e impressionar os outros, que as suas mentes se tornam completamente em branco quando em transe ou sob controlo do guia, e dizem que "não se lembram de nada do que aconteceu". É

improvável que isto seja estritamente verdadeiro, mas ninguém pode dizer que não é assim enquanto houver exceções à regra geral. É opinião do escritor que é apenas em casos muito raros, como com a "mediunidade física", que o médium está completamente inconsciente do que está a acontecer num estado de transe. Na verdade, o inverso é o caso, pois o médium sob controlo tem a mente tensa, e à medida que o guia a usa, ela trabalha mais depressa, torna-se superativa e hipersensível. É uma experiência comum que, quando um médium está num estado de transe, ele se torna muito vulnerável a qualquer ruído ou interferência inesperados, e a reação é mais severa.

O ponto é que os médiuns invariavelmente sabem exatamente o que está a acontecer, embora não sejam responsáveis pelo que está a ser dito ou feito sob a influência espiritual.

Assim, o principiante não deve buscar um estado de mente em branco, pois não o pode induzir.

Desenvolvimento Inicial

Nos primeiros dias de desenvolvimento, deve-se sentar apenas nos horários regulares do círculo arranjados para isso. O participante não deve sentar-se para controlo sozinho. Deve sentar-se apenas na presença de um médium experiente no círculo apropriado. Ao sentar-se, o propósito primário deve ser que, através da meditação levando à rendição da consciência física, a mente espiritual seja capaz de ascender, e transmitir impressões ao espelho da mente, que o participante regista.

O participante deve estar disposto para que o seu guia comunique através dele.

Porque nenhuma mente pode tornar-se em branco, o participante é aconselhado a sentar-se confortavelmente, resignadamente, e depois meditar gentilmente sobre alguma linha de pensamento espiritual, deixando a sua mente entrar nesse estado que pode ser melhor descrito como "sonhar acordado", ou "construir castelos no ar". Ao fazer isto, deve haver um objetivo espiritual. Pode haver a contemplação gentil de coisas belas, flores, um jardim, buscar cura para os doentes, buscar uma forma de mostrar à humanidade o caminho da redenção. O eu interior deve estar disposto para o influxo de pensamento ou imagem vir de natureza elevada

ou espiritual e, à medida que vem, então subconscientemente deve acolhê-lo, e apenas deixá-lo fluir continuamente.

Desta forma, a mente torna-se quiescente, deixando gentilmente surgir a condição de recetividade para que as imagens-pensamento se registem a partir do Espírito.

Não há uma rutura súbita de uma fase para a outra; é uma fusão gentil e suave de boa intenção de pensamento da meditação do médium para o influxo de pensamento de fontes espirituais. Pode ser comparado a dois fluxos de pensamento que se fundem. Não há linha divisória entre os dois. É desta maneira que a comunicação vem primeiro e se projeta no espelho da mente, de modo que a consciência esteja ciente do influxo de pensamento do guia espiritual do participante.

A Proximidade entre a Mente Física e a Mente Espiritual

A capacidade de distinguir entre pensamento do eu e aquele que vem do Espírito é muito difícil de constatar nos primeiros dias. É um ajuste muito delicado e fluido. A razão para isso é que a consciência é sensível ao que o espelho retrata, quer emane do eu ou do espírito literal. Os dois podem fundir-se um no outro, e qualquer um pode sobrepor-se ao outro, com a forte probabilidade de que, no início, a mente física predomine. Por exemplo, se uma imagem for recebida no espelho do Espírito e percebida pela mente consciente, esta última começará naturalmente a questioná-la e perguntar "O que é isto?"

Esta incerteza apresenta ao médium em desenvolvimento dificuldades iniciais, mas há algumas formas pelas quais a autenticidade da comunicação espiritual pode ser julgada. Uma imagem recebida do Espírito é muito vívida e faz uma impressão tão forte na consciência que pode ser revivida facilmente a qualquer momento. Uma comparação pode ser feita desta forma. Tente construir uma imagem na mente de um objeto comum, digamos, uma caixa de fósforos. Se isto for comparado com uma visão espiritual, não se aproximará sequer da vivacidade da última. Além disso, a imagem espiritual será permanente e pode ser recordada num instante, enquanto exigirá um esforço consciente para construir a imagem da caixa de fósforos.

Quando um fluxo de pensamento é recebido de uma fonte espiritual, que o cérebro computacional converte automaticamente em palavras, haverá um

grande impulso para as proferir. O participante será capaz de as reter, mas exigirá um esforço para o fazer, e a insistência por trás do desejo de falar será tão considerável que ele terá o conhecimento interior de que os pensamentos não são da sua própria criação. A diferença entre isto e a busca de pensamento normal é geralmente tão marcada que o participante não questionará a sua origem.

Por vezes, um aspirante a médium pode concluir de conversas com médiuns ou ao testemunhar a sua mediunidade que a receção de comunicação espiritual necessita de uma forma de preparação sensacional e sensibilidade — que pode bem estar fora da verdadeira perspetiva com a realidade. A comunicação é um ato natural e simples que segue a sintonização com o Espírito. Todo o médium, especialmente clarividentes e clariaudientes, sabe que, para receber comunicação do Espírito, primeiro precisa de colocar as suas mentes num estado de abandono recetivo.

Por outras palavras, precisarão de limpar o espelho das suas mentes de pensamentos mundanos para permitir que a visão ou som que entra se registe. Outro exemplo disto é quando uma pessoa recebe um pensamento inspiracional "do nada" ou vê uma visão. É bastante inesperado, vindo quando a mente da pessoa "não está a pensar em nada" e isso simplesmente significa que o espelho da mente está limpo no momento para permitir que a impressão espiritual que entra seja recebida.

Transe

O propósito primário que a maioria dos principiantes busca no círculo de desenvolvimento é "entrar sob controlo", e assim receber o seu guia, dele ou dela. Pode ser mencionado agora que os estados de transe podem variar de 1 por cento a 99 por cento.

A compreensão do que acontece quando um guia assume "controlo" simplificará o desenvolvimento e, ao mesmo tempo, desvalorizará um número de ideias românticas e fantasiosas que são comumente correntes. Por exemplo, diz-se que, para o guia "entrar", a mente e o corpo espirituais do participante devem "sair". Disto surgiu a noção de que o corpo do guia entra dentro do corpo físico do médium.

Podemos compreender como esta ideia ganhou apoio, pois quando um participante, cuja mente é rápida a agir à sugestão, é informado de que tem um guia que é muito grande e largo (um Zulu ou um Índio Vermelho), o

pensamento é registado na mente subconsciente do participante e, assim, à medida que sente a subtil mudança mental enquanto o controlo se torna próximo, ele (provavelmente imitando o que viu com outros) induz um estado de grandeza física esticando a sua altura e inchando o peito. Se for informado de que o seu guia é um Chinês, deixará os ombros cair, inclinando a cabeça para baixo, cruzando as mãos sobre o peito, no que concebe ser a postura humilde chinesa. Se for informado de que tem um guia Indiano, usará palavras como "lua" para mês, "wigwam" para casa, "papoose" para criança. Ou se for um guia Escocês, falará num dialeto escocês induzido. Ao risco de perturbar alguns médiuns, o escritor é da opinião de que estas "características" são desnecessárias e surgem da indução e aceitação delas pelo participante. É muito fácil cair nestes erros.

Tais caracterizações individuais não impedirão o participante de desenvolver controlo de transe; na verdade, podem, subconscientemente, ajudá-lo; o ponto é que não é factual nem necessário. É simplesmente exibicionismo e pose.

Pode ser verdade que, se o guia for um homem grande, o participante se torne consciente disto através da "proximidade" da personalidade do guia, e assim se torne recetivo à ideia de que o guia está a tomar posse física do seu corpo e assim encorajando a caracterização.

Exemplos, dentro da experiência do escritor, são dados para mostrar como exageros podem ser construídos sobre pressupostos errados. Num círculo de desenvolvimento, o líder disse aos participantes que, à medida que o guia "entrava", assim o corpo espiritual saía, mas este estava ligado por um cordão prateado ao corpo do médium, e os participantes foram advertidos para não se moverem por medo de se emaranharem nele. Noutro círculo, a sessão não podia começar até que o médium-líder "ouvisse" o clangor escada acima dos pés calçados de metal de São Jorge, e até que ela pudesse "vê-lo" vir pela porta em armadura completa, antes do qual ele ficava de guarda.

Quando ele sacava a espada e a segurava na posição de "apresentar", era seguro para a sessão começar. Incidentemente, neste círculo vimos um homem sob alegado transe rastejar pelo chão de joelhos, apresentando a cada participante um lírio-d'água. Depois, outro homem, que tinha um guia pugilista, fez uma luta de sombra antes de outro participante para trazer à força o guia deste último e sob ameaças do que lhe aconteceria se não o

fizesse. Um pouco mais tarde, o mesmo homem adotou a pose de pescar, eventualmente passando pelas ações de apanhar um peixe grande. Isto foi explicado pelo médium de que a pessoa espiritual morreu de um raio enquanto pescava há 600 anos, e desde então esteve preso à terra tentando apanhar o peixe — e agora que foi apanhado, a entidade espiritual estava livre para seguir o seu caminho. O círculo terminou com o médium sendo "entransado" por uma notória assassina feminina, que naquela manhã fora enforcada.

Este é o tipo de nonsense puro que o escritor observou em círculos de desenvolvimento, e estas ilustrações são simplesmente dadas para dizer ao leitor que, se alguma vez for convidado para um círculo onde tal tolice prevalece, deve despedir-se do círculo. A pena disto foi, na opinião do escritor, que aparentemente havia um número de participantes sinceros que aceitavam estes acontecimentos como autênticos. É verdade que estes eventos aconteceram há anos, e espera-se que não aconteçam hoje, mas ainda ouvimos de tempos a tempos de estranhas "ocorrências".

O que acontece num transe é simplesmente isto:

A organização mental do participante é assumida pela inteligência do guia, e nada mais.

O corpo do guia, sendo não material e de Espírito, não pode assumir a posse do corpo físico do participante. O controlo do guia sobre o seu médium é puramente mental. Não há entrada física. Quando o guia assume o controlo da organização mental do médium, naturalmente controla o movimento do corpo, o uso de braços e pernas, à medida que assume o uso das cordas vocais. Ele também estará ciente de sons via os ouvidos do médium e assim é capaz de responder a perguntas.

Considere uma experiência por vezes vista com mediunidade de transe, quando a fala é dada em "inglês pidgin". O que acontece é isto: sob uma condição de controlo de transe, o guia transmite um fluxo de pensamento para a consciência do médium, onde é traduzido pelo cérebro em palavras dentro do conhecimento do médium. É a mente do médium que traduz o pensamento em palavras pseudo-indianas. Não há necessidade de um dialeto pervertido. É para ser pensado que um guia evoluído, possuindo grande sabedoria, tem necessidade de falar de forma ignorante e iletrada?

Se outras palavras vêm propriamente em inglês, porque deve a palavra "wigwam" ser usada para casa, e a palavra "lua" ser usada para mês?

Se a mediunidade deve avançar e ser verdadeira, e o principiante deve tirar vantagem de uma forma mais iluminada de buscar a sua mediunidade, evitará o disfarce desnecessário de imitação de dialeto.

O guia tem uma personalidade distinta e esta é transmitida ao seu médium, da mesma forma que se pode, em menor grau, estar consciente da personalidade de um amigo. Portanto, deve ser que o participante expressará sob transe a dignidade e o porte refletidos através dele, mas isto é muito diferente de degradar a mediunidade com inglês pidgin e inchando o peito.

Também se ouve a história de que, com a vinda do guia, ele não pode falar porque não sabe inglês, e um período de tempo tem de ser permitido para ele aprender. Isto é apenas outra "conversa de comadres" pois, como foi mostrado, o guia não precisa de aprender palavras para serem ditas — tudo o que precisa de fazer é transmitir os pensamentos para a mente do médium os traduzir em palavras.

Pela razão de que o contacto é estabelecido pelo guia através dos processos mentais do médium, não há razão para sugerir que o guia deve estar fisicamente perto do seu médium. Ele é capaz de sintonizar de longe, mesmo que o participante sinta a sua "proximidade", que é apenas uma questão de apreciação. Esta sensação da presença do guia é muito real e não deve ser negada ou obstruída. Ele deve ser bem-vindo e reconhecido pelo participante, e à medida que a afinidade se fortalece, assim a mente sintonizada do participante se tornará extra alerta e sensível. A respiração pode acelerar, o ritmo tornar-se mais rápido — isto não deve ser verificado, e em breve acalmará novamente à medida que o guia anuncia a sua presença. A razão para isto não é necessariamente oculta.

Quando, na vida normal, antecipamos um evento invulgar, descobrimos que o coração acelera e a respiração acelera, e pode bem ser que seja a antecipação subconsciente da vinda do guia que induz isto. Com experiência, e o médium tornando-se acostumado ao contacto do guia, ver-se-á que esta aceleração da respiração desaparecerá, e isto é a marca de um "médium desenvolvido". As respirações aceleradas também podem apresentar uma expectativa mental para o guia assumir o controlo e assim

preparar psicologicamente o médium para isto. Nos primeiros dias, um ritmo respiratório acelerado deve ser permitido continuar, até que acalme novamente. Se, no entanto, se tornar stressante, o líder do círculo deve verificar isto de forma amável.

À medida que o guia obtém controlo do equipamento mental, também pode vir o desejo de se levantar e falar. Isto é desnecessário, pois o guia pode usar a mente com a mesma facilidade com o médium sentado de forma repousante. Qualquer tendência para o médium em desenvolvimento se levantar e andar pelo círculo deve ser verificada, pois isto leva tão facilmente a extravagâncias tolas, como admirar "contas bonitas" ou uma "blusa bonita".

Por outro lado, o médium pode assistir a vinda do guia cooperando de forma razoada e sensata. Por exemplo, nos primeiros dias, o participante tem de encorajar e assistir as suas faculdades a responderem à impressão. Se o desejo de falar palavras vier, então deve assisti-las a vir desejando que a sua voz as acompanhe.

O principiante pode sentir a garganta constrangida quando o primeiro controlo é experimentado, e as palavras precisam de ser ditas, tanto assim que descobre que não consegue dizer nenhuma palavra. Quando isto acontece, o principiante subconscientemente deve fazer o esforço para encorajar a voz a responder. Uma vez que isto tenha sido alcançado, tornar-se-á progressivamente mais fácil em ocasiões futuras.

Invariavelmente, os olhos do participante estarão bem fechados. Ele não os pode abrir e não deve tentar, a menos que deseje regressar ao normal. Uma boa razão para isto é que, se os olhos estivessem abertos, não poderiam deixar de registar o que veem no espelho da mente, e isto, nos primeiros dias, interferiria com a sua ocupação pelo guia.

Quando o guia usa a voz e a mente do médium, parecerá ao participante como se estivesse "a ouvir-se a si mesmo" a falar as palavras. O fluxo de pensamento virá ininterruptamente, sem qualquer necessidade para o médium "pensar" no que vem a seguir. Ele saberá muito bem quando o fluxo de pensamento terminou e então estará pronto para se preparar para o regresso à normalidade e para recuperar o controlo de si mesmo.

Enquanto o guia fala, deve desfrutá-lo, nunca interferindo com ele de forma alguma. Se o fizer, então descobrirá que cessará e não poderá continuar.

Pode mesmo estar consciente de uma palavra errada sendo usada ou mal pronunciada — como regra, a correção vem naturalmente, mas se não vier, então não deve fazer esforço para interferir com o fluxo de palavras.

A fala pode transmitir um tom característico diferente da fala normal do médium. Pode ser mais autoritária, possuindo dignidade, e isto é apenas o que se espera, pois a personalidade do guia será expressa através do médium quando sob controlo. O médium não deve tentar alterar isto ou adicionar-lhe de forma alguma, pois isso leva a exibicionismo.

Nos primeiros dias, o médium em vinda terá de dominar a crítica pessoal de si mesmo, de que é ele quem está a falar e não o guia. Pode ainda desejar que a sua consciência se torne em branco para se tranquilizar — mas isto não pode ser. Ele, no entanto, depressa perceberá que o fluxo de palavras que vem dele na fala não é da sua criação consciente. Haverá novos pensamentos, construções e novas frases que não são dele. No entanto, se for observador, notará que nenhuma palavra é usada que ele não saiba o significado, e ao risco de repetição, a razão para isto é que é o seu equipamento mental que está a ser usado subconscientemente para vestir os pensamentos do guia em palavras que estão limitadas ao seu vocabulário.

Evidência disto é vista quando um médium mal desenvolvido com um guia Índio Vermelho usará apenas as palavras “lua”, “papoose”, “wigwam” e “squaw”, porque são as únicas palavras indianas que conhece.

Lê-se sobre médiuns a falar em línguas estrangeiras inteligíveis das quais o médium não tem conhecimento — por vezes de uma língua remota. Isto é uma fase de mediunidade avançada ou invulgar que está fora do estudo deste livro. Está frequentemente associada a “mediunidade física”.

O falar em, digamos, chinês ou sânscrito distinto, envolve um processo inteiramente diferente. A autenticidade pode ser verificada através de um gravador e submetida a alguém que conhece a língua. Isto é muito diferente do jargão de selva nonsense que ouvi vir através de alguns médiuns, pois isto é muitas vezes nada mais do que nonsense. Todo o bom líder de círculo parará isto, com a instrução de que, se o guia estiver verdadeiramente em posse da mente do médium, pode usá-la apropriadamente.

Quando a fala de transe vem, como foi descrito, pode ser que o médium esteja consciente dos seus braços e mãos movendo-se para dar força e ênfase às declarações. Isto também é um seguimento natural da mente

agindo para expressar a intenção das palavras por ação. Pode ser dirigido pelo guia — pode ser o uso subconsciente dos braços pela mente do médium. Isto não deve ser interferido, a menos que venha exagero indevido por razão de excitação subconsciente. Se isto acontecer, o médium deve receber a diretiva para conduta mais ordeira numa ocasião futura.

Por vezes, nos primeiros dias de desenvolvimento, ações e comportamentos excessivos e irracionais são vistos. Deve ser o dever dos líderes do círculo corrigir isto, e o participante ele mesmo deve buscar controlo mais ordeiro.

A mediunidade deve ser digna e natural, e todo o médium em desenvolvimento deve buscar atingir isto. Pode bem ser que o guia na sua vontade de usar o seu instrumento possa condescender fraquezas, como o uso de inglês pidgin, como meio para um fim, e em muitos casos o guia não seria capaz de interferir, pois as práticas desnecessárias são o produto da mente do médium e não dele. Isto leva-nos a outra consideração importante no desenvolvimento.

Disciplina pessoal

É vitalmente essencial que o médium seja sempre senhor de si mesmo. Deve sentar-se para desenvolvimento apenas nos horários prescritos. Não deve sentar-se para controlo sozinho. Se em qualquer outro momento sentir a presença do guia com ele, não deve permitir que se torne dominante. Deve enviar a instrução mental “não agora”, mas apenas “quando eu o convidar”. Deve então imediatamente virar os seus pensamentos para outras direções e ocupar-se com outras coisas.

No entusiasmo dos primeiros dias, quando a presença do guia começa a ser sentida no círculo de desenvolvimento, é natural que o principiante deseje desenvolver-se mais rapidamente, e por vezes o guia também o deseja. No entanto, é melhor desenvolver-se lentamente, mas progressivamente, e em nenhuma circunstância deve ser dado qualquer encorajamento para que condições de controlo ou transe venham, exceto nas ocasiões especiais arranjadas para isso sob a liderança do líder do círculo.

Assim, a regra deve ser firmemente estabelecida de que deve primeiro haver um convite estendido ao guia antes de ele entrar na órbita do médium.

Isto aplica-se particularmente à escrita automática, que será tratada um pouco mais adiante. Por vezes, quando o principiante está a descansar e a sua mente está descontraída, virá o desejo de escrever. Isto deve ser resistido, pois caso contrário a prática sobrepor-se-á à discrição e o médium tornar-se-á viciado nela muito mais do que deveria.

Vale a pena repetir que o médium deve ser sempre senhor de si mesmo, especialmente nos primeiros dias, para evitar que a sua mediunidade se torne um incómodo para si e para os outros, e construir um hábito que pode ser difícil de quebrar.

Como regra, os círculos de desenvolvimento são realizados apenas uma vez por semana, e este deve ser o único momento em que se busca o contacto definitivo com um guia. Esta ocasião deve ser aguardada com expectativa e antecipada com uma ânsia calma, mas deve ser restringida apenas a essa ocasião.

O guia estará, claro, sempre com o seu médium, para dar boas influências e protegê-lo de todas as formas possíveis, mas este serviço pode ser prestado sem a necessidade de o médium sentir a sua presença pessoal com ele.

Sabe-se que em alguns círculos de desenvolvimento são aconselhadas várias preparações preliminares e restrições. Algumas destas sugerem que os participantes devem jejuar antes de se sentarem, que devem vestir roupas inteiramente novas, que as solas de borracha nos sapatos são vetadas com o argumento de que a borracha isolará o participante da sintonização, e que os participantes não devem sentar-se com os braços cruzados, mas sentar-se com as mãos estendidas, palmas para cima numa atitude suplicante, e assim receber “poder”.

Quando se recorda que a mediunidade é um resultado do uso do equipamento mental do médium pelo guia, pode-se questionar estas observâncias. Por exemplo, é bom que o participante esteja à vontade e confortável, e é mais provável que o esteja se não tiver fome. Por outro lado, uma refeição pesada antes deve ser evitada.

Apesar do que acaba de ser dito, e das declarações adicionais que se seguem, enquanto um participante estiver contente em sentar-se num círculo de desenvolvimento que aconselha estas restrições, etc., deve aceitá-las e não opor qualquer oposição que destrua a harmonia do círculo.

Se se sentir fora de harmonia com o procedimento do círculo, etc., seria melhor para ele sair com boa graça.

No Oriente, uma forma de desenvolvimento é subjugar o corpo a um estado de inércia, por penitência, exercício contínuo, jejum e entoações monótonas contínuas, cada uma destas tendo o objetivo de enfraquecer tanto a resistência mental que o controlo possa ser estabelecido através da fraqueza. Usando a nossa similitude do espelho, o propósito é cansar completamente a consciência normal, para que as impressões espirituais possam ocupá-lo. Felizmente, isto não se aplica na prática moderna ou ocidental, que segue métodos mais iluminados baseados numa compreensão mais clara da ciência psíquica.

Este método considera que é melhor para um participante estar contente e confortável, para que mais facilmente consiga deixar a sua mente relaxada e livre, e assim permitir que a consciência da influência do guia o atinja de forma natural e normal.

O uso de sapatos de borracha não pode afetar a sintonização com o guia. A ideia de que pode fazê-lo surge da impressão errada mantida por algumas pessoas de que é necessário ter uma "ligação à terra" com a terra porque o desenvolvimento segue a teoria magnética da polarização; assim, se os sapatos forem deixados de lado, o contacto magnético torna-se mais fácil. Se considerarmos isto à luz do nosso postulado fundamental, de que o contacto com o guia é da mente, então as forças magnéticas (que são forças físicas) não podem ter efeito. Em qualquer caso, é aparente que uma radiação espiritual pode permear qualquer material físico, e porque a borracha fornece um isolamento contra a força elétrica, não há razão para que deva ser um isolamento de uma força espiritual não física.

O conselho contra cruzar os braços só pode ter uma base psicológica, na medida em que pode trazer um estado de "fechar-se em si mesmo", e assim impedir que o contacto seja estabelecido. O senso comum diz-nos que nenhuma posição do corpo, braços ou mãos impede a sintonização, embora possa ter um valor psicológico.

Vibrações

Esta é uma palavra que é comumente usada em círculos psíquicos, por exemplo, “o guia entra numa certa vibração”. Que há “vibrações cruzadas”, e assim por diante. A palavra é muitas vezes usada de forma vaga e por vezes sem razão de suporte.

Sabemos que toda a matéria está numa forma de movimento ou radiação caracterizada; e isto aplica-se igualmente ao “pensamento”. É um truísmo que para uma receção de radiação deve existir um estado de harmonia ou condutividade entre o transmissor e o recetor. No transe e na mediunidade intuitiva, é a transmissão de radiações de pensamento que são recebidas do guia pela mente do médium. Esta é a única “vibração” que importa. É verdade que diferentes diretivas de pensamento podem criar diferentes vibrações, e se estas incidirem no espelho da consciência ao mesmo tempo, então cria-se confusão.

Isso pode ser compreendido pela comparação de que se duas pessoas estiverem a falar ao mesmo tempo, o ouvinte é incapaz de compreender qualquer uma delas. Basta dizer que quando um principiante está a buscar uma comunicação do seu guia, é a força de pensamento do guia que é convidada, e não deve haver outra. Nenhuma mente pode ser ocupada com duas diretivas de pensamento intencionais ao mesmo tempo, e portanto é impossível para um médium receber duas diretivas de pensamento de duas personalidades espirituais diferentes, simultaneamente.

Assim, quando em conversas em círculos psíquicos há falar sobre “vibrações cruzadas” e isto é considerado à luz das probabilidades, qualquer dificuldade que surja delas é muito remota. Esse distanciamento pode ser colocada na sua perspetiva correta quando se considera o quão difícil é incidir os pensamentos de alguém sobre outro. Pode-se dizer que quando quaisquer duas pessoas diferem em pensamento, criam-se vibrações cruzadas; não há mal nisso, na verdade é o nosso direito manter opiniões individuais, caso contrário seríamos autómatos, o que não somos.

Quando um principiante começa a sentar-se num círculo de desenvolvimento, deve seguir as instruções dadas pelo seu líder e submeter a sua mente ao esforço comum do círculo. Se isto for feito, não pode haver questão de vibrações cruzadas. No caso de um participante ser incapaz de aceitar as instruções ou métodos do líder, então deve retirar-se do círculo.

Assim, entre todos os participantes e o líder deve haver um estado de harmonia feliz e plena cooperação. Quaisquer opiniões pessoais sobre os participantes ou o líder, ou assuntos externos, devem ser postos fora da mente. O sucesso final de qualquer círculo de desenvolvimento depende em grande parte de uma condição de contentamento dentro dele.

O Guia

Há aqueles na vida espiritual cuja missão é ajudar e guiar-nos na nossa existência terrena. São personalidades nobres de boa intenção. Há provavelmente muita verdade na afirmação de que os guias são atraídos para os humanos onde existe um laço comum; isto é, de "semelhante para semelhante". Por exemplo, um guia que tem muito prazer na música procuraria atender alguém que possui uma apreciação inerente da harmonia. Uma enfermeira ou médico espiritual esforçar-se-ia por influenciar alguém que tem o dom latente de cura. Outros têm um propósito devocional, alguns uma abordagem científica, e assim geralmente vê-se que o guia para um indivíduo é alguém que tem um mútuo interesse.

Os guias são pessoas amáveis e pacientes, embora por vezes possam ser bastante ansiosos por buscar todas as ocasiões possíveis para influenciar o seu encargo humano. É por isso que se enfatizou que a questão da autodisciplina é muito importante, para que o guia saiba que só deve aproximar-se da órbita do médium quando for convidado a fazê-lo.

Deve ser lembrado que o guia precisa de aprender como e quando usar o seu médium, tal como este último tem de aprender como buscar a sintonização com o seu guia e submeter-se ao uso que o guia faz dele.

Pode bem ser que o guia tenha de contentar-se em usar o seu médium como o médium espera ser usado. Nesta conexão, é a mente do médium que é o fator dominante; pois recorda-se que é o equipamento mental consciente e subconsciente do médium que é empregado pelo guia. Portanto, caso o principiante, possivelmente através de uma liderança mal informada ou copiando outros, sinta que (para usar um exemplo já mencionado) o seu guia deve falar em inglês quebrado, o guia contentar-se-á em tolerar esta fraqueza, como meio para um fim.

A forma mais pura de mediunidade a ser desejada é aquela em que o guia se torna como uma segunda natureza para o médium, para que possa

projetar o seu pensamento intuitivamente no espelho da consciência do médium, sem que um estado de transe seja necessário de todo.

Há uma declaração comum: “O meu guia não me deixará cair.” Isto é, claro, muito verdadeiro, mas não devemos impor ao guia responsabilidades além do seu poder de as realizar. Nenhum guia é omnipotente. Ele, como nós, só pode lidar com o material que tem. Pode dirigir boas influências, dar diretivas de pensamento, guiar-nos para bons motivos, dentro da sua capacidade de compreender os nossos problemas. Não devemos esperar que ele evite que escorreguemos numa casca de banana, apanhar uma constipação quando estamos encharcados, ajudar a ganhar os prémios ou encontrar uma casa para viver, ou dirigir clientes para o nosso negócio.

O principiante deve evitar “a adoração ao guia” e “é o meu guia que diz isto ou aquilo”. Vejamo-los como realmente são. Belas personalidades, mais avançadas em sabedoria do que nós, mas que têm as suas limitações como nós temos. A maior limitação na mediunidade somos nós mesmos. Todos respondemos às leis que governam causa e efeito, e o guia não pode alterar isto. Os guias não podem prever o nosso futuro físico muito à frente. Podem, no entanto, influenciar a nossa mente, dar-nos diretivas de pensamento, inspirar-nos, dar-nos força interior de propósito. Por vezes podem prever um perigo imediato e ajudar-nos a evitá-lo. Podem assistir-nos a superar os maus efeitos da doença e a cultivar as nossas virtudes.

Devemos considerá-los com afeto e confiança, como o de um irmão mais velho, mas sabendo isto, devemos evitar esperar que cumpram funções que estão fora da sua província.

Sintonização

A forma como um principiante obtém contacto com o seu guia é através da sintonização. Isto já foi referido, mas precisa de mais comentários.

Deve ser o primeiro objetivo do principiante buscar a forma de sintonização. Isto pode ser mais simples do que pode parecer possível à primeira vista, pois isto é realmente tudo o que o desenvolvimento consiste — mais experiência. A facilidade com que a sintonização se desenvolve depende do grau de afinidade estabelecido através de se sentar para desenvolvimento. Para médiuns experientes, a sintonização vem como uma segunda natureza; se ele for clarividente, deve sempre primeiro estabelecer a sintonização para limpar o espelho da sua mente para receber visão

espiritual, e geralmente é capaz de atingir esta condição em apenas um segundo ou assim.

O principiante deve buscar esta condição de recetividade abandonando diretivas de pensamento conscientes e rendendo a sua mente física para permitir que o seu eu interior, ou espiritual, se torne ascendente. É à medida que esta condição é estabelecida que o fluxo de pensamento, quer em imagens ou palavras em forma de pensamento de uma fonte espiritual, pode ser recebido no espelho para a consciência do médium perceber.

Nos primeiros dias, o principiante precisa de aprender como deixar as impressões espirituais continuarem a seguir sem impor qualquer interferência da sua mente questionadora, como é tão apta a fazer, quebrando assim a sintonização. Esta unidade ou afinidade com o guia espiritual pode ser sustentada à medida que o principiante se habitua a "escutar a si mesmo", e assim permitir que a comunicação flua, sem impedimentos.

Isto envolve um estado delicado de ajuste mental, e dificilmente há alguma linha divisória entre uma comunicação espiritual e o pensamento consciente de alguém. Podem fundir-se tão facilmente.

O principiante precisa de encorajar a sua mediunidade e por isso é melhor aceitar todas essas impressões como vindas do Espírito, mas com uma reserva interior quanto a se o fluxo de pensamento que chega é de uma fonte espiritual literal. Elas não devem ser rejeitadas, mas aceites, assumindo a probabilidade de que emanam de uma fonte espiritual.

Da mesma forma, e pela mesma razão, é imprudente aceitar toda a declaração que pretende vir de um guia, mesmo num estado de transe, como espírito literal. Tem sido repetidamente notado nos raros casos em que um médium está num estado de transe total, e ele está verdadeiramente inconsciente de qualquer coisa que esteja a ser dita ou feita, que o seu conhecimento ou desejos subconscientes podem influenciar as palavras que são faladas.

É sempre melhor aceitar qualquer declaração feita sob influência espiritual com reserva e aguardar confirmação de alguma outra forma. É sensato submeter qualquer conselho que seja dado a estudo e julgamento pelo senso comum. Quando um principiante é informado de que o seu guia é fulano de

tal, deve aceitar isso com reserva e aguardar confirmação de outro médium que desconheça a declaração anterior.

Com a experiência e o uso dele pelo guia, o médium em desenvolvimento depressa será capaz de constatar, do seu conhecimento interior de "saber", se a impressão intuitiva ou experiências que recebe sob controlo são inspiradas daqueles do outro lado da vida.

Clarividência

A clarividência é recebida de duas formas — "objetiva" e "intuitiva". Consideremos primeiro a clarividência objetiva. Esta é quando o médium vê uma pessoa espiritual (ou um objeto) como se estivesse fisicamente presente. Isto é, ele verá a presença exatamente da mesma forma que vê uma pessoa comum dimensional.

O visitante espiritual pode estar de pé ou sentado numa cadeira parecendo fisicamente real em todos os aspetos. Dá, portanto, a impressão completa de que está a ser visto com os olhos. Como regra, a visão não dura muito, talvez apenas um ou dois segundos, antes de desaparecer. Claro que o visitante é não físico e, portanto, não pode refletir luz para os olhos o observarem. Assim, embora pareça que o médium vê a visão com os olhos, na verdade não o faz.

No entanto, temos de explicar uma associação entre o reino espiritual e o reino da matéria — por exemplo, a figura parece estar a andar no chão, não está suspensa no ar, e, como foi mencionado, pode ser visto sentado com as mãos repousando nos braços da cadeira. Ninguém pode ter a certeza de como esta associação de uma forma espiritual com coisas materiais é estabelecida; certamente denota uma consciência das coisas terrenas pelo visitante espiritual.

Uma hipótese lógica é que o médium é capaz de observar as pessoas espirituais desta forma, através dos olhos espirituais do seu corpo espiritual, que transmite a imagem ao espelho onde a mente consciente a observa. Como regra, a memória de tal visão clarividente é extremamente vívida e pode ser recordada fortemente à mente a qualquer momento.

A clarividência objetiva é um dom raro e funde-se com a clarividência intuitiva. Embora haja muita especulação interessante acerca do processo de "ver" e do estudo de detalhes associados a isso, não precisa de ser

aprofundado aqui; o principiante não deve buscar especificamente a clarividência objetiva, pois não é uma forma comum de mediunidade e geralmente vem após um período de receção intuitiva.

A visão "intuitiva" é o tipo geral recebido através da clarividência. Isto significa que, quando um médium está num estado sintonizado, uma imagem-pensamento de uma pessoa no Espírito, ou de um objeto, etc., é transmitida através da sua mente espiritual para o espelho e assim para a consciência. Isto já foi descrito pela ilustração de um lápis comum e de um lápis Eversharp, com a diferença vital de que não vem da memória, mas é projetado de uma fonte espiritual.

Está claramente ao alcance das pessoas espirituais projetar uma imagem, como as feições de um rosto, no espelho da mesma forma que projetamos uma fotografia num ecrã. Se o rosto projetado for para ser reconhecido, deve ser realista e preciso, exibindo as características possuídas na vida terrena. Deve ser tão claro, como invariavelmente são, para permitir que o médium dê uma descrição clara dele à pessoa para quem é destinado.

Para o principiante, as primeiras visões podem parecer como se tivessem surgido da sua imaginação. Além do facto de que a memória delas é mais vívida e duradoura, é natural que surja dúvida quanto a se é Espírito ou não. O melhor teste é buscar prova disso indagando com aqueles que estão presentes se as feições são conhecidas de alguém.

Há sempre um propósito por trás de uma visão clarividente e, se o principiante puder sustentar a sintonização, é mais provável que venham alguns sinais adicionais de evidência, quer em visão quer por pensamento intuitivo. Por exemplo, o visitante pode apresentar à visão um objeto que identifique o Espírito, ou um pensamento virá e dirá "Eu sou Jack Robinson". Assim, enquanto o principiante está a dar as suas primeiras descrições, deve tentar fazê-lo sem emoção e tentar manter a sintonização gentilmente, permitindo que a impressão de pensamento continue.

A capacidade com que o médium pode descrever uma visão dependerá dos seus poderes de retratação simples, mas direta. Isto não é fácil, como se pode julgar de uma experiência em tentar fazer um amigo nomear parentes assim descritos do seu álbum familiar pessoal. Frases simples fornecem a melhor forma de fazer isso. Evite a imitação dos métodos de descrição de

outros médiuns. Tente transmitir mais o caráter do rosto, assim como a sua forma, e descreva qualquer traço distintivo.

Enquanto dá a descrição, o principiante achará melhor fazê-lo com os olhos fechados, para ajudar a manter a continuidade da sintonização e assim permitir que evidência adicional venha. Se quebrar a sintonização, precisará de gastar um pouco de tempo a restabelecê-la.

O sucesso de um médium em obter a aceitação da sua clarividência depende da sua descrição fiel daquilo que vê e nada mais. Evite colocar a própria interpretação do que a visão significa.

O escritor recorda um caso clássico para ilustrar este ponto. Um médium experiente tinha dado, com grande sucesso, uma descrição longa, detalhada e muito evidential de um marido no Espírito à sua esposa. Seguiram-se mais evidências, acerca da família e dos seus interesses. O médium disse então: "Ele criava patos", mas isto foi negado. O médium persistiu e as negações também, e o médium estava a começar a perder a paciência e a ficar perturbado. Insistiu que estava certo, pois disse: "Posso ver o pato agora, com a cauda enrolando para cima e por cima." Com estas palavras simples, a senhora riu e disse: "Agora sei o que se quer dizer, pois o nosso nome era Drake." Assim, o médium, ao ver o pato, colocou a sua própria construção incorreta sobre isso, mas ao descrever simplesmente o que viu de facto, forneceu outra peça de boa evidência que foi imediatamente aceite.

Ao risco de repetição, pois é muito importante para o principiante, ele deve buscar manter a afinidade com a transmissão. No início, pode permitir que toda a história se desenrole antes de tentar dar uma descrição dela. Deve estar expectante no seu eu subconsciente escutador para a vinda de diretivas de pensamento que possam dar nomes ou situações associadas à visão. À medida que o dom de sintonização se torna mais avançado e continua, assim receberá um fluxo de impressões de pensamento. Não deve hesitar ou questionar a sua veracidade; deve simplesmente deixar a sua voz falar aquilo que lhe está a ser dado, mesmo que as declarações lhe pareçam "forçadas".

Se acontecer que a descrição e evidência do médium não sejam reconhecidas ou aceites por ninguém presente, pode haver várias razões para explicar isso. Tão frequentemente descobre-se que a pessoa para quem

a descrição é destinada não recordou da memória a personalidade espiritual. Pode ser que o comunicante espiritual tenha vindo sem os seus amigos terrenos estarem presentes. Pode ser que a capacidade do médium para descrever adequadamente a visão não tenha sido boa o suficiente para convencer o ouvinte. Por vezes, uma pessoa agirá perversamente e não reconhecerá a descrição deliberadamente.

Quando isso acontece, o médium deve evitar a todo o custo a tentativa de explicar isso — tentando justificar a sua mediunidade. Deve evitar todos os métodos de "fuga" por sugestões evasivas, como dizer "Este espírito era um amigo de um amigo dos seus dias de escola", etc. É muito melhor dizer abertamente: "Este espírito não foi reconhecido e, portanto, deve ser deixado."

Não diga que lamenta, nunca se desculpe pela sua mediunidade; contente-se em saber que aquilo que "viu" é autêntico. Reconhece-se que é desconcertante para um médium dar clarividência em público e as suas descrições não serem aceites, e ele pode pensar que isso é rebaixante para o seu prestígio como médium. "Rotas de fuga" prejudicam o padrão da mediunidade e são invariavelmente reconhecidas pelo que são, e nenhum bem vem delas. O escritor ouviu médiuns bem conhecidos adotar estas rotas de fuga em ocasiões e elas não são edificantes.

O principiante deve buscar o padrão mais elevado e mantê-lo sempre. A maioria dos médiuns em desenvolvimento tem, como ideal, praticar a mediunidade em público e o sucesso eventual disto dependerá de dar descrições verdadeiras, simples e precisas, em vez de depender de uma língua expedita ou de conversa de palco.

Se, após dar uma descrição que foi aceite e nenhuma mensagem de pensamento adicional vier, não fabrique uma. É verdade que muitas pessoas gostam de ter algum conselho ou orientação dos seus entes queridos no Espírito, e isto tornou-se uma prática usual com a clarividência.

Não é bom baixar o padrão da própria mediunidade condescendendo com o que algumas pessoas gostam. Infelizmente, tornou-se uma prática comum da mediunidade hoje seguir a descrição das pessoas espirituais e que prova positiva podem dar da sua identidade, possivelmente com uma mensagem verdadeira, com alguma "mensagem" banal saída da consciência do

médium que não significa nada em particular e pode aplicar-se a quase qualquer um.

O principiante pode descobrir, à medida que a sua afinidade e sintonização com as pessoas espirituais se estabelece, que a clarividência pode tomar a forma de sinais simbólicos e situações. Os sinais podem ser simétricos no desenho — geralmente em luz branca sobre um fundo escuro (podem ser em cor também). As situações podem apresentar a picturização de pessoas e lugares desconhecidos do médium.

Por vezes têm um significado espiritual, como, por exemplo, a picturização de pessoas iluminadas viajando ao longo de uma boa estrada em direção a um objetivo, enquanto outras podem estar cegamente a buscar o caminho, fora da estrada, lutando num pântano. Se o guia com o principiante for um pregador, o médium encontrar-se-á numa imagem mental, pregando um sermão maravilhoso à multidão. Estas situações serão muito vívidas e devem ser permitidas continuar sem interrupção mental, a menos que a visão se torne demasiado desagradável.

Nesta conexão, se algum pensamento ou imagem desagradável for recebido, o principiante deve imediatamente quebrar a sintonização abrindo os olhos, tomando nota do que se passa no círculo e assim regressar à normalidade. Após um curto período, pode novamente buscar sintonização com o pedido mental de que tal desagradabilidade não deve ser repetida. Caso, no entanto, haja uma repetição, deve regressar ao normal e aguardar o fim da sessão, e discutir a sua experiência com o líder do círculo.

Experiências como estas são muito raras e não devem ser antecipadas.

À medida que a clarividência se torna mais fácil, as imagens do guia e de outras pessoas espirituais serão projetadas no espelho. No início, estas podem ser muito pequenas, não maiores que um selo postal, ou, por outro lado, muito grandes como um close-up no ecrã do cinema. Com prática e experiência, estas serão ajustadas até que o tamanho pareça bastante normal.

Não tente criar quaisquer imagens da mente, pois isso é interferência; aguarde gentilmente a vinda da visão, com a mente bastante livre. Nos primeiros dias, podem demorar tempo a formar-se e se no início se vir apenas uma ou duas visões durante uma sessão, o participante deve ficar bem satisfeito. Quando o círculo terminar, ou no momento apropriado,

quando o líder pede aos membros do círculo para contarem as suas experiências, é aconselhável narrar em palavras simples o que foi observado. Isto não só encoraja os poderes de descrição precisa do médium, mas dar-lhe-á confiança e, ao mesmo tempo, mostrará ao guia o que ele recebeu. Lembre-se de que o guia também é capaz de observar aquilo que aparece no espelho da mente, pois está em sintonização com o seu médium. O desenvolvimento é bidirecional: o esforço do médium para buscar sintonização com o seu guia e vice-versa.

Referindo-nos novamente aos símbolos, se estes forem vistos, conte deles, mas não peça a alguém para interpretar o seu significado. A razão para isso é que "alguém" só pode dar o que a sua mente pode oferecer. Quaisquer impressões que o participante possa receber na altura serão muito mais precisas. É melhor aceitá-los e aguardar uma explicação do guia (possivelmente por pensamento intuitivo) e deixar assim. Pode ser que, no início, o guia esteja a transmitir sinais e formas simples, como globos ou triângulos, para ser a primeira lição no treino do guia para o seu médium "ver".

Quanto às mensagens que acompanham a clarividência, recordar-se-á que os "pensamentos" não são "palavras". É através do conhecimento de palavras do médium que a sua consciência interpretará os pensamentos numa descrição. Um participante francês que não sabe inglês receberia a mesma radiação de pensamento que um britânico, mas interpretaria o pensamento em palavras francesas, e o britânico em palavras inglesas. Voltemos novamente à ilustração dos lápis.

Se o visitante espiritual desejasse dar o pensamento de um lápis, a consciência receberia a picturização dele, e o médium saberia o que se pretendia. Isto não significa que todas as descrições de pensamento sejam apresentadas em forma de imagem, mas podem ser também em forma de pensamento. Isto pode ser mais facilmente compreendido se se considerar que, numa conversa, se a palavra lápis for usada, a consciência sabe o que se pretende por uma picturização subconsciente dele na mente.

Assim, numa apresentação clarividente, se um visitante espiritual desejar fornecer evidência das suas experiências terrenas, pode dar à mente do médium uma imagem de, digamos, um terrier branco, e isto será apresentado ao espelho da mente do médium como tal.

Depende então do conhecimento do médium sobre as raças de cães, mais a sua cor, que dará à sua consciência as palavras “um terrier branco”. A clarividência é invariavelmente uma combinação da picturização de rostos, pessoas, formas de vestir, objetos, com um fluxo de pensamento, dando nomes e outras diretivas de pensamento que se seguem sem interrupção.

À medida que o médium se torna mais facilmente acostumado a receber clarividência de caráter intuitivo, como foi descrito, pode bem ser que, em ocasiões especiais, receba também clarividência objetiva.

Nunca tente buscar antecipadamente o tipo de clarividência que se deseja obter — deixe que venha e se desenvolva naturalmente. É simplesmente a imposição por um guia espiritual ou pessoa de imagens e pensamento sobre o espelho, num estado sintonizado. Nenhum médium pode criá-lo de si mesmo, pois se isso for encorajado, será a imaginação do médium que tomará o lugar da coisa real — e ele apenas prejudicará o seu desenvolvimento.

Clariaudiência

A clariaudiência é o ouvir de vozes espirituais. O seu efeito pode ser muito real, exatamente como se a voz de alguém estivesse a ser ouvida auditivamente. Neste aspeto, pode ser comparada à clarividência objetiva. Pela simples razão de que as palavras ouvidas não são audíveis para outro, ou para qualquer dispositivo de gravação de som, elas não existem fisicamente de todo. Os ouvidos físicos não as ouvem. A explicação é que é o ouvido espiritual do corpo espiritual do médium que recebe as radiações de som espirituais, que são transmitidas ao espelho, onde são interpretadas na forma de palavras que a mente pode apreciar, da mesma forma que ouve sons físicos.

Como a clarividência objetiva, esta é uma forma rara de mediunidade.

A clariaudiência intuitiva é a regra mais geral. Com esta, a impressão vem como se o médium estivesse a escutar pensamentos que se formam sem ruído nos ouvidos. É assim que é sentida. Esta é apenas outra forma da consciência receber impressões de pensamento na forma de palavras. Na mediunidade pública, podemos ver o médium parecer como se estivesse a escutar com os ouvidos. Embora não haja mal real nisso, é aparente para observadores conhecedores que ele não pode receber palavras audivelmente físicas do Espírito nos seus ouvidos. Esta aparência de

escutar fisicamente é apenas uma forma de convidar a comunicação adotando o ato de escutar.

O principiante é aconselhado a evitar esta simulação, pois nenhuma palavra é audivelmente ouvida, quer objetiva quer intuitiva.

É útil, ao buscar qualquer forma de mediunidade mental, fechar os olhos, e especialmente assim quando se senta para desenvolvimento. Se os olhos estiverem abertos, não podem deixar de registar no espelho aquilo que estão a ver, e no início é melhor manter isso o mais limpo possível. À medida que a mediunidade avança, isto não é tão necessário, pois a visão normal torna-se apenas um fundo para a consciência (tal como a música pode ser, enquanto se está ativamente envolvido na leitura). Além disso, os olhos abertos permitem que o médium observe o destinatário da mensagem. Isto tem os seus aspetos bons e maus, pois enquanto o médium é capaz de observar pela maneira do destinatário a sua aceitação da evidência fornecida, também pode ver quando não é, e isto pode ser desconcertante e tende a levar o médium a uma tensão mental, e a buscar nervosamente explicações ou rotas de fuga como já mencionado.

A clariaudiência intuitiva é uma condição subtil. Pode ser descrita como escutar palavras sem som. O médium está consciente de uma impressão de ouvir, à medida que formações de palavras vêm à consciência. Para o principiante, surge novamente a dificuldade de distinguir entre o que considera poder ser a sua imaginação e comunicação espiritual real. Como em todas as coisas, a experiência conta. Quando um principiante “ouve”, deve ou contar as palavras que “ouviu” se o momento for certo para isso, ou mantê-las na memória para relatar depois. Como regra, é melhor aceitar qualquer impressão como vinda de uma fonte espiritual e aguardar confirmação. À medida que a mediunidade se desenvolve, tornar-se-á muito claro se as palavras ou mensagem são dirigidas pelo espírito ou não.

Não há significado em usar uma luz vermelha ou azul no círculo de desenvolvimento (a luz vermelha, tendo uma frequência de luz mais baixa, é pensada ser a melhor); o único valor é dar aos participantes um sentido de segurança, que pode estar ausente na escuridão total, e prevenir que imagens visuais fortes sejam registadas na consciência.

Discursos em Transe

Esta é uma das formas mais fáceis de mediunidade uma vez que o guia tenha entrado na órbita do principiante e seja capaz de transmitir fluxo de pensamento ao médium. Também precisa do desejo por parte do médium de dar discursos em transe.

A fala em transe é simplesmente o dar de forma na forma de palavras ao fluxo de pensamento do Espírito. Em 99 por cento da fala em transe, o médium está consciente do que está a ser dito. Ele está, por assim dizer, a escutar-se a si mesmo falar, sem qualquer esforço consciente para criar o discurso ele mesmo. Neste estado, a mente do médium está tensa, pois o fluxo de pensamento é vigoroso e contínuo.

A organização mental está a trabalhar livremente pela simples razão de estar a ser usada pelo guia e o médium não precisa de fazer qualquer esforço consciente para construir frases ou fornecer a substância para elas. O guia está a fazer isso.

À medida que o guia projeta a intenção de pensamento, é a mente subconsciente do médium que a enquadra em palavras. Ver-se-á na fala em transe que nenhuma palavra é alguma vez usada cujo significado esteja fora do conhecimento do médium. Quanto mais versado estiver no uso de palavras, mais pitoresca e fluente será a fala. O escritor, e possivelmente muitos outros, ouviram frases iletradas vir de um médium iletrado, e o comentário foi feito: “Certamente nenhum guia avançado falaria dessa forma.” Reflexão mostrará que as palavras não são as do guia, mas da capacidade do médium para interpretar o fluxo de pensamento. É a diretiva de pensamento pela qual o guia é responsável.

Um médium pode ser comparado a um violino; se o instrumento for pobre, reflete-se nos tons musicais que vêm dele. O resultado também reflete a intimidade e conhecimento do músico de como usar o violino. Dê a um violinista mestre um instrumento soberbo, e o resultado é muito diferente. Todo o bom instrumentista tem de conhecer o seu instrumento, o toque dele, e isso só pode vir através do uso e experiência. É exatamente o mesmo com a mediunidade.

Nos primeiros dias de desenvolvimento, o principiante receberá um forte desejo de falar alguma forma de palavras ou saudação, e deve aprender a subjugar a sua autoconsciência e encorajar a sua voz a permitir que as

palavras sejam faladas. A autodisciplina também é necessária; por exemplo, se no círculo outro membro estiver sob controlo, então deve aguardar o momento em que pode falar sem perturbar a outra pessoa. Enquanto o guia permanecer no controlo, isso pode ser feito. Mas de um modo geral, o principiante não deve reter, de si mesmo, qualquer impulso para falar. Deve haver um início para tudo, e o participante precisa de encorajar a sua voz a falar, mesmo que se sinta tensa e constrangida — e mesmo se pensar que o pensamento vem da sua própria mente. No início, a voz pode ser demasiado alta, ou mesmo um sussurro, mas à medida que o tempo passa, o tom tornar-se-á regulado à necessidade da situação.

É novamente enfatizado que nos primeiros dias deve ser dado encorajamento para permitir que a fala venha. O líder do círculo muito provavelmente encorajará isso, mas o esforço final só pode vir do participante ele mesmo. Sem dúvida, muitos bons médiuns que poderiam ter sido falharam em desenvolver-se porque consistentemente se retiveram, pensando que eram eles e não o guia quem criava o desejo. Diz-se que se tem de gatinhar antes de correr, e pode ser verdadeiramente dito que os nossos médiuns mais dotados tiveram de passar pelas fases de iniciação e literalmente forçar-se a falar as suas primeiras palavras sob um grau de controlo.

À medida que a fala em transe se torna mais fácil, o médium pode facilmente testar se é ele mesmo ou o guia quem a dirige, tentando dar um curto discurso de apenas alguns minutos sem qualquer controlo ser sentido. Depressa verá a diferença. Apenas o orador experiente e prático pode fazer isso livremente e sem hesitação — mesmo assim precisaria de conhecer o seu assunto muito bem. Nos discursos em transe não há hesitação, as palavras fluem e fluem — por vezes demasiado longas para o conforto do ouvinte.

Nos primeiros dias, o principiante precisará de sentir o guia tomar controlo dele mesmo antes de qualquer tentativa de falar ser feita. Precisará de encorajar as primeiras palavras a virem, e então o discurso fluirá.

Quando o médium se sentir confiante o suficiente, então pode deixar-se ser usado em público, como participando num serviço de igreja. Precisará de tirar vantagem do tempo ocupado no canto do hino precedente para se sentar e buscar a vinda da influência do guia. Recordando os dois pontos: (1) que estará consciente de “escutar a si mesmo”? e (2) que uma forma de

encorajamento deve ser dada. Não há mal em deixar a sua mente pronta para aceitar as palavras ou saudação introdutórias usuais do guia, ou mesmo ter em mente um pensamento que lhe apelou da lição que foi lida, ou qualquer outra diretiva de pensamento que veio à sua mente antes de o guia tomar conta. Pode bem ser que o guia já tenha impressionado a mente dessa forma. Usando esta diretiva e deixando as palavras iniciais serem faladas acerca dela, assim o caminho é aberto para o guia tomar conta.

Uma vez que o discurso tenha começado, o médium nunca deve interferir com ele, em circunstância alguma — nem mesmo para corrigir conscientemente uma palavra mal pronunciada — pois qualquer interferência quebrará o contacto e o médium ficará a debater-se, sem palavras, e terá de se sentar.

O escritor, em tempos, dava discursos em transe, e a experiência seguinte pode ser de interesse. Estando completamente acostumado a falar em público, numa manhã de domingo desejou incluir no discurso uma frase que lhe apelava. Sentiu que tinha comando suficiente de palavras para continuar, mesmo se o estado de transe fosse interrompido. Enquanto escutava a si mesmo falar, a sua mente subconsciente encontrou a oportunidade de introduzir a frase, e fê-lo — mas quebrou o fluxo de pensamento espiritual, e encontrou-se incapaz de continuar de todo, e teve de se sentar. Relata-se, no entanto, que explicou à audiência o que tinha feito e o erro que cometera, pois foi uma lição objetiva tanto para o orador como para a audiência.

O objetivo final com todo o médium deve ser que a comunicação venha naturalmente, qualquer que seja a forma que tome, sem a necessidade de o médium entrar numa condição de controlo total. Que, quer seja clarividência, clariaudiência, fala ou cura, as picturizações ou fluxo de pensamento virão facilmente — como segunda natureza — através de sintonização intuitiva.

Transfiguração

Nos primeiros dias, à medida que o guia toma a direção da mente e um estado de controlo se aproxima, pode bem ser que o ritmo respiratório se torne acelerado, e isto deve ser permitido continuar, como já foi dito, e o rosto pode sentir como se mudanças estivessem a ocorrer com ele. Isto por vezes dá origem à ideia, especialmente em luz vermelha, de que o

participante está a ser transfigurado pelo seu guia, quando na maioria das vezes não é nada disso. O dom de transfiguração é raro. Está geralmente associado à mediunidade física, pois uma transfiguração verdadeira precisa de ser formada sobre uma base ectoplásmica, e não é o propósito deste livro discutir isso.

Embora possa ser tranquilizador e apelar ao lado romântico para um principiante ser informado de que está a ser transfigurado pelo seu guia, é melhor evitar a autoilusão ou ser mal guiado pela imaginação sincera de outros presentes no círculo com ele. Embora o líder do círculo seja capaz de ver clarividentemente o guia com o participante, isso não é necessariamente transfiguração.

Simulação de transfiguração por participantes ou mesmo alguns médiuns, especialmente se tiverem rostos móveis, pode ser facilmente induzida em luz fraca ou vermelha, e o participante sincero não deve ser persuadido pelo comentário de outros. Médiuns de transfiguração comprovados são muito raros.

Mediunidade Física

Esta é um estado avançado de mediunidade que muitos desejam ter. Não precisa de ser uma classe de mediunidade possuindo uma alta ordem espiritual. A mediunidade física é um dom raro. Muitos a buscam, mas poucos a atingem. O desenvolvimento é geralmente realizado num círculo escuro, i.e., sem luz alguma. A razão para isso é que as manifestações são impedidas pelos raios de luz ultravioleta. Os raios infravermelhos podem ser tolerados.

Como regra, considera-se melhor que o círculo de desenvolvimento se sente para a pessoa que deseja este dom.

Algumas observações são oferecidas no final desta secção referindo-se à mediunidade física, que qualquer interessado pode ler e discutir.

Escrita Automática

A escrita automática é afim à fala em transe, a diferença sendo que a mão é usada para transcrever o fluxo de pensamento intuitivo, em vez de o falar.

No entanto, não espere que a mão proceda subitamente a escrever, como alguns principiantes são informados para esperar, pois isso é muito improvável. Será consciente, dentro da sua mente, da formação do

pensamento que observa a sua mão escrever. Como na fala em transe, o médium não achará necessário criar os pensamentos escritos ele mesmo, mas apenas permitir que as intenções de pensamento fluam e a mão os escreva.

Devido à fluência do fluxo de pensamento, a mão muitas vezes é incapaz de escrever suficientemente depressa para acompanhar, e assim a escrita degenera num rabisco. Se a escrita automática for encorajada, então deve ser imposto um grau de autodisciplina para manter a escrita ordeira. Como regra, aqueles que não têm desejo pessoal de falar em público sob transe descobrem que a escrita automática é uma forma de permitir que o guia se expresse através do seu médium.

Há sempre aqueles que possuem qualquer dom particular do Espírito num grau marcado, e isto aplica-se a todas as formas de mediunidade. Com a escrita automática, temos os Scripts inspirados pelo espírito muito excecionais, por Geraldine Cummins, e esse livro maravilhoso, Hafed, Prince of Persia, que foi escrito através de David Duguid — ele era um homem iletrado, e era improvável que neste caso estivesse mentalmente ciente do que estava a ser escrito, pois as palavras usadas estavam fora do seu conhecimento.

A escrita deve ser para o benefício pessoal, instrução e avanço do médium, e qualquer ideia de receber escritos para publicação deve ser desencorajada.

É apenas natural que um médium que é capaz de escrever de forma inspiracional desta maneira esteja muito orgulhoso disso. Muitas vezes, o tema da escrita é de caráter teológico, apontando o caminho da vida correta, e o médium deseja que outros possam lucrar com os ensinamentos. Mas é um facto que milhares de manuscritos foram escritos e submetidos a editores, mas muito poucos viram o caminho para a impressão, e apenas então à custa do médium com uma venda muito limitada.

Se, no entanto, o principiante tiver o desejo interior de deixar a sua mão atuar como transcritora de pensamento espiritual, pode fazê-lo. Deve aguardar um tempo de quietude na casa, quando todas as tarefas necessárias tiverem sido completadas, para que a sua perspetiva seja contente e esteja pronto para entrar em sintonização com o seu guia. Deve ter uma caneta esferográfica ou lápis e um bloco de papel, numa mesa à sua

frente. À medida que sente a influência do guia aproximar-se da sua órbita e os seus pensamentos são assumidos, então deve escrevê-los.

Tal como na fala em transe, quando o médium escuta a si mesmo falar, assim na escrita ele é como um "observador", para ver a sua mão escrever palavras e frases.

Uma vez que a mão se torne o agente para o fluxo de pensamento, não deve ser interferida de forma alguma, nem a escrita deve ser questionada, nem as palavras a vir devem ser antecipadas. Com o uso, o guia regulará o fluxo de pensamento à velocidade que a mão pode escrever de forma legível. Muitos espécimes de escrita automática que se veem são linhas de rabisco quase ininteligível com uma palavra correndo para outra. Isto é desarrumado e mediunidade pobre.

Na fala em transe, a voz pode carregar um efeito de uma personalidade diferente, assim pode ser na escrita o caráter desta pode variar da caligrafia usual do médium. Na fala em transe, os olhos estão fechados, mas na escrita estão abertos como observadores do que está a acontecer.

Na escrita automática, há uma maior probabilidade de a mente do médium se sobrepor ao fluxo de pensamento do guia do que no caso da fala em transe, quando todo o ser está mais altamente tenso, mas a experiência superará isso.

O médium deve definir para si mesmo um limite de tempo antes de começar, digamos trinta minutos, e este não deve ser excedido. Deve também sentar-se para escrever num tempo definido, ou tempos, na semana. Uma vez é melhor, mas duas não devem ser excedidas. Naturalmente, o principiante no seu entusiasmo deseja fazer o máximo que pode, e pode ser que o guia esteja ansioso também, no entanto há mais necessidade de autodisciplina na escrita do que com outras formas de mediunidade, pois pode tender a sair do controlo, e isto deve ser evitado a todo o custo, não só pela paz de espírito do médium, mas pelo bem da mediunidade também.

Psicometria

A teoria por trás da prática da psicometria é que um objeto que esteve na posse de uma pessoa ou associado a incidentes definidos pode absorver radiações do seu dono, e que um sensível (um clarividente) pode tornar-se

consciente destas impressões. Há especulação quanto aos meios pelos quais este processo opera. Uma teoria é que as radiações são de origem física que a sensibilidade do médium é capaz de receber. A segunda ideia é que as radiações são de caráter espiritual recebidas do eu espiritual do dono, e estas a consciência espiritual do médium é capaz de receber. Uma terceira explicação é que o objeto atua como um meio de contacto entre o médium, o dono do objeto e o guia, e disto atributos pessoais e descrições são dados através da faculdade de clarividência.

Nesta conexão, é bom considerar que pode ser efetuada uma mistura ou consciência das personalidades espirituais entre duas pessoas — uma consciência espiritual uma da outra, de forma semelhante àquela em que estamos conscientes de uma consciência física.

Por exemplo, quando duas pessoas são atraídas uma pela outra (ou repelidas), isto é um resultado de afinidade espiritual ou inimizade espiritual. Pode bem ser que o processo conhecido como "seleção natural" surja disto, o que explica por que um laço profundo de irmandade ou amor em si surge entre pessoas.

Assim, a psicometria pode ser uma forma de clarividência entre duas pessoas, ou além disso imagens e pensamentos clarividentes auxiliados pela proximidade do guia que atua como o comentador espiritual.

Para que o principiante aprenda a forma de desenvolver este dom, deve pegar num objeto, sem saber a quem pertenceu, e então buscar o estado de sintonização com o Espírito (não necessariamente com o seu guia — embora não haja mal em fazê-lo) para que o espelho da sua mente possa receber impressões. Quando estas são recebidas, o principiante deve então falar e descrever qualquer impressão, pensamento ou imagem que a sua mente recebeu. Não deve permitir que os seus próprios pensamentos ou impressões pessoais adicionem ao que a sua mente recebeu. O principiante não deve ser desencorajado nas primeiras ocasiões, se não conseguir que a sua mensagem seja aceite pelo dono do artigo, mas ter paciência e perseverar.

Como em todas as formas de mediunidade, é a prática que torna mais perfeito o funcionamento do dom.

Cura Espiritual

A cura espiritual é agora considerada por muitos a forma mais elevada de mediunidade. Talvez isto seja porque o dom de curador deve possuir uma alta qualidade para o diferenciar da cura psíquica. Enquanto o desenvolvimento de faculdades puramente psíquicas não precisa de possuir um incentivo espiritual, a cura espiritual certamente possui. As qualidades primárias que um curador possui são as de generosidade, amor e compaixão. Não pode ser de um tipo mesquinho ou egoísta. Precisa de possuir esse anseio interior profundo para curar os doentes e remover o sofrimento.

A cura espiritual é uma ciência espiritual, enquanto isto é verdadeiro para todas as formas de mediunidade, a cura pela própria natureza das suas realizações precisa da presença de um guia, ou guias, que tenham o conhecimento particular de como dirigir as forças remediais qualitativas corretas para dominar uma dada condição de doença.

É provavelmente muito verdadeiro que todo o guia possui conhecimento deste caráter em algum grau, mas é razoável assumir que, à medida que o dom de cura se desenvolve, se tornará necessário que outras personalidades espirituais entrem em cena para lidar com doenças específicas.

O início da mediunidade de cura invariavelmente começa no círculo de cura, particularmente quando o participante é capaz de receber uma condição de transe. Muitos curadores começaram o seu ministério sob transe e então, à medida que o desenvolvimento prossegue, a necessidade de um estado de transe é superada. Isto segue a aceitação do facto de que os guias estão sempre presentes quando há necessidade dos seus serviços, e são capazes de dirigir as forças de cura ao paciente via as faculdades espirituais do curador sem que o transe seja essencial.

Sugere-se que o principiante que deseja desenvolver a cura deva, quando tiver sido capaz de atingir sintonização, frequentar um círculo de cura, primeiro como observador, e então, mais tarde, juntar-se ao esforço de cura através do seu eu espiritual, como se estivesse realmente a participar na cura em si.

Comunicação de Mesa

Há vários métodos de comunicação de mesa, como pelo uso do Tabuleiro Ouija; usando um copo para viajar para letras do alfabeto; inclinação de mesa, etc. O principiante é fortemente aconselhado a evitar completamente estes métodos e não ter nada a ver com eles.

As chamadas "comunicações" obtidas desta forma são muito pouco fiáveis — houve instâncias excecionais — mas como regra geral são ou o produto de influência (talvez subconsciente) por parte de alguém presente, ou o desporto de algum espírito indesejável e malicioso. É elementar e cru.

É desta prática indesejável que veio dano para aqueles que a praticaram e refletiu descrédito no bom nome do Espiritismo.

Não tenha nada a ver com isso — em momento algum.

Conclusão

Espera-se que do anterior se observe que o desenvolvimento de dons espirituais é um processo natural.

O principiante nunca deve aceitar nada do que é dito (e isto inclui o que aqui foi escrito) sem submeter o assunto ao seu senso comum, para considerar se qualquer ato ou declaração é razoável e é apoiado pela ciência psíquica.

O dom de mediunidade deve provar-se a si mesmo. É um dom natural e, portanto, o desenvolvimento é o seguir dos processos naturais.

Resumir alguns "faça" e "não faça" é talvez a melhor forma de trazer este capítulo ao fim.

Lembre-se de que o guia está a usar a sua mente.

Ele não entra em posse física do seu corpo.

Tudo é uma apreciação mental — assim é a mediunidade.

O desenvolvimento significa sintonização.

Não pode tornar a mente em branco.

A mediunidade é o emprego da mente pelo guia.

O cérebro computacional interpreta pensamentos em palavras.

A visão espiritual é uma projeção da imagem no espelho da mente.

Não pode atingir sintonização por concentração.

Evite imitar o que outros fazem — mesmo médiuns.

Evite exibicionismo e pose; evite inglês pidgin e “fala de bebé”.

Não embeleze a clarividência.

Não interfira com um fluxo de pensamento do guia.

Tenha confiança no guia.

Siga o conselho do líder do círculo.

Mantenha a harmonia no círculo de desenvolvimento.

Não ouça fofocas sobre outros no círculo.

Mantenha a autodisciplina.

Nunca permita que qualquer impressão de controlo continue, exceto no círculo de desenvolvimento.

Regresse sempre à normalidade total antes de deixar o círculo.

Seja senhor da mediunidade — não a deixe dominá-lo.

Não permita que o guia se aproxime, a menos que seja convidado a fazê-lo.

Não mantenha pensamentos negativos sobre a sua mediunidade.

Tenha paciência — um desenvolvimento lento é geralmente o melhor.

Antecipe com prazer as sessões do círculo.

Seja sempre pontual e regular na frequência.

Tenha confiança no líder do círculo, de que nenhum dano lhe pode vir.

Comece sempre a sua sessão com uma oração por orientação e proteção.

Desfrute de estar consciente da sua mediunidade — uma mente em branco não conhece desfrute.

Cultive um código elevado de valores espirituais na vida diária.

Evite mesquinhez de pensamento — seja generoso em todas as coisas.

Quando o controlo se aproxima, encoraje-o fazendo o esforço para falar, etc.

Na descrição, descreva apenas o que vê e não o que pensa.

Nunca interponha os seus próprios pensamentos sobre os do guia.

Ao sentar-se, esteja confortável — solte roupa apertada.

Ao sentar-se, ponha todos os pensamentos de assuntos mundanos fora da mente, seja feliz interiormente.

Saiba que o seu guia está sempre consigo.

Evite o hábito de espalhar "Deus o abençoe" para a direita e para a esquerda.

Cultive uma perspetiva interior contente dia a dia e desfrute a vida.

Não se torne artificial ou pense que é superespiritual.

Encoraje a respiração caracterizada, estando consciente de inalar oxigénio, força interior e cura. Faça isto lentamente; conte três devagar para assistir o corpo a tirar vantagem da força que entra. Depois expire, exatamente tão devagar, estando consciente de que está a descarregar resíduos e condições de doença.

Seja natural, desfrute o humor e procure a felicidade em todas as coisas.